

Organização

Jairo Venício Carvalhais Oliveira

Jeander Cristian da Silva

Silvane Aparecida Gomes

Sintaxe, texto e argumentação

com a palavra, alunos e alunas da graduação



Fale/UFMG

Belo Horizonte

2026

Diretora da Faculdade de Letras

Sandra Gualberto Bianchet

Vice-Diretor

Lorenzo Teixeira Vitral

Coordenação editorial e administrativa

Emília Mendes

Comissão editorial

Carolina Fenati

Elisa Amorim Vieira

Emília Mendes

Maria Cândida Seabra

Sônia Queiroz

Capa e projeto gráfico

Glória Campos

(Mangá Ilustração e Design Gráfico)

Preparação de originais

Ana Rafaela de Sena

Vitória Teixeira

Revisão

Ana Rafaela de Sena

Simone Alleotti Tessen

Diagramação

Ana Rafaela de Sena

Revisão de provas

Beatriz Alves

Felipe Carneiro

Giovanna Genghini

Sofia Jardim Campos

ISBN

978-85-7758-393-5 (digital)

978-85-7758-392-8 (impresso)

Endereço para correspondência

Labed – Laboratório de Edição

Fale/UFMG

Av. Antônio Carlos, 6.627

1º andar

31270-901

Belo Horizonte/MG

e-mail: originais.labed@gmail.com

site: <https://labed-letras-ufmg.com.br/>

Instagram: @labed_ufmg

Sumário

7 Prefácio

Solange Maria Moreira de Campos

11 O uso do pronome oblíquo como sujeito de infinitivos em orações introduzidas pela preposição “para” - uma análise linguística na obra literária de Carolina Maria de Jesus

Arthur Felipe Alves da Silva

Marcella de Melo Gonçalves

Maria Cristina Oliveira Fonte Boa

29 Língua Portuguesa e abordagem do “sujeito” no ensino fundamental: análise de uma sequência didática disponibilizada pela plataforma Nova Escola

Debora Pereira

Lorena Oliveira

Taynara Santos

Tomás Sarquis

47 Orações desgarradas em textos dissertativos-argumentativos: o truncamento prescrito pelo Enem

Anna Carla Faltz Silva

Bárbara Rocha Pascoal

Jeander Cristian da Silva

Sabrina de Farias Sales

- 65 O uso da voz ativa em matérias jornalísticas sobre a violência contra a mulher**
Ana Eliza Drumond Pires e Silva
Camila Madureira Silva
Larissa Gouveia Duarte
- 83 Os gêneros como caracterizadores de sentido: intertextualidade intergêneros e transgressão de gêneros**
Alexandre Carvalho
- 107 A intertextualidade na construção de sentido em uma tirinha**
Amanda Campos Pereira
Julia De Paula Boaventura
Mateus Freitas Dutra Ferreira
- 117 A presença da intertextualidade no rap “O mundo é nosso”**
Lucas Vinícius de Souza
Luísa Gomes Cazarini
Maíra Alves da Silveira
Thaís Helena Mariano Almeida
- 129 Textualidade e textualização: o uso da linguagem de fresta durante a Ditadura Militar**
Beatriz Gabriele Rodrigues da Cunha
Erick Robson Ferreira Silva
- 143 Metapoesia: uma breve análise semiótica**
Izabely Soares dos Reis
Silvane Aparecida Gomes
- 155 A construção do *ethos* discursivo em entrevistas: uma análise comparativa**
Caio Straitenberger Ribeiro de Siqueira
- 183 O uso do recurso de polidez/impolidez como estratégia de argumentação no podcast Mano a Mano**
Fernanda Marçolla Jacques Rocha

207 Argumentar narrando: análise de ocorrência de discurso narrativizado na argumentação redacional

Matheus José dos Santos

227 Um estudo do *pathos* na obra *Memórias do subsolo*, de Fiodor Dostoiévski

Natanael Filipe Nonato Reis

243 Análise da projeção patêmica em manchetes jornalísticas sobre Luiz Inácio Lula da Silva

Paula Reis Cardoso

261 Sobre os autores

Prefácio

Os estudos discursivos reunidos neste livro – intitulado *Sintaxe, argumentação e texto: com a palavra, alunos e alunas da graduação* – fazem parte de um conjunto de publicações que reúne pesquisas realizadas por alunos da graduação de Letras da Fale/UFMG. Sob o ponto de vista teórico/prático, cada autor observa, descreve, analisa e/ou desenvolve reflexões que envolvem os estudos do discurso, incluindo a gramática, as teorias linguísticas do texto e do discurso, a linguística aplicada, a sociolinguística, a pragmática e semiótica greimasiana entre outros campos do saber. São discussões acerca das fronteiras e sobreposições no ensino da análise linguística e literária, mescla fundamental no trânsito da palavra na sala de aula de Língua Portuguesa, extensivas a estudantes candidatos ao Enem, com vistas não só, mas também aos estudos morfossintáticos como na argumentação redacional.

Os recursos expressivos da língua, ao transitarem nesses cenários textuais investigados, em seus vários planos – fonológico, morfossintático e léxico-semântico e literário – dão forma à linguagem, resgatando o jogo verbal no que tange não apenas à correção e à adequação, mas à inventividade linguística. A literatura, em suas múltiplas vozes, apresenta-se, ainda, como *corpus* ideal para que se vivencie a língua materna em todas as suas possibilidades, cuja safra estabelece uma relação de empatia que redundava em conhecimento, ludicidade e prazer.

Como frutos dessa colheita, consolidada pelo dialogismo e o fazer científico-crítico entre professores e acadêmicos do curso de Letras,

à luz das pesquisas e orientações, surge uma diversidade temática presente em investigações, materiais didáticos, diferentes abordagens teórico-metodológicas, com demonstrações da heterogeneidade desses campos de estudos que são, por natureza, inter e transdisciplinares. Os autores partem da ideia de que a língua constitui uma atividade social consolidada nas condições da interação e dos processos comunicativos criados, que promovem e proporcionam intercâmbios verbais inusitados e profundamente instigantes.

De forma consistente e investigativa os estudos deste livro apontam caminhos para percebermos uma das funções substanciais do uso da linguagem na constituição da vida em sociedade e, também, na escola básica, principalmente se compreendida em sentido amplo como semiose. Alguns deles abarcam imagens, sons, ícones, símbolos, performatividades, em especial no que se referem ao modo como o ser humano concebe as diferentes realidades do universo extralinguístico identificado nas obras e nos textos analisados em cada capítulo e todo o seu processo de significação. Tal diversidade instaura um convite para se entender seu funcionamento nos diferentes contextos de uso e de aplicações, cujo ancoradouro recebe contribuições relevantes para uma comunicação mais eficaz do conhecimento, tanto à futuros professores quanto para estudantes da graduação, no sentido de permitir a esses usuários da língua construir, fomentar e eternizar o seu dizer.

Nos tempos atuais, urdidos pelas transformações, a linguagem perpassa as atividades individuais e coletivas da atividade humana. Nesse universo em movimento, os estudos relacionados à linguagem merecem um lugar singularizado. Na esteira desses pressupostos, os autores, no livro, estabelecem um percurso investigativo de estudo de uma diversidade de gêneros e de valorização de textos multimodais ancorados por elementos linguísticos e musicais, com destaque para as canções, nas quais se articulam letra e melodia, além de exteriorizarem matizes culturais e sociais.

Ao enfatizarem os aspectos léxico-semânticos e literários e os efeitos de sentido em situações de comunicação nas produções analisadas promovem, entre outros, o desenvolvimento da consciência linguística de estudiosos e professores, um dos principais objetivos do ensino de língua

materna. Buscam orientar usuários da língua enquanto sujeitos capazes de produzir e compreender adequadamente textos escritos e orais, em diferentes momentos de interação comunicativa.

De forma emblemática, experimentos linguísticos e estilísticos de toda ordem são mobilizados em suas pesquisas. Nessa instância, a leitura de cada capítulo do livro merece acolhimento para o seu objetivo específico. No processo de valorização das palavras, significa compreender que elas merecem ser observadas, esmeriladas, desnudadas, pois elas não atingem o receptor sem um propósito. Assim, os estudos que propõem os autores são perpassados ora pela ênfase em sua estrutura gramatical e semântico-sintática, outras vezes por sua força persuasiva, sua rede de relações em um sistema linguístico, assim como instrumento de uma ideologia, de uma cosmovisão, de um sistema de valores, cujo conjunto de discussões evoca, neste livro, marcas plurilinguísticas e multiculturais.

A leitura de cada capítulo possibilita descortinar o trabalho minucioso de orientador e orientando, no sentido de compará-lo ao do historiador quando executa minuciosamente a análise de um palimpsesto: é de escavação, para trazer à tona o(s) sentido(s) pretendido(s) ou a ser(em) desvendado(s). Assim, a obra ou o texto escolhido para análise é “raspado” cuidadosamente para dar lugar a outro(s), na decifração, na tradução, na produção de novas instâncias de significação somente possíveis na relação interacional exitosa entre esses dois atores.

Com tais considerações, buscamos instigar os leitores deste livro para uma leitura interativa, a fim de perceberem que há muito mais do que formas linguísticas e outros dizeres quando lidamos com a língua em funcionamento. Aspiramos à sua imersão nos objetos de pesquisa que o compõem. Temos certeza de experiências exitosas, pois no constante transitar por todos os estudos propostos, com suas discussões e reflexões, leitor e leitora deles se alimentam e vivem, intensamente, a dinamicidade da língua, transformam-se e são por ela transformados.

Na tessitura textual de cada capítulo, teorias e práticas são reavaliadas, diversificadas. Propostas de investigação surgem, questionamentos instigam a busca por ressignificar o já dito, outras pesquisas acionam o meio acadêmico a fim de suscitar o desejo de buscar por algo novo. Nesse cenário instigante os signos transitam e adquirem

inéditas texturas, impulsionados por construções experienciadas e analisadas, pois, as palavras, material de que se servem os autores, movimentam-se em combinações malabares, para proporcionar efeitos plurívocos. Ao deslizarem bailarinas no tecido materializado pela escrita, constituem, a um só tempo, instrumentos para o jogo e companhias no ato de jogar. Transformam-se em peças que enfatizam essa ludicidade, conclamando os leitores, à participação, atijam sua inteligência e mostram as infinitas possibilidades ofertadas pelos recursos linguísticos e os sentidos pretendidos explorados nas pesquisas, voltados tanto para a sala de aula como para outros universos.

Na esteira dessas conjecturas, procuramos sinteticamente propor aos professores e futuros docentes a leitura dos vários capítulos do livro com um olhar investigativo para campos de estudos singulares. A diversidade de critérios de análise apresentada pelos autores se direciona, a partir de olhares diversos, para a interface estudos linguísticos, gramática e literatura, com sugestões de metodologias de ensino e propostas didáticas, tendo como destino a constituição docente e a escola.

Assim, o percurso traçado neste livro traz à luz reflexões sobre língua e linguagem e suas variadas interfaces, a partir dos trabalhos de pesquisas realizados por graduandos, sob a orientação de seus professores, cujas experiências contribuem para o mergulho nesse fascinante universo dos fenômenos linguísticos e da linguagem, rico em significados no espaço sociodiscursivo, além de pontuarem elementos básicos da poética contemporânea. A coletânea de textos tem, entre vários, o intuito de ofertar a docentes e futuros professores apoio teórico-prático não só a fim de se sentirem motivados a prosseguir nas investigações, como para realizarem seu trabalho na escola básica, culminando não apenas em ações discursivas, mas também mobilizando reflexões sobre seus saberes e suas práticas.

Por fim, caro leitor, estimada leitora, o livro está à sua espera. Cada artigo os aguarda para decifrá-los, conferir os propósitos e sentidos intrínsecos outro mais. Não percam tempo. Venham logo!

Solange Maria Moreira de Campos

O uso do pronome oblíquo como sujeito de infinitivos em orações introduzidas pela preposição “para” – uma análise linguística na obra literária de Carolina Maria de Jesus

Arthur Felipe Alves da Silva

Marcella de Melo Gonçalves

Maria Cristina Oliveira Fonte Boa

Introdução

O presente trabalho pretende explorar o uso do pronome oblíquo como sujeito de infinitivos em orações iniciadas pela preposição “para”, reunindo perspectivas da sociolinguística e do formalismo (focado especificamente na teoria de caso) para analisar ocorrências do fenômeno na obra *Casa de alvenaria, volume 1: Osasco*, de Carolina Maria de Jesus – diário escrito pela autora ao longo da década de 1960.

Para tanto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica com o objetivo de reunir breves considerações sobre este assunto nas gramáticas tradicionais do português brasileiro (doravante PB) de Cegalla¹ e Rocha Lima². As perspectivas sociolinguísticas e formalistas foram verificadas na *Gramática Pedagógica do Português Brasileiro*³; em *A língua de Eulália: novela sociolinguística*⁴; em Santos e Ribeiro⁵ e no *Novo manual de sintaxe*⁶. A biografia da escritora Carolina Maria de Jesus foi elaborada com base nos trabalhos de Silva⁷, Rosa e Silva⁸, e De Castro⁹.

¹ CEGALLA. *Novíssima gramática da língua portuguesa*.

² LIMA. *Gramática normativa da língua portuguesa*.

³ BAGNO. *Gramática pedagógica do português brasileiro*.

⁴ BAGNO. *A língua de Eulália: a novela sociolinguística*.

⁵ SANTOS; RIBEIRO. O que dizem os brasileiros: “pra eu” ou “pra mim” fazer?

⁶ MIOTO; SILVA; LOPES. *Novo manual de sintaxe*.

⁷ SILVA. Carolina Maria de Jesus e a literatura marginal: uma questão de gênero, p. 21.

⁸ ROSA; SILVA. Carolina Maria de Jesus e o pensamento liminar na literatura brasileira.

⁹ DE CASTRO. “Um Brasil, para brasileiros”: O pensamento decolonial de Carolina Maria de Jesus, p. 10-20.

A escolha pela obra literária de Carolina Maria de Jesus se justifica pelo fato de ser ela uma autora que reconhecidamente faz uso de diferentes variantes do PB em seus livros, mesclando registros de oralidade com muitos traços das variantes normatizadas pelas gramáticas tradicionais. O livro também constitui uma importante fonte de análise linguística pelo fato de ser uma obra inserida no gênero diário pessoal, que, conforme Koch e Oesterreicher *apud* Elpass, caracteriza-se como “ego-documento” a ser buscado por pesquisadores ao procurarem por materiais escritos mais próximos ao uso oral da língua, por constituírem registros de imediatismo¹⁰. É necessário ainda ressaltar a relevância que essa autora alcançou no cenário literário brasileiro atual; portanto, ao introduzir suas obras no âmbito da pesquisa linguística esperamos contribuir para reconhecimento do uso que a autora faz do PB como legítimo e admirável, alçando-o ao mesmo nível de prestígio alcançado por outras variantes do PB, cujo uso, canonizado pela literatura, foi perpetuado pelas gramáticas tradicionais ao longo dos anos.

Base teórica

A variação “para eu” + infinitivo/“para mim” + infinitivo: tradição gramatical e breves considerações sob a perspectiva sociolinguística

A tradição gramatical preconiza que, via de regra, os pronomes retos funcionem como sujeito da oração e os pronomes oblíquos, como complemento¹¹. Entretanto, sabe-se que, no português brasileiro, sobretudo na modalidade oral, os pronomes “eu” e “mim” constituem-se como formas alternantes para preencher a posição de sujeito de orações subordinadas reduzidas de infinitivo diante da preposição “para”. Segundo Santos e Ribeiro, a localização e a escolaridade do informante são os principais fatores que condicionam essas escolhas linguísticas¹².

¹⁰ ELSPASS. The use of private letters and diaries in sociolinguistic investigation, p. 158.

¹¹ CEGALLA. *Novíssima gramática da língua portuguesa*, p. 180.

¹² SANTOS; RIBEIRO. O que dizem os brasileiros: “pra eu” ou “pra mim” fazer?

Em uma seção dedicada à normatização de algumas classes de palavras, Cegalla regulamenta o uso desses pronomes em contextos de orações infinitivas da seguinte forma:

Observe o uso correto destes pronomes:

Ela deu o livro *para mim*.

Ela dera o livro *para eu* guardar [E não: para mim guardar].

Não é difícil, *para mim*, ir lá [Para mim, não é difícil ir lá].

Fizeram tudo *para eu* ir lá [para eu ir lá = para que eu fosse lá].

[...]

Note bem: emprega-se o *eu* quando for sujeito de um verbo no infinitivo, e *mim* quando complemento, ou adjunto adverbial¹³.

Um discurso semelhante é encontrado na edição de 2020 da *Gramática normativa da língua portuguesa* de Carlos Rocha Lima: “São erros comuns dar forma oblíqua ao pronome sujeito de verbo no infinitivo [...] para *mim* fazer... (em vez de: para *eu* fazer)”¹⁴. Santos e Ribeiro chamam atenção para o fato de que paira, no imaginário popular, a ideia preconceituosa de que “mim não conjuga verbo”, associando sempre a expressão “para + mim + verbo no infinitivo” (ex.: “para”/“pra mim fazer”) à fala de povos indígenas¹⁵. Esses preconceitos estão sendo sempre fomentados pela escola e/ou por veículos de comunicação. Ao analisar diferentes gramáticas tradicionais, os autores concluem que:

[...] a partir da leitura de diferentes gramáticas tradicionais – Azere-do (2008), Bechara (2010), Cunha e Cintra (1985) e Lima (1985) –, percebe-se que, em alguns aspectos, os pensamentos dos autores se assemelham, sobretudo no que se refere à forma pronominal *mim* na posição de sujeito. Geralmente, tratam como inadequação gramatical, não permitindo variação. Além disso, o quadro dos pronomes pessoais apresentado por eles também é semelhante¹⁶.

Diferentemente da tradição normativa, Bagno, em *A língua de Eulália: a novela sociolinguística* explica que¹⁷:

¹³ CEGALLA. *Novíssima gramática da língua portuguesa*, p. 559. Grifos do autor.

¹⁴ LIMA. *Gramática normativa da língua portuguesa*, p. 389. Grifos do autor.

¹⁵ SANTOS; RIBEIRO. O que dizem os brasileiros: “pra eu” ou “pra mim” fazer?, p. 167.

¹⁶ SANTOS; RIBEIRO. O que dizem os brasileiros: “pra eu” ou “pra mim” fazer?, p. 171.

¹⁷ Considere, leitor, que este capítulo foi escrito por estudantes da graduação do curso de Letras da Fale/UFMG e que apresenta um estudo experimental. Dessa forma, apesar de Marcos Bagno não ser um especialista desse fenômeno, ele cumpre um importante papel de representar a linguística na sociedade e de tornar o seu conteúdo acessível para os alunos iniciantes da graduação.

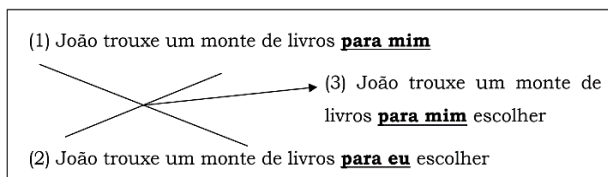
Embora o pronome-sujeito de 1ª pessoa seja *eu*, o uso já consagrou o pronome oblíquo *mim* como sujeito de infinitivo, sempre que vier precedido da preposição *para*, como em: *Para mim fazer o que você pediu, vou precisar de sua ajuda*. A construção *para eu fazer*, prescrita pelas gramáticas até um século atrás, caiu em desuso e causa estranheza aos ouvidos dos brasileiros cultos de hoje¹⁸...

Cumprindo um papel como divulgador científico, o autor apresenta esse fenômeno variável do português brasileiro, não mais pela dicotomia do “certo” e do “errado”, mas sob as variáveis sociais “norma-padrão” e “fala popular”:

A construção PARA + MIM + INFINITIVO foi passando das variedades [-cultas] em direção às [+cultas]. Estamos assistindo, neste caso, a uma briga entre as pressões que a norma-padrão exerce sobre as variedades [+cultas] e as pressões que as variedades [-cultas] exercem sobre as [+cultas]¹⁹.

Segundo Bagno, três são as hipóteses que podem explicar a ocorrência deste fenômeno: (i) o cruzamento sintático ou braquilogia; (ii) a ordem dos constituintes – intitulada pelo autor como “Ganha quem chegar primeiro”²⁰; e (iii) a topicalização, ou, como denominado pelo autor os “deslocamentos possíveis”²¹.

A primeira hipótese – do cruzamento sintático – postula que o uso do pronome oblíquo “mim” diante do pronome “para” em orações infinitivas resulta de uma tentativa do falante de unir duas ideias em um mesmo enunciado, uma em que a primeira pessoa é alvo da ação e na outra, o sujeito. O enunciado resultante “sintetiza a sintaxe semântica-pragmática de ambas”²², conforme exemplificado na figura abaixo:



Cruzamento sintático.

Fonte: BAGNO. *A língua de Eulália*: a novela sociolinguística, p. 182.

¹⁸ BAGNO. *A língua de Eulália*: a novela sociolinguística, p. 180-181. Grifos do autor.

¹⁹ BAGNO. *A língua de Eulália*: a novela sociolinguística, p. 180.

²⁰ BAGNO. *A língua de Eulália*: a novela sociolinguística, p. 183.

²¹ BAGNO. *A língua de Eulália*: a novela sociolinguística, p. 184.

²² BAGNO. *A língua de Eulália*: a novela sociolinguística, p. 729.

Segundo o autor, por princípio de economia, o pronome “eu” é apagado nessa operação em virtude da tonicidade do concorrente “mim”: “Ao usar *mim*, que é tônico, e não *eu*, átono, o falante está dando uma ênfase *afetiva* a seu enunciado [...]”²³.

Na segunda hipótese, Bagno trata da máxima da ordem, ou seja, da primazia daquilo que aparece primeiro:

Na produção desse enunciado, quem aparece primeiro, na fala, é a preposição *para*. Ora, existe uma regra na língua que diz: “depois de preposição, pronome oblíquo”. Também existe uma outra regra que diz “na função de sujeito de um verbo, o pronome deve figurar no caso reto”. São duas regras para serem obedecidas. À qual delas o falante vai obedecer? A que veio primeiro [...]”²⁴

A terceira e última hipótese postulada por Bagno se relaciona à generalização da possibilidade de deslocamento²⁵. Para explicar a hipótese, ele apresenta exemplos de situações nas quais o uso de “para mim” antes de um infinitivo é admitido na norma-padrão justamente devido ao deslocamento:

(1) É muito difícil *para mim* fazer isso sozinho²⁶.

Pode facilmente ser reescrita como:

(1a) *Para mim* é muito difícil fazer isso sozinho.

(1b) É *para mim* muito difícil fazer isso sozinho.

(1c) É muito difícil fazer isso sozinho *para mim*²⁷.

O que possibilita esta reorganização sintática é o fato do infinitivo “fazer isso sozinho” ser o sujeito da oração “é muito difícil”, sendo o sentido assumido por “para mim” equivalente a “na minha opinião”.

Vejamos a seguir um caso no qual, segundo o cientista, isso não acontece:

(2) Isso é muito difícil *para mim* fazer sozinho²⁸.

Tentando deslocar o “para mim”, teremos sentenças agramaticais:

²³ BAGNO. *A língua de Eulália*: a novela sociolingüística, p. 182. Grifos do autor.

²⁴ BAGNO. *A língua de Eulália*: a novela sociolingüística, p. 183. Grifos do autor.

²⁵ BAGNO. *A língua de Eulália*: a novela sociolingüística, p. 184-185.

²⁶ BAGNO. *A língua de Eulália*: a novela sociolingüística, p. 184. Grifos do autor.

²⁷ BAGNO. *A língua de Eulália*: a novela sociolingüística, p. 184. Grifos do autor.

²⁸ BAGNO. *A língua de Eulália*: a novela sociolingüística, p. 185. Grifos do autor.

- (2a) **Para mim* isso é muito difícil fazer sozinho.
(2b) *Isso é *para mim* muito difícil fazer sozinho.
(2c) *Isso é muito difícil fazer sozinho *para mim*²⁹.

Neste caso, a impossibilidade de deslocamento se dá pelo fato de a preposição “mim” passar a exercer a função de sujeito de “fazer”, não sendo mais possível separar “para mim” do verbo. O autor postula que, internalizando a regra que permite o uso de (1), os falantes passam a aplicá-la em todos os contextos, sempre utilizando “para mim” antes de infinitivos³⁰.

Sob a perspectiva da geolinguística, Santos e Ribeiro, tomando como corpus os dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB)³¹, observam o comportamento variável dos pronomes “eu” e “mim” na posição de sujeito em orações subordinadas reduzidas de infinitivo e precedidos pela preposição “para”³². Os resultados mostram que o Nordeste se destaca por apresentar significativa presença da forma canônica “eu”, sobretudo em Salvador, em detrimento de outras regiões brasileiras. A escolaridade é um fator social que molda a utilização e escolha dos pronomes “eu/mim” na estrutura sintática em análise.

A variação “para eu” + infinitivo/“para mim” + infinitivo: breves considerações sob a perspectiva formalista

Os estudos linguísticos embasados na teoria de caso também abordam o fenômeno do uso de pronomes oblíquos como sujeitos em estruturas subordinadas reduzidas de infinitivo. Seguindo a perspectiva teórica do gerativismo, Mioto, Silva e Lopes explicam esse uso do pronome oblíquo a partir da marcação excepcional de caso (ECM – em inglês, *Exceptional Case Marking*)³³.

Na marcação canônica de caso, o núcleo de um sintagma atribui caso ao seu complemento ou ao seu especificador. Assim sendo, no exemplo (3), a seguir, o SN (Sintagma Nominal) [Maria], assume a posição de

²⁹ BAGNO. *A língua de Eulália*: a novela sociolinguística, p. 185. Grifos do autor.

³⁰ BAGNO. *A língua de Eulália*: a novela sociolinguística, p. 185.

³¹ Compõem esses dados as respostas de 25 informantes das 25 capitais brasileiras.

³² SANTOS; RIBEIRO. O que dizem os brasileiros: “pra eu” ou “pra mim” fazer?

³³ MIOTO; SILVA; LOPES. *Novo manual de sintaxe*.

especificador de SF para receber caso NOMINATIVO do F⁰, a partir da flexão amalgamada ao verbo “comprou”. Já o SN [um livro] recebe caso ACUSATIVO do próprio verbo comprar e o SN [mim] recebe caso OBLÍQUO da preposição “para”.

(3) Maria comprou um livro *para mim*³⁴.

Segundo Mioto, Silva e Lopes, além da forma canônica, existe um outro processo de marcação casual, no qual um núcleo atribui caso a argumentos de outro núcleo: a marcação excepcional de caso³⁵. Essa é a regra que explica o uso dos pronomes oblíquos em posição de sujeito de infinitivo de orações reduzidas. No exemplo (4), a seguir, observe que o complemento da preposição “para” é a oração infinitiva [mim rir], para a qual não seria atribuído caso, por não se tratar de um SN, entretanto, o caso oblíquo é atribuído ao pronome pessoal na posição de sujeito, um dos argumentos do núcleo da oração subordinada, e, por isso, assume a forma oblíqua.

(4) Maria fez piadas *para mim rir*³⁶.

Mioto, Silva e Lopes afirmam que a ECM acontece com um conjunto lexical específico do PB, constituído dos verbos causativos e perceptivos e da preposição “para”³⁷. Alguns autores ainda defendem que essa preposição suscita uma especificidade por estar passando por um processo de reanálise como complementizador, mas guardando as propriedades atribuidoras de caso³⁸. Este fenômeno também se verifica no inglês (dada a agramaticalidade do uso do pronome reto em orações infinitivas encaixadas – **for I to play*), o que contribui para assumirmos que não se trata de uma idiosincrasia do PB³⁹.

Na medida em que este trabalho enfoca a investigação do uso concorrente das formas oblíquas e retas dos pronomes pessoais, e visto que essas formas mantêm a distinção morfológica de caso no português

³⁴ Elaboração própria.

³⁵ MIOTO; SILVA; LOPES. *Novo manual de sintaxe*.

³⁶ Elaboração própria.

³⁷ MIOTO; SILVA; LOPES. *Novo manual de sintaxe*.

³⁸ CARVALHO. *A estrutura interna dos pronomes pessoais em português brasileiro*, p. 139-140.

³⁹ CARVALHO. *A estrutura interna dos pronomes pessoais em português brasileiro*, p. 139-143.

brasileiro, a teoria de caso, e mais especificamente a ECM, foram as perspectivas adotadas para prosseguir com a análise dos dados retirados do livro de Carolina Maria de Jesus; análise que foi corroborada com ponderações providas da Sociolinguística. Acreditamos que, através dessa base teórica, pudemos chegar a análises mais simples e objetivas dos resultados encontrados. Destacamos, no entanto, a ressalva feita por alguns gerativistas à essa aplicação da teoria de caso, dentre eles Danniell Carvalho, para quem o fenômeno tem outra explicação:

[...] a alternância entre os pronomes *mim* e *eu* em orações pVI [orações com *para* + verbo no infinitivo] é explicada por entre eles não haver diferença de traços de pessoa, número e gênero, mas apenas uma diferença de Caso, um traço pouco relevante em português e que explicaria a gramaticalidade da forma *mim* como sujeito nessas construções⁴⁰.

Introdução ao universo literário de Carolina Maria de Jesus

Se, por um lado, Carolina Maria de Jesus consagra-se uniforme e indistintamente à evolução singular da literatura brasileira, por outro, não se apresenta como parte constituinte do cânone literário, há muito proposto com nomes como Machado de Assis, Clarice Lispector e Lima Barreto. No entanto, restituída ao limiar dos estudos sociolinguísticos, Carolina Maria de Jesus figura no mais alto grau de preservação das vicissitudes de um país que ainda percorre em busca de sua identidade e fundamentação como povo multiforme. Carolina Maria de Jesus, mulher negra e favelada, soube introduzir com sensibilidade superlativa a vivência conflituosa e a miséria de uma mulher que ganhava a vida como catadora.

Segundo Silva, Carolina Maria de Jesus nasceu em Sacramento, Minas Gerais, no dia 14 de março de 1914⁴¹. Filha de Maria Carolina e de um pai desconhecido, mas ainda assim, contido em sua certidão de nascimento pelo nome de José Candido Veloso. A mãe era natural de Sacramento, mas as origens do pai são desconhecidas.

⁴⁰ GOMES. *Tinha só um dia pra mim fazer a inscrição*: um estudo sociolinguístico da variação pronominal em orações infinitivas iniciadas por *para*, p. 22. Grifos do autor.

⁴¹ SILVA. Carolina Maria de Jesus e a literatura marginal: uma questão de gênero.

Em 1921, Carolina ingressou no Colégio Espírita Allan Kardec, cursando apenas os dois primeiros anos de ensino. Não concluindo o ensino básico, passa a excursionar com a família por várias cidades para trabalhar como lavradora, cozinheira e empregada doméstica. Carolina passou ainda por Lajeado, em Minas Gerais e, posteriormente, junto com a família e o padrasto, partiu para o interior de Franca, São Paulo, onde trabalhou como empregada doméstica em uma fazenda. Não permanecendo em Franca por muito tempo, retorna a Sacramento para, em seguida, retirar-se para Conquista, Minas Gerais. Ainda em busca de trabalho, mudou-se para várias outras cidades como Ribeirão Preto e Orlandia, ambas em São Paulo. Conforme De Castro, em 1933, Carolina e a mãe são presas sob o pretexto de feitiçaria, por Carolina estar supostamente lendo um livro de ocultismo⁴². Em 1937, após a morte de sua mãe, Carolina muda-se para São Paulo onde, futuramente, irá se alojar na favela do Canindé.

Como já ressaltado, Carolina teve um breve contato com o ensino formal, financiado, segundo Rosa e Silva, por Maria Leite Monteiro de Barros, para quem a mãe de Carolina trabalhou como lavadeira⁴³. Ainda assim, ela não foi impedida de desenvolver sua paixão pela escrita e pela leitura.

Carolina era uma leitora assídua, incorporando por meio dos livros visões de mundo muito distintas. No prefácio de *Casa de alvenaria, volume 1: Osasco*, Conceição Evaristo e Vera Eunice de Jesus destacam:

Ainda que não tivesse o estudo formal da língua portuguesa, Carolina lia Camões, Euclides da Cunha, As mil e uma noites, lendas gregas, jornais e tudo que lhe caía em mãos. Ouvia rádio também – novelas, discursos políticos, o programa A hora do Brasil... – e colecionava ditados populares, provérbios, versinhos. Amava poesia. Sua escrita vinha como paz e como tormento⁴⁴.

Carolina tinha por hábito anotar as mazelas e a miséria que presenciara, fato que a fez ser descoberta posteriormente por Audálio Dantas, ilustre jornalista que a ajudou a publicar o seu primeiro livro *Quarto de despejo*. Contudo, Audálio interrompeu a ordem natural dos acontecimentos, como, também, a própria construção iconográfica de Carolina. Como exposto por De Castro, o jornalista tinha interesse em uma imagem de Carolina como

⁴² DE CASTRO. "Um Brasil, para brasileiros": o pensamento decolonial de Carolina Maria de Jesus, p. 12.

⁴³ ROSA; SILVA. Carolina Maria de Jesus e o pensamento liminar na literatura brasileira.

⁴⁴ EVARISTO; DE JESUS. Outras letras: tramas e sentidos da escrita de Carolina Maria de Jesus.

mulher favelada e miserável, e para isso interferiu na edição dos textos, recortando trechos que corroborassem com essa: “Ele quis enclausurar toda a criatividade da escritora Carolina dentro desse rótulo ‘a favelada’”⁴⁵. Assim, nessa empreitada, Audálio acabou perpetrando o apagamento cultural e linguístico da autora, desfigurando as características básicas e norteadoras da personalidade de Carolina Maria de Jesus.

Escritora prolífica, Carolina abarca um número considerável de obras literárias, como por exemplo: *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, *Casa de alvenaria*, *Diário de uma ex-favelada*, *Pedaços de fome e Provérbios*. No entanto, o número de publicações aumentou após o seu falecimento. Postumamente, foram publicadas as seguintes obras: *Um Brasil para brasileiros*, *Diário de Bitita*, *Meu estranho diário*, *Antologia pessoal*, *Onde estaes felicidade?*, *Meu sonho é escrever – Contos inéditos e outros escritos*, *Clíris: poemas recolhidos*, *Casa de alvenaria, volume 1: Osasco* e *Casa de alvenaria, volume 2: Santana*.

Até então, a problemática em torno da edição da obra literária de Carolina reside na dissolução da natureza da escrita da autora, quando ela optava por utilizar uma mescla entre a norma padrão da língua portuguesa e um registro de linguagem mais informal. Entretanto, uma recente iniciativa da editora Companhia das Letras teve o intuito de restaurar a autenticidade da escrita da autora. O lançamento dos dois volumes de *Casa de alvenaria* pela editora resultou de uma pesquisa aos manuscritos originais coordenada por uma comissão da qual fazem parte a escritora Conceição Evaristo e Vera Eunice de Jesus Lima, filha da autora. Sobre o compromisso em preservar a autenticidade dos registros linguísticos de Carolina, a nota de edição que antecede o volume 1 (foco deste trabalho) esclarece:

A fim de resguardar a integridade da voz e da escrita de Carolina, esta nova edição de *Casa de alvenaria* conserva toda a diversidade de registros presente nos manuscritos, considerando-os marcas autorais imprescindíveis para a adequada recepção de sua obra. O critério básico da intervenção editorial foi, dessa forma, o de manter todas as grafias destoantes dos dicionários do início da década de 1960, quando o livro foi escrito⁴⁶.

⁴⁵ DE CASTRO. “Um Brasil, para brasileiros”: o pensamento decolonial de Carolina Maria de Jesus, p. 17.

⁴⁶ NOTA sobre esta edição, p. 7. In: DE JESUS. *Casa de alvenaria, volume 1: Osasco*.

Essa diversidade de registros fica clara ao constataremos fenômenos linguísticos próprios das variedades padronizadas do PB coexistindo com grafias não padronizadas ao longo do texto, como é possível perceber na comparação dos registros nos exemplos abaixo:

(5) "Eu disse-lhe que irei depois que agêitar a vida dos meus filhos porque, quando eu os deixo na favela os favelados maltrata-os".

(6) "Quando cheguei em Osasco fui dêitar, mas o cansaço não deixou-me, comecei transpirar, percibi que era fraquêsa"⁴⁷.

Assim, por acreditar que o projeto editorial da Companhia das Letras é representante fiel da variedade linguística executada por Carolina Maria de Jesus, embasamos nesta edição todas as investigações deste presente trabalho.

Metodologia

Buscando analisar a alternância entre os pronomes reto e oblíquo em construções sintáticas "para" + pronome + infinitivo (doravante pVI) no livro *Casa de alvenaria* prosseguimos com uma pesquisa quantitativa. Através de ferramentas de leitura digital do navegador Google Chrome, procuramos pelas ocorrências das sequências "para" + pronome oblíquo tônico (os pronomes oblíquos átonos não foram considerados por exercerem canonicamente a função de objeto e não de sujeito) e "para" + pronome reto. As formas de pronome reto consideradas foram: "eu", "tu", "você", "ele", "ela", "nós", "eles" e "elas"; e as de pronome oblíquo tônico foram: "mim", "ti", "você", "ele", "ela", "nós", "ele" e "elas". Depois de identificadas, cada ocorrência foi analisada para que o contexto de uso fosse reconhecido. Reconhecemos a limitação dessa metodologia que pode desconsiderar variações dessa estrutura, por exemplo a possibilidade de que contenham outros elementos entre a preposição e o pronome; ou as ocorrências em ortografias não-padrão, fato que é possível considerando o uso de ortografia não-padrão em alguns trechos do livro. Entre essas possibilidades de variação, foi incluída na pesquisa somente a forma "pra", para a qual foram encontradas dezoito ocorrências.

⁴⁷ DE JESUS. *Casa de alvenaria*, volume 1: Osasco, p. 27 e 135.

A hipótese inicial do trabalho é de que, por Carolina fazer em sua literatura uma mescla de variantes e por *Casa de alvenaria* ser um relato pessoal com provável menor nível de monitoramento linguístico, as ocorrências apontariam um uso frequente de pronomes oblíquos seguidos da preposição “para” como sujeitos de infinitivos e algumas ocorrências de pronomes retos nessa mesma função.

Essa estimativa é respaldada pelas constatações de que o uso da variante não-padrão do fenômeno observado já era recorrente no PB na década de 1960 – data de escrita do diário. Encontramos na *Gramática pedagógica do português brasileiro* de Bagno, trechos do romance literário *Inocência* de Visconde de Taunay com ocorrência do pronome oblíquo “mim” como sujeito de orações pVI: “Sim... certo tropeiro... mandou ordem para mim cobrar... de um parente uma bolada[...]”⁴⁸, ocorrências que são justificadas pelo próprio romancista pelo fato de que “pessoas até ilustradas” da época, sobretudo da região de São Paulo, local onde Carolina também passou grande parte de sua vida – incorriam nesse “erro” com frequência⁴⁹.

No entanto, como é ressaltado no prefácio de *Casa de alvenaria*, Carolina “[...] arquitetou seu estilo a partir de um material linguístico variado, buscando registros oferecidos pelos compêndios gramaticais da língua portuguesa[...]”⁵⁰; ou seja, mesmo usando de variantes não padronizadas, a autora procurava de alguma forma se aliar ao que era prescrito pelas gramáticas da época. Uma consulta à edição de 1968 da *Gramática normativa do português*, de Rocha Lima, nos revela exatamente a mesma restrição feita ao uso da forma oblíqua como sujeito de verbos no infinitivo encontrada na edição de 2020 mencionada neste trabalho, comprovando então que as diretrizes normatizadoras buscadas pela autora em sua obra não se distinguem daquelas vigentes ainda hoje⁵¹. Justifica-se assim a hipótese de que algumas ocorrências da variante padronizada do fenômeno em estudo sejam encontradas no diário de Carolina.

⁴⁸ TAUNAY. *Inocência* apud BAGNO. *Gramática pedagógica do português brasileiro*.

⁴⁹ BAGNO. *Gramática pedagógica do português brasileiro*, p. 729.

⁵⁰ EVARISTO; DE JESUS. *Outras letras: tramas e sentidos da escrita de Carolina Maria de Jesus*, p. 14.

⁵¹ LIMA. *Gramática normativa da língua portuguesa*.

Análise dos dados

Dados

Foram encontradas 68 ocorrências da sequência “para mim”, usadas preferencialmente como expressão de opinião pessoal ou de alvo da ação, como se observa nos exemplos (7) e (8). No entanto, não foi encontrada nenhuma ocorrência de “para mim” + infinitivo.

(7) Aqui não ha respêito mutuo, *para mim* a favela é um microbio no país.

(8) Eu despedi a mulher que trabalhava *para mim*⁵².

Foram encontradas 61 ocorrências da sequência “para eu”, todas elas seguidas de infinitivo ou advérbio de negação + infinitivo, como nos exemplos (9), (10) e (11):

(9) Ela olhava a Vera *para eu viajar*, ela quer 500.000.

(10) O Audálio disse-me *para eu não dizer* nada a Lêila.

(11) Fizeram hola *para eu entrar* e filmaram-me⁵³.

Não foram encontradas ocorrências de “para tu” ou “para ti” e nem variações com paradigma de “vós”. Foi encontrada uma ocorrência de “para você” e uma ocorrência de “para vocês”, ambas não seguidas de infinitivo e indicando alvo da ação. Foram encontradas dez ocorrências de “para ela”, dentre as quais quatro eram seguidas de infinitivo, e 36 ocorrências de “para ele”, dentre as quais quinze eram seguidas de infinitivo; esses últimos dados, no entanto, não são de interesse para a pesquisa na medida em que, por a forma reta coincidir com a forma oblíqua tônica, qualquer conclusão sobre o fenômeno foi impossibilitada.

Foram encontradas cinco ocorrências da sequência “para nós”, das quais uma é seguida de infinitivo e não foram encontrados exemplos da forma não padronizada “para nós”, embora a variante “nóis” tenha sido identificada em cinco ocorrências em outros contextos.

Apesar da forma oblíqua tônica do pronome de primeira pessoa do plural coincidir com a forma reta, a ocorrência seguida de

⁵² DE JESUS. *Casa de alvenaria, volume 1*: Osasco, p. 41 e 66. Grifos do autor.

⁵³ DE JESUS. *Casa de alvenaria, volume 1*: Osasco, p. 144, 41 e 44. Grifos do autor.

infinitivo chamou a nossa atenção uma vez que nela não foi realizada a concordância verbal:

(12) O senhor Hernani Bezerra nos levou na casa de sua mãe *para nós conhecê-la*⁵⁴.

Esse uso do infinitivo não-flexionado sugere que o pronome “nós” não recebe caso nominativo do núcleo F⁰, pela ausência de morfemas flexionais nessa forma verbal, e sim caso oblíquo da preposição. Essa constatação não seria possível nas ocorrências com primeira e terceira pessoa do singular, para as quais a forma de infinitivo não-flexionado e flexionado coincidem; no entanto foi reforçada pela observação das ocorrências de pronomes de terceira pessoa do plural. A única ocorrência de “para elas” encontrada não foi seguida de infinitivo, mas foram encontradas dezenove ocorrências de “para eles”, dentre as quais seis eram seguidas de infinitivo, todos na forma não-flexionada:

(13) A mãe deve ensinar um ofício aos filhos *para eles não ser* um reboque na vida.

(14) Estou com dó dos meus filhos, que não estão frequentando escolas, eu queria ficar na favela até o fim do ano, *para eles estudar* e ver se passavam de ano⁵⁵.

A sugestão de que o pronome nesses casos recebe caso oblíquo da preposição é ainda reforçada no exemplo (14) pelo fato de o verbo “passar” realizar concordância com a terceira pessoa do plural, indicando que o uso do infinitivo não-flexionado “estudar” pode não ter sido resultado apenas de um padrão de concordância desviante no texto.

Entre as dezoito ocorrências da forma preposicional “pra”, apenas uma é seguida de infinitivo:

(15) O senhor Paulino Rolin de Moura foi visitar-me e pedir-me *pra eu ir falar* com um político, para auxilia-lo⁵⁶.

Discussão

Esses dados mostram que, contrariando à hipótese inicial e apesar de a forma “para” + pronome oblíquo + infinitivo encontrar-se em pleno uso

⁵⁴ DE JESUS. *Casa de alvenaria, volume 1*: Osasco, p. 199. Grifos do autor.

⁵⁵ DE JESUS. *Casa de alvenaria, volume 1*: Osasco, p. 65 e 142. Grifos do autor.

⁵⁶ DE JESUS. *Casa de alvenaria, volume 1*: Osasco, p. 187. Grifos do autor.

na variante do português brasileiro, Carolina Maria de Jesus prefere em seus diários manter a forma normatizada pela gramática tradicional.

Diante desses resultados, faz-se pertinente questionar porque a autora deu preferência tão veemente à estrutura ditada pela gramática tradicional quanto ao fenômeno de pronomes oblíquos como sujeito de orações pVI, mas permitiu outras variantes condenadas pela GT, especialmente no que diz respeito à concordância nominal e à ortografia padrão, como percebemos no exemplo (15). Atenta-se para a possibilidade de que esse resultado seja evidência do estigma social ainda hoje arraigado ao uso de pronomes oblíquos como sujeito de orações pVI, expresso discursivamente, como destaca Bagno, pelo refrão “mim não faz nada”⁵⁷.

(16) As organizações poderosas explorou e despediu sem indenissão!⁵⁸

Segundo o autor, “*para mim fazer* sofre preconceito, é considerado erro, é estigmatizado... A construção *para eu fazer* goza de prestígio, abre portas...”⁵⁹. Carolina pode ter incorporado este estigma social em sua breve passagem pela educação formal ou por meio das leituras que fez durante sua vida.

Cabe ressaltar que embora não tivesse concluído seus estudos na educação formal ou não tivesse uma formação em literatura, a leitura literária da autora era bastante diversificada. Conforme De Jesus, “Carolina lia autores como Camões, Euclides da Cunha, As mil e uma noites, lendas gregas, jornais e tudo que lhe caía em mãos”⁶⁰. Acredita-se, dessa forma, que esse fator possa ter influenciado sua escolha pela variante padrão “para” + pronome reto + infinitivo.

Como percebemos pelos excertos do livro destacados neste trabalho, a autora une variedades do PB mais características da escrita a variedades características da fala, questão que pode estar relacionada também à sua biografia. Como ressaltam Santos e Ribeiro, ainda hoje, a escola é responsável pela “tentativa de imposição dos padrões aplicáveis à escrita sobre as características da fala”, desconsiderando “os dois

⁵⁷ BAGNO. *Gramática pedagógica do português brasileiro*, p. 733.

⁵⁸ DE JESUS. *Casa de alvenaria, volume 1*: Osasco, p. 188.

⁵⁹ BAGNO. *A língua de Eulália*: a novela sociolinguística, p. 187. Grifos do autor.

⁶⁰ DE JESUS. *Casa de alvenaria, volume 1*: Osasco, p. 16.

aspectos cruciais de uma língua, fala e escrita”⁶¹. Neste sentido, a escrita de Carolina pode ser um retrato deste padrão da educação brasileira, mesmo que a autora tenha frequentado a escola apenas durante dois anos, pois essa é também uma característica refletida com frequência na literatura brasileira à qual a autora manteve contato.

Entretanto, mesmo que os resultados tenham refutado a hipótese inicial, eles mostraram uma tendência de os verbos infinitivos das orações infinitivas encaixadas seguidas da preposição “para” não serem responsáveis pela atribuição de caso nominativo ao pronome (pronome que neste trabalho nos referimos como “sujeito” em conformidade com as nomenclaturas adotadas na bibliografia de referência), mesmo porque na maioria das ocorrências encontradas – pronomes de primeira e terceira pessoa do singular – a presença de um morfema flexional que atribua caso nominativo a esse pronome é questionável, já que nesses casos a forma coincide com a forma do infinitivo não-flexionado⁶². Nesse sentido, em conformidade com Carvalho, ressaltamos que a teoria de caso pode não ser suficiente para tratar desse tema uma vez que a escolha pelo pronome reto pelo falante pode ser motivada por outros fatores que não somente o caso:

Assumo, portanto, que [...] a variação das formas dos pronomes de primeira pessoa do singular é causada pelo processo de valorização dos traços destes pronomes por *para*, não havendo necessidade de se apelar para nenhum elemento Casual presente no verbo infinitivo⁶³.

Conclusão

O principal objetivo deste trabalho foi discutir o fenômeno dos pronomes oblíquos como sujeito de infinitivos seguidos da preposição “para” a partir da análise do livro *Casa de alvenaria*, usando como ferramenta as teorias propostas pela linguística formalista e pela sociolinguística.

A perspectiva preferencialmente adotada foi a embasada na teoria de caso, porém diante dos resultados encontrados pudemos perceber

⁶¹ SANTOS; RIBEIRO. O que dizem os brasileiros: “pra eu” ou “pra mim” fazer?, p. 169.

⁶² CARVALHO. *A estrutura interna dos pronomes pessoais em português brasileiro*, p. 44. Para Carvalho “[...] a afirmação de que há um [AGR] [agreement phrase] projetado pelo infinitivo é algo controverso”.

⁶³ CARVALHO. *A estrutura interna dos pronomes pessoais em português brasileiro*, p. 139.

que essa teoria é insuficiente para abordar todas as possibilidades de explicação. Por isso, introduzimos pontuações feitas por Daniel de Carvalho, que em sua tese defende abordagens mais complexas sobre a questão dos pronomes no PB. No entanto, a complexidade da proposta de Carvalho, assim como de outros autores referenciados por ele, impediu nosso aprofundamento nessa abordagem.

Por último, como complemento à perspectiva formalista, achamos pertinente a inserção de algumas reflexões da sociolinguística, sobretudo diante da complexidade social envolvida no trato com o *corpus* literário tão singular buscado na obra de Carolina Maria de Jesus. A partir desse ponto de vista, pudemos perceber que é possível que os estigmas sociais tradicionalmente veiculados pelas escolas sobre o uso do PB tenham influenciado a escritora apesar de sua curta passagem pela educação formal, fato esse que ressalta o peso que esses valores normativos adquirem na sociedade.

Referências

- BAGNO, Marcos. *A língua de Eulália: a novela sociolinguística*. 13. ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- BAGNO, Marcos. *Gramática pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2011.
- CARVALHO, Daniel da Silva. *A estrutura interna dos pronomes pessoais em português brasileiro*. 153 f. 2008. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2008.
- CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 48. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.
- DE CASTRO, Susana. “Um Brasil, para brasileiros”: o pensamento decolonial de Carolina Maria de Jesus. *Cadernos de Ética e Filosofia Política*, v. 39, n. 2, p. 10-20, 2021.
- DE JESUS, Carolina Maria. *Casa de alvenaria, volume 1*: Osasco. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2021.
- DE JESUS, Carolina Maria; DANTAS, Audálio; TEIXEIRA, Alberto. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1960.
- ELSPASS, Stephan. The use of private letters and diaries in sociolinguistic investigation. In: HERNÁNDEZ-CAMPY, Juan Manuel; CONDE-SILVESTRE, Juan Camilo (Ed.). *The Handbook of Historical Sociolinguistics*. Chichester: Wiley-Blackwell, p. 156-169, 2012.
- EVARISTO; DE JESUS. Outras letras: tramas e sentidos da escrita de Carolina Maria de Jesus. In: DE JESUS, Carolina Maria. *Casa de alvenaria, volume 1*: Osasco. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2021.

GOMES, Aline Bianca dos Santos. *Tinha só um dia pra mim fazer a inscrição*: um estudo sociolinguístico da variação pronominal em orações infinitivas iniciadas por para. 147 f. 2019. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2019.

KOCH, Peter; OESTERREICHER, Wulf. Schriftlichkeit und Sprache. In: GÜNTHER, Hartmut; LUDWIG, Otto (Ed.). *Writing and Its Use: An Interdisciplinary Handbook of International Research*. Berlin, v. 1, p. 587-604, 1994 *apud* ELSPASS, Stephan. The use of private letters and diaries in sociolinguistic investigation. *The handbook of historical sociolinguistics*. New Jersey, EUA: Wiley-Blackwell, 2012. p. 156-169.

LIMA, Carlos Rocha. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 13. ed. Rio de Janeiro: F. Briguet & CIA., 1968.

LIMA, Carlos Rocha. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 56. ed. São Paulo: José Olympio, 2020.

MIOTO, Carlos; SILVA, Maria Cristina Figueiredo; LOPES, Ruth. *Novo manual de sintaxe*. São Paulo: Editora Contexto, 2013.

NOTA sobre essa edição. In: *In*: DE JESUS, Carolina Maria. *Casa de alvenaria, volume 1*: Osasco. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2021.

SANTOS, Leandro Almeida dos; RIBEIRO, Silvana Soares Costa. O que dizem os brasileiros: “pra eu” ou “pra mim” fazer? In: MOTA *et al* (Org.). *Contribuições de estudos geolinguísticos para o português brasileiro*: uma homenagem a Suzana Cardoso. Salvador: EDUFBA, 2020.

SILVA, Eliane da Conceição. Carolina Maria de Jesus e a literatura marginal: uma questão de gênero. *Século XXI*, v. 9, n. 1, 2019.

ROSA, Carolina Schenatto da; SILVA, Gilberto Ferreira da. Carolina Maria de Jesus e o pensamento liminar na literatura brasileira. *Revista de Estudos Feministas*, v. 28, 2020.

TAUNAY, Visconde de. *Inocência*. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=2014. Acesso em: 13 jul. 2022 *apud* BAGNO, Marcos. *Gramática pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2011.

Trabalho de pesquisa orientado pelo Prof. Dr. Jeander Cristian da Silva, durante estágio docência na graduação da Faculdade de Letras da UFMG, no âmbito da disciplina "Sintaxe" (2022/1), na condição de doutorando em Estudos Linguísticos pelo PosLin/UFMG e bolsista CAPES/PROEX, processo nº 88887.668629/2022-00.

Língua Portuguesa e abordagem do “sujeito” no ensino fundamental: análise de uma sequência didática disponibilizada pela plataforma Nova Escola

Debora Pereira

Lorena Oliveira

Taynara Santos

Tomás Sarquis

Introdução

Ao iniciarmos o estudo da sintaxe a partir da gramática tradicional (GT) é comum nos depararmos com a seguinte divisão de termos em uma oração: 1) termos essenciais (no caso do sujeito e predicado), 2) termos integrantes (no caso dos complementos nominais e verbais e o agente da passiva), além dos 3) termos acessórios (adjuntos adverbiais, adnominais e vocativo). No que tange especificamente aos termos principais, verifica-se a definição de que o sujeito seria “o ser sobre o qual se faz uma declaração” e de que o predicado seria “aquilo que se declara a respeito do sujeito”¹.

Entretanto, essa abordagem tradicional tem sido questionada por autores que buscam evidenciar que nem sempre essa lógica “informativa” é estabelecida, havendo outras possibilidades analíticas a seu respeito². Por exemplo, com relação às classificações que a GT faz do sujeito (que se subdivide, por sua vez, em outras cinco categorias: 1) sujeito simples, 2) sujeito composto, 3) sujeito indeterminado, 4) sujeito oculto e 5) a oração sem sujeito, o que se observa é que uma descrição tão sintética e “informativa” não é suficiente para “dar conta” de todo o domínio ao qual essa classe se estende. Ainda, ao analisarmos aquela

¹ CUNHA; CINTRA. *A nova gramática do português contemporâneo*; PASQUALE; ULISSES. *Gramática da língua portuguesa*; LIMA. *Gramática normativa da língua portuguesa*.

² KATO; NASCIMENTO. *Gramática do português culto falado no Brasil*; PERINI. *Gramática descritiva do português brasileiro*.

definição tradicional do termo, podemos levantar questionamentos acerca de sua “essencialidade”, uma vez que a própria subdivisão das “orações sem sujeito” rompe com a proposição inicial acerca da primordialidade desse termo.

Em seu trabalho intitulado “Termos da oração”, Duarte propõe, para nossas análises sintáticas, partirmos não dos sujeitos que integram as sentenças, mas da “estrutura argumental projetada pelo seu predicador de modo a entender a seleção semântica que esse predicador faz”³. Esta é uma abordagem interessante, pois nos abre a possibilidade de interpretação do sujeito (e das diferentes formas que ele assume) a partir, não só de sua posição argumentativa, mas, antes disso, da relação de concordância que estabelece.

Ainda que tais contribuições teóricas para o estudo da sintaxe não sejam recentes, o que se observa é que quando olhamos para a educação básica, as práticas pedagógicas voltadas ao ensino da língua portuguesa permanecem, ainda, muito restritas àquela abordagem tradicional. Em geral, poucos são os docentes que buscam levar para a sala de aula outras perspectivas e formas de se trabalhar com as estruturas das orações.

Nesse sentido, considerando-se o fato de que a própria gramática tradicional mostra, em certa medida, pouca clareza acerca dessas classificações, faremos uma breve análise sobre como o tema do “sujeito” tem sido abordado nas etapas do ensino fundamental – anos finais, utilizando, como banco de dados, o site Nova Escola⁴. A partir de uma pesquisa feita na ferramenta de buscas da plataforma, contendo os assuntos “Sujeito”, “Sintaxe”, “Termos da oração”, “Predicado” e “Sintagma”, foram localizados três planos de aula, referentes ao 8º ano, que formam uma sequência didática construída pela professora Paloma Sabata Silva, em 2019⁵. Nosso objetivo é discutir como o tema aparece nesses planos de aula, observando não só os recursos didáticos propostos para a discussão do tema, mas também os aportes teóricos e as referências utilizadas neles.

³ DUARTE. *Termos da Oração*, p. 3.

⁴ Disponível em: https://novaescola.org.br/?campanha=15504374809&grupo=137627229104&palavra=kwd-562193682952-site%20nova%20escola&gclid=CjwKCAjw_b6WBhAQEiwAp4HyIP2VhYd5f4gLn3EIq8SbVnvDVT3WHU5tHgWljSqXAhkRe89_JdEfNBoCq0wQAvD_BwE. Acesso em: 20 jun. 2022.

⁵ SILVA. *Termos da oração*: sujeito, verbo, complementos e modificadores.

Uma vez que não foram localizados, na plataforma, materiais produzidos por outros professores (para via de comparação entre diferentes abordagens, recursos e propostas), compreendemos as limitações deste estudo, sobretudo no que diz respeito a generalizações. Porém, acreditamos também em sua potencialidade enquanto exercício reflexivo de importantes questões que permeiam as práticas pedagógicas no ensino da língua portuguesa na educação básica.

Base teórica

São muitos os estudos que definem e analisam as estruturas sintáticas do português brasileiro. Dentro desse arcabouço, observamos que as abordagens acerca do que se convencionou a chamar de “termos da oração” são bastante diversas. Em geral, pela perspectiva da gramática tradicional, esses termos se dividem em essenciais (no caso do sujeito e predicado), integrantes (no caso dos complementos nominais e verbais e o agente da passiva) e acessórios (adjuntos adverbiais, adnominais e vocativo). No que concerne aos termos essenciais sujeito e predicado, estes costumam ser definidos, respectivamente, como sendo “o ser sobre o qual se faz uma declaração” e “aquilo que se declara a respeito do sujeito”⁶.

Especificamente sobre o “sujeito”, categoria na qual nos aprofundaremos neste estudo, o que podemos observar é que ele recebe diferentes interpretações, sobretudo quando comparamos sua apreensão pelas gramáticas tradicional e descritiva ou mesmo pela semântica. Para o desenvolvimento de nossa argumentação, partimos das concepções tradicionais trabalhadas, principalmente, por Lima e por Pasquale e Ulisses⁷ que delimitam o sujeito como o elemento expresso pelo substantivo. Este, no caso, poderia ser classificado como núcleo do sujeito, determinando o “ser sobre o qual se declara algo”.

Ainda, de acordo com as definições daqueles autores, o sujeito poderia ser classificado como determinado (quando identificável na oração) ou indeterminado (se não for possível ou desejável especificá-lo). Rocha Lima ao definir a oração sem sujeito, declara que “com ela

⁶ CUNHA; CINTRA. *A nova gramática do português contemporâneo*; PASQUALE; ULISSES. *Gramática da língua portuguesa*; LIMA. *Gramática normativa da língua portuguesa*.

⁷ LIMA. *Gramática normativa da língua portuguesa*; PASQUALE; ULISSES. *Gramática da língua portuguesa*.

referimo-nos ao processo verbal em si mesmo, sem o atribuirmos a nenhum ser”⁸. Nesta situação, diferentemente das construções indeterminadas, não há o propósito de se esconder o sujeito, atitude psicológica que orienta as construções indeterminadas. De acordo com o autor, são orações sem sujeito aquelas “que denotam fenômenos da natureza e as que têm os verbos haver, fazer, ser, empregados impessoalmente”⁹. A definição de Pasquale e Ulisses a respeito da oração sem sujeito é bastante similar a esta proposta por Lima¹⁰.

Podemos observar aqui uma primeira inconsistência naquela proposição de sujeito enquanto “termo essencial”, uma vez que o que se observa acima é justamente a possibilidade de uma construção sintática em que o suposto “termo essencial” é preterido. Ao olharmos de forma mais crítica para a GT, tal incoerência soma-se a um conjunto de outras evidências que colocam em questão não só os limites deste “código gramatical”, mas principalmente sua funcionalidade, quando pensamos em sua aplicação junto aos estudantes do ensino básico.

Buscando um contraponto a esse tipo de abordagem, nos aproximamos de uma perspectiva menos normativa e mais descritiva da nossa língua e dos fenômenos sintáticos que a regem. Para isso, retomamos o modelo gerativista de observação proposto por Chomsky, em meados do século XX, que influenciou uma tradição de novos estudos. Para o linguista, “a capacidade gerativa das línguas consistiria justamente em se fazer uso infinito dos recursos finitos existentes em seu léxico e em sua gramática”¹¹. Através desta outra abordagem, a concepção de uma “gramática universal” emerge como um potente campo de investigação ao postular a existência da “competência linguística”, que se refere ao conhecimento internalizado que o falante possui das regras da língua.

Em suma, a Sintaxe Gerativa estuda o componente sintático das diversas línguas humanas e, ao fazê-lo, tem o objetivo de caracterizar o que é universal e o que é particular nos inúmeros fenômenos sintáticos que dão vida à infinitude discreta. Ao fazer isso, os sintaticistas procuram descobrir quais

⁸ LIMA. *Gramática normativa da língua portuguesa*, p. 289.

⁹ LIMA. *Gramática normativa da língua portuguesa*.

¹⁰ PASQUALE; ULISSES. *Gramática da Língua Portuguesa*.

¹¹ KENEDY; OTHERO. *Sintaxe, sintaxes: uma introdução*, p. 12.

Princípios e quais Parâmetros da GU motivam as regras sintáticas que geram estruturas gramaticais e proíbem as agramaticais numa dada língua ou em todas as línguas naturais¹².

A possibilidade ampliada por esta abordagem é a de podermos observar os fenômenos sintáticos da língua, a partir dos usos que os falantes fazem dela, utilizando o que se convencionou chamar de “gramática internalizada”. Aqui, uma nova perspectiva a respeito da língua é inaugurada e, orientados por seus pressupostos teórico-metodológicos, um conjunto de novos estudos passam a ser realizados.

A aplicação dessa abordagem pode ser observada, por exemplo, nas gramáticas descritivas, que irão empregar em suas análises conceitos gramaticais produzidos e/ou refinados pelos gerativistas, como é o caso das noções de “sintagmas” e “constituintes”, referências centrais quando vamos estudar a estrutura das orações. Aqui, é imprescindível observar as relações sintagmáticas que são estabelecidas entre os termos, atentando-se àquelas de concordância (verbal e nominal), às suas posições dentro da frase e ao próprio conteúdo semântico que recebem. Observamos, portanto, que a proposta da gramática tradicional na classificação dos termos de uma oração, quando comparada a esta outra, pode parecer rasa e/ou limitada.

No que se refere à identificação do sujeito nas orações, Perini estabelece alguns critérios que se distanciam da simples noção tradicional de que este corresponderia ao “ser sobre o qual se faz uma declaração”. Para o autor, uma condição prévia do sujeito é ser um sintagma nominal (SN), “cuja pessoa e número sejam compatíveis com a pessoa e número indicados pelo sufixo de pessoa-número do verbo”¹³. Além do critério de concordância, Perini observa também a sequência da oração e a atribuição dos papéis temáticos como outros critérios utilizados pelos usuários da língua para identificarem os sujeitos das sentenças.

No trabalho de Duarte e na gramática descritiva de Kato e Nascimento¹⁴, esta forma de apreensão do sujeito também está presente. Neles, as análises sintáticas têm como ponto de partida a “estrutura

¹² KENEDY; OTHERO. *Sintaxe, sintaxes*: uma introdução, p. 17.

¹³ PERINI. *Gramática descritiva do português brasileiro*, p. 97.

¹⁴ DUARTE. Termos da Oração, p. 186-204; KATO; NASCIMENTO. *Gramática do português culto falado no Brasil*.

argumental projetada pelo predicador (das sentenças), de modo a entender a seleção semântica que esse predicador faz”¹⁵. Através dessa perspectiva, somos levados a compreender os diferentes tipos de casos atribuídos aos argumentos internos e externos de uma oração (se nominativos, acusativos ou dativos/oblíquos), o papel semântico que seus sintagmas recebem, além da relação que o SN sujeito estabelece com o sintagma verbal (SV), ocupando a posição de especificador do SFlex.

Especificamente sobre as noções semânticas do sujeito, a atribuição de papel temático acontece de modos distintos, a depender das funções semânticas exercidas por ele. Assim, o sujeito pode desempenhar diversos papéis temáticos. Para Gruber, Fillmore e Jackendoff *apud* Cançado¹⁶, é necessário que as funções semânticas também sejam assumidas nos estudos gramaticais, uma vez que as funções gramaticais de sujeito, objeto e outras são insuficientes em traduzir certas relações. Por exemplo, nos enunciados que se seguem: 1) O João quebrou o vaso; 2) O vaso quebrou; e 3) O vaso foi quebrado pelo João; verifica-se que em (1), (2) e (3) o “vaso” possui sempre o mesmo papel temático (o paciente de uma ação), mas em (1) exerce a função sintática de objeto e em (2) e (3) exerce a função sintática de sujeito.

Nesse sentido, em relação ao processo de atribuição de papéis temáticos e sua relação com o sujeito, o que se observa, segundo Cançado, é a tendência do falante em colocar, nas sentenças que constrói, o agente na posição de sujeito, depois, se não houver um agente, a segunda preferência é para um beneficiário ou experienciador e, por fim, a terceira preferência é para um tema ou paciente. Este tipo de sequenciação é o que ficou conhecido na semântica como princípio da hierarquia temática.

Ao observarmos formas tão distintas de se abordar o sujeito, nos perguntamos sobre o modo como esse termo vem sendo mobilizado e trabalhado em sala de aula por professores que se dedicam ao ensino da língua portuguesa na educação básica. Tomando por base os princípios gerativistas apresentados acima somos levados a concordar com Santos que afirma que:

¹⁵ DUARTE. *Termos da Oração*, p. 187.

¹⁶ GRUBER. *Studies in Lexical Relations*; FILLMORE. *The Case for Case*; JACKENDOFF. *Semantic Interpretation in Generative Grammar* *apud* CANÇADO. *Manual de semântica: noções básicas e exercícios*, p. 125.

o aluno de língua materna não aprende sua língua na escola: ele já chega à escola com uma gramática internalizada e lá aprende estruturas específicas da escrita formal e o uso de estruturas internalizadas de alguma forma particular exigida na escrita¹⁷.

Disso decorre, tal como proposto por Sousa e Quarezemin, a necessidade de se trabalhar, na escola, “a língua como instrumento de desenvolvimento do conhecimento linguístico que o aluno já possui, o conhecimento implícito, a fim de torná-lo explícito”¹⁸. Atuando desta forma, a escola estaria propiciando ao aluno a aquisição de novos estágios de conhecimento da língua. Esta também é a perspectiva adotada por Duarte e Serra que discutem como o contato com a escola pode acrescentar, à gramática internalizada dos estudantes, outras estruturas gramaticais que podem auxiliá-los em contextos de comunicação mais formais¹⁹.

O que se observa, porém, é que nos processos de ensino-aprendizagem, os professores de língua portuguesa acabam por priorizar o uso de gramáticas normativas, em detrimento daquelas de caráter descritivo. Isso faz com que os estudantes, na maioria das vezes, não se identifiquem com o conteúdo abordado e passem a se questionar sobre a legitimidade de seus próprios conhecimentos. Buscando uma alternativa que dê conta de abarcar ambas as gramáticas, prescritiva e normativa (as quais irão se referir, respectivamente, à fala e à escrita), Duarte e Serra irão argumentar:

O trabalho de letramento e o ensino da escrita mais padronizada nas escolas de ensino fundamental e médio só podem ser bem sucedidos se levarem em conta essa distância (entre fala e escrita); daí a importância de que os professores tenham consciência da precedência da fala sobre a escrita; tenham a noção de que seus alunos dominam perfeitamente sua língua (isto é, têm uma gramática internalizada absolutamente bem formada) mas precisam de ajuda para “aprender” tudo aquilo que já não está presente (ou nunca esteve) nos dados que constituíram a base da sua aquisição²⁰.

¹⁷ SANTOS. *O papel do input no aprendizado do uso do sujeito nulo na escrita por alunos da educação básica*, p. 27.

¹⁸ SOUZA; QUAREZEMIN. A sintaxe do sujeito e o livro didático, p. 60.

¹⁹ DUARTE; SERRA. Gramática(s), ensino de português e “adequação linguística”.

²⁰ DUARTE; SERRA. Gramática(s), ensino de português e “adequação linguística”, p. 41.

Tendo em vista tais considerações, somos levados a olhar criticamente para a forma como os professores têm trabalhado com as noções de sujeito em sala de aula. Estariam eles partindo de compreensões estritamente “normativas” ou, haveria espaço em suas intervenções àquelas compreensões que o estudante traz consigo sobre esse termo?

Na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento que define as aprendizagens a serem desenvolvidas pelos estudantes durante a educação básica, ao estudo da Sintaxe são reservadas as seguintes orientações gerais (a serem adaptadas a cada etapa do ensino): conhecer e analisar as funções sintáticas (sujeito, predicado, objeto, modificador etc.); conhecer e analisar a organização sintática “canônica” das sentenças do português no Brasil; e, por fim, perceber a correlação entre os fenômenos de concordância, regência e retomada e a organização sintática das sentenças do português no Brasil. A adjetivação “canônica” já nos informa a predileção pelas abordagens tradicionais e prescritivas de nossa língua naqueles processos de ensino-aprendizagem. Às organizações sintáticas que fogem àquelas normas, é reservado um pequeno espaço, na BNCC, dentro do conteúdo “Variação Linguística”.

Partindo das provocações trazidas por Santos, Sousa e Quarezemin e, principalmente, por Duarte e Serra²¹, bem como de toda a base teórica apresentada até aqui a respeito do tratamento do sujeito nas diferentes gramáticas, iremos analisar alguns planos de trabalho disponibilizados por professores de língua portuguesa da educação básica, etapa do ensino fundamental – anos finais, buscando observar a perspectiva adotada pelo docente: seus recursos didáticos, aportes teóricos e proposição pedagógicas.

Metodologia

Para o presente estudo, propomos utilizar métodos de pesquisa exploratória, a partir de estudos de casos. Os dados coletados serão planos de aula disponibilizados no site da Associação Nova Escola. Trata-se de uma plataforma digital criada em 2015 que produz uma série de conteúdos

²¹ SANTOS. *O papel do input no aprendizado do uso do sujeito nulo na escrita por alunos da educação básica*; SOUZA; QUAREZEMIN. *A sintaxe do sujeito e o livro didático*; DUARTE; SERRA. *Gramática(s), ensino de português e “adequação linguística”*.

dedicados ao desenvolvimento da prática docente, tais como planos de aula, materiais educacionais, vídeos educativos, entre outros recursos. Segundo a organização, o site é acessado por 3,8 milhões de usuários mensalmente e 230 mil professores já frequentaram seus cursos online.

O recorte temporal para as buscas dos planos de aula na plataforma foi definido a partir do ano de 2015, data da criação da plataforma, até 2022. Como filtro, pesquisamos o assunto “Sujeito” na ferramenta de buscas da plataforma, bem como selecionamos os “Anos Finais do Ensino Fundamental” como etapa privilegiada em nossa pesquisa. A escolha desta etapa (que se refere aos 6º, 7º, 8º e 9º anos) justifica-se por ser nela, de acordo com as orientações da BNCC, que se trabalha o tema do sujeito, a partir das seguintes habilidades: EF06LP06, EF07LP07, EF07LP08, EF08LP06, EF08LP08, EF08LP09, EF09LP05²².

A princípio, foram encontrados três planos de aula que fazem parte de uma sequência didática, datada do ano de 2019, e que se referem ao 8º ano do ensino fundamental. Após essa primeira procura, buscando ampliar nosso repertório de análise, realizamos ainda outras tentativas, sugerindo no campo de buscas outros assuntos como “Sintaxe”, “Termos da oração”, “Predicado” e “Sintagma”, porém não conseguimos localizar nenhum outro material que pudesse embasar nossas discussões. Chegamos, inclusive, a cogitar a inclusão, neste estudo, de planos de aula disponibilizados em outra plataforma, o Portal do Professor, fazendo uma análise comparativa entre os documentos, porém a falta de atualização dos materiais disponibilizados nesta plataforma fez-nos desistir da ideia²³.

Portanto, serão analisados neste estudo aqueles três planos de aula que tratam do tema “sujeito”, voltados ao 8º ano do Ensino Fundamental. A partir desse exercício analítico, procuraremos estabelecer relações e comparações entre eles, analisando os recursos didáticos empregados para a abordagem do tema e como tais recursos se diferenciam em relação à perspectiva aplicada (no caso, se está em maior ou menor consonância com as normas da gramática tradicional e/ou descritiva).

²² Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf. Acesso em: 14 jul. 2022.

²³ Disponível em: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/index.html>. Acesso em: 14 jul. 2022.

Acreditamos que, com base nos dados analisados, poderemos apontar tendências e formular hipóteses a respeito dos desafios e lacunas que se impõem ao ensino do tema do “sujeito”, em especial nos casos em que se procura apresentar abordagens dissidentes da gramática tradicional. Buscaremos também investigar os referenciais teóricos aplicados nos planos de ensino em análise, visando aprofundar a compreensão de como diferentes bases gramaticais podem ou não conviver em uma mesma prática pedagógica.

Ainda que nosso repertório analítico seja limitado, entendemos que esse exercício poderá contribuir, mesmo que timidamente, para reflexões acerca dos fundamentos que regem o ensino da língua portuguesa no nível do ensino fundamental – anos finais. Acreditamos que ele seja um primeiro ensaio na busca de novas especulações e hipóteses, alargando possibilidades reflexivas e programáticas, bem como os referenciais teóricos e bibliográficos que podem ser utilizados pelos professores nas práticas de ensino-aprendizagem da língua portuguesa.

Análise dos dados

Conforme mencionado na metodologia, os três planos de aula que aqui serão analisados constituem uma sequência didática criada pela professora Paloma Sabata Silva, voltada ao 8º ano, cujo objetivo geral é “identificar e compreender o efeito de sentido do uso do sujeito, do verbo e de seus complementos e modificadores”²⁴. Para sistematizar essas informações, organizamos os três planos em uma tabela comparativa, dividindo-os nos seguintes tópicos: título, finalidade da aula, habilidades da BNCC trabalhadas e bibliografia utilizada para fundamentar a aula. As práticas pedagógicas sugeridas pela docente serão analisadas ao longo do corpo do texto.

²⁴ SILVA. *Termos da oração*: sujeito, verbo, complementos e modificadores.

Estruturação	Plano de aula 1	Plano de aula 2	Plano de aula 3
Título	Sujeito, verbo e seus complementos e modificadores.	Modificadores e complementos do sujeito e do verbo.	Sujeito, verbo e seus modificadores e complementos na autobiografia.
Objetivo da aula	Identificar a colocação e a função dos elementos constitutivos do sujeito e do predicado de orações; compreender o efeito de sentido dos complementos e modificadores do sujeito e do verbo.	Exercitar a capacidade de identificação de complementos e modificadores; preencher um texto com elementos modificadores do sujeito e complementos para o verbo.	Produzir um texto de autobiografia mobilizando as categorias de nomes, verbos e seus complementos e modificadores para gerar o efeito de sentido pretendido.
Tendências teóricas	Gramática Tradicional Perspectiva do sujeito: o termo da oração que pratica a ação (quem praticou a ação?).	Gramática Descritiva Perspectiva do sujeito: função e lugar ocupado na oração (característica, lugar, nome e sentido).	Gramática Descritiva com aspectos semânticos: função sintática e sentido (núcleo do sujeito, elementos modificadores, complemento e verbo).
Habilidades BNCC	(EF08LP06) Identificar, em textos lidos ou de produção própria, os termos constitutivos da oração (sujeito e seus modificadores, verbo e seus complementos e modificadores).		
Bibliografia utilizada	BECHARA, Evanildo. <i>Moderna gramática portuguesa</i> . 37. ed. Revista, ampliada e atualizada conforme o novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.		

Estruturação	Plano de aula 1	Plano de aula 2	Plano de aula 3
Bibliografia utilizada	<p>CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. <i>Gramática reflexiva: texto, semântica e interação</i>. São Paulo: Atual, 1999.</p> <p>VILELA, Mário; KOCH, Ingedore Villaça. <i>Gramática da língua portuguesa: gramática da palavra, gramática da frase, gramática do texto/discurso</i>. Porto: Almedina, 2001.</p> <p>SILVA, Maria Cecília Pérez Souza e; KOCH, Ingedore Villaça. <i>Linguística aplicada ao português: sintaxe</i>. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2004.</p> <p>NEVES, Maria Helena de Moura. <i>Gramática de usos do português</i>. São Paulo: Ática, 1995.</p>		

Fonte: Elaborada pelos autores.

Em primeiro lugar, atendo-nos ao objetivo geral desse conjunto de aulas (identificar e compreender o efeito de sentido do uso do sujeito, do verbo e de seus complementos e modificadores), podemos inferir que há, por parte da autora, a preocupação em empregar em suas análises uma abordagem semântica desse conteúdo. A identificação e compreensão dos efeitos de sentido do uso do sujeito poderia ser pensada, por exemplo, à luz das considerações de Cançado quando essa discorre sobre as relações de sentido estabelecidos entre o verbo e seus argumentos (sujeito e complementos)²⁵. Esta abordagem é aquela que também estará presente nos estudos de Duarte e de Kato e Nascimento²⁶ quando esses autores discutem a atribuição de papéis temáticos para os argumentos selecionados pelo verbo.

Os títulos de cada plano de trabalho, ao sugerirem o estudo combinado do sujeito, do verbo e de seus complementos e modificadores também nos informa que a perspectiva adotada pela docente leva em consideração as relações (sintáticas e semânticas) entre esses termos. Embora tais títulos sejam semelhantes, aparentam ter também um grau de aprofundamento à medida em que a sequência didática se desenvolve. Uma hipótese que justificaria essa afirmação estaria nos objetivos das aulas que consistiriam, respectivamente, em identificar, exercitar e

²⁵ CANÇADO. *Manual de semântica: noções básicas e exercícios*.

²⁶ DUARTE. Termos da oração; KATO; NASCIMENTO. *Gramática do português culto falado no Brasil*.

produzir conteúdo, mobilizando os termos em questão. Ou seja, observa-se um adensamento periódico no modo como o tema é abordado.

No primeiro plano de aula, ao ser analisado o conceito de sujeito, percebe-se que a autora parte de uma visão tradicional do tema, classificando-o como “o termo da oração que pratica a ação”. Essa abordagem induz os alunos a darem uma resposta condicionada à pergunta que ela lhes direciona (quem praticou a ação?), levando-os a associarem, de imediato, o sujeito a um ser/substantivo, retomando aqui as concepções de Lima e de Pasquale e Ulisses²⁷. Conforme já problematizado aqui, esse tipo de definição limita o estudante na exploração de outras possibilidades de compreensão do sujeito, que pode ou não conter o traço semântico [+ humano] e/ou papel temático (θ) de agente²⁸.

No segundo plano de aula analisado, a professora propõe uma atividade prática com os estudantes, cujo objetivo é avaliar como os mesmos relacionam modificadores e complementos aos sujeitos e aos verbos, respectivamente. Como recurso didático, a docente sugere distribuir às turmas textos contendo algumas lacunas que deverão ser preenchidas pelos estudantes de acordo com a lógica que observam. Os elementos faltantes no texto poderão ser organizados em uma tabela e disponibilizados à turma, de modo que eles possam construir as relações sintáticas e semânticas entre os termos das orações.

É interessante observar como nessa proposta de atividade são mobilizadas diferentes questões. Em primeiro lugar, podemos ressaltar que este tipo de prática parece abrir espaço para que os estudantes manifestem suas “gramáticas internalizadas”, ao refletirem sobre as diversas possibilidades de construções sintáticas partindo das lógicas que já conhecem. Além disso, esse tipo de exercício parece se alinhar, ainda que de maneira simplificada, à proposição de Duarte que sugere uma análise sintática que parta da “estrutura argumental projetada pelo predicador de modo a entender a seleção semântica que este predicador faz”²⁹. Ao partirem do verbo para identificarem seu complemento e sujeito, por exemplo, os estudantes estariam exercitando uma outra forma

²⁷ LIMA. *Gramática normativa da língua portuguesa*; PASQUALE; ULISSES. *Gramática da língua portuguesa*.

²⁸ KATO; NASCIMENTO. *Gramática do português culto falado no Brasil*.

²⁹ DUARTE. *Termos da oração*, p. 3.

de compreender as relações hierárquicas existentes em uma oração. Caberia à professora introduzir uma discussão a respeito da estrutura argumental do predicador, seus argumentos (interno e externo), além das seleções semânticas que eles fazem. Essa seria uma forma diferente de se trabalhar com o sujeito em sala de aula, relacionando-o à posição de especificador do SFlex nas orações³⁰.

Esse segundo plano de aula converge, ainda, com a proposta de Perini. Ao ser solicitado que os estudantes estabeleçam as funções dos elementos faltantes no texto (por exemplo, se modificadores ou complementos), há uma correspondência com a perspectiva do gramático de que "cada um dos constituintes em que se divide a oração tem um comportamento gramatical próprio, ou seja, cada um desempenha uma função própria"³¹. A partir de nossa análise, concluímos, portanto, que para a construção deste segundo plano, privilegiou-se uma perspectiva mais descritiva no estudo da língua portuguesa.

Finalmente, no último plano de aula elaborado pela professora, a tarefa sugerida consiste em que os estudantes produzam uma autobiografia mobilizando as categorias de nomes, verbos e seus complementos e modificadores para gerar o efeito de sentido pretendido. Após a produção dos textos, a professora orienta que os alunos retirem alguns enunciados do texto, analisando-os a partir das funções sintáticas de núcleo do sujeito, elementos modificadores, complementos e verbos. Avaliamos que, por meio desta atividade, aplica-se também uma abordagem mais gerativista do estudo da língua, uma vez que se estimula que os estudantes partam de uma narrativa estritamente individual para pensar relações sintáticas e semânticas. Acreditamos que o fato de falarem de si mesmos, escrevendo em primeira pessoa, poderia levá-los a produzir, de forma mais espontânea, um texto muito afeito à oralidade. Assim, ao tomarem, posteriormente, suas produções como matéria de "investigação científica", estariam realizando uma análise descritiva de

³⁰ O verbo, núcleo do predicador, ao apresentar as desinências modo-temporais e número-pessoais move-se para o núcleo de SFlex, onde estão as marcas de concordância, e o argumento externo pode ser lido enquanto especificador do SFlex. KATO; NASCIMENTO. *Gramática do português culto falado no Brasil*.

³¹ PERINI. *Gramática descritiva do português brasileiro*, p. 76.

sua própria fala/escrita. Aqui, a “gramática internalizada” dos estudantes será o objeto de seu próprio estudo científico.

De forma geral, o que podemos observar nesta sequência didática é que a autora/professora faz, em suas aulas, correspondências tanto com uma abordagem tradicional do ensino do sujeito (conforme se observou na primeira aula planejada), quanto com aquelas de caráter mais descritivo, que emergem como efeito dos estudos gerativistas. Isso fica ainda mais evidente quando olhamos para os aportes teóricos utilizados por ela que mesclam materiais de ambas abordagens.

Parece sobressair nesses planos de aula, uma preocupação em conferir legitimidade ao conhecimento que o estudante já possui e que carrega consigo para o ambiente escolar, tornando seu processo de ensino-aprendizagem mais acolhedor, além de contextualizado com sua realidade. Neste sentido, poderíamos inferir que há, a partir das propostas sugeridas pela professora, uma tentativa de execução daquilo que Santos, Sousa/Quarezemin e Duarte/Serra³² propõem em termos de uma escola que acrescente à gramática internalizada dos estudantes outras estruturas gramaticais que possam auxiliá-los em contextos de comunicação formal. Por meio dessa perspectiva o conhecimento “institucional” seria complementar àquele que os estudantes já possuem, o que nos parece um caminho interessante para a construção de uma cultura de respeito no ambiente escolar, assegurando a autoestima dos estudantes.

Tal como observado na metodologia deste estudo, a falta de uma ponte comparativa com planos de estudo elaborados por outros professores é um fator que nos limita a generalizações sobre como o sujeito vem sendo trabalhado na educação básica, especificamente na etapa do ensino fundamental – anos finais. Porém, a Nova Escola é uma plataforma muito acessada (contando, mensalmente, com o acesso de cerca de 3,8 milhões de usuários, de acordo com a organização do site), o que nos leva a inferir que a sequência didática analisada possui um grande alcance, podendo inspirar centenas e até milhares de docentes que

³² SANTOS. *O papel do input no aprendizado do uso do sujeito nulo na escrita por alunos da educação básica*; SOUZA; QUAREZEMIN. *A sintaxe do sujeito e o livro didático*; DUARTE; SERRA. *Gramática(s), ensino de português e “adequação linguística”*.

buscam referências e fontes para elaborar seus planos de aula a respeito do sujeito e demais termos da oração.

Conclusão

No decorrer das pesquisas e análises realizadas, percebemos que são muitas as estratégias pedagógicas possíveis para abordar o tema do sujeito, seus complementos e modificadores. Além disso, nos parece relevante observar a centralidade que, em geral, é dada ao sujeito em relação aos demais elementos da oração nas práticas de ensino.

Com relação às práticas adotadas nos planos de ensino analisados, nos pareceu atrativa a produção de texto como recurso de compreensão do tema, a partir da própria perspectiva do aluno. Essa metodologia nos parece fomentar a noção de que o aluno possui um repertório linguístico inerente, sendo o estudo da gramática uma construção compartilhada, que organiza notações já presentes e mobilizadas em suas habilidades.

Dessa maneira, cumpre salientar que se faz necessário um constante questionamento a respeito de limitações que o uso preponderante da gramática tradicional poderá ensejar no aluno, uma vez que suas noções atribuídas à priori, acabam por criar uma desreferenciação entre a prática linguística do aluno e as regras que julgam necessária sua completa adesão.

As abordagens gramaticais, de todas as vertentes, não estão isentas de lacunas, contradições, ambiguidades ou questionamentos. A linguagem é, pois, uma matéria viva, que a todo momento incorpora, modifica, subtrai ou restabelece práticas e construções sociais cotidianas. Está na natureza da gramática o impasse linguístico e seus possíveis desdobramentos. De tal modo, nos parece que a gramática descritiva, ao ser elencada como subsídio teórico e metodológico nas aulas do ensino fundamental, está mais apta a absorver as noções referentes à experiência linguística constitutiva dos alunos, sendo seu uso recomendável como forma de encampar perspectivas ignoradas pela gramática tradicional.

Concluimos salientando ainda a importância do estudo do sujeito a partir do uso de diferentes recursos metodológicos, tal como observado nos planos de aula analisados. Acreditamos que diferentes abordagens

e práticas pedagógicas podem se complementar e contribuir de forma muito positiva para os processos de ensino-aprendizagem dos estudantes. Por fim, destacamos a importância de que se produza, na escola, um ambiente que possibilite a criação de elos entre conhecimentos linguísticos, históricos e sócio-políticos, inserindo o estudo da gramática e do sujeito em uma noção ampliada de relação com o mundo.

Referências

- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018.
- CANÇADO, Márcia. *Manual de semântica: noções básicas e exercícios*. 2. ed. revisada. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *A nova gramática do português contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2007.
- DUARTE, Maria Eugenia Lammoglia; SERRA, Carolina Ribeiro. Gramática(s), ensino de português e “adequação linguística”. *Revista Matraca*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 36, jan./jun. 2015.
- DUARTE, Maria Eugenia Lamogli. Termos da oração. In: VIEIRA, Silvia Rodrigues; BRANDÃO, Silvia Figueiredo (Org.). *Ensino de gramática: descrição e uso*. São Paulo: Editora Contexto, 2007, p. 185-203.
- FILLMORE, Charles. The Case for Case. In: BACH, Emmon; HARMS, Robert (Ed.). *Universals in Linguistic Theory*. New York: Holt Rinehart and Winston, 1968, p. 1-88.
- GRUBER, Jeffrey S. *Studies in Lexical Relations*. 1965. 310 f. Thesis (PHD) – Department of Modern Languages and Linguistics, Massachusetts Institute of Technology, Cambridge, 1965.
- JACKENDOFF, Ray. *Semantic Interpretation in Generative Grammar*. Cambridge: The MIT Press, 1972.
- KATO, Mary Aizawa; NASCIMENTO, Milton do. *Gramática do português culto falado no Brasil: volume III - A construção da sentença*. Campinas: Editora Unicamp, 2009.
- KENEDY, Eduardo; OTHERO, Gabriel de Ávila. *Sintaxe, sintaxes: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2015.
- LIMA, Carlos Henrique da Rocha. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 49. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.
- PASQUALE, Cipro Neto; ULISSES, Infante. *Gramática da Língua Portuguesa*. São Paulo: Scipione, 2008.
- PERINI, Mário Alberto. *Gramática descritiva do português brasileiro*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2016.
- SANTOS, Edite Consuelo da Silva. *O papel do input no aprendizado do uso do sujeito nulo na escrita por alunos da educação básica*. 178 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Universidade de Brasília, 2013.
- SILVA, Paloma Sabata. *Termos da oração: sujeito, verbo, complementos e modificadores*. Disponível em: <https://novaescola.org.br/planos-de-aula/fundamental/8ano/lingua-portuguesa/sequencia/termos-da-oracao-sujeito-verbo-complementos-e-modificadores/591>. Acesso em: 14 jul. 2022.

SOUZA, Gabriele Damin de; QUAREZEMIN, Sandra. A sintaxe do sujeito e o livro didático. *Linguagens* - *Revista de Letras, Artes e Comunicação*, Blumenau, v. 15, n. 1, p. 52-73, jan./abr. 2021.

Trabalho de pesquisa orientado pelo Prof. Dr. Jeander Cristian da Silva, durante estágio docência na graduação da Faculdade de Letras da UFMG, no âmbito da disciplina "Sintaxe" (2022/1), na condição de doutorando em Estudos Linguísticos pelo PosLin/UFMG e bolsista CAPES/PROEX, processo nº 88887.668629/2022-00.

Orações desgarradas em textos dissertativos-argumentativos: o truncamento prescrito pelo Enem

Anna Carla Faltz Silva

Bárbara Rocha Pascoal

Jeander Cristian da Silva

Sabrina de Farias Sales

Introdução

Instaurado em 1988, o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) foi criado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), um órgão vinculado ao Ministério da Educação (MEC), para avaliar o desempenho acadêmico dos alunos que terminavam a educação básica. Em 2009, tal exame foi aprimorado, passando a ser utilizado como teste para o ingresso no ensino superior em faculdades públicas e particulares brasileiras; oferecendo também programas de financiamento e bolsas de estudo, além de oportunidades de estudos no exterior. O exame é composto por quatro áreas do conhecimento (ciências humanas e suas tecnologias, linguagens, códigos e suas tecnologias, matemática e suas tecnologias e ciências da natureza e suas tecnologias) e uma redação dissertativa-argumentativa sobre um determinado tema, explicada da seguinte forma pela cartilha do participante:

A prova de redação exigirá de você a produção de um texto em prosa, do tipo dissertativo-argumentativo, sobre um tema de ordem social, científica, cultural ou política. Os aspectos a serem avaliados relacionam-se às competências que devem ter sido desenvolvidas durante os anos de escolaridade. Nessa redação, você deverá defender uma tese – uma opinião a respeito do tema proposto –, apoiada em argumentos consistentes, estruturados com coerência e coesão, formando uma unidade textual. Seu texto deverá ser redigido de acordo com a modalidade escrita formal da língua portuguesa. Você também deverá elaborar uma proposta de intervenção

social para o problema apresentado no desenvolvimento do texto. Essa proposta deve respeitar os direitos humanos¹.

Assim, para a avaliação do texto produzido pelo candidato, existem cinco competências a serem analisadas por no mínimo dois professores-avaliadores, também especificadas pela cartilha:

Competência 1: Demonstrar domínio da modalidade escrita formal da língua portuguesa.

Competência 2: Compreender a proposta de redação e aplicar conceitos das várias áreas de conhecimento para desenvolver o tema, dentro dos limites estruturais do texto dissertativo-argumentativo em prosa.

Competência 3: Selecionar, relacionar, organizar e interpretar informações, fatos, opiniões e argumentos em defesa de um ponto de vista.

Competência 4: Demonstrar conhecimento dos mecanismos linguísticos necessários para a construção da argumentação.

Competência 5: Elaborar proposta de intervenção para o problema abordado, respeitando os direitos humanos².

Cada uma dessas competências possui o valor total de duzentos pontos e existem algumas orientações específicas para anulações e discrepâncias de notas, sendo que os manuais de correção disponibilizados buscam também capacitar os corretores de cada área analisada.

Nesta pesquisa, tomamos como base o Manual de Correção de 2019, em que são explicitados os critérios de avaliação do domínio do participante acerca da Língua Portuguesa formal (Competência 1)³. Conforme esse documento, dois aspectos devem ser considerados pelo avaliador ao apurar o desempenho do candidato nessa competência: a estrutura sintática, em que os corretores observam como o participante constrói os períodos e as orações no decorrer da redação, e os “desvios” (convenções da escrita, gramaticais, escolha de registro e escolha vocabular). Dentre os fenômenos considerados “falhas” do primeiro, notamos a presença do chamado truncamento ou truncamento de períodos:

¹ BRASIL. *A redação no Enem 2019*: cartilha do participante, p. 5.

² BRASIL. *A redação no Enem 2019*: cartilha do participante, p. 6.

³ BRASIL. *Enem Redações 2019*: material de leitura, módulo 03, competência 1.

[...] uma falha de estrutura sintática refere-se ao truncamento de períodos em que se separam orações principais de subordinadas, duas orações coordenadas ou simplesmente se isolam em períodos ou frases partes de uma oração que deveriam constituir um único período⁴.

Desse modo, a presença do ponto final dentro de um período composto é o fator que determina essa ocorrência. Para uma melhor compreensão acerca do caso, há, no Manual de Correção, o seguinte exemplo:

[...] há um truncamento em “Além disso, as crianças também se tornaram alvos dessa manipulação. Deixando a infância de lado para usarem aplicativos, que de muitas vezes perigosos e não adequados para menores. Tendo em vista, que na maioria das vezes tem usuários querendo se aproveitar das crianças”. As orações subordinadas iniciadas por gerúndio “Deixando a infância de lado para usarem aplicativos [...]” e “Tendo em vista, que na maioria das vezes tem usuários [...]” encontram-se isoladas, constituindo períodos que foram separados da oração principal “[...] as crianças também se tornaram alvos dessa manipulação”⁵.

Partindo da explicação de que o Enem considera esse fenômeno inadequado, penalizando sua ocorrência, acreditamos que o truncamento das orações subordinadas, exemplificadas acima, se equivale ao conceito de orações desgarradas, proposto pela profa. dra. Maria Beatriz Nascimento Decat (Fale/UFGM). De acordo com Decat⁶ *apud* Kenedy e Othero⁷, orações isoladas sintaticamente da oração principal apresentam um grau inferior de articulação sintática e uma relação que tende a ser motivada por fatores mais discursivos. Logo, a oração desgarrada pode aparecer quando relacionado à matriz num período à parte. Dessa forma, tais usos se justificam mais por uma questão estilística, mostrando que a GT nem sempre está de acordo com o discurso, ou seja, com a gramática conhecida e utilizada pelos vestibulandos.

O objetivo deste trabalho é analisar o uso de orações desgarradas em redações preparatórias para o vestibular de estudantes de uma instituição escolar privada de Belo Horizonte. Acreditamos que o que o manual de correção entende como “truncamento”, apesar de ter em

⁴ BRASIL. *Enem Redações 2019*: material de leitura, módulo 03, competência 1, p. 16.

⁵ BRASIL. *Enem Redações 2019*: material de leitura, módulo 03, competência 1, p. 16.

⁶ DECAT. *Estruturas desgarradas em língua portuguesa*.

⁷ KENEDY; OTHERO. *Para conhecer sintaxe*.

vista uma prescrição da GT (a de que uma oração subordinada não deve vir separada de sua oração matriz), além de não apresentar nenhum embasamento científico, acaba negligenciando aqueles casos em que o candidato faz uso consciente das orações desgarradas como estratégia argumentativa que visa dar mais ênfase a determinadas informações⁸. Colocamos em questionamento essa penalidade prevista pelo documento e defendemos ser necessária uma distinção entre esses casos e aqueles em que o uso dessas construções sintáticas acarretam uma perda de coerência no texto.

Para a fundamentação da hipótese e sua aplicação, elaboramos um *corpus* constituído de redações dissertativo-argumentativas de estudantes com níveis distintos de escolaridade de uma escola particular de Belo Horizonte. Dessa forma, ao longo das próximas seções, explicamos os critérios levados em consideração para o trabalho, assim como apresentamos a relação entre a gramática normativa e o Enem, e discutimos sobre o conceito de orações desgarradas e o que seria entendido, efetivamente, como orações “truncadas” pelos avaliadores do Enem. Em seguida, esclarecemos a nossa metodologia e apresentamos a análise dos dados presentes no *corpus*.

Base teórica

A relação entre o fenômeno do truncamento e as orações desgarradas

Dentro da literatura linguística, o termo “truncamento” é geralmente associado a um processo de redução morfofonológica das unidades lexicais. Segundo Heineck:

O truncamento [...] se caracteriza, de acordo com estudos acerca do fenômeno, pela supressão de segmentos na palavra e, como consequência disso, pela formação de um novo vocábulo que, apesar do seu caráter expressivo, com um sentido pragmático que se diferencia ligeiramente da sua base, ainda mantém uma relação estrutural e de sentido que faz com seja possível a sua identificação com a sua palavra de origem⁹.

⁸ BRASIL. *Enem Redações 2019*: material de leitura, módulo 03, competência I.

⁹ HEINECK. *Aspectos morfofonológicos do truncamento no português brasileiro*, p. 14.

A autora cita como exemplo os seguintes casos: “refri” (>refrigerante), “maraca” (>maracanã), “profe” (>professor), “nóia” (>paranoia). Observamos, portanto, que não é comum tratar o fenômeno do isolamento de orações como uma espécie de truncamento ou truncamento sintático, como propõe o manual de correção.

No que concerne ao período composto, a *Nomenclatura Gramatical Brasileira* (NGB) apresenta uma extensa lista de classificações. A priori, ele já é subdividido em período composto por coordenação e período composto por subordinação. O período composto por coordenação é caracterizado por uma certa independência sintática entre as orações; e a depender de suas relações semântico-discursivas, essas orações podem ser classificadas como aditivas, adversativas, alternativas, conclusivas e explicativas. Já o período composto por subordinação é apresentado pela GT “com base na premissa de que a oração subordinada – seja esta denominada substantiva, adjetiva ou adverbial – desempenha sempre uma função sintática em sua principal”¹⁰. Assim sendo:

[...] a análise tradicional se restringe ao nível da sentença, de modo que se atem à distinção entre oração principal e subordinada, além de não discutir amplamente a noção de dependência entre as orações – se sintática ou semântica. As subordinadas adverbiais, por exemplo, são caracterizadas como as orações que, além de estarem sintaticamente dependentes de sua oração principal, funcionam como adjunto adverbial destas, exprimindo alguma circunstância. De acordo com essa visão, não se apresenta a possibilidade de uma subordinada existir sem a respectiva principal¹¹.

Essa visão a respeito das orações subordinadas pode ser vista, por exemplo, na *Gramática normativa da língua portuguesa*, de Rocha Lima:

Todavia, armando-se o período composto por subordinação assim a modo (como já o dissemos) de uma “constelação sintática” –, a verdade é que a dita ORAÇÃO PRINCIPAL, JUNTAMENTE COM AS DEMAIS, forma um bloco sintático-semântico de tal ordem uno e coeso, que não pode ter separadas as partes que o integram. [...] tanto é certo que, em caso contrário, esse pensamento ficaria mutilado, ou desconexo, o mesmo acontecendo com cada qual das orações, porque, em verdade, elas são interdependentes¹².

¹⁰ BASTOS. Hipotáticas circunstanciais em produções textuais da escola: certo ou errado, professora?, p. 13.

¹¹ BASTOS. Hipotáticas circunstanciais em produções textuais da escola: certo ou errado, professora?, p. 13.

¹² LIMA. *Gramática normativa da língua portuguesa*, p. 357-358.

Outros gramáticos também sustentam essa mesma visão a respeito das orações subordinadas. Reproduzimos, a seguir, o quadro de definições de Bastos:

Definições de subordinação na GT

Lima (2006, p. 261)	No período composto por subordinação, há uma oração principal, que traz em si, como dependente, outra ou outras. Dependentes, porque cada uma tem seu papel como um dos termos da oração principal.
Luft (2002, p. 79)	[...] subordinada é a oração que depende de outra (dita principal). Havendo uma oração subordinada há também uma principal; são termos correlativos: não há principal sem subordinada, nem subordinada sem principal.
Bechara (2009, p. 462-463)	[...] o conjunto complexo que a noite chegou não passa de um termo sintático na oração complexa O caçador percebeu que a noite chegou, que funciona como objeto direto do núcleo verbal percebeu. Estas unidades transpostas exercem função própria de meros substantivos, adjetivos e advérbios, razão por que são assim classificadas na oração complexa. [...] Assim, apesar destas considerações, esta gramática respeitará o peso da tradição e verá [...] como oração subordinada o complexo unitário correspondente a uma função sintática exercida por substantivo, adjetivo ou advérbio.
Cunha e Cintra (2001, p. 594)	As orações sem autonomia gramatical, isto é, as orações que funcionam como termos essenciais, integrantes ou acessórios de outra oração, chamam-se subordinadas. O período constituído de orações subordinadas e uma oração principal denomina-se composto por subordinação.

Fonte: BASTOS. Hipotáticas circunstanciais em produções textuais da escola: certo ou errado, professora?, p. 17.

Quando os gramáticos tradicionais afirmam categoricamente a respeito da impossibilidade de uma subordinada existir sem a respectiva principal, eles desconsideram um tipo de construção sintática bastante recorrente na modalidade escrita do português brasileiro (PB), que é conhecida na literatura linguística como “orações desgarradas”. Esse fenômeno ocorre quando uma oração subordinada não acompanha uma oração principal, formalmente expressa dentro do período composto por

subordinação, mas se manifesta isoladamente por meio de uma pontuação terminativa; geralmente representada pelo ponto final (.) e, em alguns casos, pelo ponto e vírgula (;) ou pelas reticências (...).

O fenômeno do desgarramento acontece mais comumente com as orações hipotáticas adverbiais. Bastos exemplifica esse fenômeno como uma frase escrita por uma estudante da EJA em uma atividade de produção textual¹³. Segundo a autora, ao optar, nesse contexto, por manter isolada uma oração reduzida de gerúndio, a intenção comunicativa da aluna é dar destaque à ideia de humilhação vivida por ela no decorrer de sua experiência profissional:

Parei no tempo, parecia que eu estava dormindo. *Passando humilhação quando trabalhava na casa dos outros*. Minha mãe sempre disse para eu voltar a estudar, trabalhar de carteira assinada e me formar [...] ¹⁴

Apesar desse tipo de construção sintática ser bastante comum no PB, a autora chama atenção para o fato de que “considerando o papel de normatização dos usos linguísticos desempenhado pela escola, sabemos que exemplos como estes serão alvo de correção por parte dos professores pelo fato de não obedecer às regras prescritas pela GT”¹⁵. Concordamos com a autora e incluímos que, até mesmo nas redações do Enem, esse tipo de construção seria alvo de correção, tendo em vista o que prescreve o manual de correção¹⁶.

Os estudos desse fenômeno têm como pioneirismo a profa. dra. Maria Beatriz Nascimento Decat (UFMG). Segundo Bastos, em sua tese de doutoramento, Decat conclui que não há consenso entre os gramáticos no que concerne à dicotomia entre coordenação *versus* subordinação. Além disso, a noção de (in)dependência (sintática ou semântica) entre orações é questionável, tendo em vista que: (i) uma oração subordinada pode sim constituir por si só um “enunciado” (vide as orações desgarradas), (ii) nem sempre é a oração principal que carrega a informação mais importante do período. É um equívoco também atrelar as definições das

¹³ BASTOS. Hipotáticas circunstanciais em produções textuais da escola: certo ou errado, professora?, p. 13.

¹⁴ BASTOS. Hipotáticas circunstanciais em produções textuais da escola: certo ou errado, professora?, p. 15.

¹⁵ BASTOS. Hipotáticas circunstanciais em produções textuais da escola: certo ou errado, professora?, p. 14.

¹⁶ BRASIL. *Enem Redações 2019*: material de leitura, módulo 03, competência I.

orações subordinadas necessariamente à presença de uma marca formal, ou seja, pelo uso do conectivo.

Os primeiros trabalhos da autora sobre esse tema surgiram entre 1999 e 2001. Já no seu primeiro texto, Decat utiliza a nomenclatura “desgarramento” e pontua que há uma tendência de as orações adverbiais se tornarem cada vez mais independentes. Tomando como base dados orais e escritos, a autora ainda conclui que esse isolamento se dá pelo estabelecimento de coesão e coerência em textos escritos, e, no caso das amostras orais, como uma estratégia para enfatizar o enunciado, a partir da entonação. Decat estende seus trabalhos sobre o assunto ainda nas décadas seguintes, discutindo e analisando desgarramento em casos de hipotaxe adverbial, especificamente no português brasileiro¹⁷.

Silvestre, ao investigar a polifuncionalidade do conector “para”, realiza um teste de leitura com informantes de escolaridade média (que já tinham concluído o ensino médio ou que tal formação estava em andamento)¹⁸. A autora observa que os informantes não consideram como “erro” orações desgarradas introduzidas pelo conectivo “para” e, sim, a “informalidade” dessas cláusulas. Poucos informantes perceberam que essas orações teriam a função de focalizar informação; isso talvez se explique pela pouca atenção dada a essas estruturas nos estudos da língua portuguesa em termos de ensino.

Embora esse tipo de construção sintática seja alvo de correção por parte dos professores e dos corretores do Enem, é importante ressaltar que ela é bastante utilizada na literatura infantojuvenil como recurso argumentativo¹⁹. Um exemplo pode ser encontrado no romance *Para todos os garotos que já amei*, publicado pela escritora americana Jenny Han, em 2014, tendo recebido uma adaptação cinematográfica pela Netflix, em 2018:

Não consigo decidir se quero doo-wop ou rock alternativo, mas no último segundo escolho “Video Killed the Radio Star”, a preferida de Margot. *Para que, de certa forma, ela esteja aqui*²⁰.

¹⁷ DECAT. *Estruturas desgarradas em língua portuguesa*.

¹⁸ SILVESTRE. *A polifuncionalidade do conector PARA*.

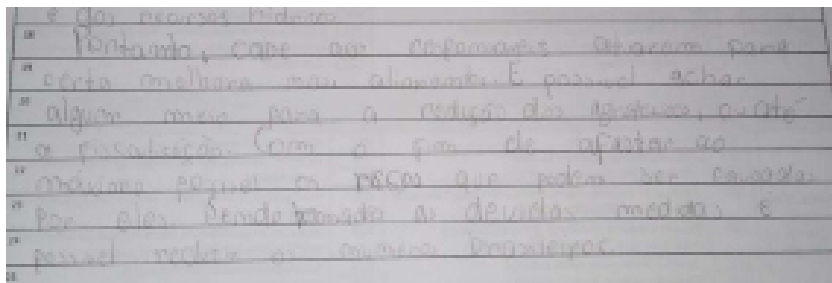
¹⁹ BASTOS. Hipotáticas circunstanciais em produções textuais da escola: certo ou errado, professora?

²⁰ HAN. *Para todos os garotos que já amei*, p. 199. Grifos do autor.

Uma vez que esse tipo de literatura faz parte do cotidiano da maioria dos alunos, talvez isso explique a utilização de orações desgarradas em suas atividades de produção textual.

Todavia, sabemos que o uso não-efetivo de uma oração desgarrada pode consistir apenas em uma quebra sintática do período composto, decorrente da inabilidade do aluno em utilizar esse tipo de construção sintática como uma estratégia argumentativa²¹.

Tomando como base nossa experiência como corretoras de redação em instituições privadas de Belo Horizonte, não concordamos em rotular todas as tentativas dos alunos de usar esse recurso como uma mera quebra sintática do período composto, ou seja, como o isolamento de uma oração subordinada que gera um problema de coesão ou coerência no texto. Não podemos descartar a hipótese de que alguns usos parecem decorrer da estratégia do aluno de enfatizar alguma informação, vide o exemplo abaixo, retirado do *corpus* deste trabalho:



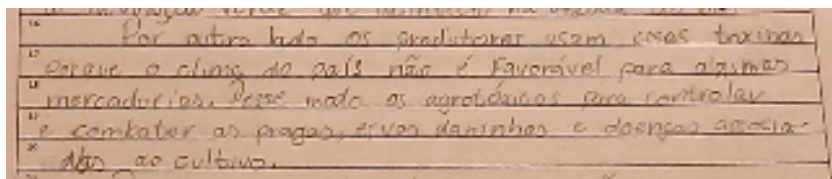
Transcrição: "Portanto, cabe aos responsáveis atuarem para certa melhoria nos alimentos. É possível achar algum meio para a redução dos agrotóxicos, ou até a fiscalização. Com o fim de afastar ao máximo possível os riscos que podem ser causados por eles. Sendo tomadas as devidas medidas é possível reduzir os números brasileiros".

Como pode ser observado, nesse exemplo de redação de uma das turmas do 9º ano, sobre o tema "A situação dos agrotóxicos no Brasil nos últimos três anos", podemos levantar a hipótese de que houve uma tentativa, por parte do aluno, de utilizar uma oração desgarrada, introduzida

²¹ Nesta pesquisa, optamos por utilizar o termo "quebra sintática" para denominar o uso "malsucedido" ou inadequado de orações desgarradas, gerando problemas de coesão e/ou de coerências textuais, e chamamos de "truncamento" ou "desgarramento de orações" o uso estratégico dessas construções sintáticas para a focalização de informações num dado discurso.

por uma locução conjuntiva de finalidade, como estratégia que visa colocar em evidência o seu ponto de vista acerca de uma necessária medida política em prol da redução ou fiscalização dos usos de agrotóxicos e, conseqüentemente, a favor da redução de riscos à saúde humana.

Cabe observar que, embora ocorra a separação da hipotática adverbial de sua oração principal, o sentido do enunciado não se perde, fato que corrobora com a definição de Bastos, sobre o desgarramento²².



Transcrição: "Por outro lado os produtores usam essas toxinas porque o clima do país não é favorável para algumas mercadorias. Desse modo os agrotóxicos para controlar e combater as pragas, ervas daninhas e doenças associadas ao cultivo".

Já no exemplo acima, nota-se que a separação das orações acarreta uma perda de coerência e de entendimento do enunciado. Faz-se necessário diferenciar o fenômeno anterior, tratado nesse artigo como orações desgarradas (ou truncamento), desse fenômeno em questão, denominado, neste trabalho, como quebra sintática, visto que, nesse caso, a fragmentação das orações não pode ser considerada uma estratégia argumentativa bem-sucedida, e sim, um fator gerador de certa incompreensão textual.

No entanto, ressaltamos que essa análise pode ser subjetiva, uma vez que há diferentes interpretações de um mesmo texto. Com isso, entendemos que o Enem, ao classificar todos os casos de desgarramento como truncamentos, se esquivava de uma subjetividade de interpretação pelo próprio corretor. Assim, desconsiderando, de certa forma, a gramática internalizada que o participante carrega consigo.

Dessa forma, colocamos em questionamento a penalidade do "truncamento" proposto pelo manual de correção, quando o candidato

²² BASTOS. Hipotáticas circunstanciais em produções textuais da escola: certo ou errado, professora?

faz uso adequado de uma oração desgarrada, visto que esse fenômeno é previsto e estudado no PB e não representa perda semântica²³.

Metodologia

O objetivo desta pesquisa é analisar o uso de orações desgarradas, ou “truncadas” conforme o manual de correção, em redações preparatórias para o vestibular de estudantes de uma escola particular de Belo Horizonte²⁴.

O *corpus* desta pesquisa é constituído de 241 redações produzidas por estudantes da educação básica de uma instituição privada de Belo Horizonte. Foram selecionados textos de duas turmas do 9º ano do ensino fundamental II, duas turmas do 2º ano do ensino médio e duas turmas do 3º ano do ensino médio. A escolha dessas turmas é motivada pelo fato delas estarem mais próximas do período de vestibular, sendo assim, a escola em questão exige que textos do tipo dissertativo-argumentativo sejam produzidos frequentemente pelos alunos, com o fim de prepará-los para a realização desses exames.

Solicitamos a permissão da escola para a utilização das redações por meio de um termo de consentimento livre e esclarecido, elaborado pelo Google Forms. Considerando o total de 241 redações, foram encontrados 25 casos de truncamento.

Depois de feita a seleção dos casos de orações desgarradas (ou truncamento), classificamos as sentenças rompidas sintaticamente com base na *Gramática normativa da língua portuguesa* para que a explicação linguística do fenômeno pudesse ser analisada²⁵. Por fim, buscamos explicar que a maior parte dos casos em que as orações aparecem separadas por pontuação não são, ao nosso ver, fenômenos de quebra sintática e, sim, fenômenos de desgarramento, embora a quebra sintática também possa advir.

Análise dos dados

Para evidenciar os processos de análise do *corpus*, as ocorrências de truncamento estão apresentadas, na imagem “Ocorrências de orações

²³ BRASIL. *Enem Redações 2019*: material de leitura, módulo 03, competência I.

²⁴ BRASIL. *Enem Redações 2019*: material de leitura, módulo 03, competência I.

²⁵ LIMA. *Gramática normativa da língua portuguesa*.

desgarradas (ou truncamento) por turmas”, de acordo com as aparições por turma e, na imagem “Ocorrências de orações desgarradas (ou truncamento) por série escolar”, com as aparições por série. A separação desses dois dados faz-se necessária para o melhor entendimento dos fenômenos.

Turmas	Nº total de redações	Nº de truncamentos	Porcentagem de ocorrência de truncamentos
9º A	37	7	18,9%
9º B	45	4	8,9%
2º A	49	2	4,1%
2º B	42	9	21,4%
3º A	36	3	8,3%
3º B	32	1	3,1%
TOTAL:	241	26	10,8%

Ocorrências de orações desgarradas (ou truncamento) por série escolar.

Fonte: dados da pesquisa.

Séries	Nº total de redações	Nº de truncamentos	Porcentagem de ocorrência de truncamentos
9º ano	82	11	13,4%
2º ano	91	11	12,1%
3º ano	68	4	5,9%
TOTAL:	241	26	10,8%

Ocorrências de orações desgarradas (ou truncamento) por turmas.

Fonte: dados da pesquisa.

Apesar da baixa ocorrência de casos de desgarramento de orações (ou truncamentos), é possível observar uma tendência à diminuição de uso dessa construção sintática à medida que os alunos chegam ao 3º ano do ensino médio, por já terem mais contato com a escrita desse gênero textual e, muito provavelmente, por terem passado, ao longo de suas formações escolares, por intervenções de professores e/ou avaliadores (de cursinhos, por exemplo) que impedem a utilização dessa construção sintática em redações.

A análise do contexto sintático mostra a ocorrência desse fenômeno em orações hipotáticas adverbiais causais, finais, reduzidas de gerúndio e apositivas. Também foram observadas ocorrências de quebras sintáticas, isto é, sentenças em que a separação das orações acarretou uma quebra de sentido, gerando uma perda semântica. A imagem “Contextos sintáticos favoráveis à aparição das orações desgarradas (ou truncamento)”, a seguir, apresenta a relação entre os casos de truncamento e o contexto sintático:

Contexto Sintático	Ocorrências	Porcentagem
Reduzidas de Gerúndio	9	34,62%
Adverbial Causal	5	19,23%
Adverbial Final	5	19,23%
Quebras Sintáticas	4	15,38%
Apositivas	3	11,54%
TOTAL:	26	100,00%

Contextos sintáticos favoráveis à aparição das orações desgarradas (ou truncamento).

Fonte: dados da pesquisa.

Nota-se que o contexto sintático que mais favoreceu a aparição do truncamento foi o de orações reduzidas de gerúndio, representando mais de 34% das ocorrências totais. O contexto das orações adverbiais é mais favorecedor do que o das orações apositivas. Além disso, o fenômeno da quebra sintática representa apenas 15,38% das aparições, enquanto as estruturas hipotáticas, aquelas que possibilitam o desgarramento, representam 84,62%. Isso comprova que o conceito de truncamento não é efetivo para penalizar quebras sintáticas, pelo contrário, acaba por penalizar, injustamente, alunos que optam por reproduzir adequadamente as orações desgarradas.

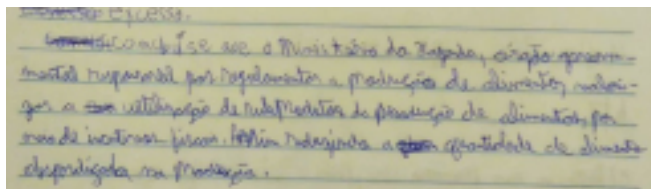
A seguir, na imagem “Relação entre o contexto sintático de orações desgarradas por ano escolar”, apresentamos os resultados da análise de correlação entre o contexto sintático das orações desgarradas e o fator extralinguístico do ano escolar.

Série	Causal	Final	R. de Gerúndio	Apositivas	Quebras Sintáticas	Total	Porcentagem
9º ano	2	2	4	1	3	12	46,15%
2º ano	0	2	4	2	2	10	38,46%
3º ano	3	1	0	0	0	4	15,38%
TOTAL:	5	5	8	3	5	26	100%

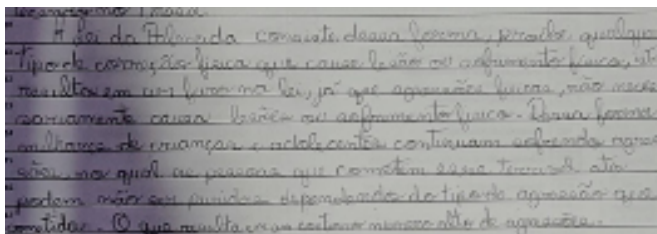
Relação entre o contexto sintático de orações desgarradas por ano escolar.

Como pode ser observado pela tabela “Relação entre o contexto sintático de orações desgarradas por ano escolar”, ao longo do percurso escolar, a ocorrência da quebra sintática diminui, não possuindo registros no 3º ano do ensino médio. Esse dado pode ser uma evidência de que os alunos dominam os conceitos de dependência sintática, típicos da gramática normativa-tradicional, e aderem ao uso das orações desgarradas por uma questão de estilo.

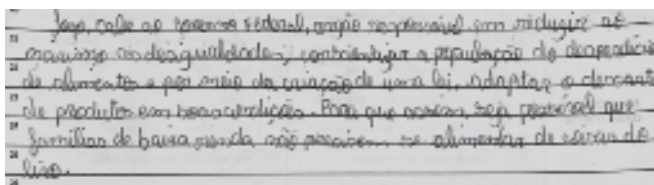
As conjunções mais recorrentes em nosso *corpus* foram: “o que”, “para que”, “assim” e “por meio de”. As imagens a seguir exemplificam os dados que compõem nossa pesquisa:



Transcrição: “Concluí-se que o Ministério da Fazenda, órgão governamental responsável por regulamentar a produção de alimentos, valorizar a utilização de subprodutos da produção de alimentos, por meio de incentivos fiscais. *Assim reduzindo a quantidade de alimentos desperdiçados na produção*”.



Transcrição: “A Lei da Palmada consiste dessa forma, proíbe qualquer tipo de correção física que cause lesão ou sofrimento físico, isto resulta em um furo na lei, já que agressões físicas, não necessariamente causa lesões ou sofrimento físico. Dessa forma milhares de crianças e adolescentes continuam sofrendo agressões, no qual as pessoas que cometem esse terrível ato podem não ser punidas dependendo do tipo de agressão que cometida. *O que resulta em um continuo número alto de agressões*”.



Transcrição: “Logo, cabe ao Governo Federal, órgão responsável em reduzir ao máximo as desigualdades, conscientizar a população do desperdício de alimentos e por meio de criação de uma lei, adaptar o descarte de produtos em boas condições. *Para que assim seja possível que famílias de baixa renda não precisem se alimentar de coisas do lixo*”.

Por fim, gostaríamos de retomar o exemplo de truncamento presente no manual de correção:

[...] há um truncamento em “Além disso, as crianças também se tornaram alvos dessa manipulação. Deixando a infância de lado para usarem aplicativos, que de muitas vezes perigosos e não adequado para menores. Tendo em vista, que na maioria das vezes tem usuários querendo se aproveitar das crianças”. As orações subordinadas iniciadas por gerúndio “Deixando a infância de lado para usarem aplicativos [...]” e “Tendo em vista, que na maioria das vezes tem usuários [...]” encontram-se isoladas, constituindo períodos que foram separados da oração principal “[...] as crianças também se tornaram alvos dessa manipulação”²⁶.

Ambos exemplos de truncamentos apresentados, “Deixando a infância de lado para usarem aplicativos [...]” e “Tendo em vista, que na maioria das vezes tem usuários [...]”, são orações hipotáticas, a primeira é classificada como oração reduzida de gerúndio e a segunda, como uma adverbial causal. Segundo Silvestre, as orações desgarradas apresentam a mesma estrutura sintática daquelas subordinadas ligadas à matriz, logo, os próprios exemplos oferecidos pelo manual não são, no nosso ponto de vista, casos de quebra sintática e, sim, casos de um fenômeno previsto pela linguística, presente em textos formais e informais, orais e escritos, e que não geram nenhum tipo de incompreensão semântica²⁷.

Conclusão

Proposta de intervenção

A partir dos dados apresentados, conseguimos fundamentar nossa hipótese e compreender alguns dos fenômenos linguísticos encontrados nas redações dissertativas-argumentativas, bem como explicar os conceitos previamente estabelecidos acerca do truncamento e do desgarramento de orações.

Em primeiro lugar, pontuamos que não há quebra sintática na maioria das redações que compõem o *corpus* do nosso trabalho, colocando em questionamento a definição de truncamento proposta pelo manual de correção²⁸. Dessa forma, entendemos que as penalidades estabelecidas

²⁶ BRASIL. *Enem Redações 2019*: material de leitura, módulo 03, competência I, p. 16.

²⁷ SILVESTRE. Contributos do estudo sobre o desgarramento na língua falada para a descrição do fraseamento prosódico no português brasileiro.

²⁸ BRASIL. *Enem Redações 2019*: material de leitura, módulo 03, competência I.

por esse documento estariam negligenciando os casos em que os alunos/candidatos utilizam as orações desgarradas intencionalmente, como uma estratégia argumentativa de focalização de informações. Cabe destacar também que a utilização dessas estruturas linguísticas parece decorrer do tipo de leitura que esse público, mais jovem, tende a consumir – baseada, em muitos casos, nos romances de literatura fantástica.

A literatura voltada para o público infantojuvenil atual, principalmente as que possuem a temática de suspense, utiliza das orações desgarradas para inflamar o *pathos* de seus leitores. Acreditamos que o contato com essas produções textuais acarreta uma tentativa, por parte dos adolescentes, de reproduzir essas estruturas, mesmo que de forma inconsciente, mas é necessário executar mais pesquisas sobre o tema.

Distintivamente, classificamos como orações desgarradas as orações que não se enquadraram como quebras sintáticas. Afirmamos isso com base em uma análise dos casos selecionados e concluímos que os isolamentos sintáticos que desestruturam a construção semântica-discursiva se configuram como quebras sintáticas, e essas seriam os verdadeiros “truncamentos”, aqueles que, ao comprometer a semântica do texto, propiciam uma formação sintática insuficiente de sentido.

Em nossos dados, foi possível constatar uma correlação entre a utilização de orações desgarradas e o nível de escolaridade dos estudantes, na qual, quanto mais próximo dos anos finais da educação básica, mais o aluno tende à diminuição do uso dessas construções sintáticas, devido, provavelmente às intervenções feitas por professores ao longo de sua formação. Isso apenas confirma a hipótese de que as conceituações da gramática normativa são insuficientes para abranger a totalidade de ferramentas semântico-discursivas, assim, o Enem ainda é muito influenciado pelas normas prescritas por ela, e, dessa forma, desconsidera o arcabouço linguístico individual do estudante.

Reconhecemos que a análise das orações desgarradas, como sendo adequadas ou inadequadas às estratégias argumentativas dos textos, é um pouco subjetiva, pois como julgar que o candidato tenha feito um desgarramento intencionalmente ou não? A resposta parece depender mais da leitura daquele que avalia do que de critérios objetivos. Assim sendo, é possível que por ter um aspecto mais subjetivo e,

até certo ponto, mais estilístico, o Enem preferiu considerar tudo como “truncamento”, ou seja, como “inadequação”? Mas, até que ponto, isso não é subestimar a capacidade dos candidatos da prova? Destaca-se que é esse o questionamento que motivou a elaboração desta pesquisa. Outras pesquisas linguísticas se tornam necessárias para investigar o valor discursivo das locuções conjuntivas e demonstrar, com mais precisão, o que diferencia um uso “bem-sucedido” de um uso “malsucedido” das orações desgarradas.

Dessa forma, acreditamos que o conceito de truncamento proposto pelo Enem deve ser redefinido de forma a excluir as ocorrências de orações desgarradas das penalidades. Apenas a quebra sintática, que compromete a estrutura sintática, semântica e discursiva das redações, justifica punição, cabendo unicamente a esse fenômeno a designação de truncamento sintático.

Referências

- BASTOS, Karine Oliveira. Hipotáticas circunstanciais em produções textuais da escola: certo ou errado, professora? In: RODRIGUES, Violeta Virginia (Org.). *Desgarramento de cláusulas em português: usos e descrição*. São Paulo: Blucher, 2019.
- BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). *A redação no Enem 2019: cartilha do participante*. Brasília, 2019.
- BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). *Enem Redações 2019: material de leitura, módulo 03, competência 1*. Brasília, 2019.
- BRASIL. *Nomenclatura Gramatical Brasileira*. Rio de Janeiro: 28 jan. 1959.
- DECAT, Maria Beatriz Nascimento. *Estruturas desgarradas em língua portuguesa*. Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2011.
- DECAT, Maria Beatriz Nascimento. Por uma abordagem da (in)dependência de cláusulas à luz da noção de “unidade informacional”. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 2, n. 4, 1999.
- DUARTE, Maria Eugênia Lammoglia. Para uma nova descrição da sintaxe do “português padrão”. *Cadernos de Letras da UFF*, v. 25, n. 51, 13 jan. 2016.
- HAN, Jenny. *Para todos os garotos que já amei*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2009.
- HEINECK, Débora. *Aspectos morfofonológicos do truncamento no português brasileiro*. 2018. 119 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/188283/001082932.pdf?sequence=1>. Acesso em: 14 jul. 2022.
- KATO, Mary Aizawa; NASCIMENTO, Milton do. *Gramática do português culto falado no Brasil: volume III – A construção da sentença*. Campinas: Editora Unicamp, 2009.

- KENEDY, Eduardo; OTHERO, Gabriel de Ávila. *Para conhecer sintaxe*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2018.
- KENEDY, Eduardo. Rudimentos para uma nova sintaxe na NGB. *Revista do Curso de Letras da UNIBAEU, Nilópolis*, v. 1, n. 1, jan. 2010.
- PERINI, Mário. *Gramática descritiva do português*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2005.
- LIMA, Carlos Henrique da Rocha. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.
- SILVESTRE, Rachel de Carvalho Pinto Escobar. *A polifuncionalidade do conector PARA*. 2017. 119 f. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas – Língua Portuguesa) – Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2017.
- SILVESTRE, Alice Ponciano dos Santos. Contributos do estudo sobre o desgarramento na língua falada para a descrição do fraseamento prosódico no português brasileiro. *Filologia e Linguística Portuguesa*, São Paulo, v. 20, p. 71-94, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v20iEspecialp71-19>. Acesso em: 10 jul. 2022.

Trabalho de pesquisa orientado pelo Prof. Dr. Jeander Cristian da Silva, durante estágio docência na graduação da Faculdade de Letras da UFMG, no âmbito da disciplina "Sintaxe" (2022/1), na condição de doutorando em Estudos Linguísticos pelo PosLin/UFMG e bolsista CAPES/PROEX, processo nº 88887.668629/2022-00.

O uso da voz ativa em matérias jornalísticas sobre a violência contra a mulher

Ana Eliza Drumond Pires e Silva

Camila Madureira Silva

Larissa Gouveia Duarte

Introdução

A culpabilização da vítima nos inúmeros casos de violência contra a mulher vem, há muito tempo, sendo debatida em diversas áreas do conhecimento científico, tais como: Economia, Psicologia, Sociologia, Direito, entre outras. Dessa forma, a Linguística também não poderia deixar de se debruçar sobre essa questão que está presente em vários discursos e, muitas vezes, de forma sutil e estrutural. Em conferência promovida pelo canal da Abralín (Associação Brasileira de Linguística), a profa. dra. Helcira Maria Rodrigues de Lima propõe uma análise de manchetes da mídia digital que, ao divulgar esses crimes, utilizam sentenças estruturadas na voz ativa e, dessa forma, acabam, de certo modo, atribuindo o papel de agente à vítima, mesmo que de forma indireta¹.

A análise feita pela profa. Helcira Lima é fundamental, tendo em vista quão comum é que determinadas informações, contidas em discursos, sejam questionadas, uma vez que se instauram por meio do implícito/subentendido. Isso acontece porque a interpretação de um discurso é um "processo dialógico sociodiscursivo, de inferências, como trabalho de produção de sentidos"². E dentro dessas inferências há então o que Abreu denomina "tese inicial", ou seja, uma afirmação disposta de maneira a não ser questionada ou posta em discussão³. Assim, este

¹ ABRALIN. *Retórica e argumentação*.

² SILVA. Os ditos e os não ditos do discurso: Movimentos de sentido por entre implícitos da linguagem.

³ ABREU. *A arte de argumentar*: Gerenciando Razão e Emoção.

trabalho visa discutir de que forma a construção das sentenças na voz ativa acaba por responsabilizar a vítima, visto que a escolha da voz “determina a relação entre o acontecimento comunicado e seus participantes. O primeiro participante lógico, o sujeito, pode ser agente do acontecimento (voz ativa) ou objeto do acontecer (voz passiva) [...]”⁴. Dessa forma, o objetivo desta pesquisa é compreender como a construção sintática de alguns enunciados encontrados em mídias digitais pode levar alguns leitores a inferirem que o agressor não foi totalmente culpado ou que a responsabilidade, de certo modo, é da vítima.

A metodologia de pesquisa deste trabalho é de cunho bibliográfico-documental, a partir de uma perspectiva qualitativa. Isso se deve à análise dos levantamentos bibliográficos, que constituem a base teórica, quanto aos conceitos de voz passiva e ativa, implícito e subentendido, além dos recortes feitos de três manchetes de jornais, retiradas do *Portal 6* e *G1*⁵, que apresentam o uso da voz ativa para retratar a violência contra a mulher. Dessa forma, serão, primeiramente, estabelecidas as definições básicas a partir do referencial teórico, para depois tratar da formação do fenômeno sintático em questão, assim como o seu efeito, e, por fim, estudar-se-á o impacto causado por essas estruturas e como contribuem para a permanência de um machismo estrutural na sociedade.

Este artigo se dispõe da seguinte maneira: na segunda seção é apresentada a base teórica da pesquisa, em que serão esclarecidos os conceitos de voz passiva e ativa, e subentendido/implícito utilizados nesta pesquisa; a terceira seção apresenta a metodologia adotada; na quarta seção, há a análise de três manchetes selecionadas e, finalmente, há, na quinta seção, a conclusão. Nesse sentido, vale ressaltar que nos propomos a priorizar a importância de uma análise discursiva e de uma construção sintática consciente por parte dos grandes veículos, que carregam em si a responsabilidade de uma narração justa dos fatos com o fim de informar a população.

⁴ BECHARA. *Moderna gramática portuguesa*, p. 213.

⁵ HARA. Mulher morre esfaqueada pelo ex-marido após almoço de família; G1. Mulher morre estrangulada pelo marido em Marília; G1. Mulher morre estrangulada pelo marido e corpo é encontrado pelo filho de 10 anos no ES.

Base teórica

A violência contra mulher sob o ponto de vista da esfera jornalística

Ao se discutir a veiculação de notícias/informações é inescapável apontar, também, a fundamental função que a linguagem e, mais especificamente, suas estruturas, exercem. Nesse sentido, para a análise aqui proposta focaremos na formação sintática dos enunciados, assim como na natureza de seus constituintes. Como a unidade mínima de análise é a palavra e a máxima é a frase, os constituintes (ou sintagmas) são, segundo Kenedy e Othero, os componentes intermediários de estudo sintáticos; uma vez que “não são as palavras, isoladas, que desempenham as funções sintáticas em uma frase. Em via de regra são os sintagmas [...] que desempenham tais funções”⁶. Portanto, destacaremos aqui o modo como esses constituintes são usados pelas mídias jornalísticas em casos de violência contra as mulheres e como eles corroboram a culpabilização da vítima.

Com o alarmante número de casos de feminicídio, não é surpresa que casos de violência contra a mulher ocupem capas e longas páginas de jornais. A forma como as notícias desse tipo de crime são veiculadas na mídia cumpre com o papel de chamar a atenção do leitor para, antes de informá-lo sobre os casos, vendê-las. Assim, a linguagem é usada como instrumento para atrair o olhar daquele que se depara com o título tendencioso, o faz cair em *clickbait*s e acessar o site que publica a notícia, uma vez que aguça sua curiosidade e seu senso de informação. De acordo com Flores e Rosa:

A visibilidade midiática tornou-se, assim, de extrema importância na vida cotidiana, conduzindo-nos a (re)produzir sentidos por meio de aparatos simbólicos que nos são propostos e, muitas vezes, impostos, mesmo sem nosso conhecimento prático ou consentimento imediato⁷.

⁶ KENEDY; OTHERO. *Para conhecer: sintaxe*, p. 4.

⁷ FLORES; ROSA. Um corpo duplamente esfacelado: (in)visibilidade das vítimas de feminicídio em manchetes de jornal, p. 152.

Estamos expostos a uma expressiva quantidade de informações e as estratégias para engajá-las incluem não apenas o uso de imagens, mas também a construção linguística. Falar sobre o uso da linguagem midiática em notícias que envolvam violência contra mulher faz refletir sobre um cenário no qual o machismo estrutural se mantém sólido, ao passo que remonta a uma forma de interpretação que coloca a vítima como responsável e atenua a culpa do autor do crime. Isso porque o papel de venda e o interesse comercial do noticiário perpassa pelo uso desse implícito para deixar as notícias mais atrativas e que reafirmem as expectativas do consumidor, uma vez que, justamente por se tratar do subentendido, o trabalho de responsabilização da mulher pela violência é feito a partir da estrutura linguística em conjunto do imaginário do leitor. Um exemplo desses casos é apresentado em uma pesquisa feita pelo Instituto Patrícia Galvão, que levantou ocorrências como as da estudante da UnB Louise Ribeiro, em que matérias sobre o feminicídio romantizavam o crime sem ao menos relatarem a motivação do assassinato:

Foram coletadas 82 notícias sobre o assassinato. Em 7 (sete) textos era mencionado que a motivação do crime, declarada pelo autor, fora a negativa da jovem em estabelecer um relacionamento com ele. Em uma das matérias o crime era atribuído a “transtorno mental” do autor⁸.

Além disso, a influência exercida pela linguagem midiática pode parecer tão sutil que mal é percebida. Outro exemplo coletado pela mesma pesquisa do instituto é o uso de títulos que remetem a supostos sentimentos como motivação para os crimes. Manchetes como “Ciúme é uma das principais causas de crimes contra mulheres”, “Uberlândia teve 7 mulheres mortas por motivação passional em 2015” e “Veja quando o ciúme transforma casos de amor em tragédias” endossam o feminicídio e retiram parte criminosa da motivação dos casos⁹. Logo, é possível perceber como a construção textual é capaz de desencadear ações e

⁸ INSTITUTO PATRÍCIA GALVÃO. *Imprensa e direitos das mulheres: papel social e desafios da cobertura sobre feminicídio e violência sexual*, p. 19.

⁹ INSTITUTO PATRÍCIA GALVÃO. *Imprensa e direitos das mulheres: papel social e desafios da cobertura sobre feminicídio e violência sexual*, p. 23.

sentimentos no leitor. Quando bem articulado, o enunciado tem a capacidade de causar efeito naquele que lê, e segundo Payer:

Há toda uma retórica do convencimento que os indivíduos procuram cada vez mais seguir, como modelo, a fim de “passar a sua mensagem”. Dessa performance faz parte um modo de enunciação certo e firme, sem indecisões, tropeços, sem reticências ou rupturas sintáticas. Em suma: um modo de *enunciação determinado*, que produza efeitos de certeza¹⁰.

Partindo desse pressuposto, a mídia tem capacidade de persuadir e convencer, podendo, ademais, exercer tamanha influência que a permita adentrar no sistema de justiça. Portanto, podemos concluir a partir disso que a linguagem empregada em meios midiáticos, como jornais, desempenha um papel de grande importância. É possível concluir também que tal linguagem é usada de modo a corroborar a manutenção de um sistema machista podendo, conseqüentemente, colaborar com a continuidade da violência contra a mulher, uma vez que suavizam o crime e atenuam a responsabilidade do autor.

O implícito e o subentendido

Charaudeau, em seu livro *Linguagem e discurso: modos de organização*, propõe que o ato de linguagem é “um conjunto de atos significadores que falam o mundo através das condições da própria instância de sua transmissão”¹¹. Desse modo, uma vez estabelecida a metalinguagem, resta às subcamadas do discurso definir os formatos, portanto o “como”, em que será transmitido o objeto. Um dos meios de veiculação de linguagem mundialmente conhecidos são jornais que, atualmente, propagam suas notícias principalmente pela internet e meios digitais, obtendo alcance exponencial.

Um dos métodos mais utilizados pelos noticiários para propagar certas “formações ideológicas” (FI’s), das quais o veículo compartilha, é o uso de implícitos em manchetes¹². Sendo assim, o leitor, ao acessar sites jornalísticos e se deparar com notícias que usam o emprego de implícitos, seria levado, mesmo que de forma inconsciente, a acreditar e

¹⁰ PAYER. *Linguagem e sociedade contemporânea: sujeito, mídia, mercado*, p. 12. Grifos do autor.

¹¹ CHARAUDEAU. *Linguagem e discurso: modos de organização*, p. 20.

¹² MAINGUENEAU. *Análise de textos de comunicação*.

validar a FI veiculada. Isso porque é inevitável o “fato de que o não dito precede e domina o dizer”¹³. Para melhor entendimento da afirmação, é preciso considerar que todo discurso é feito a partir de uma formação ideológica que o locutor (seu financiador) compartilha. Desse modo, é inevitável o surgimento de formações discursivas, dentro do enunciado, que endossam tal “visão de mundo”¹⁴. Nesse sentido, é possível afirmar que não existe algum discurso realmente neutro, existem discursos mais ou menos afastados da ideologia que carregam. Contudo, muitas vezes o discurso jornalístico, que deveria procurar a impessoalidade, é lido como livre de viés, o que facilita a recepção pacífica do que nele é implícito. Segundo Ducrot:

A manifestação do conteúdo implícito repousa numa espécie de astúcia do locutor. Sabendo que o destinatário vai procurar as motivações possíveis do ato de enunciação realizado, e que, se acreditar na honestidade desse ato, vai interrogar-se sobre as consequências dos fatos dos enunciados¹⁵.

Desse modo, tomando como sinônimos implícito/subentendido e como eles se apresentam no discurso, será possível nos aprofundarmos nesse conceito. Para isso, é importante primeiro diferenciá-lo do pressuposto. Segundo Maingueneau este é marcado no discurso e não pode ser negado ou questionado, além de que o locutor assume, de maneira explícita, o ponto de vista (ON) que está sendo assumido pelos co-enunciadores do discurso¹⁶. O subentendido, no entanto, pode ser negado, uma vez que “o não-dizível constitui o espaço do múltiplo, a condição do ‘vir-a-ser’ do discurso”¹⁷. Ou seja, ele não é assumido de maneira declarada pelo locutor e, ao ser apenas uma possibilidade de interpretação, é possível, se questionado, retratar-se mais facilmente.

O subentendido, então, se instaura no discurso através da “força argumentativa do enunciado e pelas marcas linguísticas, considerando que toda língua possui, em sua gramática, mecanismos que permitem

¹³ PÊCHEUX. *Delimitações, inversões, deslocamentos*, p. 291.

¹⁴ MAINGUENEAU. *Análise de textos de comunicação*.

¹⁵ DUCROT. *Princípios de semântica linguística*, p. 22.

¹⁶ MAINGUENEAU. *Análise de textos de comunicação*.

¹⁷ SILVA. Os ditos e os não ditos do discurso: movimentos de sentido por entre implícitos da linguagem, p. 43.

indicar a orientação argumentativa dos enunciados¹⁸. Assim, concluímos que essa ferramenta discursiva é constituída de elementos sintático-morfológicos que induzem o interlocutor a uma determinada interpretação, feita de forma consciente ou não. No caso deste estudo, serão analisados os implícitos gerados através do uso da voz ativa para com vítimas, não ignorando os elementos de eixo paradigmáticos que também reforçam o sentido criado e o efeito que esta escolha sintática gera no receptor do discurso.

Sujeito

Antes de adentrarmos na questão da construção de voz é preciso colocar e estabelecer uma função sintática fundamental para a análise aqui proposta: a noção de sujeito. É inegável a existência do sujeito como elemento fundamental para a formação de sentido da sentença, sendo poucas aquelas que não o exigem. Contudo, a sua definição ainda levanta muitos questionamentos entre os linguistas. Segundo Rocha Lima, o sujeito é “o termo básico da oração, ao lado do predicado, sendo o ser de que se diz algo”¹⁹. Cunha e Cintra também formulam um conceito similar: “o ser sobre o qual se faz uma declaração”²⁰. Cegalla, autor cujos conceitos serão fundamentais para este trabalho, afirma que: “Sujeito é o ser do qual se diz alguma coisa”²¹. Evanildo Bechara, por sua vez, apresenta a definição mais aceita pelos linguistas, concebendo o sujeito como o elemento sintático com o qual o verbo faz a concordância²².

Contudo, a definição acima, ainda que possa ser a mais adequada, não é aquela presente no imaginário popular. Ou seja, ao ler/ouvir uma enunciação, o interlocutor, na maioria das vezes, não pensa no sujeito como o substantivo com que o verbo concorda. O conceito de sujeito instaurado na mentalidade popular, sobretudo devido ao ensino da gramática tradicional e normativa na educação básica, é o proposto por Rocha Lima, Cunha e Cintra e Cegalla, aliado, principalmente, à concepção de

¹⁸ KOCH. *A inter-ação pela linguagem*.

¹⁹ LIMA. *Gramática normativa da língua portuguesa*, p. 288.

²⁰ CUNHA; CINTRA. *Breve gramática do português contemporâneo*, p. 136.

²¹ CEGALLA. *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa*, p. 324.

²² BECHARA. *Moderna gramática portuguesa*.

Santos: “o elemento que pratica ou recebe a ação expressa pelo verbo”²³. Desse modo, o sujeito, na concepção popular, acaba sendo reduzido ao papel de agente e paciente apenas (agente na voz ativa e paciente na voz passiva – como será melhor discutido no próximo tópico).

Essa concepção é ainda reforçada ao se considerar os conceitos de sujeito agente e sujeito paciente estabelecidos pela gramática tradicional. Ao analisar-se a *Novíssima gramática da língua portuguesa*, de Cegalla, é possível encontrar três sujeitos associados a papéis temáticos. Estes, sujeito agente, sujeito paciente e sujeito agente-paciente, localizam-se na mesma seção dos tipos de sujeitos (tais como simples, composto, oculto etc.). Segundo o autor, sujeito agente seria aquele que “faz a ação expressa pelo verbo da voz ativa”, enquanto o sujeito paciente ocorre “quando sofre ou recebe os efeitos da ação expressa pelo verbo passivo”²⁴. Por último, o sujeito agente-paciente está, de acordo com o gramático, mais ligado aos verbos reflexivos: “quando o sujeito faz a ação expressa por um verbo reflexivo e ele mesmo sofre ou recebe os efeitos dessa ação”²⁵. É importante aqui ressaltar como essa ênfase dada pela gramática tradicional a essas relações de sujeito e papel temático acabam criando o juízo de que o sujeito deve assumir, obrigatoriamente, um desses papéis de acordo com a construção sintática da oração.

Neste trabalho, importam-nos os dois primeiros conceitos, sujeito agente e sujeito paciente, por estarem diretamente ligados às vozes ativa e passiva, respectivamente. Desse modo, vale ressaltar como, segundo a gramática do Cegalla, o simples uso do verbo na voz ativa já implica na atribuição do papel temático agente, sem analisar os outros princípios semânticos que constituem a oração. É interessante, também, analisar como o autor usa frases envolvendo mortes de causas não acidentais ou naturais para exemplificar o sujeito paciente, sendo um de seus exemplos: “Muitos sertanistas foram mortos pelos índios”²⁶. Ou seja, já é de certa forma canonizado pelos falantes da língua portuguesa que o sujeito não é responsável pela ação quando a oração é construída na voz passiva.

²³ SANTOS. *Aprenda análise sintática*, p. 16.

²⁴ CEGALLA. *Novíssima gramática da língua portuguesa*, p. 325.

²⁵ CEGALLA. *Novíssima gramática da língua portuguesa*, p. 325.

²⁶ CEGALLA. *Novíssima gramática da língua portuguesa*, p. 325.

Apesar da ciência de que a linguística procura fugir dessa definição limitada, que por sua vez não dá conta de responder ou explicar todas as questões que acabam por envolver o sujeito, será nela que iremos nos basear para este trabalho. Isso porque este artigo tem o objetivo de analisar os enunciados destrinchando a leitura que os seus consumidores fazem a fim de justificar suas conclusões sobre os casos lidos. Desse modo é preciso, antes, lidar com as concepções dentro deste contexto.

Voz ativa, voz passiva e papel temático

Como pontuado no tópico acima nos limitaremos a lidar com os conceitos gramaticais tradicionais, sobretudo aqueles que são canonizados na educação e ensino brasileiro, mesmo que esses sejam passíveis de crítica quanto à sua aplicabilidade na linguística e na própria área de aprendizagem. Nesse sentido, trataremos aqui da voz ativa e passiva de acordo com a descrição do livro de ensino médio *Português linguagens*, de Cereja e Magalhães:

A voz do verbo indica o tipo de relação que o sujeito mantém com o verbo. [...]:

Ativa: o sujeito pratica a ação verbal e, por isso, é um sujeito agente: 'A imobiliária do meu tio alugou todas as casas velhas da vila.' (sujeito agente + ação verbal)

Passiva: o sujeito sofre a ação expressa pelo verbo e, por isso, é um sujeito paciente²⁷.

É evidente que tal concepção carrega inúmeras inconsistências do ponto de vista linguístico, uma vez que é

uma visão meramente estrutural de acordo com a sintaxe da língua, não fazendo nenhum tipo de observação a respeito do sentido da frase e não menciona que ocorre a ausência do agente da passiva na voz passiva sintética²⁸.

Contudo, por esta análise se tratar de narrativas de violência, nas quais obviamente é necessário que haja um agressor e um agredido, tal pressuposto da concepção de voz, assim como o fato dela ser limitada aos papéis temáticos de agente e paciente, é suficiente.

²⁷ CEREJA; MAGALHÃES. *Português linguagens*. Grifos nossos.

²⁸ FERREIRA. A insuficiência semântica nos conceitos das vozes verbais: um estudo segundo o enfoque de Bernard Pottier.

Desse modo, vale, então, que nos aprofundemos nas concepções de papéis temáticos, sobretudo no caso do agente e do paciente. Segundo a professora doutora Márcia Cançado, os papéis temáticos são uma determinada função semântica que os sintagmas nominais argumentos internos ou externos do verbo, assumem em um enunciado²⁹. Mais especificamente, eles são criados a partir da relação de sentido entre o verbo e os seus sujeitos/complementos, estabelecendo uma relação de sentido com seu sujeito e seus complementos, atribuindo-lhes funções, um papel para cada argumento³⁰. É importante, também, pontuar que sendo essas relações entre verbo e seus argumentos das mais diversas, isso implica na realização da diversificação desses papéis.

Logo, a partir desse conceito, fica claro o porquê, neste estudo, destacaremos os papéis temáticos de agente e paciente. De acordo com Cançado, o agente seria: "o desencadeador de alguma ação, capaz de agir com controle"³¹. Essa definição assume outro peso quando se considera que, no imaginário popular, o sujeito na voz ativa é atribuído ao papel temático de agente, já que nos enunciados jornalísticos ao colocar a mulher como sujeito na voz ativa cultiva-se a ideia de que ela, de alguma forma, desencadeou a ação ou tinha controle sobre o ocorrido. O inverso pode ser observado ao tratar-se do paciente, pois este é: "a entidade que sofre o efeito de alguma ação, havendo mudança de estado"³². Isso revela de maneira clara como a retratação dos casos de violência contra a mulher é feita de maneira a escolher uma construção sintática que a apresente como vítima ou como responsável e, infelizmente, muitas vezes é optado pela segunda opção.

Metodologia

O presente trabalho propõe investigar dados coletados de forma crítica acerca da análise sintática e discursiva envolvendo títulos que utilizam voz ativa, especificamente em matérias sobre violência contra a mulher e feminicídio. Portanto, o *corpus* é composto por manchetes dos jornais

²⁹ CANÇADO. *Manual de semântica: noções básicas e exercícios*.

³⁰ CANÇADO. *Manual de semântica: noções básicas e exercícios*, p. 110.

³¹ CANÇADO. *Manual de semântica: noções básicas e exercícios*, p. 111.

³² CANÇADO. *Manual de semântica: noções básicas e exercícios*, p. 111.

online *Portal 6* e *G1*³³, coletadas em 10 de julho de 2022; além da redação da base teórica sobre o assunto abordado.

Primeiramente, foi necessário para as análises fazer uma breve discussão sobre os conceitos de subentendido e implícito, sujeito e vozes ativa e passiva para, só então, uma posterior identificação e observação das estruturas encontradas nas manchetes.

Em um segundo momento, foi feita uma coleta de dados com a ferramenta de busca e pesquisa do Google para a filtragem de matérias de jornais, manchetes, artigos e demais materiais em formato textual digital que continham notícias em que existisse, primordialmente, a ocorrência do uso de voz ativa em manchetes sobre feminicídio e violência contra a mulher.

Após o levantamento do *corpus*, foi feita uma leitura do conteúdo para observar em quais contextos e para quais fins a voz ativa era empregada. Com o decorrer das análises também foi necessário observar quais subentendidos e implícitos eram produzidos pelo uso da voz ativa e como geram uma interpretação equivocada em relação ao agente da ação.

Assim sendo, a pesquisa possui caráter bibliográfico-documental, de natureza descritiva e explicativa, já que pretende selecionar, recortar, descrever e analisar os dados encontrados no meio midiático, em particular em manchetes de jornais, com o embasamento teórico adequado. Além disso, a pesquisa também possui metodologia exploratória e descritiva, visto que visa descrever os fenômenos sintáticos encontrados a partir do levantamento de exemplos, e usa bibliografia para análise. Desse modo, os conceitos básicos usados para essa pesquisa serão de acordo com as obras que compõem o referencial teórico deste artigo, sendo elas: Silva, Bechara, Flores e Rosa, Charaudeau, Pêcheux, Ducrot, Koch e Rocha Lima³⁴.

³³ HARA. Mulher morre esfaqueada pelo ex-marido após almoço de família; *G1*. Mulher morre estrangulada pelo marido em Marília; *G1*. Mulher morre estrangulada pelo marido e corpo é encontrado pelo filho de 10 anos no ES.

³⁴ SILVA. Os ditos e os não ditos do discurso: movimentos de sentido por entre implícitos da linguagem; BECHARA. *Moderna gramática portuguesa*; FLORES; ROSA. Um corpo duplamente esfacelado: (in)visibilidade das vítimas de feminicídio em manchetes de jornal; CHARAUDEAU. *Linguagem e discurso: modos de organização*; PÊCHEUX. Delimitações, inversões, deslocamentos; DUCROT. *Princípios de semântica linguística*; KOCH. *A inter-ação pela linguagem*; LIMA. *Gramática normativa da língua portuguesa*.

As análises a seguir foram feitas de maneira a explicitar o emprego da voz ativa em manchetes jornalísticas sobre violência contra a mulher e como essas estruturas propagam uma alteração de sentido que faz com que o machismo se apresente, mesmo que de forma implícita, no cotidiano da língua portuguesa.

Análise de dados

É indubitável que as manchetes veiculadas pela mídia são capazes de criar impacto naqueles que as leem, dessa forma, é preciso pensá-las e estruturá-las da maneira correta, mostrando a verdadeira motivação dos fatos desde a primeira linha que compõe seu título. Pensando nessa perspectiva, as análises a seguir propõem observar as ocorrências em que a construção sintática dos enunciados, principalmente o uso da voz ativa em manchetes de jornais, num recorte feito sob as manchetes sobre feminicídio, causam suavização e até mesmo culpabilização da vítima.

Feminicídios são crimes cada vez mais noticiados no Brasil. Em 2020, em meio ao isolamento da pandemia, a taxa de feminicídios registrada no Brasil era de um caso a cada seis horas e meia, segundo pesquisa feita pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, número exorbitante. Assim sendo, a mídia cumpre o papel de noticiar grande parte desses casos e fica a seu cargo produzir as manchetes que apresentam matérias tão sensíveis.

Primeiramente, há de se notar, como já foi introduzido anteriormente, o uso recorrente da voz ativa no meio midiático na veiculação de matérias sobre tais crimes, como mostram as figuras “Mulher morre esfaqueada pelo ex-marido após almoço de família”, “Mulher morre estrangulada pelo marido e corpo é encontrado por filho de 10 anos no ES” e “Mulher morre estrangulada pelo marido em Marília”.





A ideia de “morre” nas orações que compõem as manchetes fazem, de certa forma, o crime ficar subentendido, ou à margem da causa: o assassinato/femicídio. Como já pontuado, a construção sintática na voz ativa faz com que se associe o sujeito automaticamente ao papel temático de agente, e como foi conceituado pela profa. Márcia Cançado, o agente é aquele que gera a ação e possui algum tipo de controle sobre ela³⁵. Isso evidencia quão problemáticas são as estruturas dos três períodos acima. Nos exemplos recolhidos, o agressor e a forma como ocorreu o assassinato são reportados através de complementos da oração, colocando-os em segundo plano e, por conseguinte, minimizando-os. Ainda que sejam registradas informações que tornam evidente que se trata de um crime e não apenas uma morte, o papel temático de agente atribuído ao assassinato deixa implícita a ideia de que a mulher possuía algum tipo de “controle” sobre a situação e que, de alguma forma, ela foi responsável pelo ocorrido. Contudo, por ter sido atribuído a ela o papel temático de agente, ainda é deixado implícito a ideia de que ela possuía algum tipo de controle sobre a situação e que de alguma forma ela teve responsabilidade no incidente.

Desse modo, pode-se depreender que, apesar de se referirem a ex-marido e maridos, respectivamente, nas manchetes em questão, o foco do título mantém o fato de que as mulheres assassinadas são colocadas como causantes e não o contrário, como se espera que ocorra. Como foi pontuado acima, as gramáticas tradicionais, bem como o ensino básico, atribuem o sujeito, quando na voz ativa, ao executor da ação. É possível observar, então, que nas manchetes acima, ao estruturar o enunciado na voz ativa, posicionando a mulher como sujeito da oração, implica-se que ela, de alguma forma, foi a principal autora de sua morte. Além disso, na

³⁵ CANÇADO. *Manual de semântica: noções básicas e exercícios*.

figura “Mulher morre esfaqueada pelo ex-marido após almoço de família”, o fato de existir o complemento de “após almoço de família” torna o enunciado superficial e vago, banalizando o que é retratado na oração principal ao associar um fato cotidiano e ordinário a um crime hediondo.

Nas manchetes apresentadas nas figuras “Mulher morre estrangulada pelo marido e corpo é encontrado por filho de 10 anos no ES” e “Mulher morre estrangulada pelo marido em Marília”, por sua vez, não é diferente. Nos dois casos, igualmente, o crime de estrangulamento se dá de maneira a parecer um ato cometido pela própria vítima, mesmo quando na sequência o marido é citado como autor do assassinato. Como proposto por Silva, “Quando se trata do não-dito, do implícito do discurso, coloca-se em questão a sua incompletude, lembrando que todo discurso é uma relação com a falta [...]”³⁶; a não conclusão da proposição inicial que é colocada em foco, vem a modificar o resultado do discurso, transformando, no exemplo em análise, a vítima em responsável. Ainda segundo Silva:

[...] entre o dizível e o não-dizível, dá-se a produção do sentido; que tanto o sujeito como os sentidos de seus discursos, o dito e o não-dito são determinados pelas formações discursivas, as quais operam através dos saberes constituídos na memória do dizer³⁷.

Logo, a lacuna proporcionada pelo dito e não-dito é responsável por fazer com que o receptor entenda o sentido do enunciado a partir de seus próprios saberes, suposições e, assim, formule suas conclusões baseando-se na formação discursiva em questão.

Além disso, precisamos retomar o que já foi mencionado anteriormente no que diz respeito à capacidade de questionamento do implícito/subentendido que fica não-dito no enunciado. Nesse tipo de manchete as informações ficam vagas e acabam por gerar possibilidades de interpretação, confundindo o leitor, como pontua Silva: “O implícito, que é aprendido por inferências, atravessa as palavras e as imagens,

³⁶ SILVA. Os ditos e os não ditos do discurso: movimentos de sentido por entre implícitos da linguagem, p. 41.

³⁷ SILVA. Os ditos e os não ditos do discurso: movimentos de sentido por entre implícitos da linguagem, p. 43.

deixando sempre em aberto possibilidades para outras leituras”³⁸. Também nas figuras “Mulher morre estrangulada pelo marido e corpo é encontrado por filho de 10 anos no ES” e “Mulher morre estrangulada pelo marido em Marília”, a palavra “morre” não associada a real causa e autoria da tragédia pode ser associada a inúmeras outras razões, por exemplo, causas naturais. Desse modo, mais uma vez, diminui-se a gravidade e banaliza-se a ação do agressor antes mesmo de relatar as circunstâncias da morte.

Portanto, a partir da noção de implícitos e da análise dos exemplos acima, podemos concluir que o uso da voz ativa, quando empregado em manchetes sobre violência contra a mulher, produz ambiguidade de sentido e banaliza a forma como os crimes realmente ocorreram. Afinal, nas notícias recolhidas a mulher não “morre”, simplesmente: ela “é morta” por alguém. Assim, é necessário explicitar o agente de maneira clara nas publicações, não deixando espaço para conclusões equivocadas que podem ser tomadas a partir da interpretação. Logo, observamos que os veículos midiáticos, ao invés de noticiarem as tragédias imparcialmente, contribuem para uma culpabilização da vítima pela forma como o enunciado é empregado a partir do uso da voz ativa, fazendo assim com que o cenário de machismo estrutural da atualidade se mantenha vivo e cada vez mais enraizado e persistente na sociedade.

Conclusão

Em um primeiro momento, o presente trabalho se propôs a definir os conceitos básicos e necessários para uma análise posterior, com um enfoque na questão da violência contra a mulher, ferramentas de análise do discurso como implícito/subentendido, além da definição de sujeito, voz ativa e papéis temáticos. Após a conceituação e referencial teórico como base das análises, foram feitos os recortes acerca do tema proposto. As manchetes de jornal identificadas com o uso da voz ativa que gerassem culpabilização da vítima e subentendidos em sua estrutura

³⁸ SILVA. Os ditos e os não ditos do discurso: movimentos de sentido por entre implícitos da linguagem, p. 47.

foram selecionadas e recortadas para a verificação da problemática encontrada nesse fenômeno.

Assim, é impossível concluir esse trabalho sem discutir o quão fundamental a construção sintática é para a instituição de sentido de um enunciado. Muito se é discutido sobre o conteúdo semântico em que um fato é veiculado, mas, infelizmente, não se reflete igualmente sobre a sua estrutura de veiculação. Isso, como notado na análise acima, acaba permitindo a transmissão de conteúdos implícitos que podem ser nocivos. Desse modo, buscamos neste artigo exemplificar como a composição sintática é, sim, imprescindível para a produção de conteúdo semântico/pragmático, assim como evidenciar como o machismo estrutural se estabelece de forma, muitas vezes, velada no discurso midiático.

É impossível, claro, ignorar que os conteúdos transmitidos pelos veículos midiáticos estão em um contexto de mercado e de venda. Logo, a forma de transmissão será pensada não só de acordo com o viés do próprio veículo, como também de acordo com aquilo que será melhor aceito, conseqüentemente mais consumido pelo público. Com isso em mente, esse trabalho propõe, mais do que ressaltar a responsabilidade que a mídia possui para com as transmissões de informação, destacar a importância do conhecimento das estruturas sintáticas da língua para que os falantes possam ter um pensamento crítico, e mais justo, diante desses enunciados.

Nesse sentido, a partir das análises feitas podemos chegar, mesmo que superficialmente, a ver como as concepções insuficientes atribuídas ao sujeito, bem como a voz ativa e a passiva, estabelecidas pela gramática tradicional e reforçadas pelo ensino básico, são extremamente significativas na interpretação de um discurso. Incentiva-se, inclusive, a feitura de futuras pesquisas, constituídas de *corpus* mais robustos para uma discussão mais profunda quanto à questão. A falta de reflexão e de reforma desses conceitos acarretam uma limitação que muitas vezes não abarca sua realidade no uso da língua portuguesa, podendo, mais ainda, implicar na inferência de subentendidos como observamos nas investigações aqui realizadas.

Referências

- ABREU, Antônio Suárez. *A arte de argumentar: gerenciando razão e emoção*. 8. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.
- AGÊNCIA ESTADO. Brasil registra um caso de feminicídio a cada 6 horas e meia. *Correio Braziliense*. 15 jul. 2021. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2021/07/4937873-brasil-registra-um-caso-de-feminicidio-a-cada-6-horas-e-meia.html>. Acesso em: 10 jul. 2022.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.
- CANÇADO, Márcia. *Manual de semântica: noções básicas e exercícios*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. São Paulo: Nacional, 2008.
- CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. *Português linguagens*. 2. ed. São Paulo: Atual, 2005.
- CHARAUDEAU, Patrick. *Linguagem e discurso: modos de organização*. São Paulo: Contexto, 2014. p. 256.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Breve gramática do português contemporâneo*. Lisboa: João Sá da Costa, 1999.
- DUCROT, Oswald. *Princípios de semântica linguística*. São Paulo: Editora Cultrix, 1977.
- FERREIRA, Michelle de Chiara. A insuficiência semântica nos conceitos das vozes verbais: um estudo segundo o enfoque de Bernard Pottier. *Ave Palavra*, n. 18, dez. 2014.
- G1 BAURU E MARÍLIA. Mulher morre estrangulada pelo marido em Marília. *G1*. 13 out. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/bauru-marilia/noticia/2021/10/13/mulher-morre-estrangulada-em-marilia.ghtml>. Acesso em: 10 jul. 2022.
- G1 ES. Mulher morre estrangulada pelo marido e corpo é encontrado pelo filho de 10 anos no ES. *G1*. 19 mar. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/es/espirito-santo/noticia/2022/03/19/mulher-morre-estrangulada-pelo-marido-e-corpo-e-encontrado-por-filho-de-10-anos-no-es.ghtml>. Acesso em: 10 jul. 2022.
- HARA, Pedro. Mulher morre esfaqueada pelo ex-marido após almoço de família. *Portal 6*. 20 jun. 2022. Disponível em: <https://portal6.com.br/2022/06/20/mulher-morre-esfaqueada-pelo-ex-marido-apos-almoco-de-familia/>. Acesso em: 10 jul. 2022.
- INSTITUTO PATRICIA GALVÃO. *O poder da mídia e a responsabilidade social da imprensa*. Disponível em: <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/feminicidio/capitulos/qual-o-papel-da-imprensa/>. Acesso em: 23 jun. 2022.
- INSTITUTO PATRICIA GALVÃO. *Imprensa e direitos das mulheres: Papel social e desafios da cobertura sobre feminicídio e violência sexual*. Disponível em: https://assets-institucional-ipg.sfo2.cdn.digitaloceanspaces.com/2019/12/IPG_RelatorioMonitoramentoCoberturaFeminicidioViolenciaSexual2019.pdf. Acesso em: 23 jun. 2022.
- KENEDY, Eduardo; OTHERO, Gabriel de Ávila. *Para conhecer: sintaxe*. São Paulo: Contexto, 2018.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *A inter-ação pela linguagem*. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2003.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. Tradução de Cecília Pérez de Souza e Silva e Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2001. 238 p.

PAYER, Maria Onice. Linguagem e sociedade contemporânea: sujeito, mídia, mercado. *RUA*, Campinas, v. 11, n. 1, p. 9-25, 2015.

PÊCHEUX, Michel. Delimitações, inversões, deslocamentos. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, n. 19, p. 7-24, 1990.

LIMA, Carlos Henrique Rocha. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.

RETÓRICA e Argumentação: Nova retórica, problematologia e argumentação. [S. l.]: Abralin, 2021. (2h 52 min. 45s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=df2hWcOTyDc&t=6067s>. Acesso em: 20 jun. 2022.

ROSA, Marluza da; FLORES, Isadora Gomes. Um corpo duplamente esfacelado: (in)visibilidade das vítimas de feminicídio em manchetes de jornal. *Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, v. 43, n. 2, maio/ago. 2020.

SANTOS, Márcia Angélica. *Aprenda análise sintática*. São Paulo: Ática Editora, 2003.

SILVA, Obdália Santana Ferraz. Os ditos e os não-ditos do discurso: movimentos de sentido por entre implícitos da linguagem. *Revista Faced*, Salvador, n. 14, p. 39-53, jul./dez. 2008.

Trabalho de pesquisa orientado pelo Prof. Dr. Jeander Cristian da Silva, durante estágio docência na graduação da Faculdade de Letras da UFMG, no âmbito da disciplina "Sintaxe" (2022/1), na condição de doutorando em Estudos Linguísticos pelo PosLin/UFMG e bolsista CAPES/PROEX, processo nº 88887.668629/2022-00.

Os gêneros como caracterizadores de sentido: intertextualidade intergêneros e transgressão de gêneros

Alexandre Carvalho

Introdução

Se pararmos para refletir, a escrita tal como a conhecemos no século XXI passou por diversos meios de suporte no decorrer de sua história: tabuletas de argila, óstraco, papiro, pergaminho e papel, todos eles com o ser humano na função de escritor; a máquina de escrever, como facilitador do escrevente, só viria a surgir na segunda metade do século XIX, mais especificamente em 1867, pelo seu inventor Christopher Sholes¹. Entretanto, com o avanço das tecnologias, com a criação de computadores, smartphones, tablets, impressoras etc., a escrita ganhou vários outros meios de materialização: arquivos digitais, *feeds* de redes sociais, e-books, livros impressos, panfletos, outdoors, dentre outros.

Interessantemente, no bojo desse advento tecnológico, novos gêneros textuais e discursivos surgem a todo momento. Segundo Porfírio, Souza e Cipriano,

[...] com a disseminação das novas tecnologias, o texto vem adquirindo cada vez mais novas configurações, que transcendem as palavras, as frases e, acima de tudo, a modalidade escrita da linguagem. Dizendo de outro modo, a proliferação tecnológica tem instigado a promoção de novas composições textuais, sendo estas constituídas por elementos advindos das múltiplas formas da linguagem (escrita, oral e visual)².

¹ ESPAÇO DO CONHECIMENTO UFMG. Uma breve história da escrita.

² PORFÍRIO; SOUZA; CIPRIANO. Textos multimodais: a nova tendência na comunicação.

Não seria de se estranhar, apesar da pluralidade dos gêneros textuais e discursivos, que em algum momento haveria a mesclagem, grosso modo, entre diferentes gêneros. A criatividade humana não se limita apenas à composição de novos textos, sejam eles com imagens e outros recursos diversos, ela vai muito além disso. Todos nós, em algum momento, já nos deparamos com ocorrências como a que se segue:



A culpa é das cerejas, o amor é saudável.
Fonte: Hortifruti.

O exemplo anterior trata-se de uma publicidade de uma hortifrúti que dialoga com o cartaz do filme *A culpa é das Estrelas*, dirigido por Josh Boone e baseado no romance best-seller *The Fault in our Stars* (do original), do autor norte-americano John Green:



A culpa é das estrelas, doentes de amor.
Fonte: AdoroCinema.

Nesse sentido, o presente trabalho visa analisar, brevemente, amparando-se nas teorias linguísticas do texto e do discurso, este fenômeno tão comumente encontrado no nosso dia a dia. A escolha do tema de pesquisa, conhecido na literatura como “intertextualidade intergêneros” ou “transgressão de gêneros”, e do objeto de estudo, gêneros que apresentam tal ocorrência, se justificam pela importância e utilização dos gêneros textuais e discursivos na sociedade.

Vale lembrar, conforme já apontava Bakhtin, a relação entre as esferas da atividade humana com a utilização da língua: para o autor, o caráter e os modos dessa utilização são bastante variados tanto quanto as próprias esferas da atividade humana, resultando na heterogeneidade, riqueza e infinitude dos gêneros³. Portanto, na esteira dos apontamentos deste pensador, e refletindo sobre a diferenciação e expansão dos gêneros acompanhando cada esfera da atividade humana, como ele mesmo coloca, surgem os seguintes questionamentos: qual a funcionalidade da intertextualidade intergêneros/transgressão de gêneros? Sua finalidade? Ela dificulta na compreensão do texto proposta pelo autor do gênero? E, principalmente, que efeitos de sentido são propiciados por ela?

Objetivamos, então, por intermédio do aporte teórico presente na segunda seção, analisar cinco gêneros (contando com o já apresentado nesta introdução) que se caracterizam pela sua intertextualidade intergêneros/transgressão de gêneros a fim de responder essas perguntas. A metodologia aqui abordada, pela brevidade do trabalho, é a qualitativa. O artigo está organizado em sete seções: introdução, revisão de literatura, metodologia, análise e discussão dos dados, resultados, conclusão e referências bibliográficas.

Revisão de literatura

Inicialmente, acreditamos que sejam necessárias algumas balizas acerca do significado que cada um dos termos anteriormente introduzidos remete. Dados os muitos autores e pesquisadores, as duas perspectivas teóricas escolhidas para embasar a análise, nomeadamente Linguística do Texto e Análise do Discurso (doravante LT e AD), e o limite deste

³ BAKHTIN. *Os gêneros do discurso*.

escrito, que de modo algum pretende esgotar toda a extensa bibliografia envolvendo a temática (intertextualidade intergêneros/transgressão de gêneros), alguns esclarecimentos são importantes.

Entendemos configurações textuais, composições textuais ou texto propriamente dito, assim como a pesquisadora Costa Val:

[...] pode-se definir *texto*, hoje, como qualquer produção linguística, falada ou escrita, de qualquer tamanho, que possa fazer sentido numa situação de comunicação humana, isto é, numa situação de interlocução⁴.

Entretanto, esta definição restringe-se apenas aos textos verbais; é sabido por todos nós que, com o avanço dos estudos do texto, principalmente na área da semiótica, eles passam a contemplar, também, produções não-verbais.

Segundo Fiorin, a semiótica francesa entende o “texto como objeto de significação” e ocupa-se de modo fundamental “em estudar os mecanismos que engendram o texto, que o constituem como uma totalidade de sentido” é, portanto, “uma teoria geral dos textos, quer se manifestem verbalmente, visualmente, por uma combinação de planos de expressão visual e verbal etc.”⁵ Assim, pelos apontamentos do autor e da teoria por ele explicitada, podemos dizer que textos são manifestações verbais ou não-verbais que carregam consigo significação, sentido.

Deste modo, tomados os conceitos de Costa Val e Fiorin, podemos compreender como textos: uma aula presencial, uma conversa em rede social, um retrato, uma ligação entre amigas, um romance, um desenho, uma notícia, uma fotografia, um poema, uma propaganda etc., independentemente se forem textos verbais (falados, escritos) ou não-verbais (figuras, formas, imagens etc.), desde que caracterizem-se pelo seu significado e sentido, sendo esse segundo termo citado por ambos os autores.

Entretanto, vale aqui pontuar a divergência (que ao mesmo tempo representa uma convergência) entre texto e discurso. De acordo com

⁴ COSTA VAL. Texto, textualidade e textualização, p. 113. Grifos do autor.

⁵ FIORIN. A noção de texto na semiótica, p. 166-167.

Alves Filho, Possenti considera o discurso “uma máquina de produzir sentidos”⁶. Segundo o professor da Universidade Federal do Piauí,

Como os sentidos se materializam apenas em textos (de múltiplas semioses e não apenas textos verbais), pode-se inferir no pensamento de Possenti que o discurso seria uma máquina de produzir também textos. Posto nestes termos, o texto seria visto como uma consequência dos discursos [...] O discurso daria conta de posicionamentos axiológicos os quais podem se manifestar em diversos textos, sem a existência de relações de condicionamentos ou determinações entre ambos. Ou seja, em tese, qualquer discurso pode ser veiculado em qualquer texto⁷.

Em consonância com o exposto supracitado, Alves Filho endossa que Maingueneau defende que “[...] o discurso é um conjunto de textos produzidos por sujeitos que ocupam uma mesma posição enunciativa, sendo por esta restringidos e controlados”⁸. Nas palavras do pesquisador brasileiro, para a AD, o que é relevante é o que está dito e as relações entre os textos, não sendo pertinente o que o sujeito quis dizer, sendo a possível intenção do autor, para esta linha teórica, um dado irrelevante, dado que ela se importa pelo que foi materializado no texto. Ademais, consente que:

[...] esta visão é interessante porque indicia a forte dependência dos textos para se chegar aos discursos: o discurso existe somente nos textos (embora não unicamente em textos verbais) e não em outros lugares. Essa é uma outra forma de dizer que o texto é uma materialização dos discursos⁹.

Entendido que o discurso se materializa no e pelo texto, sendo este verbal ou não-verbal, todavia portador de significação e sentido, passemos para a delimitação dos termos gêneros textuais e gêneros discursivos. Marcuschi afirma que “gênero textual refere os textos materializados em situações comunicativas recorrentes”¹⁰. Segundo esse autor,

⁶ ALVES FILHO. *Linguística textual e análise do discurso*, p. 343.

⁷ ALVES FILHO. *Linguística textual e análise do discurso*, p. 343.

⁸ ALVES FILHO. *Linguística textual e análise do discurso*, p. 344.

⁹ ALVES FILHO. *Linguística textual e análise do discurso*, p. 344.

¹⁰ MARCUSCHI. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*, p. 155.

Os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas [...] são entidades empíricas em situações comunicativas e se expressam em designações diversas, constituindo em princípio listagens abertas [...] são formas textuais escritas ou orais bastante estáveis, histórica e socialmente situadas¹¹.

É interessante notarmos, nessa perspectiva do pesquisador, a indissociabilidade entre os textos e as situações comunicativas as quais os geram. Nós, humanos, única raça animal dotada de linguagem, fazemos dela a principal ferramenta de organização das nossas atividades rotineiras ao passar dos séculos. Nos estruturamos enquanto seres sociais, culturais, políticos e históricos devido a esta capacidade cognitiva única e que, sem ela, não teríamos nos concretizado enquanto nação.

Antecedendo Luiz Marcuschi, já em meados do século XX, Mikhail Bakhtin apontava a inerência entre a utilização da língua e as esferas da atividade humana, como anteriormente colocado na introdução desse estudo. Para o pensador russo, “a utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana”¹².

Bakhtin considera, então, que os gêneros do discurso são tipos “relativamente estáveis” de enunciados criados/desenvolvidos por cada esfera de utilização da língua para fins específicos de comunicação. O enunciado, para ele, é um todo composto por três elementos: (i) o conteúdo temático – o que é possível ser dito por meio de um gênero; (ii) o estilo verbal – recursos lexicais, gramaticais e fraseológicos para a construção de um gênero; (iii) a construção composicional – a estrutura/forma geral de um gênero (i. e., a materialização do gênero por meio de textos empíricos, orais ou escritos).

Oliveira afirma que para produzirmos e compreendermos os gêneros discursivos e os textos que pertencem a esses gêneros precisamos

¹¹ MARCUSCHI. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*, p. 155.

¹² BAKHTIN. *Os gêneros do discurso*, p. 279.

sempre considerar as condições sociais, culturais, históricas e ideológicas em que eles foram concebidos. Segundo Bakhtin, os gêneros do discurso sofrem mudanças concomitantemente às mudanças históricas do estilo da língua, justo pois a indissociabilidade entre ambos¹³. Portanto, os gêneros discursivos dialogam constantemente com a esfera de uso da língua e da linguagem, originando heterogêneos e múltiplos gêneros e, conseqüentemente, textos¹⁴.

É nesse sentido, portanto, que chegamos ao principal interesse deste artigo. A intertextualidade intergêneros caracteriza-se por esta relativa estabilidade dos enunciados, que permite, em alguns casos, diferentes gêneros fundirem entre si, resultando na formação de um “novo gênero”. Conforme descrevemos na seção anterior, este fenômeno é bastante comum e mostra quão criativas são as esferas da atividade humana no uso da língua e na produção de gêneros bastante ricos e diversos.

Bakhtin já dissertava sobre a dificuldade para se definir o caráter genérico do enunciado e sobre a acentuada heterogeneidade dos gêneros do discurso¹⁵. Para o filósofo, os gêneros secundários (mais complexos) absorvem e transmutam os gêneros primários (menos complexos) gerando novos gêneros. O texto, materialização do discurso na e pela linguagem, seria o produto de uma comunicação cultural mais evoluída e complexa, ou seja, a escrita, essa originada de uma comunicação verbal espontânea, mais simples, isto é, a fala.

Marcuschi, pesquisador da área da LT, salienta que os “gêneros que emergiram no último século no contexto das mais diversas mídias criam formas comunicativas e próprias com um certo *hibridismo* que desafia as relações entre oralidade e escrita”. Nas palavras do autor, “esses gêneros também permitem observar a maior integração entre os vários tipos de semioses: signos verbais, sons, imagens e formas em movimento”¹⁶.

De acordo com Marcuschi, Ursula Fix caracteriza esta hibridização ou mescla entre gêneros de intertextualidade intergêneros, em que um

¹³ BAKHTIN. *Os gêneros do discurso*.

¹⁴ OLIVEIRA. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica I.

¹⁵ BAKHTIN. *Os gêneros do discurso*.

¹⁶ MARCUSCHI. Gêneros textuais: definição e funcionalidade, p. 21. Grifos do autor.

determinado gênero assume a função de outro¹⁷. Ele ainda endossa que “como certos gêneros já têm um determinado uso e funcionalidade, seu investimento em outro quadro comunicativo e funcional permite enfatizar com mais vigor novos objetivos”¹⁸.

Para o pesquisador supracitado, “a questão da intertextualidade intergêneros evidencia-se como uma mescla de funções e formas de gêneros diversos num dado gênero [...]”¹⁹. Exemplificando, na intertextualidade intergêneros, o gênero cartaz pode hibridizar a sua função (instruir) e a sua forma (verbos no imperativo, linguagem, fontes, imagens etc.) com a função (informar) e a forma (rimas, gravuras, temas etc.)²⁰ do gênero cordel:

O novo coronavírus chegou aqui no estado.
Não é motivo pra pânico, mas é bom ficar ligado
Investir na prevenção e ser bem disciplinado

Fique atento, vou dizer como é a precaução
Pra o novo coronavírus preste muita atenção
Se você fizer o certo ele não lhe pega não

Lave as mãos bem lavadas, com detergente e sabão
Use também álcool em gel para a higienização
O vírus perderá forças para a proliferação

Fique em casa, não se exponha. Evite aglomeração
Respeite a quarentena, siga a orientação
Cada um faz a sua parte e evita a infecção

Se você tiver com tosse ou então dor de cabeça
E sem poder respirar, não se avexe
Procure logo um médico antes que o problema cresça

¹⁷ MARCUSCHI. Gêneros textuais: definição e funcionalidade, p. 31.

¹⁸ MARCUSCHI. Gêneros textuais: definição e funcionalidade, p. 21.

¹⁹ MARCUSCHI. Gêneros textuais: definição e funcionalidade, p. 31.

²⁰ De acordo com o site Educa Mais Brasil, “os cartazes possuem determinadas finalidades [...] São usados para *instruir, persuadir e informar*. Além disso, servem ainda para *convencer, conscientizar* ou *sensibilizar* o leitor”. Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/lingua-portuguesa/cartaz>. Acesso em: 9 jun. 2022. Segundo o site Toda Matéria, a principal função social da literatura de cordel é “informar, ao mesmo tempo que diverte os leitores”. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/literatura-de-cordel/>. Acesso em: 5 maio 2022. Salientamos, antecipadamente, que ao se mesclar dois gêneros para a formação de um novo, haverá possibilidades de se perder algumas características de um ou outro (ou até de ambos) no processo. Isso poderá ser melhor observado na quarta seção deste artigo.

Unidades de Saúde farão o acolhimento
Os profissionais de plantão vão te dar atendimento
E exames pra descobrir a natureza do evento

O novo coronavírus é uma calamidade
Mas meu Sergipe tá unido e vai mostrar capacidade
De banir a pandemia aqui da nossa cidade²¹



Fonte: Elaborado pelo autor, desenvolvido no aplicativo Canva.

Neste ponto faz jus elencarmos uma rápida distinção. A intertextualidade intergêneros não deve ser confundida com a intertextualidade tipológica; essa é caracterizada por um gênero que apresenta diversos tipos (ou sequências) textuais, aquela caracteriza-se por um gênero com forma e função de outro. Koch, Bentes e Cavalcante descrevem, a partir do

²¹ BARBOSA. Poeta usa literatura de cordel para ajudar no combate ao novo coronavírus.

conceito de “superestruturas” de Van Dijk, cinco sequências textuais: narrativa, descritiva, expositiva, injuntiva e argumentativa (*stricto sensu*)²².

Na esteira da LT e da AD, Lara, por sua vez, propõe em seus estudos a ideia de transgressão de gêneros. Abandonando a acepção negativa do termo, a pesquisadora se volta para o seu sentido mais produtivo, entendendo-o em seu trabalho como “[...] *ir além de* um dado gênero, ultrapassá-lo para construir outros (novos) efeitos de sentido”²³.

Ainda de acordo com a professora:

Entendemos que ocorre uma *transgressão* quando um gênero assume a função de outro: por exemplo, um anúncio publicitário sob a forma de um verbete de dicionário (vide Lara, 2005/2006) ou um convite sob a forma de uma bula de remédios. Nos dois casos, mantém-se a função do gênero primeiro (o que denominamos *transgredido*): vender um dado produto ou convidar alguém para um evento, função essa que passa a ser assumida pelo gênero *transgressor* (no caso, o verbete e a bula), que emprestam, ao mesmo tempo, sua forma ao gênero *transgredido*. Ou seja, há uma espécie de camuflagem de um gênero por outro²⁴.

Analisando os gêneros cordel e cartaz, anteriormente apresentados, a partir desta proposta da pesquisadora, teríamos como gênero transgredido o cordel e como gênero transgressor o cartaz, respectivamente. Ou seja, o cartaz na forma de cordel mantém a sua função: instruir alguém sobre determinado assunto; entretanto, essa função é assumida pelo cordel que, concomitantemente, empresta sua forma ao cartaz.

Lara expõe que para identificar os gêneros que se cruzam são necessários os marcadores de gênero. A autora assume então, em seu trabalho, os três componentes cunhados por Bakhtin e neste escrito também presentes: o conteúdo temático, o estilo verbal (somado aos elementos não-verbais, se for o caso) e a construção composicional. Tomaremos para a identificação dos gêneros mesclados os mesmos marcadores propostos pela autora: os três elementos de Bakhtin²⁵.

²² KOCH; BENTES; CAVALCANTE. *Intertextualidade*: diálogos possíveis. As autoras apresentam, além das cinco sequências citadas neste trabalho, ainda, as sequências preditiva e explicativa. Entretanto, ambas não são descritas detalhadamente por elas.

²³ LARA. Abordando os gêneros do discurso na escola: um espaço para a transgressão? Grifos da autora.

²⁴ LARA. Abordando os gêneros do discurso na escola: um espaço para a transgressão? Grifos da autora.

²⁵ BAKHTIN. *Os gêneros do discurso*.

Esclarecidos então os termos presentes neste artigo, balizados os limites aqui impostos e apresentadas as correntes teóricas que irão embasar as análises, passemos agora para a descrição da metodologia, presente na seção seguinte.

Metodologia

A metodologia adotada neste trabalho foi, inicialmente, a coleta de gêneros que se caracterizavam pela hibridização/mescla entre gêneros. O Google Imagens foi o serviço utilizado para a procura do conteúdo em questão. Os termos intertextualidade, intergenericidade e intertextualização foram escolhidos como palavras-chave para a busca, nos direcionando para os sites explicitados abaixo de cada figura presente na seção Análise e discussão dos dados.

Selecionados cinco gêneros que possuíam intertextualidade/transgressão na sua composição, a próxima etapa realizada foi a descrição dos três elementos constitutivos de um enunciado de cada um deles: o conteúdo temático, o estilo verbal (e não verbal, quando era o caso) e a construção composicional. Por conseguinte, foi explicitada a função de cada gênero²⁶.

Na sequência, por intermédio de uma abordagem qualitativa e com base no referencial teórico anteriormente mencionado, analisamos o que caracterizava cada gênero para a intertextualidade intergêneros e para a transgressão de gêneros: um gênero X com a forma de um gênero Y e um gênero X transgredido e um gênero Y transgressor, respectivamente.

Finalmente, descrevemos brevemente sobre o que estamos aqui chamando de “novo gênero” (ou seja, o produto da intertextualidade intergêneros/transgressão de gêneros) e destacamos os efeitos de sentido provocados pela hibridização/mescla entre gêneros.

Análise e discussão dos dados

Conforme anteriormente dito na introdução, iremos analisar cinco gêneros que se caracterizam pela intertextualidade intergêneros/transgressão de


²⁶ BAKHTIN. *Os gêneros do discurso*.

gêneros. Por questões de espaço, a figura “A culpa é das cerejas, o amor é saudável” não será aqui repetida, portanto, apenas analisada e discutida.

O conteúdo temático de um anúncio publicitário trata de promover um produto/serviço e o de um cartaz de cinema divulgar o lançamento de um filme. O estilo verbal (e não verbal) do primeiro gênero caracteriza-se por uma linguagem clara, apelativa, criativa e, na maioria das vezes, conotativa, são utilizados verbos no modo imperativo, os textos (quando aparecem) não são geralmente muito extensos, havendo uma preferência por frases curtas, e as imagens e cores predominam; o do segundo gênero caracteriza-se pela presença de imagens (normalmente relacionadas ao tema do filme ou aos personagens presentes na narrativa), frases curtas ou até mesmo textos rápidos. A construção composicional do anúncio é definida pelo título, nome do produto, logotipo²⁷ e slogan²⁸, e a do cartaz pelo título do filme, subtítulo, nome do diretor, atores e atrizes principais (e o nome de seus respectivos personagens), data de estreia e o nome do estúdio que o produziu. A função de ambos, por fim, é a de vender um produto/serviço e a de informar sobre um novo filme, respectivamente.

Na intertextualidade intergêneros de Marcuschi, temos um anúncio publicitário com a forma de um cartaz de cinema²⁹. No que tange à transgressão de gêneros de Lara, temos como gênero transgredido o anúncio publicitário e como gênero transgressor o cartaz de cinema: a função do gênero transgredido (anúncio – vender um produto) é assumida pelo gênero transgressor (cartaz) que ao mesmo tempo empresta-lhe a sua forma³⁰.

Se compararmos as duas figuras (“A culpa é das cerejas, o amor é saudável” e “A culpa é das Estrelas, doentes de amor”), ainda é possível notar similaridades entre: o formato e a cor do título e subtítulo (azul e

²⁷ Representação gráfica ou visual do nome de uma marca/empresa com a finalidade de diferenciá-las das demais, levando os possíveis consumidores a uma rápida percepção do que ou de quem se trata quando aparecem. Um logotipo bastante conhecido mundialmente é o da empresa multinacional Coca-Cola: . Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Coca-Cola>. Acesso em: 26 jun. 2022.

²⁸ Uma ou duas frases de efeito criadas por empresas para que o consumidor as associe quase que de imediato a uma marca ou a um produto. Tomemos, por exemplo, o slogan dos comprimidos Doril: “TOMOU DORIL, A DOR DE CABEÇA SUMIU”. Disponível em: <https://www.facebook.com/doriloficial/photos/a.1979441785618870/2726725544223820>. Acesso em: 26 jun. 2022.

²⁹ MARCUSCHI. Gêneros textuais: definição e funcionalidade.

³⁰ LARA. Abordando os gêneros do discurso na escola: um espaço para a transgressão?

branco), a grama ao fundo da imagem, a posição das cerejas e dos personagens (deitados e em contato um com o outro) e os nomes presentes no título e subtítulo (“A Culpa é das Estrelas” *versus* “A Culpa é das Cerejas” e “doentes de amor” *versus* “o amor é saudável”). Interessantemente, a cereja é considerada uma fruta afrodisíaca, rica em vitamina A, C e E, portanto, excelente para o amor e para a saúde.

Assim, os efeitos de sentido despertados intencionam causar humor, admiração, surpresa e, ao mesmo tempo, divulgar com mais ênfase o produto e estimular sua venda efetivamente. Por ser bastante criativa, a estratégia promove, por meio do “novo gênero”, a venda de frutas e hortaliças remetendo ao mesmo tempo ao filme de bastante sucesso.



Comfort: traz sua roupa amada de volta.

Fonte: GRANDES Nomes da Propaganda³¹.

O gênero propaganda tem como conteúdo temático divulgar uma mensagem ou produto para obter a adesão do público-alvo e o cartaz informar sobre algo/alguém. O estilo verbal (e não verbal), por sua vez, caracteriza-se na propaganda por uma linguagem simples, figuras e vícios de linguagem (ex.: o uso da metáfora), verbos no modo imperativo, textos curtos, atrativos e persuasivos, e imagens marcantes; no cartaz por uma linguagem direta, objetiva e persuasiva, modo verbal imperativo, frases curtas e sugestivas e, também, algumas figuras. No que se trata da construção composicional, o primeiro gênero faz uso de título em destaque, textos chamativos (coloridos), slogan, marca e de

³¹ GRANDES Nomes da Propaganda. Em nova campanha, Comfort promete trazer roupas amadas de volta. Disponível em: <https://grandesnomesdapropaganda.com.br/anunciantes/em-nova-campanha-comfort-promete-trazer-roupas-amadas-de-volta/>. Acesso em: 16 jun. 2022.

contato com a empresa (ex.: site na internet) e o segundo faz uso de título também chamativo, frases curtas, fontes em caixa alta e com cores diversas. A função, por fim, da propaganda é a de estimular alguma ação no público (ex.: comprar/adquirir um produto ou serviço) e a do cartaz difundir sobre algo/alguém.

Neste caso temos, para a intertextualidade intergêneros, uma propaganda com a forma de um cartaz. Para a transgressão de gêneros temos a propaganda como gênero transgredido e o cartaz como gênero transgressor: a função do gênero transgredido (propaganda – estimular ação) é assumida pelo gênero transgressor (cartaz) que ao mesmo tempo empresta-lhe a sua forma.

Os efeitos de sentido despertados pelo “novo gênero” são os de atração e possibilidades: assim como os cartazes das cartomantes, que dizem trazer a pessoa amada de volta em poucos dias, a Comfort promete àqueles que comprarem o produto que ele tem a capacidade de “trazer sua roupa amada de volta”. O humor também deve ser aqui levado em consideração, pois o jogo de palavras causa risibilidade. Ademais, por estar colado em um poste, o cartaz se aproxima ainda mais à nossa realidade e ao que encontramos nas ruas do nosso dia a dia. Por fim, essa estratégia de hibridização por parte da marca almeja divulgar mais amplamente o seu produto, enfatizar sua efetividade e estimular um maior número de vendas.

Brenda Foto Arte

O GRANDE DIA

Duque de Caxias, 09 de Julho de 2015 Brenda Foto Arte

**FINALMENTE ELES DECIDIRAM:
O CASAMENTO VAI SAIR**

Brenda Foto Arte

Reportagem Local

Após diversos boatos e especulações fomos informados que Daniele Santos e Leandro Souza resolveram se casar.

A notícia do casamento repercutiu em dimensões gigantescas. Já surgiram de todos os lados rumores por parte daqueles que tinham perdido as esperanças, inclusive por parte dos familiares.

Os pais da noiva Sr. Marcos Santos e Sra. Neide Silva Santos, junto com os pais do noivo Sr. Lucas Souza e Sra. Angelica Campos Souza, aguardam ansiosamente esse dia, que finalmente chegou, em que os noivos oficializarão sua união numa bela cerimônia.



Saiba o que vai rolar

Comenta-se que o evento será restrito a poucos e privilegiados convidados.

A cerimônia será realizada a partir das vinte horas do dia 09 de julho de 2010, no Salão Encanto, localizada na rua Nilopeçanha, nº 168, no bairro Parque Lafaiete, Duque de Caxias, Rio de Janeiro.

Após a cerimônia, os convidados serão recepcionados no mesmo local.

Confirme sua presença
Favor confirmar até 01/07
Telefones: 2758-5332 / 9153-5332

O grande dia.
Fonte: BRENDA Foto Arte. Convite Digital de Casamento Jornal. Disponível em: <https://www.elo7.com.br/convite-digital-de-casamento-jornal/dp/51F80F>. Acesso em: 25 maio 2022.

O conteúdo temático de um convite de casamento é comunicar sobre determinado evento e o de um jornal difundir informações acerca de determinado assunto. O estilo verbal (e não verbal) do primeiro gênero caracteriza-se pelo uso de uma linguagem clara e objetiva, sentenças curtas (a não ser que tenha mensagem/versículo/dedicatória que são, portanto, maiores), na maioria das vezes, pouco texto e elementos estilísticos, presença de enunciados no modo verbal imperativo e pequenas imagens; o do segundo gênero caracteriza-se por uso de linguagem formal, policiada e impessoal, frases concisas e claras e textos com períodos não muito longos, além, claro, de imagens. A construção composicional do convite de casamento trata-se do nome dos noivos, nome dos pais do casal, dia, data e horário da cerimônia, rua, número e bairro da igreja, dedicatória à Deus, nome do destinatário no verso e tickets de acesso à festa em anexo; a do jornal trata-se de nome do jornal, local e data da impressão, título e subtítulo chamativos (para segurar o possível leitor), lide³² e informações secundárias, cabeçalho com notas de edição, fotos com legendas e nome do fotógrafo (autoria), balões ou quadros para realçar algo descrito na matéria e o preço do jornal em algum canto superior ou inferior. A função de um convite é convidar e a de um jornal é informar.

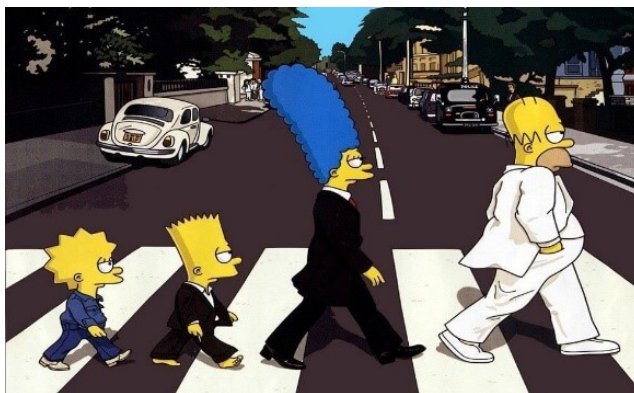
Para a intertextualidade intergêneros temos um convite de casamento com a forma de um jornal. Para a transgressão de gêneros, um jornal como gênero transgressor e um convite de casamento como gênero transgredido: a função do gênero transgredido (convidar) é assumida pelo gênero transgressor (jornal) que ao mesmo tempo lhe empresta a sua forma. Os efeitos de sentido proporcionados pelo “novo gênero” são o de humor e descontração. Por fugir da convencionalidade do que se tem como convite, pelo linguajar empregado e pela narrativa descrita, o gênero acima se mostra uma ferramenta surpreendente para convidar pessoas para o evento.

Um gênero “mais sério”, de cunho religioso e pertencente à uma doxa³³ patriarcal como esse, se não fosse pela intertextualidade

³² Primeira parte de uma notícia, vindo normalmente em destaque nas primeiras linhas do primeiro parágrafo.

³³ Crenças comuns, saberes, opiniões populares compartilhadas(os) por uma comunidade datada (ex.: clichês).

intergêneros/transgressão, não possibilitaria esse humor e essa descontração. É interessante notarmos que os elementos constitutivos do gênero jornal permitiu a inclusão de enunciados “mais libertinos” e que dão uma pitada mais divertida: a manchete, por exemplo, “finalmente eles decidiram: o casamento vai sair”, dá a entender que já não era tempo do evento acontecer, pois, aparentemente, os noivos fizeram até suas famílias perderem as esperanças. Além disso, de acordo com o convite, apenas “poucos e privilegiados” foram convidados, o que representa um incentivo adicional para motivar os convidados a comparecerem. Por outro lado, por ter essa característica mais livre e humorística, o convite perde espaço para versículos bíblicos, figuras de anéis, pombinhos etc., que são itens mais convencionalmente encontrados no convite. Por fim, vale ressaltar que toda a descrição do convite dá um ar de fofoca quentinha, que acabou de sair do forno: “após diversos boatos e especulações”, “rumores”, “comenta-se” etc., o que não seria permitido no convite de casamento usual.



Os Simpsons.

Fonte: CURADO.

Intertextualidade, o que é, tipos e sua aplicação na Língua Portuguesa.

Para os leitores não familiarizados com a série animada e a fotografia acima mescladas, descrevemos aqui uma breve contextualização: Os Simpsons (*The Simpsons*, do original), de Matt Groening, é uma série animada norte-americana que retrata a vida de Homer Simpson, sua esposa Marge Simpson e seus filhos Bart, Lisa e Maggie Simpson (não presente na imagem acima) na cidade de Springfield. Caracteriza-se, principalmente, pelo humor e pela sátira; a fotografia, por sua vez, foi tirada pelo fotógrafo Iain Macmillan, em 1969, para compor a capa do

álbum *Abbey Road*, da banda britânica *The Beatles*. Homer ocupa na fotografia a posição de John Lennon, Marge, a de Ringo Starr, Bart, a de Paul McCartney e Lisa, a de George Harrison, respectivamente.

O conteúdo temático de uma série animada é contar uma história, e a temática de uma fotografia é documentar um momento. O estilo verbal (e não verbal) da série é marcado pela presença de imagens, desenhos, formas, linguagem próxima a da realidade, com ambiguidades, coloquialidades, gestos e ações; enquanto que o da fotografia se dá por uma linguagem totalmente não verbal, pois ela é a materialização de um momento por intermédio de uma imagem que o representa. A construção composicional do primeiro gênero caracteriza-se pelo uso de desenhos para construir os personagens, o tempo, o espaço e a narrativa, além do uso de variadas cores e formas; a do segundo gênero caracteriza-se pela representação fidedigna das pessoas, ambientes e demais detalhes do momento capturado. No que tange à função, a série tende a divertir, ou assustar, ou informar (a depender do gênero, que são muitos) e, a fotografia, a registrar pessoas e lugares.

Deste modo, para a intertextualidade intergêneros, temos uma série animada com a forma de uma fotografia. Para a transgressão de gêneros, temos a fotografia como gênero transgressor e a série animada como gênero transgredido: a função do gênero transgredido (gerar humor, como é o caso do seriado em questão) é assumida pelo gênero transgressor (fotografia) que ao mesmo tempo lhe empresta a sua forma.

Os efeitos de sentido despertados pelo “novo gênero” são os de humor e criatividade: a posição dos personagens, a faixa de segurança, a semelhança das roupas, o cenário de fundo e os carros procuram fielmente representar a fotografia original do final dos anos 1960 e os quatro integrantes da banda de rock britânica que nela aparecem. Interessantemente, pelas dimensões que a fotografia tomou nas últimas décadas, é muito comum encontrar grande número de imagens que tentam de algum modo reproduzi-la.



Mon Bijou,
Bombril.

Fonte: REIS JÚNIOR. Mon
Bijou (Bombril) - 1998.

Conforme dito anteriormente, o gênero propaganda tem como conteúdo temático divulgar uma mensagem ou produto para conquistar a atenção do público-alvo; a pintura, por sua vez, representar algo ou alguém. O estilo verbal (e não verbal) do primeiro gênero, como já mencionado, é caracterizado por uma linguagem simples, verbos no modo imperativo, figuras e vícios de linguagem, textos curtos, atrativos e persuasivos, e imagens marcantes; o do segundo gênero, em seu total não verbal, é caracterizado por traços, formas, dimensões e representações fidedignas à realidade (ou não, ex.: a pintura abstrata). A construção composicional da propaganda trata-se, novamente, de título em destaque, textos chamativos (coloridos), slogan, marca e de contato com a empresa; e da pintura, pigmentos (tinta/pó) sobre a tela, para tingi-la com cores, tons, texturas e matizes. A função, por fim, do primeiro gênero é a de estimular alguma ação no público (ex.: comprar/adquirir um produto ou serviço) e a do segundo retratar algo/alguém.

No que tange à intertextualidade intergêneros temos, então, uma propaganda com a forma de uma pintura. Já para a transgressão de gêneros temos a propaganda como gênero transgressor e a pintura como gênero transgredido: a função do gênero transgredido (retratar algo

ou alguém) é assumida pelo gênero transgressor (propaganda) que ao mesmo tempo lhe empresta a sua forma.

Mona Lisa, famosa pintura de Leonardo da Vinci, é considerada a obra-prima do artista. Datado do ano de 1503, o quadro foi pintado com a utilização de tinta a óleo e é um grande caracterizador da técnica do *sfumato*³⁴. Os efeitos de sentidos intencionados pelo “novo gênero” são o de humor, perfeccionismo, proximidade e criatividade: o plano de fundo, os tons, o penteado, a vestimenta e as mãos cruzadas são características que tentam se aproximar da pintura exposta no Museu do Louvre, em Paris, França. Ademais, a frase “*Mon Bijou* deixa sua roupa uma perfeita obra-prima” e os frascos de amaciante ao lado do ator João Carlos Moreno (a Mona Lisa da marca Bombril), aproxima e reforça todo o contexto da propaganda e da pintura, deixando-a ainda mais chamativa e engraçada.

Resultados

Conforme podemos notar com a análise dos dados, a tecnologia é um fator saliente na composição dos gêneros coletados. Eles apresentam configurações que vão além da pura e simples escrita: cores diversas, fontes variadas, imagens marcantes e dimensões plurais. Assim, podemos dizer que, a cada ano que se passa, nos distanciamos mais de sociedades anteriores à escrita e até mesmo de nosso momento atual, justo pois as tecnologias estarem em constante evolução.

Portanto, esse caráter multisemiótico dos gêneros se aproxima do que defende o arcabouço teórico de Nascimento, Bezerra e Heberle no que tange ao texto: não existe texto monomodal ou monosemiótico, mas, sim, texto multimodal e multisemiótico, pois até recursos visuais como a tipografia e a formatação são utilizados em textos predominantemente verbais³⁵. Segundo os autores supracitados, distribuir o texto em colunas, usar marcas gráficas, negrito e cor servem para orientar a leitura e criar efeitos de sentido particulares no leitor.

³⁴ Segundo o site Infoescola, técnica criada por Leonardo da Vinci “[...] que consiste em mesclar e suavizar as formas intensificando luz e sombra, sem a utilização de linhas de contorno”. Disponível em: <https://www.infoescola.com/pintura/mona-lisa/>. Acesso em: 18 jun. 2022.

³⁵ NASCIMENTO; BEZERRA; HEBERLE. Multiletramentos: iniciação à análise de imagens.

Novamente, apesar de terem sido atestados no século passado, ainda distantes da tecnologia presente, os posicionamentos de Bakhtin continuam atuais: quanto mais se tornam complexas as esferas da atividade humana, e dada a sua ligação direta com a utilização da língua, mais complexos se tornam os gêneros que a sociedade de determinado tempo e espaço utilizam³⁶. Entretanto o termo “complexo” deve ser aqui entendido pela heterogeneidade, riqueza e infinitude dos gêneros como já propunha o filósofo russo. Os gêneros acima analisados exemplificam a flexibilidade composicional e a criatividade dos seus produtores em sua construção.

É perceptível que os gêneros presentes neste trabalho são provindos de diferentes esferas da atividade humana: a publicitária (como é o caso da figura “A culpas é das cerejas, o amor é saudável”), a propagandística (figura “Comfort, traz sua roupa amada de volta” e “*Mon Bijou*, Bombril”), a cotidiana (figura “O grande dia”) e a midiática (figura “Os Simpsons”). Contudo, podemos observar que as esferas propagandísticas e publicitária são sobressalentes às demais, o que demonstra o quão circundados estamos dos bens de produção e sua comercialização no mercado financeiro. Vale lembrar da dimensão social de um gênero: eles são produzidos com o intuito de mediar as necessidades discursivas entre os seres da sociedade, ou seja, terão uma determinada finalidade a depender da situação na qual são empregados, que pode ser informar, vender, divulgar, divertir etc.

A intertextualidade intergêneros/transgressão de gêneros mostra-se, conseqüentemente, fenômeno extremamente útil para a diferenciação e expansão dos gêneros na nossa atual sociedade. A hibridização de gêneros distintos propicia maneiras individualizadoras e inovadoras de atingir determinado resultado/finalidade: vender um produto/serviço utilizando um cartaz de cinema/pintura, estimular alguma ação no público também com um cartaz, convidar alguém por intermédio de um jornal e divertir o público com uma fotografia. Por fugir da convencionalidade do que se espera desses gêneros em sua função

³⁶ BAKHTIN. *Os gêneros do discurso*.

primária/original, eles se tornam chamativos, atrativos e apreensivos, capturando o seu destinatário de maneira efetiva.

Assim, podemos perceber que o gênero mesclado possui em si determinadas funções a depender de sua forma resultante (ou seja, o resultado da soma de outros dois gêneros). O entendimento, como já apontava Marcuschi para o gênero artigo de opinião com a forma de um poema, não fica comprometido: “em princípio, isto não deve trazer dificuldade interpretativa, já que o predomínio da função supera a forma na determinação do gênero, o que evidencia a plasticidade e dinamicidade dos gêneros”³⁷. Ele pode ser aqui replicado para os gêneros analisados.

No que tange aos efeitos de sentido proporcionados pela intertextualidade intergêneros/transgressão de gêneros destacam-se o humor e a criatividade, mas não apenas: admiração, surpresa, atração, possibilidades, descontração, perfeccionismo e proximidade são outros sentidos observáveis. A soma da linguagem verbal e não verbal possibilita diferentes relações entre o leitor e o gênero. Como apontam Nascimento, Bezerra e Heberle baseados nas descrições de Halliday e Halliday e Matthiessen, e Kress e van Leeuwen:

tanto a linguagem verbal como a visual permitem construir representações de mundo (função de representação), atribuir papéis aos participantes representados – pessoas, objetos, instituições – e estabelecer diferentes relações entre os participantes no texto, bem como entre esses e o leitor (função de interação), e ainda organizar esses sentidos na forma de um todo que entendemos por texto (função de composição)³⁸.

Por fim, apesar de ser uma pesquisa qualitativa e não quantitativa, os nossos achados vão de encontro ao que é constatado por Lara: aqui, como no trabalho da autora, a publicidade (e propaganda) parece valer-se mais preponderadamente da intertextualidade intergêneros/transgressão de gêneros como artifício “para promover seus produtos, destacando-os no mar de ofertas que cercam o consumidor no seu dia a dia”³⁹.

³⁷ MARCUSCHI. Gêneros textuais: definição e funcionalidade, p. 33.

³⁸ NASCIMENTO; BEZERRA; HEBERLE. Multiletramentos: iniciação à análise de imagens, p. 533.

³⁹ LARA. Abordando os gêneros do discurso na escola: um espaço para a transgressão?

Conclusão

Em guisa de conclusão, não podemos negar a importância do advento da tecnologia para a criação, manutenção e hibridização dos gêneros. Ela possibilitou, de modo amplo, novas configurações que ultrapassam apenas a escrita, permitindo a inserção de imagens, sons, figuras e formas que colaboram para a construção de novos sentidos nos gêneros. Os textos multisemióticos vêm tomando espaço no atual momento e, com a constante progressão das tecnologias, é de se esperar que tal fenômeno se amplie cada vez mais.

A intertextualidade intergêneros/transgressão de gêneros, por meio da mesclagem/hibridização de formas e funções, mostra-se um fenômeno linguístico inovador na produção de novos gêneros, enfatizando a importância e a utilização destes nas esferas da atividade humana: vender uma ideia/produto, estimular alguma ação no público-alvo, convidar alguém para um evento e até mesmo divertir/descontrair um telespectador. Claro que tais utilizações se limitam aos gêneros aqui analisados e, por ser uma pesquisa qualitativa, não abrange todas as possibilidades de diálogos entre gêneros como pode ser observado em Lara⁴⁰.

Ademais, como bem coloca Dell'Isola:

Os profissionais da linguagem precisam compreender e procurar explicar como se manifestam os diferentes gêneros textuais, a intertextualidade de gêneros e o hibridismo, evidenciando que, nos textos e através deles, os indivíduos produzem, reproduzem ou desafiam práticas sociais e a 'realidade' social⁴¹.

Portanto, os novos gêneros textuais/discursivos, provindos das mais diversas situações comunicativas, propiciam e caracterizam-se pelos diferentes efeitos de sentidos: humor, criatividade, surpresa, atração, descontração, proximidade etc. Sendo bastante presentes nas esferas de uso da língua, os gêneros mostram a indissociabilidade entre esta e seus falantes: nos guiamos, controlamos, organizamos, informamos etc. por seu intermédio e pelos sentidos por ela produzidos.

⁴⁰ LARA. Abordando os gêneros do discurso na escola: um espaço para a transgressão?

⁴¹ DELL'ISOLA. Retextualização: do texto ao texto, p. 40-41.

Sem muitas dificuldades, os gêneros hibridizados/transgredidos das mais diversas esferas da sociedade possibilitam àqueles que os veem/leem os entender e, claro, compreender as funções que os produtores neles somam. De informar a enfatizar sobre determinada ideia/produto, os gêneros (por intermédio da língua[gem]) mostram a sua riqueza na construção de sentidos e nas mais diversas finalidades que podem ter.

Referências

ADOROCINEMA. *A culpa é das estrelas*: veja o primeiro cartaz do filme inspirado no best-seller. 23 jan. 2014. Disponível em: <https://www.adorocinema.com/noticias/filmes/noticia-105229/>. Acesso em: 25 maio 2022.

ALVES FILHO, Francisco. Linguística textual e análise do discurso. In: PENHAVEL, Eduardo; CINTRA, Marcos Rogério; SOUZA, Edson Rosa Francisco de (Org.). *Linguística textual - Interfaces e delimitações*: Homenagem a Ingedore Grünfeld Villaça Koch. 1. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2017. p. 335-356.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p. 277-326.

BARBOSA, Anderson. *Poeta usa literatura de cordel para ajudar no combate ao novo coronavírus*. G1. Sergipe, 23 mar. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/se/sergipe/noticia/2020/03/23/poeta-usa-literatura-de-cordel-para-ajudar-no-combate-ao-novo-coronavirus.ghtml>. Acesso em: 4 jun. 2022.

BRENDA foto arte. *Convite Digital de Casamento Jornal*. Disponível em: <https://www.elo7.com.br/convite-digital-de-casamento-jornal/dp/51F80F>. Acesso em: 25 maio 2022.

COSTA VAL, Maria da Graça. Texto, textualidade e textualização. *Pedagogia Cidadã*: Cadernos de formação: Língua Portuguesa, São Paulo, v. 1, p. 113-128, 2004.

CURADO, Adriano. Intertextualidade, o que é, tipos e sua aplicação na Língua Portuguesa. *Conhecimento Científico*, Goiás, maio 2019. Disponível em: <https://conhecimentocientifico.com/intertextualidade/>. Acesso em: 25 maio 2022.

DELL'ISOLA, Regina Lúcia Péret. Retextualização: do texto ao texto. In: *Retextualização de gêneros escritos*. Rio de Janeiro: Editora Lucena, 2007. p. 36-44.

FIORIN, José Luiz. A noção de texto na semiótica. *Revista Organon*, v. 9, n. 23, 1995, p. 165-176.

GRANDES nomes da propaganda. Em nova campanha, Comfort promete trazer roupas amadas de volta. 23 ago. 2019. Disponível em: <https://grandesnomesdapropaganda.com.br/anunciantes/em-nova-campanha-comfort-promete-trazer-roupas-amadas-de-volta/>. Acesso em: 16 jun. 2022.

HORTIFRUTI. O Dia dos Namorados está chegando e o clima de romance está em cartaz na Hortiflix. 10 jun. 2018. Disponível em: <https://www.facebook.com/hortifruti/photos/o-dia-dos-namorados-t%C3%A1-chegando-e-o-clima-de-romance-est%C3%A1-em-cartaz-na-hortiflix/1800880159950924/>. Acesso em: 24 maio 2022.

KOCH, Ingedore Grünfeld Villaça; BENTES, Anna Christina; CAVALCANTE, Mônica Magalhães. *Intertextualidade*: diálogos possíveis. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

LARA, Gláucia Muniz Proença. Abordando os gêneros do discurso na escola: um espaço para a transgressão?. *Vertentes*, São João del-Rei, n. 34, jul./dez. 2009. Disponível em: <https://ufsj.edu.br/portal-repositorio/File/Vertentes34/Glucia%20Lara.pdf>. Acesso em: 23 jun. 2022.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Org.). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002, p. 19-36.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

NASCIMENTO, Roseli Gonçalves do; BEZERRA, Fábio Alexandre Silva; HEBERLE, Viviane Maria. Multiletramentos: iniciação à análise de imagens. *Linguagem & Ensino*, Pelotas, v. 14, n. 2, p. 529-552, jul./dez. 2011.

OLIVEIRA, Jairo Venício Carvalhais de. *Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica* I. 16 nov. 2021. Vídeo. YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ykhB9ZKrROY>. Acesso em: 26 nov. 2021.

PORFIRIO, Silvio; SOUZA, Francisco E. B. de; CIPRIANO, Luis Carlos. Textos multimodais: a nova tendência na comunicação. *Observatório da Imprensa*, São Paulo, 29 jul. 2015. Diretório Acadêmico. Disponível em: <https://www.observatoriodaimprensa.com.br/diretorio-academico/textos-multimodais-a-nova-tendencia-na-comunicacao/>. Acesso em: 24 maio 2022.

REIS JÚNIOR, Dalmir. *Mon Bijou (Bombril)* - 1998. Disponível em: <https://www.propagandashistoricas.com.br/2013/10/mon-bijou-bombril-1998.html>. Acesso em: 25 maio 2022.

ESPAÇO DO CONHECIMENTO UFMG. Uma breve história da escrita. 2 abr. 2020. Disponível em: <https://www.ufmg.br/espacodoconhecimento/historia-escrita/>. Acesso em: 24 maio 2022.

Trabalho orientado pela Profa. Dra. Silvane Aparecida Gomes (pós-doutoranda do PosLin/Fale-UFMG), no âmbito da disciplina "Linguística do Texto e do Discurso" da Fale/UFMG (2022/1).

A intertextualidade na construção de sentido em uma tirinha

Amanda Campos Pereira

Julia De Paula Boaventura

Mateus Freitas Dutra Ferreira

Introdução

A Linguística Textual, enquanto campo de estudos, possui diversos critérios de análise, dentre eles a intertextualidade, percebida como diálogo entre textos. O estudo das formas de diálogos entre os textos e a maneira com que eles estabelecem relações entre si possibilita compreensão da presença de elementos temáticos, formais e de sentido de um texto. Este trabalho procurou tomar a intertextualidade enquanto critério de análise.

Pretendeu-se, a partir deste artigo, investigar o conceito de intertextualidade a partir das definições construídas por Koch, Bentes e Cavalcante¹. Sendo assim, valendo-se dessa acepção – que foi tratada no capítulo da metodologia –, foi possível compreender como ela funciona na prática, por meio da análise qualitativa dos anexos A e B. Nesse sentido, o primeiro trata-se de uma tirinha da Turma da Mônica, do autor Maurício de Sousa, em que o cachorro Bidu faz, de maneira cômica, referência a um texto canônico da literatura brasileira. Por essa razão, analisamos o poema ao qual Bidu faz referência, a “Canção do exílio”, escrita por Gonçalves Dias.

O trabalho teve, como objetivo central, a análise do fenômeno da intertextualidade no quadrinho de Maurício de Sousa, buscando identificar de que forma ela contribui para a produção de sentido no texto. Como objetivos específicos, buscamos entender como o quadrinho

¹ KOCH; BENTES; CAVALCANTE. *Intertextualidade*: diálogos possíveis.

se articula em relação a outros textos, como o poema de Gonçalves Dias e a rivalidade dos times paulistanos. Além disso, buscamos identificar possíveis elementos da intertextualidade temática e estilística, explícita e implícita no texto.

Prova disso, é a referência implícita do texto da “Canção do exílio” na tirinha da Turma da Mônica, uma vez que aquele é tido como um conhecimento prévio na memória social. Maurício de Souza, dessa maneira, opta por não fazer uma remissão explícita – tanto ao texto de Gonçalves Dias, quanto à explicitação dos times de futebol –, tendo em vista que espera que o leitor recupere o texto-fonte e perceba o efeito de sentido provocado pelo deslocamento ou transformação de velhos textos e o propósito comunicacional dos novos textos constituídos.

Portanto, por meio da revisão teórica de Koch, Bentes e Cavalcante, investigou-se, neste artigo, o conceito de intertextualidade na visão dessas autoras². Sendo assim, aplicou-se o conceito ao contexto prático, por meio da análise de uma tira de autoria de Maurício de Sousa, criador da Turma da Mônica, e do poema “Canção do exílio”, de Gonçalves Dias. Nesse sentido, percebeu-se o papel da intertextualidade para a construção de sentido, de humor e de ambiguidade no texto de referência.

Revisão teórica

O conceito de intertextualidade pode ser trabalhado a partir de diversas perspectivas, e é um campo importante dentro da Linguística Textual, uma vez que, segundo Cavalcante, tanto a produção quanto a interpretação de textos sempre envolvem uma relação entre textos³. Neste artigo, tratamos da visão das autoras Anna Christina Bentes, Ingedore Grunfeld Villaça Koch e Mônica Magalhães Cavalcante. Sendo assim, a intertextualidade *stricto sensu* ocorre quando um texto está inserido em um outro texto (intertexto) produzido à priori, que faz parte da memória social de um grupo ou coletivo.

As autoras, nesse sentido, pressupõem ser do conhecimento do leitor a fonte, de modo que não faz remissão explícita a ela. Sendo assim,

² KOCH; BENTES; CAVALCANTE. *Intertextualidade*: diálogos possíveis.

³ KOCH; BENTES; CAVALCANTE. *Intertextualidade*: diálogos possíveis.

a intertextualidade é elemento constitutivo do processo escrita/leitura e compreende as diversas maneiras pelas quais a produção/recepção de um dado texto depende de conhecimentos de outros textos por parte dos interlocutores. Cabe, então, ao conhecimento do leitor e de seu repertório de leitura, identificar a relação entre textos, a fim de concretizar a compreensão e a produção de sentido. Por vezes, não obstante, pode-se recuperar facilmente o texto-fonte, por fazer parte da memória social, o que se faz necessário para a construção de sentidos.

Os tipos de intertextualidade são destacados pelas autoras por suas características particulares, que contribuem para um entendimento mais elaborado do fenômeno da intertextualidade e como ele configura as relações entre textos. Essas categorias são a intertextualidade temática, intertextualidade estilística, intertextualidade implícita e intertextualidade explícita. Nessa perspectiva, a intertextualidade temática é encontrada em textos que compartilham temas, assuntos ou objetos, de modo que a relação pode ser percebida nos conceitos e definições, conhecimentos de mundo e terminologias presentes nos textos. A intertextualidade estilística se caracteriza pelo compartilhamento da forma, nesse caso, a forma, a variedade linguística e o estilo carregam uma série de marcas de identidade de um texto e que são transportadas para outro, executando um papel importante na produção de sentido. A intertextualidade explícita trata-se de quando o próprio texto faz menção a fonte de qual o intertexto partiu, ou seja, quando um texto cita, menciona ou retoma um dizer de outro enunciador. Por último, a intertextualidade implícita introduz no texto um intertexto sem mencionar a fonte, ainda assim o autor espera que o leitor seja capaz de reconhecer a presença do intertexto em função da memória social e complete a produção de sentido.

Metodologia

Buscando analisar a temática proposta, este trabalho utilizou uma abordagem voltada para a pesquisa bibliográfica. As fontes escolhidas para as coletas de dados, que manifestam a concretização da intertextualidade, foram a tirinha da Turma da Mônica, de Maurício de Sousa, e o poema “Canção do exílio”, de Gonçalves Dias. Trata-se, deste modo, de uma

pesquisa aplicada, ou seja, o objetivo foi gerar conhecimentos acerca da aplicação prática da intertextualidade no âmbito literário.

Além disso, quanto aos objetivos, este artigo é exploratório, uma vez que possui um método mais flexível, isto é, não se utilizou questionários detalhados ou amostragens muito complexas, mas o levantamento de informações, sem a obtenção de conclusões estatísticas.

Dentre os principais métodos exploratórios de pesquisa, nesse sentido, destacam-se a pesquisa literária, a *experience survey* e a análise de casos. Pelo fato de o estudo da intertextualidade e de sua materialização se fundamentarem em artigos e em livros, como também tendo em vista que nossos objetos de estudo são publicações literárias e acadêmicas, esta pesquisa possui caráter documental.

Esta pesquisa literária, desta forma, fez uso de artigos acadêmicos; informações publicadas e disponíveis para acesso em geral; textos literários e críticas literárias. Outrossim, houve a utilização do *experience survey*, em que o objetivo foi de obter informações por meio de pessoas que possuem algum nível de familiaridade ou de domínio sobre o tema do estudo, como de linguistas, de modo a conseguir convergências e divergências sobre o assunto da intertextualidade. Posto isso, para a análise da intertextualidade presente nos textos literários, foi utilizado como procedimento o artigo das linguistas Ingedore Grunfeld Villaça Koch e Mônica Magalhães Cavalcante, mas também a mesa redonda palestrada por esta mesma linguista⁴.

Já na análise de casos, por fim, fizemos a análise de casos que já ocorreram no mercado literário e acadêmico, os quais foram disponibilizados em publicações acadêmicas; em livros e em artigos, a fim de analisar as práticas de intertextualidade.

Já quanto à abordagem do problema, que é onde estudamos nosso objeto, utilizamos uma pesquisa com características qualitativas. Esta, por sua vez, interpretou e analisou os fenômenos e os casos de intertextualidade, como na tirinha da Turma da Mônica, de Maurício de Sousa e o poema "Canção do exílio", de Gonçalves Dias. Foi atribuído, dessa maneira, significados que não podem ser analisados

⁴ INTERTEXTUALIDADE e ensino (4ª conferência).

quantitativamente. Ou seja, esta se trata de uma pesquisa de caráter exploratório e que requer uma análise direta da nossa parte com o objeto de estudo, a intertextualidade.

Ainda, com base nos procedimentos técnicos utilizados, esta pesquisa pode ser classificada como bibliográfica, tendo em vista que é baseada em materiais já elaborados, em especial, livros, poemas, tirinhas e artigos científicos. Utilizamos, também, a técnica de estudo de caso, muito utilizada na modalidade exploratória, pois consiste em um estudo profundo e exaustivo de um objeto. Nosso propósito com este estudo, então, foi o de descrever a situação do contexto em que está sendo produzida a intertextualidade, mas também formular hipóteses e/ou desenvolver teorias quanto à elaboração desta, de modo também a explicar as variáveis causais do fenômeno em situações complexas, como em ocasiões em que era improvável um autor conhecer a obra de seu contemporâneo.

Discussão dos resultados

Para a análise da tirinha de Maurício de Sousa, procurou-se observar os elementos e as categorias de intertextualidade presentes no texto. O primeiro quadrinho possui a seguinte frase de Bidu: "Minha terra tem Corinthians, onde canta o sabiá...". A partir dela, o outro personagem da tira responde que Bidu declamou o poema de maneira incorreta, corrigindo-o: "É 'minha terra tem palmeiras'!". No entanto, Bidu retruca e contrapõe dizendo: "Cada um tem o time que quiser!"

Por meio da leitura inicial, fica evidente que a tira foi construída em função da intertextualidade com a "Canção do exílio", de Gonçalves Dias. No texto original, que pode ser visto no Anexo B, os dois primeiros versos que aparecem são "Minha terra tem palmeiras/ Onde canta o Sabiá". Nesse sentido, considerando o contexto em que o poema foi produzido, entende-se que o eu-lírico refere-se à sua terra natal com saudosismo, exaltando a paisagem natural valendo-se de elementos como a árvore em que o pássaro canta.

Como a "Canção do exílio" é um texto canônico da literatura brasileira, entende-se que ele faz parte do repertório sociocultural dos habitantes do Brasil. É a partir desse pressuposto que se construiu o humor da tira, que utiliza do recurso de ambiguidade para cumprir esse propósito. Sendo

assim, percebemos, na fala de Bidu, a presença de uma intertextualidade implícita, já que ele substituiu o substantivo comum “palmeiras” pelo substantivo próprio “Corinthians”. Ainda nessa perspectiva, também é possível identificar a intertextualidade explícita, já que o outro cachorro faz a correção reproduzindo o verso original de Gonçalves Dias.

Assim sendo, explora-se a ideia de ambiguidade criada na tira, que surgiu a partir desses dois tipos de intertextualidade, que foram conceituados na Revisão Teórica. Entende-se que, em função da palavra homônima “palmeiras”, Bidu interpreta que ela seria o nome do time paulistano, e não da planta. Por essa razão, em função da rivalidade e do caráter passional em relação às torcidas dos times, Bidu escolheu substituí-la por “Corinthians”, que seria o seu time do coração, rival do clube Palmeiras.

Ainda, compreende-se que o personagem Bidu não sabia que estava remetendo ao texto original de Gonçalves Dias, uma vez que utiliza essa troca de substantivos, comprovando a intertextualidade implícita. Por outro lado, o outro cão, conforme é esperado no contexto cultural e no imaginário do brasileiro, reconhece a referência canônica, fazendo uma citação direta que se configura, portanto, como uma intertextualidade explícita.

Nesse mesmo sentido, percebe-se o papel exercido pela noção dos times paulistanos na construção de mais uma intertextualidade implícita. Isso porque, não é imperativo que o leitor seja capaz de entender de maneira direta e objetiva que Palmeiras e Corinthians são times rivais, uma vez que o contexto proporciona uma inferência que independe do conhecimento prévio, por meio do uso do substantivo “time”. No entanto, é desejável que o interlocutor domine, mesmo que superficialmente, esse saber, para que o sentido da tirinha seja integralmente compreendido.

Sob essa perspectiva, também tomando a memória social do brasileiro, espera-se, de uma pessoa que vive no “país do futebol”, o conhecimento sobre esses dois grandes clubes, que disputam a Série A do Campeonato Brasileiro de Futebol. Dessa maneira, por mais que seja possível entender, nesse caso, a intertextualidade por meio de uma inferência, o sentido só é de fato completo quando o interlocutor tem o conhecimento prévio esperado, porque não são quaisquer times de

futebol, mas sim dois times rivais com histórias e títulos, tais como o da Libertadores da América, respeitados em todo o continente latino-americano. Tal conhecimento permite que o leitor elabore o sentido da tira, antes que a personagem Bidu enuncie o substantivo "time".

Todavia, a forma como esses dois aspectos interferem na construção de sentido da tira diferem quanto a necessidade de se conhecer o elemento ao qual a intertextualidade se refere. Isso pode ser percebido, pois para que a fala do cão marrom faça sentido, deve-se, necessariamente, conhecer a "Canção do exílio", de Gonçalves Dias. De maneira oposta, a bagagem de conhecimento sobre os clubes paulistanos não ocupa papel fundamental na produção de sentido da tira, visto que o contexto apresentado é suficiente para o leitor inferir e interpretar o que foi enunciado.

Conclusão

Este trabalho, portanto, pretendeu entender a intertextualidade e sua concretização, a partir de uma pesquisa literária e exploratória, com características qualitativas. Para se atingir a compreensão da manifestação do intertexto, os seus efeitos, o porquê de ocorrer e em quais contextos ocorre, definimos três objetivos específicos.

O primeiro, que se tratou da intertextualidade entre a tirinha da Turma da Mônica, de Maurício de Sousa, e o poema "Canção do exílio", de Gonçalves Dias. O segundo, de analisar o papel do conhecimento prévio sobre times de futebol para a compreensão satisfatória do texto selecionado. E o terceiro, de analisar os tipos de intertextualidade (temática, estilística, implícita e explícita). A análise permitiu concluir que em um mesmo texto é possível ocorrer mais de um caso de intertextualidade e mais de um tipo desta, mas também como é possível analisar o contexto em que foi produzido, com base na intertextualidade.

Foi possível observar que a intertextualidade pode aparecer ou não como essencial na produção de sentido. Nessa perspectiva, a construção do texto colabora para a necessidade ou não do processo de reconhecimento do intertexto na produção de sentido, no caso do poema de Gonçalves Dias, é essencial que seja feito o reconhecimento. Já na relação com o futebol, o próprio texto dá ferramentas para que

uma inferência seja feita pelo leitor possibilitando a compreensão. Ainda assim, é importante ressaltar que a memória social e a intertextualidade permitem que o leitor antecipe a produção de sentido construída no texto.

Com isso, a hipótese do trabalho de que a intertextualidade fornece um papel importante na produção de sentido e de delimitação de contexto, mas também que depende do leitor a capacidade de reconhecer a presença do intertexto em função da memória social para completar a produção de sentido, confirmou-se por meio dos exemplos da tirinha de Maurício de Souza e do poema de Gonçalves Dias, assim como pelo artigo das linguistas Anna Christina Bentes, Ingedore Grünfeld Villaça Koch e Mônica Magalhães Cavalcante.

Referências

DIAS, Gonçalves. Canção do exílio. In: DIAS, Gonçalves. *Cinco estrelas*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. (Coleção Literatura em Minha Casa)

INTERTEXTUALIDADE e ensino (4ª conferência). Rio de Janeiro: Lab Letras-UERJ, 2021. 1 son., color.

KOCH, Ingedore Grünfeld Villaça; BENTES, Anna Christina; CAVALCANTE, Mônica Magalhães. *Intertextualidade: diálogos Possíveis*. São Paulo: Cortez, 2007.

SOUSA, Maurício de. *O Estado de S. Paulo*, 11 fev. 2006.

Trabalho orientado pela Profa. Dra. Silvane Aparecida Gomes (pós-doutoranda do PosLin/Fale-UFMG), no âmbito da disciplina "Linguística do Texto e do Discurso" da Fale/UFMG (2022/1).

Anexos

Anexo A



Fonte: SOUSA, Maurício de. *O Estado de S. Paulo*, 11 fev. 2006.

Anexo B

Canção do exílio

Minha terra tem palmeiras
Onde canta o Sabiá,
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,
Mas prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar – sozinho, à noite –
Mas prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

A Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;
Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá⁵.

⁵ DIAS. *Cinco estrelas*.

A presença da intertextualidade no rap “O mundo é nosso”

Lucas Vinícius de Souza

Luísa Gomes Cazarini

Maíra Alves da Silveira

Thaís Helena Mariano Almeida

Introdução

O presente trabalho buscará explicar o conceito de intertextualidade e a sua aplicação a partir dos autores Authier-Revuz, Bakhtin, Bentes, Cavalcante e Koch, além de explorar os diversos tipos e suas marcas. Paralelo a isso, pretende-se expor as características do gênero textual-musical rap e realizar a análise de uma música desse gênero que apresenta inúmeros traços de intertextualidade. Ademais, partiu-se do pressuposto de que o texto selecionado, uma música do cantor Gustavo Pereira Marques (Djonga), contém marcas do referido conceito, e que elas trabalham na construção de um texto rico em significados dentro do espaço sociodiscursivo que originou o gênero da letra em observação.

A intertextualidade: conceitos e tipos

O dialogismo de Bakhtin e a heterogeneidade de Authier-Revuz

Foi o filósofo da linguagem Mikhail Bakhtin que trouxe à tona a ideia de que os enunciados, ditos ou escritos, nunca são “puros” e originais, mas trazem consigo várias vozes, ideologias e discursos que se cruzam e dialogam, seja em consonância, seja em dissonância. Para o teórico russo “um enunciado é um elo de uma cadeia muito complexa de outros enunciados” e isso diz respeito a um princípio constitutivo dos discursos: o dialogismo¹.

¹ BAKHTIN. Os gêneros do discurso.

Desse modo, é possível dizer que todo texto dialoga de algum modo com outros. Bakhtin aponta que “O texto só ganha vida em contato com outro texto (com contexto). Somente neste ponto de contato entre textos é que uma luz brilha, iluminando tanto o posterior como o anterior, juntando dado texto a um diálogo [...]”².

A autora francesa Jacqueline Authier-Revuz, em semelhante movimento, apresenta a ideia de heterogeneidade discursiva apontando que por trás da ilusão da emissão de uma só voz, outras vozes ecoam³. A diferença marcante entre as noções de Bakhtin e Authier-Revuz está no fato de que a última incorpora a ideia de inconsciente da psicanálise Freud-lacaniana e de um sujeito estruturalmente clivado por outras vozes que não são as do outro que Bakhtin falava.

Authier-Revuz subdividiu a heterogeneidade em dois tipos: a constitutiva, sempre presente, mas não diretamente observável, e a mostrada, que marcam o discurso de certa forma a criar um “distanciamento entre o sujeito e aquilo que ele diz” e corresponde a uma negociação do sujeito falante com a heterogeneidade constitutiva⁴. A heterogeneidade mostrada seria ainda dividida pela autora em marcada, visível na materialidade linguística (aspas, itálico, citações etc.), e não marcada, sem visibilidade no contexto (ironia, alusão, pastiche, intertextualidade etc.).

Para Cavalcante e Brito, em divergência com Authier-Revuz, toda heterogeneidade seria marcada e marcas como da ironia, alusão, intertextualidade estariam inscritas no contexto e se construiriam no discurso, a partir do ato enunciativo. As autoras concebem a intertextualidade como um subcaso da heterogeneidade e que seria sempre mostrada e marcada de formas diversas que não se restringem à marca tipográfica.

Intertextualidade constitutiva

Se o dialogismo e a heterogeneidade discursiva (constitutiva) são princípios constitutivos da linguagem, para Julia Kristeva a intertextualidade também o é. Para a filósofa e crítica literária francesa que cunhou o termo na década de 1960, “qualquer texto se constrói como um mosaico

² FREITAS. *A intertextualidade em anúncios publicitários sob um olhar pedagógico*.

³ CAVALCANTE; BRITO. Intertextualidade, heterogeneidades e referênciação.

⁴ CAVALCANTE; BRITO. Intertextualidade, heterogeneidades e referênciação, p. 266.

de citações e é a absorção e transformação de um outro texto”⁵. Greimas reforça essa ideia dizendo que “todo texto é um intertexto; outros textos estão presentes nele, em níveis variáveis, sob formas mais ou menos reconhecíveis”⁶.

Para Koch, Bentes e Cavalcante, “todo texto é, portanto, um objeto heterogêneo, que revela uma relação radical de seu interior com seu exterior. Dele fazem partes outros textos que lhe dão origem, que o predeterminam, com os quais dialoga, que ele retoma, a que alude ou aos quais se opõe”⁷. Tendo em vista essa ideia de intertextualidade ampla, Cavalcante e Brito sugerem que na Linguística Textual trabalhem com uma noção estrita de intertextualidade e Koch, Bentes e Cavalcante apontam que a ideia mais ampla não parece restringir o fenômeno para uma análise bem fundamentada e reforçam a necessidade de uma intertextualidade *stricto sensu*.

Intertextualidade no sentido estrito

Para Koch, Bentes e Cavalcante a intertextualidade no sentido estrito ocorre quando “em um texto, está inserido outro texto (intertexto) anteriormente produzido, que faz parte da memória social de uma coletividade ou da memória discursiva dos interlocutores”, mas ressaltam que é necessário que o texto remeta a outros textos ou fragmentos “efetivamente produzidos” estabelecendo algum tipo de relação⁸.

Nas palavras de Cavalcante e Brito, a intertextualidade:

se aproxima da maneira restritiva como Genette (1982) a caracterizou: ou pela relação de copresença entre dois ou mais textos, ou seja, pela inserção efetiva de um texto em outro; ou pela relação de derivação, isto é, pela imitação ou transformação de um texto em outro⁹.

As autoras adicionam ainda a possibilidade de intertextualidade “pela imitação/transformação de gêneros do discurso, ou de partes de um texto”.

⁵ KRISTEVA. *A revolução da linguagem poética*, p. 60 *apud* CAVALCANTE; BRITO. *Intertextualidade, heterogeneidades e referenciação*.

⁶ CAVALCANTE; BRITO. *Intertextualidade, heterogeneidades e referenciação*.

⁷ KOCH; BENTES; CAVALCANTE. *Intertextualidade: diálogos possíveis*, p. 16.

⁸ KOCH; BENTES; CAVALCANTE. *Intertextualidade: diálogos possíveis*.

⁹ CAVALCANTE; BRITO. *Intertextualidade, heterogeneidades e referenciação*, p. 267.

Em suma, para as autoras, a intertextualidade é “uma das espécies de heterogeneidade enunciativa, em que vozes, sempre marcadas, de diferentes textos, estilos ou gêneros discursivos se conjuminam”, ou seja, se unem num só¹⁰. Vale lembrar que, como aponta Bauman, toda e qualquer retextualização de um texto prévio implica uma alteração em sua força ilocucionária e em seu efeito perlocucionário – ou seja, no que ele vale e no que ele faz¹¹.

Koch, Bentes e Cavalcante apresentam vários tipos de intertextualidades, mas dentre eles serão destacados e explicados os conceitos de intertextualidade estilística, explícita e implícita, que serão usados na presente análise.

Tipos de intertextualidade recorrentes na análise

De início, faz-se importante ressaltar que segundo Koch, Bentes e Cavalcante existe uma pluralidade no que se refere aos tipos de intertextualidades, levando em conta a forma com que cada relação entre textos é realizada¹². Nesse sentido, considerando o que será exposto nesta análise, termos como: intertextualidade estilística, temática e explícita são relevantes e é necessário conhecer sobre cada um desses conceitos para embasar as próximas etapas da então pesquisa.

Intertextualidade estilística

Sobre o conceito de intertextualidade estilística cunhado por Koch, Bentes e Cavalcante entende-se que ele entra em pauta uma vez que o autor de um determinado texto menciona outros estilos e ou variedades linguísticas, seja fazendo uma repetição, uma imitação ou uma paródia, considerando que existem objetivos diversos para cada uma dessas reproduções.

Intertextualidade temática

Sobre o conceito de intertextualidade temática, é importante levar em conta que ela é perceptível entre textos que apresentam um tema semelhante, um tema em comum. De acordo com Koch, Bentes e

¹⁰ CAVALCANTE; BRITO. Intertextualidade, heterogeneidades e referenciação, p. 274.

¹¹ KOCH; BENTES; CAVALCANTE. *Intertextualidade: diálogos possíveis*.

¹² KOCH; BENTES; CAVALCANTE. *Intertextualidade: diálogos possíveis*.

Cavalcante, essa relação possui também uma dinâmica de conceitos e terminologias próprios.

Intertextualidade explícita

Já o conceito de intertextualidade explícita se refere a quando o produtor de um texto menciona, de forma explícita, a fonte do outro texto relacionado por ele no corpo textual, como é possível observar nas citações.

O gênero textual-musical do objeto da análise: o rap

Para a realização da presente análise sobre intertextualidade, foi selecionado o gênero textual-musical rap, expressão ligada à cultura hip-hop que emergiu nos Estados Unidos aproximadamente na década de 1970 e que tem características que o tornam uma atividade sócio-discursiva peculiar, pois advém de um contexto histórico, cultural e social específico que contribuiu para sua formação enquanto gênero textual.

Segundo o filósofo russo Bakhtin, a aplicação da língua realiza-se em forma de enunciados únicos, concretos, orais e escritos. Além disso, eles são expressos por membros de diversas áreas da atividade humana. Depois, a construção composicional desses enunciados, a temática abordada e a natureza da linguagem compõem as finalidades e as condições típicas de cada área das atividades dos seres humanos. Os três elementos citados anteriormente, de forma inseparável, ligam-se no enunciado por completo e possuem a mesma definição a partir do caráter de cada região da comunicação. Embora a individualidade seja característica de cada enunciado particular, de acordo com o autor, cada setor de emprego da língua forma as suas variedades “relativamente estáveis” de enunciados, os quais são nomeados “gêneros do discurso”¹³.

Atualmente, a noção de gênero passou a abranger toda forma de produção textual, tornando-se uma categoria amplamente utilizada. Esse processo de ampliação, contudo, fez com que o conceito se tornasse mais difuso e fragmentado, o que acabou gerando questionamentos sobre o que exatamente se entende por gênero textual.

¹³ BAKHTIN. Os gêneros do discurso.

Marcuschi declara que a área do estudo dos gêneros textuais é fértil e interdisciplinar ressaltando a importância de observar o funcionamento da língua, as atividades sociais e as atividades culturais. Dessa maneira, os gêneros não devem ser vislumbrados como “modelos estanques” ou “estruturas rígidas”, mas, como “formas culturais e cognitivas de ação social corporificadas de modo particular na linguagem”. Os gêneros devem ser vistos como “entidades dinâmicas”¹⁴.

Para Marcuschi, os gêneros textuais apresentam resumidamente as seguintes características:

1. Realizações linguísticas concretas definidas por propriedades sociocomunicativas;
2. Constituem textos empiricamente realizados cumprindo funções em situações comunicativas;
3. Sua nomeação agrega um determinado conjunto aberto e quase ilimitado de designações concretas determinadas pelo canal, estilo, conteúdo, composição e função¹⁵.

Nas palavras de Koch e Elias, os gêneros, incluindo os textuais “[são] marcado[s] por sua esfera de atuação que promove modos específicos de combinar, indissolavelmente, conteúdo temático, propósito comunicativo, estilo e composição”¹⁶, ou seja, “[...] são formas de realizar linguisticamente objetivos específicos em situações sociais particulares”¹⁷.

Sendo assim, o rap surge com o propósito de comunicar a dinâmica social do lugar o qual os sujeitos denominados rappers ou MCs vivem e constroem suas perspectivas sobre a sociedade em que estão inseridos.

Portanto, os *rappers*, assim como seus “manos de quebrada”, em decorrência de estigmas e estereótipos, encontram-se previamente delegitimados à coparticipação do espaço político, condição reforçada ainda pelas restrições de acesso à cidade, decorrentes da segregação urbana e da desigualdade social, fatores que, somados, tendem a encolher a margem de sua visibilidade social¹⁸.

É esta concepção que vai condicionar o conteúdo temático, a composição e estilo do referido gênero textual-musical:

¹⁴ MARCUSCHI. Gêneros textuais: definição e funcionalidade.

¹⁵ MARCUSCHI. Gêneros textuais: definição e funcionalidade.

¹⁶ KOCH; ELIAS. *Ler e compreender os sentidos do texto*, p. 107.

¹⁷ MARCUSCHI. Gêneros textuais: definição e funcionalidade, p. 29.

¹⁸ BERTELLI. *Errâncias racionais: a periferia, o RAP e a política*, p. 221. Grifos do autor.

O *rap*, palavra formada pelas iniciais da expressão *rhythm and poetry* (ritmo e poesia), tem como fonte de produção a apropriação musical, sendo a música composta pela seleção e combinação de faixas já gravadas, a fim de produzir uma nova música. Mixando os mais variados estilos da *black music*, o *rap* cria um som próprio, pesado e arrastado, reduzido ao mínimo, no qual são utilizados apenas bateria, *scratch* e voz. Mais tarde, essa técnica seria enriquecida com o surgimento do *sampler*. Desde então o rap aparece como um gênero musical que articula a tradição ancestral africana com a moderna tecnologia, produzindo um discurso de denúncia da injustiça e da opressão a partir do seu enraizamento nos guetos negros urbanos¹⁹.

Ainda segundo o autor, “Nessa produção poética, a estrutura das letras, a fidelidade ao território e a explicitação de uma temática social são elementos identificadores do rap em qualquer lugar, seja no Brasil ou nos Estados Unidos”²⁰.

Portanto, infere-se que o rap desde sua origem até os dias atuais, mantém uma relação relativamente estável entre composição, conteúdo e estilo, e que tem como recurso significativo de construção das letras a intertextualidade, pois partimos do pressuposto de que para realizar o seu propósito comunicativo através do gênero, os sujeitos produtores das letras de rap recorrem frequentemente a recursos intertextuais, dialogando com outras letras do mesmo gênero ou com elementos integrantes do meio social em que vivem, como o cinema, religião e cultura popular no geral, contrariando assim um viés preconceituoso e estigmatizante contra os sujeitos envolvidos na produção do gênero.

Análise das marcas de intertextualidade presentes no rap “O mundo é nosso”, do cantor Gustavo Pereira Marques, o “Djonga”

Marcas de intertextualidade temática

A intertextualidade temática segundo Koch, Bentes e Cavalcante pode ser localizada em textos que pertencem “[...] a uma mesma área do saber ou uma mesma corrente de pensamento, que partilham temas e se servem

¹⁹ DAYRELL. O rap e funk na socialização da juventude, p. 126. Grifos do autor.

²⁰ DAYRELL. O rap e funk na socialização da juventude, p. 127.

de conceitos e terminologia próprios, já definidos no interior dessa área ou corrente teórica”¹.

[...] crianças a *chave*
Eles são cadeado, já foram corrente, sabe?²

Luz e decorações, sorriso amarelo nas ilusões
Os preto é *chave*, abram os portões³.

A palavra “chave”, destacada nas formações acima, ganha o mesmo sentido quando analisamos o contexto de produção de ambas as letras que tem a mesma finalidade comunicativa, que é falar sobre a valorização e empoderamento da população afro-brasileira, uma temática recorrente dentro do gênero textual-musical analisado.

Marcas de intertextualidade estilística

“*Senhor é meu pastor*, mas nada te asfaltar/ Tudo te faltará, se comprometerá”⁴ – o trecho representa uma marca de intertextualidade estilística uma vez que reproduz uma espécie de paródia de uma linguagem bíblica. No texto original da Bíblia que retrata a história de Davi, o salmo começa com “O senhor é meu pastor; nada me faltará”⁵.

Marcas de intertextualidade: referência e alusão

A canção de Djonga e BK tem como um de seus principais eixos temáticos o cinema, de modo que diversas alusões e referências são feitas ao longo da letra. Cavalcante e Brito escrevem que a “referência” é uma forma explícita de intertextualidade, mas diferente da citação, ela não aponta diretamente o outro texto ao qual remete⁶. A referência pode trazer a menção de entidades ou personagens e isso é amplamente explorado na música.

Homem negro, inferno branco, tipo *Tarantino*

¹ KOCH; BENTES; CAVALCANTE. *Intertextualidade*: diálogos possíveis.

² DJONGA. O mundo é nosso. Grifos próprios.

³ SAPIÊNCIA. Ponta de lança. Grifos próprios.

⁴ DJONGA. O mundo é nosso. Grifos próprios.

⁵ BÍBLIA. Salmos, p. 400.

⁶ CAVALCANTE; BRITO. *Intertextualidade, heterogeneidades e referenciação*.

Nesse verso, é feita referência ao diretor americano Quentin Tarantino, famoso por seus filmes com muitas cenas explícitas de violência, o que produz a ideia de que da mesma forma é a vida do homem negro na sociedade branca, num inferno branco.

É que as ruas me lembram *Massacre da Serra Elétrica*

Em outra referência ao cinema, os autores da música trazem a imagem da série de filmes *O massacre da serra elétrica* criando uma visão de que as ruas são como um filme de terror, repleto de horror e violência.

Ganhar dinheiro tipo *Cassino de Scorsese*

Nesse verso, há uma referência clara ao filme *Cassino* do cineasta estadunidense Martin Scorsese. No filme, um mafioso é encarregado de gerir os negócios de um cassino e consegue, temporariamente, aumentar consideravelmente os lucros do estabelecimento. Nesse sentido, ganhar dinheiro tipo *Cassino* de Scorsese é ganhar grandes quantidades de dinheiro.

O lado negro da força, mato com meu sabre
Te corto com meu sabre

Nesse trecho, mesmo que não se note explicitamente o nome de um filme ou de um personagem, há clara alusão à série de filmes *Star Wars*, de George Lucas, ao se citar “o lado negro da força” ou o “sabre”, arma característica da série e que se consolidou como uma referência dos filmes. O “lado negro da força” opera uma ambiguidade que é tanto a ideia do filme, o poder de um grupo, como a referência à identidade negra dos rappers que cantam a música.

Gastar dinheiro tipo *Até Que a Sorte Nos Separe*

Nesse verso, há referência explícita ao filme *Até que a sorte nos separe* estrelado por Leandro Hassum, onde um sujeito ganha na loteria e gasta todo o seu dinheiro ostentando e vivendo uma vida de luxo. Sendo assim, gastar dinheiro como no filme é gastar muito e sem preocupações.

Para além das referências e alusões ao mundo do cinema, é notável as referências às grandes personalidades negras que são icônicas.

Quilombos, favelas, no futuro seremos reis, *Charles*
[...]
Com a pele de *Barack Obama*
Sejamos *Tupac Shakur, Afeni Shakur*

Ray Charles foi um pianista negro precursor do jazz e é referência musical mesmo após a sua morte, Barack Obama foi o primeiro presidente negro dos Estados Unidos da América, Tupac Shakur é considerado um dos mais importantes e influentes rappers do mundo, além disso, foi um importante ativista social cantando e expondo a violência e as condições de vida da população negra dos EUA. Afeni Shakur, mãe de Tupac, foi uma empresária musical, filantropa e conhecida por ser membro do grupo de ativistas do movimento negro Panteras Negras. É feita também referência ao ex-presidente Abraham Lincoln, responsável pela emancipação dos escravizados nos EUA.

Todos esses personagens tem uma importância no movimento negro e que ao serem citados, são trazidos à memória, lembrados e mantidos em circulação nos discursos, sendo essa uma das possíveis razões para as referências na música.

Conclusão

Levando em conta todos os pontos da análise, desde a definição do conceito de intertextualidade, a exposição dos tipos de intertextualidades relevantes para a análise até a própria análise, que apresentou as marcas da relação entre textos presentes na música do gênero textual-musical rap "O mundo é nosso", o presente artigo atingiu seu objetivo principal. Nesse sentido, a proposta era fazer a apresentação dessas marcas em um corpo textual – o rap, que é extremamente importante para a sociedade brasileira, especialmente por seu contexto sociocultural de origem. Portanto, todas as referências – consideradas marcas de intertextualidade, apresentadas pelo compositor da música validam e auxiliam na construção do texto e na propagação das ideias centrais que o constituem.

Foram constatadas outras marcas intertextuais no texto analisado, porém, pela limitação extensiva do artigo não foram inseridas.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. 261-306.
- BERTELLI, Giordano Barbin. Errâncias racionais: a periferia, o RAP e a política. *Sociologias*, Porto Alegre, v. 14, n. 31, p. 214-217, set./dez. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/soc/a/4W4GXXnwGYDFVY6tSMV8gJj/>. Acesso em: 7 jun. 2022.
- BÍBLIA. Salmos. In: *Bíblia Sagrada*. Tradução em português por João Ferreira de Almeida. 4. ed. Revista e corrigida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.
- CAVALCANTE, Mônica Magalhães; BRITO, Mariza Angélica Paiva. Intertextualidades, heterogeneidades e referenciação. *Linha D'Água*, [s.l.], v. 24, n. 2, p. 259-276, 2011. DOI: 10.11606/issn.2236-4242.v24i2p83-100. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/37358>. Acesso em: 11 jun. 2022.
- DAYRELL, Juarez. O rap e o funk na socialização da juventude. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 117-136, jan./jun. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/rqhzvRzXfWjTT4kqS7Swzfn/>. Acesso em: 7 jun. 2022.
- FREITAS, Antonio Carlos Rodrigues de. *A intertextualidade em anúncios publicitários sob um olhar pedagógico*. 2012. 126 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, Niterói, 2012.
- KOCH, Ingedore Grünfeld Villaça; BENTES, Anna Christina; CAVALCANTE, Mônica Magalhães. *Intertextualidade: diálogos possíveis*. São Paulo: Cortez, 2012.
- KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2009.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Org.). *Gêneros Textuais & Ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 19-36.
- O MUNDO é nosso. Intérprete: Djonga. São Paulo: Ceia Ent., 2017. Digital.
- PONTA de lança. Intérprete: Rincon Sapiência. São Paulo: Boia Fria Produções, 2017. Digital.

Trabalho orientado pela Profa. Dra. Silvane Aparecida Gomes (pós-doutoranda do PosLin/Fale-UFMG), no âmbito da disciplina "Linguística do Texto e do Discurso" da Fale/UFMG (2022/1).

Textualidade e textualização: o uso da linguagem de fresta durante a Ditadura Militar

Beatriz Gabriele Rodrigues da Cunha

Erick Robson Ferreira Silva

Introdução

Em primeiro de abril de 1964, foi instaurada a Ditadura Militar no Brasil, caracterizada como um período de extrema opressão política, ideológica e social. O discurso dos idealizadores do regime baseava-se na manutenção da ética e da moral, contra a ameaça do comunismo e quaisquer outros que fossem contra o Estado. Justificativas que, nas palavras de Menezes e Rocha, tentaram ofuscar os “[...] vinte anos de silêncios e silenciamentos, marcados por violências de todas as ordens”¹. Tais violências foram especialmente praticadas por meio da censura, aceita pelos autores supracitados como a análise de todo material informativo ou artístico, por parte do censor, para que ele defina aquilo que será ou não posto em circulação, a garantir que respeite os ideais políticos e morais.

A partir dessa perspectiva, aquele que censura adquire um papel de superioridade, pois se vê na posição de quem é atacado e ameaçado pelos “inimigos da nação”, sendo também responsável pelo controle do que é dito, reescrevendo – como uma coautoria imposta –, sugerindo adequações ou vetando determinado trabalho². A censura se fortificou ainda mais com o Ato Institucional nº 5 que, a partir de 1968, sob o controle da Divisão de Censura e Diversões Públicas, passou a vistoriar com maior

¹ MENEZES; ROCHA. Uma abordagem discursiva da censura no Brasil em tempos de ditadura: Gonzaguinha e a resistência pela música, p. 74.

² MENEZES; ROCHA. Uma abordagem discursiva da censura no Brasil em tempos de ditadura: Gonzaguinha e a resistência pela música, p. 89.

rigor as produções artísticas brasileiras. Foi também por meio do chamado AI-5, que a tortura ganhou possibilidades de implantação no regime.

Todavia, mesmo (e especialmente) sistemas autoritários e muito violentos, provocam movimentos de resistência, desenvolvidos nas brechas de tais governos, como ocorreu principalmente no cenário musical daquele período. Conforme Carocha observa ao dizer que “na ‘linguagem da fresta’, as letras das músicas faziam sentido não no dito, mas no interdito, nas entrelinhas”³, com o intuito de que o interlocutor ou ouvinte fosse capaz de compreender a mensagem sem que, por sua vez, pudesse ser facilmente feito pelos órgãos de repressão.

Nesse cenário surgiu a canção “Cálice”, de Chico Buarque e Gilberto Gil, com participação de Milton Nascimento, que utiliza dessa ferramenta para denunciar a opressão que ocorria naquele período. A letra possui duas maneiras de interpretação, devido a duas formas possíveis de textualidade e textualização, o que possibilitou que canções contra o regime ainda chegassem ao público brasileiro, através de uma linguagem dúbia, proporcionando mais de uma definição de sentido. O tema voltou à tona depois das discussões sobre a censura do atual governo contra algumas expressões políticas de artistas que se apresentaram no Festival *Lollapalooza*, os debates destacando-se nas redes sociais, com discussões acerca da liberdade de expressão, por meio da música, e críticas ao governo.

Em relação a estrutura da pesquisa, ela se divide nas seguintes seções: Introdução; Fundamentação teórica, onde serão abordados os estudos que servirão de base para a análise; Procedimentos metodológicos, acerca da coleta e análise dos dados; Análise e discussão dos dados, voltada para a análise do *corpus* coletado, com base nos critérios apresentados na fundamentação teórica; Conclusão, para a apresentação das conclusões gerais da pesquisa.

Fundamentação teórica

A principal teoria que fundamentará a pesquisa será a da textualidade e seus princípios, conforme citado na seção anterior. O termo textualidade foi desenvolvido por Robert-Alain de Beaugrande e Wolfgang Dressler, no

³ CAROCHA. A censura musical durante o regime militar (1964-1985), p. 194.

livro *Introduction to Text Linguistics*, publicado em 1981. Segundo Costa Val, no artigo "Texto, textualidade e textualização", a textualidade pode ser definida como "um componente do saber linguístico das pessoas", aplicado por todos para identificar a unidade de sentido dentro de uma situação adequada de interação, por meio dessa análise, capazes de definir um texto lógico, uma produção textual propriamente dita⁴. A partir dessa concepção, Beaugrande e Dressler desenvolvem os fatores constitutivos de textualidade, os quais serão apresentados a seguir.

Princípios da textualidade

Ainda conforme Costa Val, coesão é uma das principais âncoras textuais e está relacionada às relações linguísticas do texto e coerência, por sua vez, tem ligação com os conhecimentos e habilidades dos interlocutores, que compreendem o texto como "lógico", como unidade de sentido⁵. A partir dos conceitos definidos por Beaugrande e Dressler, põe-se em foco, os outros cinco fatores de textualidade, que contribuem para o desenvolvimento da coerência textual⁶. É importante lembrar que a compreensão depende em boa parte do leitor, de sua capacidade de textualização, bem como de toda a situação de interlocução.

A aceitabilidade é definida por Silva e Rocha como "[...] inerente ao receptor, porque ela analisa o nível de coerência e coesão que o texto utiliza, sendo capaz de levar o receptor a aceitar o texto produzido"⁷. Esse critério também faz relação com as expectativas do leitor ou ouvinte, que deve estar em conjunção com a intencionalidade do produtor do texto.

Este último, em questão, diz respeito às intenções autorais e textuais, a depender de habilidades retóricas e argumentativas, para o convencimento do interlocutor. Marcuschi diz que nenhum texto é livre de ideologias e intenções, e ele irá cumprir plenamente sua função se a intencionalidade for de fato captada pelo(s) interlocutor(es)⁸. A

⁴ COSTA VAL. Texto, textualidade, textualização, p. 2.

⁵ Segundo Costa Val, este é o principal fator de textualização, e os demais, são diretamente dependentes dele. Ver COSTA VAL. *Redação e textualidade*.

⁶ BEAUGRANDE; DRESSLER. *Introduction to Text Linguistics*.

⁷ ROCHA; SILVA. A linguística textual e a construção do texto: um estudo sobre os fatores de textualidade, p. 41.

⁸ MARCUSCHI. Anáfora Indireta: O barco textual e suas âncoras.

situacionalidade é tomada por Silva e Rocha como o tipo de manifestação linguística que melhor se encaixa no contexto a que se insere, pois “a situação ajuda a direcionar o sentido do discurso, tanto em sua produção como também em seu entendimento. Essa situação comunicativa interfere diretamente na produção do texto”⁹.

O princípio da informatividade está relacionado à quantidade de novidade identificada em um texto. Costa Val afirma que o interlocutor tende a preferir produções textuais que apresentem informações já conhecidas, para ajudar no processamento das novidades que serão apresentadas¹⁰. Isto se deve ao fato de o leitor ter dificuldade em compreender e absorver muitas informações, sem uma prévia contextualização. Silva e Rocha, definem a informatividade como “[...] a informação trazida pelo produtor do tópico discursivo e nos diz do que trata determinada produção”, sendo parte da coerência e da interpretação¹¹.

A intertextualidade sugere que os textos não são isolados, mas que são todos conectados, pois um mesmo tema pode estar presente em diversos textos. Essa relação divide-se em explícita e implícita, sendo a primeira a menção direta ao intertexto e a segunda discute sobre como é possível que o autor de certo texto faça menção a outros sem citar diretamente a fonte original, usando-a como um elemento escondido na obra. Se feita a ligação do texto-fonte pelo leitor, a sua concepção pode alterar sua noção e interpretação original da obra, abrindo-se margens para uma nova interpretação.

Procedimentos metodológicos

Procedimentos de coleta dos dados

A presente pesquisa é do tipo documental e qualitativa, por meio dela será analisada a canção “Cálice” de Chico Buarque e Gilberto Gil, com a participação de Milton Nascimento. Nesta seção, serão apontados os

⁹ ROCHA; SILVA. A linguística textual e a construção do texto: um estudo sobre os fatores de textualidade, p. 40.

¹⁰ COSTA VAL. Texto, textualidade, textualização.

¹¹ ROCHA; SILVA. A linguística textual e a construção do texto: um estudo sobre os fatores de textualidade, p. 41.

procedimentos metodológicos do estudo, a começar, pelos critérios adotados para a coleta do *corpus* e, em seguida, os meios de análise, baseados nos princípios de textualidade desenvolvidos por Beaugrande e Dressler, e no princípio da intertextualidade implícita¹².

Motivados pelo ocorrido no festival *Lollapalooza*, como citado na introdução deste artigo, foram realizadas pesquisas sobre canções lançadas durante o período da Ditadura Militar (1964-1985), sob a autoria de cantores que foram perseguidos, acusados de traidores da pátria ou de comunistas. Após estes estudos, foram buscados artigos direcionados a textualidade e textualização, a fim de contribuir com a linha de raciocínio almejada.

No site letras.mus.br, que disponibiliza transcrições e traduções de músicas, e no Youtube, foram analisadas diversas produções, almejando aquela que melhor se encaixasse à pesquisa proposta. Após a seleção da música, a letra foi copiada em formato Word e o *link* do vídeo com o áudio, disponível no Youtube, foi salvo. Seguem, abaixo, os procedimentos de análise dos dados coletados.

Procedimento de análise dos dados

Em busca de uma abordagem mais completa, a música foi analisada com foco em cada um dos sete tópicos definidores de textualidade. Os procedimentos de análise em cada etapa, serão:

- a. Intertextualidade;
- b. Coerência;
- c. Coesão;
- d. Aceitabilidade;
- e. Informatividade;
- f. Situacionalidade;
- g. Intencionalidade.

Análise dos dados

Intertextualidade

A intertextualidade trata da ligação existente entre textos, como um guia de leitura para a interpretação do ouvinte/leitor, que a partir dela,

¹² BEAUGRANDE; DRESSLER. *Introduction to Text Linguistics*

faz inferências próprias para compreender o sentido do texto que ouve ou lê. Segundo Costa Val, trata-se de “um princípio geral que faz parte do conhecimento textual dos falantes e que os leva a aplicar a todas as produções linguísticas que falam, escrevem, ouvem ou leem um conjunto de fatores capazes de textualizar essas produções”¹³. Por meio desse evento ocorre a dupla interpretação, fator que permitiu a música “Cálice” atravessar a censura ditatorial. Conforme pode ser observado na primeira estrofe:

Pai, afasta de mim esse cálice
Pai, afasta de mim esse cálice

Pai, afasta de mim esse cálice
De vinho tinto de sangue¹⁴

No título da obra, a pronúncia da palavra “cálice” pelos cantores é realizada com uma sonoridade que se entende “cale-se” (calar a boca ou a voz do indivíduo) ao invés de “cálice” (recipiente feito para beber), pois tais palavras são homônimas. Essa estratégia linguística possibilita que, mesmo sem nenhuma referência direta ao ato de censura militar de calar os artistas, a interpretação seja feita pelos próprios leitores.

Graças a isso, a canção consegue passar pelo crivo da censura, com seu duplo significado, pois o uso no refrão dos versículos bíblicos “meu Pai, se possível, afasta de mim este cálice! Todavia, não seja como eu quero, e sim como tu queres”¹⁵, permitiram uma ligação cognitiva religiosa com a música por uma parte do público que a interpretou de tal maneira.

Além disso, os compositores trazem uma intenção mais direta ao dizer que “na arquibancada pra a qualquer momento/ Ver emergir o monstro da lagoa”¹⁶, uma alusão ao aparecimento de corpos boiando em rios e lagos após serem descartados pelos totalitaristas da ditadura, como analisado por Marcello, e a incapacidade da reação popular, visto que essa só conseguia observar a situação, sem o poder de ação, como se visse um espetáculo da arquibancada¹⁷.

¹³ COSTA VAL. Texto, textualidade, textualização, p. 2.

¹⁴ BUARQUE; GIL. Cálice.

¹⁵ MATEUS, 26:39.

¹⁶ BUARQUE; GIL. Cálice.

¹⁷ MARCELLO. Música Cálice de Chico Buarque: análise, significado e história.

Coerência

A coerência é o principal fator de textualização que, conforme postulam Beaugrande e Dressler e defende Costa Val, é construída pelos interlocutores e dependente dos demais princípios¹⁸. Na canção analisada, percebe-se que esta é plenamente estabelecida, construindo e mantendo as relações de estabilidade intertextual – como demonstrado anteriormente, norteadas a mensagem a ser passada nas entrelinhas. Pode-se citar como exemplo algumas expressões que retomam ou reforçam as ligações lógicas da música, a saber: “bebida amarga”, “tanta força bruta”, roborando a analogia entre o regime militar e a paixão de Cristo.

Conforme Marcello, “Cálice” é uma canção de protesto, desenvolvida por meio de analogias, duplos sentidos e metáforas, logo, a coerência é peça fundamental para que o texto funcione da forma desejada. Observa-se, a partir da quinta estrofe, que tal relação intertextual é reduzida e, embora a coerência seja mantida, tem-se uma fala “mais explícita” – nos limites do que podemos chamar desta forma –, com um tom mais acusatório e delator. Todavia, a função lógica é cumprida, se considerar que o interlocutor pode conhecer ou não a intertextualidade e o contexto de produção, por exemplo. Deste modo, há a possibilidade de interpretação pura e simples como uma espécie de paráfrase bíblica.

Coesão

As reações linguísticas construídas também são de vital importância para que a mensagem seja entregue no campo do “não dito”. A coesão é uma escolha dos interlocutores, a fim de produzir uma ligação eficaz das partes. Segundo Rocha e Silva, “[...] ela funciona como um conector entre frases e parágrafos e tem como função agir, juntamente com a coerência, para dar um sentido amplo ao texto”¹⁹. Fazendo uso dos níveis de coesão apresentados, pode-se exemplificar a aplicação e o efeito dos cinco tipos de coesão existentes – analisados os tipos de coesão que aparecem na construção linguística da obra.

¹⁸ BEAUGRANDE; DRESSLER. *Introduction to Text Linguistics*. COSTA VAL. Texto, textualidade, textualização.

¹⁹ ROCHA; SILVA. A linguística textual e a construção do texto: um estudo sobre os fatores de textualidade, p. 35.

No trecho “como beber dessa bebida amarga”, nota-se a coesão lexical com a estrofe anterior, que aborda sobre o “cálice” e o “vinho tinto de sangue”. Essa estratégia permite agregar mais valor ao sentido, visto que apresenta a ideia de sangue de pessoas inocentes, derramado por meio da violência, juntamente com referências ao fato de o cidadão se ver obrigado a suportar a opressão. Na quinta estrofe observa-se que o eu-lírico diz “como é difícil acordar calado” e no quinto verso da mesma estrofe ele afirma que “esse silêncio todo me atordoa”, executando uma coesão por referência.

Pode-se dizer, ou ao menos sugerir, que a chamada coesão por substituição acontece em diversos momentos da música, conforme observa-se no seguinte trecho: “quero perder de vez tua cabeça/ minha cabeça perder teu juízo”, inferindo que ambas as frases possuem um mesmo sentido, na vontade e necessidade de libertar-se do controle de outrem, de pensar por conta própria. Outra interpretação possível, segundo Marcello, é o ato de “cortar o mal pela raiz”²⁰.

Nota-se também o uso de conjunção em “quero lançar um grito desumano/ que é uma maneira de ser escutado”, na utilização do conector “que”, gera-se uma conjunção do tipo explicativa. Por fim, a coesão por elisão é desenvolvida de modo perspicaz nos versos “de que me vale ser filho da santa/ melhor seria ser filho da outra”, na primeira estrofe. Em uma análise contextual, temos que, durante o período da Ditadura Militar, o país era pautado por ideais ligados à “moral e os bons costumes”, diretamente relacionados a ideologia cristã; assim sendo, o uso do termo “filho da santa” e “filho da outra” gera uma crítica velada.

Ademais, conforme comenta Marcello, a não realização da rima entre os dois versos e a escolha da última palavra no último verso, deixam, novamente em entrelinhas, a ideia da omissão de um palavra²¹. Isso acontece devido a proibição da utilização de palavras de baixo calão em músicas que seriam comercializadas na época, para se manter uma linguagem “adequada”.

²⁰ MARCELLO. Música Cálice de Chico Buarque: análise, significado e história.

²¹ MARCELLO. Música Cálice de Chico Buarque: análise, significado e história.

Aceitabilidade

Em relação direta com a intencionalidade de quem produz um texto, está a aceitabilidade de seu ouvinte/leitor. Rocha e Silva, apontam que “a aceitabilidade é inerente ao receptor, porque ela analisa o nível de coerência e coesão que o texto utiliza, sendo capaz de levar o receptor a aceitar [ou não] o texto produzido”²². A partir das duas textualizações possíveis (bíblica e crítica à Ditadura Militar), compreende-se que também ocorre uma aceitabilidade dupla, ou seja, o sentido aceito, textualizado pelo ouvinte, é o bíblico e/ou político.

Todavia, como dito inicialmente, as duas interpretações podem coexistir, dependendo das capacidades de interpretação e textualização do interlocutor. Pois esse último ouve a canção, a compreende, analisa sua letra recebendo a mensagem e, por fim, aceita o que é dito nas entrelinhas pelos autores. Desta maneira, conclui-se que o fator aceitabilidade é o resultado das estratégias de textualização adotadas.

Informatividade

Em seu artigo, Rocha e Silva escrevem que a informatividade diz respeito a informação nova que o produtor do texto almeja passar para seu leitor. Para tal, a coerência exerce suma importância, pois é ela que vai garantir a interpretação como mecanismo para contextualizar a produção e apresentar a novidade do texto. Portanto, é função de quem o produz, selecionar as melhores opções, coesas e coerentes para passar este sentido de maneira mais simples possível.

Em “Cálice” temos a contextualização por meio da analogia à paixão de Cristo e outras metáforas e relações de comparação. A nova informação reside exatamente nas denúncias de violência escritas pelos músicos. Menezes e Rocha pontuam a resistência na denúncia por meio do implícito:

Ao colocarem as palavras sob suspeita, os censores pretendiam confiná-las aos subterrâneos dos sentidos oficiais permitidos; porém, elas, assumindo sua preciosa liberdade, não se submeteram a consignações e mandatos e explodiram em sentidos outros para além do dito²³.

²² ROCHA; SILVA. A linguística textual e a construção do texto: um estudo sobre os fatores de textualidade, p. 42.

²³ MENEZES; ROCHA. Uma abordagem discursiva da censura no Brasil em tempos de ditadura: Gonzaguinha e a resistência pela música, p. 82.

Portanto, conclui-se que a informatividade está no ato de informar sobre a verdadeira situação do país na época, em meio a uma imagem de pátria perfeita e ideal que os controladores do regime buscavam difundir, a realidade era repleta de violência, corrupção e crise financeira – questões que foram denunciadas na música. A principal base contextual utilizada é a bíblica, por meio da qual o ouvinte necessita fazer inferências para poder compreender plenamente todos os sentidos e a mensagem integralmente. Um dos exemplos de informação e denúncia pode ser identificado no verso “quero cheirar fumaça de óleo diesel/ me embriagar até que alguém me esqueça”.

Situacionalidade

Auxilia o processo cognitivo usando a situação de vivência em que o ouvinte/leitor se encontra. Conforme Costa Val, “que adequado à situação em que ocorre”, ou seja, se o texto que é lido em relação a época em que é produzido faz sentido²⁴. Esse conceito se aplica na canção analisada, pois a intertextualidade está presente na perspectiva da vivência no período da ditadura, pelos compositores e por ouvintes da música, como se pode perceber nos seguintes versos:

Como é difícil acordar calado
Se na calada da noite eu me dano
Quero lançar um grito desumano
Que é uma maneira de ser escutado²⁵

Segundo Marcello, o trecho acima faria alusão ao ato ditatorial de silenciamento e caça de suspeitos. Essa ação seria realizada durante a noite, em que se prendia e matava possíveis revolucionários contra o governo para manter a “ordem” no país.

Analisando isso com a situacionalidade, percebe-se que as pessoas que viveram nessa época entenderam a mensagem subliminar deixada na canção, devido às suas próprias experiências de vida, mostrando como a utilização de elementos de textualidade da língua portuguesa podem ser

²⁴ COSTA VAL. Texto, textualidade, textualização.

²⁵ BUARQUE; GIL. Cálice.

utilizados para passar diversos tipos de mensagem, dependendo do contexto e de vários outros fatores textuais.

Intencionalidade

O conceito de intencionalidade é o de que a mensagem seja compreendida pelos ouvintes/leitores, e as intenções de Buarque e Gil são bem claras, mas igualmente escondidas na canção. A ambiguidade da escrita a faz ser confundida com algo puramente religioso, buscando mascarar a música para aqueles que aplicavam a censura na ditadura. Em contrapartida, a mensagem fica clara para aqueles que a escutam. Um exemplo disso ocorre na mudança do tom de voz e a pronúncia da palavra “cálice”, a fim de dizer “cale-se”. Essa intenção ambígua na produção textual é feita de maneira sutil, mas efetiva, para que a mensagem chegue à população e que reajam contra o sistema.

Por fim, por mais que a mensagem seja na maioria das vezes escondida em alguns versos da canção, em outros ela aparece de maneira mais direta, deixando clara a revolta popular contra os atos de silenciamento e perseguições políticas que aconteciam na época. Na próxima seção, serão discutidos os resultados observados.

Discussão dos resultados

A partir dos dados coletados, observa-se que os princípios de textualização podem ser aplicados ao *corpus*, sendo perceptível a presença e função de cada um. A intertextualidade está presente na contextualização da música, visto que se trata de uma mensagem implícita sobre o período ditatorial no Brasil. Logo, “Cálice” possui diversas referências que, juntamente com as relações bíblicas feitas, culmina em um protesto bem articulado contra o regime vigente. Percebe-se a coerência em toda a canção pelo fato de manter constante as relações entre discurso bíblico e político, garantindo que os sentidos permaneçam coerentes durante todo o texto.

Como observado, a coesão cumpre um importante papel e é bem executada pelos compositores, pois faz uso de diversas estratégias linguísticas de conexão entre as partes, contribuindo com a coerência. Nota-se, portanto, o uso de coesão lexical, coesão por referência, por substituição e por conjunção, reforçando o pleno exercício dos sentidos

desejados. A aceitabilidade é também observável, em razão da linguagem dupla, uma vez que existem, portanto, duas formas de textualização, duas formas de se aceitar e compreender o texto produzido.

O exercício do protesto, por meio da canção analisada, ocorre através do princípio da informatividade, perceptível ao trazer denúncias sobre o que acontecia naquele período. Embora as autoridades brasileiras difundissem uma imagem de desenvolvimento, conforto e bem-estar social, a realidade da crise e da violência era delatada por meio da arte, como demonstra o *corpus* estudado. A situacionalidade é também aplicada, uma vez que o discurso pretendido na canção é adequado à situação comunicativa, plenamente inserido em um contexto social. A intencionalidade é a marca principal da linguagem de fresta, visto que Chico Buarque, Gilberto Gil e Milton Nascimento têm a intenção de protestar, passar uma mensagem de resistência, como já dito. Portanto, é preciso que o interlocutor tenha consciência dessa intenção.

O último princípio de textualização, e talvez o mais essencial deles, é o de intertextualidade. Sua presença se faz notar em toda a música, repleta de referências contextuais exploradas por meio do “não dito”, através de metáforas e analogias. Se o leitor/ouvinte for capaz de fazer reconhecer tais intertextos – tanto comparativos com a paixão de Cristo, quanto relativos ao regime militar – terá executado a intertextualidade esperada.

Conclusão

Na presente pesquisa foi analisada a utilização de elementos da textualidade e textualização na construção do sentido da música “Cálice”, e como foi desenvolvido um discurso de protesto de maneira implícita, a fim de passar despercebido pelos órgãos de censura. Os resultados demonstram que foi uma estratégia bem-sucedida, somando a temática cristã – defendida e difundida pelos líderes do regime, à um protesto que pudesse ser minimamente perceptível por parte da população.

Passa-se a compreender então, como uma canção de protesto pode encontrar formas de burlar um regime totalitário, em meio a dúvida. A argumentação de que “Cálice” não possuía exatamente um sentido explícito de denúncia permitiu que ela circulasse – mesmo que isso tenha ocorrido cinco anos após sua criação –, em razão de incertezas ou

justamente pela forte referência religiosa, muito difundida na época, ou seja, Chico Buarque, Gilberto Gil e Milton Nascimento usufruíram de excelentes mecanismos na tessitura textual.

O estudo buscou demonstrar a importância de estratégias linguísticas enquanto ferramenta de resistência por meio da palavra e da arte, a favor da democracia nos anos de Ditadura Militar, e objetiva-se manter viva na memória as consequências negativas deste período no Brasil.

Para concluir, a pesquisa é uma pequena contribuição dos estudos de linguagens para investigações relacionadas a análise prática da textualidade, textualização, análise do discurso e semiótica e a influência que possa exercer no leitor/ouvinte.

Referências

- BEAUGRANDE; DRESSLER. *Introduction to Text Linguistics*. Londres: Longman, 1981.
- BUARQUE, Chico; GIL, Gilberto. Cálice. In: BUARQUE, Chico. *Chico Buarque*. São Paulo: Philips, 1978.
- CAROCHA, Maika Lois. A censura musical durante o regime militar (1964-1985). *História: Questões & Debates*, [s.l.], v. 44, n. 1, jun. 2006. ISSN 2447-8261. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/historia/article/view/7940>. Acesso em: 18 maio 2022.
- COSTA VAL, Maria da Graça. Texto, textualidade, textualização. In: CECCANTINI, João Luís Tápias; PEREIRA, Rony Farto; ZANCHETTA JÚNIOR, Juvenal. *Pedagogia cidadã: cadernos de formação: Língua Portuguesa*. v. 1. São Paulo: UNESP, Pró-Reitoria de Graduação, 2004. p. 113-128.
- COSTA VAL, Maria da Graça. *Redação e textualidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- MARCELLO, Carolina. Música Cálice de Chico Buarque: análise, significado e história. In: *Cultura Genial*. [S. l.], [2022?]. Disponível em: <https://www.culturagenial.com/musica-calice-de-chico-buarque/>. Acesso em: 18 maio 2022.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Anáfora indireta: O barco textual e suas âncoras. In: CECCANTINI, João Luís Tápias; PEREIRA, Rony Farto; ZANCHETTA JÚNIOR, Juvenal. *Pedagogia cidadã: Cadernos de formação: Língua Portuguesa*. v. 1. São Paulo: UNESP, Pró-Reitoria de Graduação, 2004.
- MENEZES, Leila Medeiros de; ROCHA, Décio. Uma abordagem discursiva da censura no Brasil em tempos de ditadura: Gonzaguinha e a resistência pela música. *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*, v. 6, n. 12. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/rbhcs/article/view/10560>. Acesso em: 18 maio 2022.
- ROCHA, Max Silva da; SILVA, Maria Margarete de Paiva. A linguística textual e a construção do texto: um estudo sobre os fatores de textualidade. *A Cor Das Letras*, v. 18, n. 2, p. 26-44, 2017. DOI: <https://doi.org/10.13102/cl.v18i2.1866>.

Trabalho orientado pela Profa. Dra. Silvane Aparecida Gomes (pós-doutoranda do PosLin/Fale-UFMG), no âmbito da disciplina "Linguística do Texto e do Discurso" da Fale/UFMG (2022/1).

Metapoesia: uma breve análise semiótica

Izabely Soares dos Reis

Silvane Aparecida Gomes

A metapoesia

Os fenômenos linguísticos e da linguagem têm vida social, histórica e cognitiva que, inconscientemente, não somos capazes de perceber e, por isso, a língua é alvo de estudos em diversas áreas do curso de Letras. Cientes disto, surge na esfera literária a metapoesia, uma manifestação artística que tem como alvo de contemplação os próprios fenômenos linguísticos e da linguagem, sendo característica da Era Moderna. Já na área da Linguística, podemos destacar a teoria semiótica francesa, que compreende o texto como um todo dotado de sentido e que pode ser dividido em níveis de composição. Conciliando estes dois tipos de metalinguagem, a literária e a linguística, com a hipótese de que esta auxilia na apreensão daquela, o presente artigo pretende realizar uma breve análise, dentro do percurso gerativo de sentido, do metapoema "Catar feijão", de João Cabral de Melo Neto, poeta brasileiro da geração de 1945, que constitui sua obra, majoritariamente, com a metapoesia.

Ao nos depararmos com uma poesia, muitas vezes sentimos que estamos diante de um grande desafio de interpretação. Os poetas se deixam levar por algo maior que eles, a linguagem, e produzem textos que nos atizam imagens e emoções, que brincam com as palavras, mexem com nossas emoções e reformulam a ordem sintática para deixar reinar o plano da significação. Ao tomar ciência de seu ofício, o poeta moderno faz da metapoesia sua nova amiga e usa da metalinguagem para acusar sua autoconsciência e expor sentimentos. Sabendo disso, convém

lembrar que, como diz Massagli, a autorreflexividade e a autoconsciência são características dos modernistas do século XX, seus poetas se veem diante de uma necessidade de auto justificar seu papel na sociedade, revelando consciência de si e de sua relação com o público leitor¹.

A Modernidade começa a ganhar conceito com a revolução copernicana, ao final do século XVII, em que se iniciava a quebra progressiva da unidade do mundo e a também progressiva ruptura com a tradição religiosa, trazendo para os indivíduos uma nova concepção do lugar que ocupam e a noção de pertencimento social. A partir de então, foram e ainda são produzidos questionamentos de cunho existencial, consequência de uma falta de ponto fixo em que se firmar. Agora, a Época Moderna pensa em como reestruturar todos os campos da vida do ser humano de acordo com essa nova perspectiva de mundo: a ruptura com uma tradição religiosa liberta o campo de visão dos falantes que passam a olhar para si mesmos situados dentro de um novo espaço-temporal, o consciente e o inconsciente, passam a ser sujeito e, ao mesmo tempo, objeto dos conhecimentos filosóficos, científicos e históricos que penetram a vida do ser humano.

Não deve acontecer diferente numa das esferas de expressão humana, no campo literário, Secchin, citado por Camargo e Beltrão, afirma que:

à medida que o discurso poético desvincula-se, cada vez mais, das idéias do discurso normativo, permeado por seus aspectos ideológicos, somos levados a considerar a poesia como um espaço de insubordinação, haja vista que, na nova ordem mundial, ela não está comprometida com uma verdade unívoca, conforme assinala Antônio Secchin².

Portanto, a metapoesia pode ser considerada como uma das manifestações artísticas que qualificam este momento específico, que foge dos moldes para se fazer poesia buscando transgressões literárias para expressar a crise e o desequilíbrio da Era Moderna. Como defende Bochicchio, a metapoesia surge da necessidade do poeta em dialogar consigo mesmo, com seu ofício, frustrado com sua incapacidade de "dizer"

¹ MASSAGLI. Metapoesia e autorreferencialidade na antilírica de Paulo Leminski, p. 27.

² SECCHIN *apud* CAMARGO; BELTRÃO. Drummond e seu tempo: a vertente social em *A rosa do povo*, p. 192.

o mundo devido à fragmentação da unidade da linguagem, perdida com a queda do homem em Gênesis, antes disso, a palavra era a ação ou o verbo, fato que configura uma primeira reflexão do homem sobre a própria palavra³. Também é importante apontar que, com o passar da cultura da oralidade para a cultura da escrita, em meados do século VIII, a função social da poesia deixa de ter um valor pragmático definido, de homogeneizar tradições locais, e se torna um gênero literário com marcas textuais específicas, ilustrando uma segunda reflexão do poeta sobre o poema ou do poema sobre si mesmo. Ainda é fator culminante da metapoesia, a desconfiança em relação à poesia e à linguagem, nutrida na filosofia grega (*mimesis*) e intensificada na Idade Média, representada na dicotomia razão X fé, onde a palavra sempre será subinterpretada, ambígua e insuficiente para pronunciar os desígnios de Deus.

Apesar do longo histórico de questionamentos e desconfiança em relação à palavra literária, é na Modernidade que a metapoesia ganha autonomia como via artística:

Ao longo de todos os séculos que tão brevemente recapitulámos, prescindindo de nos determos na floresta de teorias linguísticas que poderiam ser convocadas, a reflexão da poesia sobre si mesma pôde organizar-se de várias formas, atingindo por vezes, e sobretudo na época moderna, o cerne desse questionamento dos poderes da linguagem que, de algum modo, se veio manifestando, quase sempre em termos de desconfiança em relação a ela. Até porque, na passagem da oralidade à escrita, a demanda do significado se torna uma questão premente e leva a poesia à interrogação de si mesma⁴.

À medida que o texto metapoético avança, vai incorporando seus enigmas e fenômenos linguísticos ao mesmo tempo em que os revela no plano da expressão. Para dar conta de interpretar as estruturas que o formam, nossa hipótese é de que a teoria semiótica francesa ou greimasiana, por sua capacidade metalinguística lógica de metodologia, tem grande potencial como ferramenta de estudo deste tipo de gênero textual e de tantos outros.

³ BOCHICCHIO. Metapoesia e crise da consciência poética.

⁴ BOCHICCHIO. Metapoesia e crise da consciência poética, p. 163.

Dessa forma, sob as contribuições de Glaucia Muniz Proença Lara e Ana Cristina Fricke Matte, com a coletânea *Ensaaios de semiótica: aprendendo com o texto*, Diana Luz Pessoa de Barros, autora de *Teoria semiótica do texto*, e o artigo "A noção de texto na semiótica", de José Luiz Fiorin, o presente artigo propõe-se à análise do poema "Catar feijão" de João Cabral de Melo Neto, poeta crítico brasileiro da geração de 1945, que constitui sua obra, majoritariamente, com a metapoesia. Ao combinar a metalinguagem literária com a metalinguagem linguística, o artigo pretende reafirmar a possibilidade de uso da teoria semiótica como ferramenta de auxílio nas leituras poéticas, uma vez que a metapoesia já é um modo de investigá-las. O artigo objetiva-se, assim, juntar-se aos diversos estudos da área em crescente expansão.

A teoria semiótica greimasiana

A teoria semiótica greimasiana – em homenagem ao seu fundador Algirdas Julien Greimas – é entendida como o estudo das formas de linguagem e de discurso que constroem o "parecer do sentido"⁵. Quando surge ao final de 1960, compreende o texto como um todo dotado de sentido, que pode ser dividido em níveis de composição que vão se complexificando, do mais abstrato e profundo ao mais concreto e superficial até chegar à manifestação, a partir da junção do plano do conteúdo com o plano da expressão.

A isso dá-se o nome de percurso gerativo de sentido, o qual comporta três níveis: o fundamental, o narrativo e o discursivo. "Isso significa que vê o texto como um conjunto de níveis de invariância crescente, cada um dos quais suscetível de uma representação metalinguística adequada"⁶.

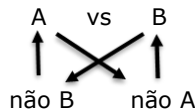
No nível fundamental, o mais abstrato e profundo, são estabelecidas oposições semânticas de base, e a elas conferidas um valor positivo ou negativo, ou eufórico e disfórico respectivamente na linguagem semiótica.

⁵ MATTE; LARA. *Ensaaios de semiótica: aprendendo com o texto*.

⁶ FIORIN. A noção de texto na semiótica, p. 167.

O nível fundamental compreende a(s) categoria(s) semântica(s) que ordena(m), de maneira mais geral, os diferentes conteúdos do texto. Uma categoria semântica é uma oposição tal que *a* vs. *b*. [...] Negando-se cada um dos termos da oposição, teremos *não a* vs. *não b*. Os termos *a* vs. *b* mantêm entre si uma relação de contrariedade. A mesma coisa ocorre com os termos *não a* vs. *não b*. Entre *a* e *não a* e *b* e *não b* há uma relação de contraditoriedade. Ademais, *não a* mantém com *b*, assim como *não b* com *a*, uma relação de implicação⁷.

Para exemplificar essa organização lógica, temos o quadro semiótico:



A marcação fórica ou tímica de euforia ou disforia depende do contexto textual, então um termo como “vida” pode ser eufórico para um personagem e disfórico para outro, um sujeito autor de uma carta suicida, por exemplo.

No nível narrativo e intermediário, acontecem as transformações de estado entre sujeitos (aqui chamados de actantes) ou entre um sujeito e um objeto, não devendo haver a assimilação do sujeito com uma pessoa, pois pode ser qualquer actante. As transformações de estado podem ser do tipo conjuntiva, quando um actante entra em conjunção/apropriação com um objeto de valor, e disjuntiva, quando um actante entra em disjunção/perde relação com um objeto de valor. Estas transformações constroem narrativas que “articulam-se numa sequência canônica, assim chamada, porque, de um lado, revela a dimensão sintagmática da narrativa e, de outro, mostra as fases obrigatoriamente presentes no simulacro da ação do homem no mundo, que é a narrativa”⁸.

As fases presentes no simulacro da ação do homem no mundo são quatro, sendo a manipulação, a competência, a performance e a sanção, as quais pressupõem actantes modalizados (ou habilitados) para cada uma:

⁷ FIORIN. A noção de texto na semiótica, p. 167. Grifos do original.

⁸ FIORIN. A noção de texto na semiótica, p. 169.

1. Sujeito Potencial: /não quer/, /não deve/, /não pode/ e /não sabe/, mas tem motivos para /querer/ ou /dever/ fazer.
2. Sujeito Virtual: /quer/ ou /deve/ fazer, mas não /sabe/ nem /pode/ fazer.
3. Sujeito Atualizado: /quer/ ou /deve/ fazer, /sabe/ e /pode/ fazer.
4. Sujeito Realizado: já fez⁹.

Isto posto, na fase de manipulação, um sujeito (potencial) deve transferir para outro as modalizações de “um querer” e/ou “dever-fazer”, criando um sujeito virtualizado. Este, por sua vez, necessita receber as modalizações da fase de competência, “um saber” e/ou “poder-fazer”. Assim feito, se torna um sujeito atualizado, capacitado para realizar a performance, fase em que acontecem as principais transformações de estado, por fim, o sujeito realizado alcança a sanção cognitiva ou pragmática, que é o reconhecimento da realização da performance naquela e/ou a atribuição de um prêmio ou castigo nesta.

Vale ainda ressaltar que, as paixões têm grande relevância no percurso narrativo, visto que o estado passional dos sujeitos determina se eles aceitarão ou não a manipulação, como no caso de um sujeito sob efeito da paixão curiosidade. É o que acontece com personagens de filmes de terror, que se deixam levar pelo desejo intenso de verificar o que causou certo barulho atrás da porta de um quarto, por exemplo, sendo modalizado pelo “querer-saber”. De modo contrário, a manipulação de sua ação não aconteceria.

De acordo com Matte e Lara, existem as paixões objetais, relacionadas ao desejo ou a frustração, e as paixões intersubjetivas, como a crença e a malevolência. Para demonstrar este percurso, temos o programa narrativo (PN):

$$\begin{aligned}
 \text{PN} &= F [S_1 \rightarrow (S_2 \cap O_v)] \\
 \text{PN} &= F [S_1 \rightarrow (S_2 \cup O_v)]
 \end{aligned}$$

onde: F = função
 S_1 = sujeito de fazer
 S_2 = sujeito de estado
 O = objeto (susceptível de receber um investimento semântico sob a forma de v: valor)
 [] = enunciado de fazer
 () = enunciado de estado
 → = função fazer (resultante da conversão * da transformação *)
 $\cap \cup$ = junção (conjunção ou disjunção) que indica o estado final, a consequência do fazer.

⁹ MATTE; LARA. *Ensaio de semiótica*: aprendendo com o texto, p. 13-14.

Por último, o nível discursivo ou mais superficial e concreto do percurso gerativo de sentido, se refere

à aspectualização, a recursos de verossimilhança, à debreagem, aos percursos temáticos e figurativos, às isotopias (ou planos de leitura), procedimentos que conferem ao texto unidade semântica e o “ancoram” na instância da enunciação, sempre pressuposta e apenas atingível indiretamente por marcas deixadas no texto¹⁰.

Aqui, concretizamos textos temáticos e/ou figurativos, que explicam o mundo e/ou criam simulacros dele, nesta ordem. Através das debreagens enunciativas e enuncivas do “eu/aqui/agora” e do “eles/lá/então”, o texto transmite discursos carregados de marcas de aspectualização, que criam os efeitos de verossimilhança e delimitam os planos de leitura. Finalmente, cabe destacar que os níveis se sobrepõem e podem estar pressupostos, além de um ter condições de ser mais desenvolvido do que o outro em cada texto em análise. Apesar do foco no plano do conteúdo, aquele que conseguimos captar logo de início, para analisar textos literários como a poesia é necessário relacioná-los com o plano da expressão, responsável por significativa parte da experiência artística.

Catar feijão: metapoema de João Cabral de Melo Neto

Catar feijão se limita com escrever:
joga-se os grãos na água do alguidar
e as palavras na da folha de papel;
e depois, joga-se fora o que boiar.
Certo, toda palavra boiará no papel,
água congelada, por chumbo seu verbo:
pois para catar esse feijão, soprar nele,
e jogar fora o leve e oco, palha e eco.

Ora, nesse catar feijão, entra um risco:
o de entre os grãos pesados entre
um grão qualquer, pedra ou indigesto,
um grão imastigável, de quebrar dente.
Certo não, quanto ao catar palavras:
a pedra dá à frase seu grão mais vivo:
obstrui a leitura fluviente, flutual,
açula a atenção, isca-a com o risco.

¹⁰ MATTE; LARA. *Ensaio de semiótica*: aprendendo com o texto, p. 16.

No primeiro nível, podemos estabelecer as seguintes oposições semânticas em relação a “catar feijão”: grão vs pedra. O primeiro sendo eufórico e o segundo disfórico, já que, ao catar feijão, desejamos separar os bons dos ruins, estes boiam na água, aqueles afundam e correm o risco de se confundir com uma pedra, que também afunda, mas é indigesto. Em relação à “jogar palavras no papel”: a dicotomia grão vs pedra ganha outra marcação tímica, onde os grãos seriam as palavras pesadas como chumbo que, portanto, devem ser jogadas na água congelada, conseqüentemente, “toda palavra boiará no papel” (água congelada), mas algumas com sentido oco e medíocre como um “eco” de poesias que seguem formas já concebidas, estas (“leve e oco, palha e eco”) devem ser descartadas (não aproveitadas).

A pedra, então, tem valor semântico eufórico por ser aquilo que dará contraste, vida e originalidade ao poema. Portanto, a oposição semântica de base deve ser pesado vs leve, que melhor define o metapoema no nível fundamental, pois os grãos pesados são considerados como bons, assim como as palavras pesadas, no sentido de que são preenchidas com sentido próprio e criativo do poeta e, para ser uma boa poesia, se misturam às “pedras”, ou seja, os jogos de palavras, as contraversões sintáticas e ressignificações semânticas, ou seja, tudo aquilo que parece uma construção linguística “estranha” ou um risco para o texto é o que “agüta a atenção” e as emoções do leitor.

No nível narrativo, considerando que a metapoesia tem por objetivo refletir a respeito do processo de criação da poesia, apenas a fase da performance fica explícita, enquanto as outras fases podemos pressupor. Então, o poeta já é um sujeito atualizado que, em determinado momento, recebeu a competência de seu ofício por meio de uma manipulação em forma de circunstâncias que o levaram a ser um poeta modernista, isto é, autoconsciente.

Logo, ao refletir sobre si mesmo e sobre o que produz, escreve o metapoema “Catar feijão” para externalizar que um sujeito atualizado joga os grãos na água e lança fora os que boiarem, tomando cuidado para não deixar um indigesto se misturar com os bons grãos ou, na segunda leitura, o sujeito atualizado (poeta) joga as palavras no papel, selecionando aquelas que atribuirão peso ao poema, digressões com finalidades

emotivas da linguagem e principalmente, as que são consideradas um risco (pedras). Este percurso pode ser descrito da seguinte forma: um sujeito X já atualizado (poeta) que estava em disjunção com o objeto de valor (uma boa poesia) reconhece que, para entrar em conjunção com ele, precisa realizar a performance acima e, assim, o faz. A própria poesia é a sanção que o poeta recebe, ela é cognitiva e pragmática ao mesmo tempo, na medida em que é um reconhecimento do fazer poético e apresenta um produto final, implícito em:

[...] Certo não, quanto ao catar palavras:
a pedra dá à frase seu grão mais vivo:
obstrui a leitura fluviente, flutual,
açula a atenção, isca-a com o risco.

Possíveis programas narrativos que descrevem este percurso:

PN1= catar feijão [água do alguidar → (humano n bons grãos)]

PN2= escrever [refletir a seleção de palavras na folha de papel → (poeta n poesia)]

Já no último nível, o discursivo, o poema tematiza a metapoesia, como uma tarefa similar a “catar feijão” e, em seguida, a figuratiza, conscientemente, num exercício de comparação. Os grãos estão para as palavras assim como a água está para o papel, a diferença se dá ao correr o risco de encontrar uma pedra no meio dos grãos, ela figuratiza o tema da indigestão na primeira leitura e, na segunda, o risco que levará o poeta a escrever uma poesia que “açula a atenção” do leitor.

O poeta usa tempos verbais que indeterminam o sujeito, aspectualizando a voz reflexiva de um modo injuntivo para descrever, como uma receita, o fazer poético.

O plano da expressão

João Cabral de Melo Neto, conhecido pelo seu rigor estético, usa da oitava lírica para compor “Catar feijão”, uma estrofe próxima da oitava heroica, usada em poemas de narrativa épica, como em *Os Lusíadas*, composta por oito versos decassílabos e de rima consoante. Além disso, constrói a maioria dos versos usando assonância de sons em sílabas tônicas, como em “[...] e jogar fora o leve e oco, palha e eco.”; “obstrui a leitura fluviente, flutual, [...]”; “[...] açula a atenção, isca-a com o risco.”, e também de aliterações, como a repetição das consoantes

c, g e p em “Catar feijão se limita com escrever: [...]”; “[...] joga-se os grãos na água do alguidar [...]”; “[...] pois para catar feijão, soprar nele, [...]”. Outro aspecto importante dentro da composição do poema é a utilização da glosa, uma forma típica dos poetas nordestinos que se refere a desenvolver um poema a partir de um mote ou um argumento motivador, neste caso, o título “Catar feijão” tem a função motivadora e, com ela, Melo Neto projeta a metapoesia relacionando o fazer poético em torno de uma tarefa do cotidiano. O plano da expressão descrito acima serve como meio transmissor do plano do conteúdo, assim, com a leitura rítmica construída através das assonâncias e aliterações, o autor revela sua intenção de ensinar a escrever poesia, da mesma forma que uma receita ensina a fazer um bolo ou um manual ensina a montar um equipamento, seguindo uma ordem específica destes gêneros textuais, isto é, com um título ou apresentação do objeto, explicação das etapas, vista na primeira estrofe, dificuldades que podem ser encontradas e a finalização ou conclusão, vista na última estrofe.

Considerações finais

Os poetas modernos, movidos pela nova consciência crítica poética, são promovidos com a capacidade de pensar sobre o seu ofício, sobre seu papel na sociedade, sua relação com o público leitor e sobre a própria poesia, o fazer poético, muitas vezes, como manifestos políticos. A metapoesia, então, se concebe como uma manifestação artística literária e conquista enorme espaço na literatura moderna. Ao criar textos que subvertem a sintaxe, ressignificam os elementos semânticos, despertando imagens e emoções; o poeta produz poemas que, podem levar o leitor a se deparar com um desafio de interpretação. Pensando nisso, podemos concluir que a teoria semiótica francesa é uma ferramenta que auxilia na análise de poemas e outros textos literários através do percurso gerativo de sentido, pois em cada um dos níveis há uma metalinguagem adequada que descreve as estruturas fundamentais, narrativas e discursivas que compõem os textos. Este artigo escolhe como objeto de estudo uma metapoesia por ser um tipo de texto literário que tem na própria poesia uma amostra de observação, como um espelho que, em companhia com a metodologia aplicada, permitem decifrar os enigmas da linguagem, em

que o autor denuncia a franca exposição de si mesmo, das relações com o mundo físico, seu próprio universo psíquico, o universo metafísico e o poema propriamente escrito.

Referências

BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria do discurso: fundamentos semióticos*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2002.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria semiótica do texto*. 4. ed. São Paulo: Editora Ática, 2005.

BOCHICCHIO, Maria. Metapoesia e crise da consciência poética. *Biblios: Revista da Faculdade de Letras de Coimbra*, p. 156-163, 2012. DOI: http://dx.doi.org/10.14195/0870-4112_10_6. Acesso em: 18 jun. 2022.

BULLOCK, Alan. A dupla imagem. In: BRADBURY, Malcolm; MCFARLANE, James (Org.). *Modernismo: guia geral 1890-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p. 44-54.

CAMARGO, Flávio Pereira; BELTRÃO, Larissa Cardoso. Drummond e seu tempo: A vertente social em *A rosa do povo*. *Revista OPSIS*, Goiás, v. 8, n. 11, mar. 2010. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/index.php/Opsis/article/view/9360>. Acesso em: 30 maio 2022.

DAMAZO, Antônio Ferreira Tito. A metapoesia em João Cabral de Melo Neto e em Paulo Henriques Britto. *Revista ECOS*, [s.l.], v. 19, n. 2, 2016. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/ecos/article/view/1157>. Acesso em: 30 maio 2022.

FIORIN, José Luiz. A noção de texto na semiótica. *Revista Organon*, Instituto de Letras da Universidade do Rio Grande do Sul, v. 9, n. 3, p. 163-173.

MASSAGLI, Sérgio Roberto. Metapoesia e autorreferencialidade na antilírica de Paulo Leminski. *Texto Poético*, [s.l.], v. 15, n. 27, p. 26-45, 2019. DOI: 10.25094/rtp.2019n27a584. Disponível em: <https://textopoetico.emnuvens.com.br/rtp/article/view/584>. Acesso em: 30 maio 2022.

MATTE, Ana Cristina Fricke; LARA, Glaucia Muniz Proença. Um panorama da semiótica greimasiana. *Alfa: Revista de Linguística*, Universidade Federal de Minas Gerais, v. 53, n. 2, p. 339-350, 2009.

MATTE, Ana Cristina Fricke; LARA, Glaucia Muniz Proença. *Ensaio de semiótica: aprendendo com o texto*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. 100 p.

MELO NETO, João Cabral de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1999.

OLIVEIRA, Dudu. Análise de texto literário "Catar feijão". *Recanto das Letras*, 2009. Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/teorialiteraria/1631117>. Acesso em: 26 jul. 2022.

RODRIGUES, Sérgio. A auto-legitimação da modernidade. In: LOPES, Silvína Rodrigues. *Legitimação em Literatura*. Edições Cosmos, 1994. v. 5, p. 516. Cosmos Literatura.

Trabalho orientado pela Profa. Dra. Silvane Aparecida Gomes (pós-doutoranda do PosLin/Fale-UFMG), no âmbito da disciplina "Linguística do Texto e do Discurso" da Fale/UFMG (2022/1).

A construção do *ethos* discursivo em entrevistas: uma análise comparativa

Caio Straitenberger Ribeiro de Siqueira

Introdução

Nos últimos anos, o Brasil tem visto uma entrada cada vez mais forte dos chamados “intelectuais públicos” nas esferas do entretenimento. Na atualidade, a figura do filósofo tornou-se popular, ou, ao menos, é possível afirmar que alguns pensadores vêm se empenhando para que isso aconteça. Nessa direção, nomes como Luiz Felipe Pondé, Leandro Karnal, Clóvis de Barros Filho e Mário Sérgio Cortella têm usado diferentes estratégias para tratar publicamente (em mídias impressa, televisiva e digital) de temáticas diversas à luz de perspectivas filosóficas, com o objetivo de tornar tais assuntos mais próximos do cidadão comum. Agindo dessa maneira, os pensadores buscam, em larga medida, captar e fidelizar ouvintes, o que se comprova pelo alto e crescente número de seguidores em redes sociais como o Instagram e o Youtube.

Desse modo, faz-se válido considerar como esses intelectuais, aqui entendidos como formadores de opinião dotados de certa autoridade acadêmica, moldam sua argumentação e escolhem o que fará, ou não, parte da racionalidade discursiva (*logos*) colocada em cena em programas de grande visibilidade nacional. Assim, o discurso desses intelectuais precisa ser eloquente, esclarecedor (em relação a conceitos filosóficos), didático e garantidor de um valor de entretenimento.

A partir desses apontamentos, o presente estudo se debruça sobre uma análise comparativa do *ethos* discursivo de um desses intelectuais, a saber, o filósofo, escritor, ensaísta, professor universitário e palestrante

brasileiro Luiz Felipe Pondé. Para isso, foram selecionadas duas entrevistas veiculadas em diferentes programas de mídia televisiva. A primeira entrevista foi veiculada no *The Noite*¹, programa de entrevistas descontraído e de caráter humorístico e, a segunda, veiculada no *Provoca*², programa marcado por um perfil de maior seriedade e de perguntas com maior grau de intelectualidade. Nesse contexto, o trabalho partiu da hipótese de que a diferença na natureza dos programas poderia permitir uma comparação do *ethos* discursivo do sujeito entrevistado (no caso, o filósofo Luiz Felipe Pondé), evidenciando, dessa forma, as estratégias colocadas em cena para a construção de imagens de si (*ethos*), tendo em vista as diferentes audiências que caracterizam cada um dos programas citados (*The Noite* e *Provoca*).

Tendo conhecimento da reputação a zelar para manter a imagem de pensadores sérios e de fontes de informação confiáveis, torna-se necessário, para o filósofo pop, sustentar tais imagens perante seu público (auditório) nas diferenças interações sociais de que participa. Assim, é possível considerar, sobre essa imagem, que “na retórica clássica, o *ethos* significa o caráter que o orador desfrutava na praça, conhecido a partir do seu perfil e virtudes”³. No entanto, o *ethos* é também construído discursivamente a partir do *logos* (racionalidade discursiva), o que significa dizer que o orador não está inteiramente à mercê da opinião prévia tida sobre ele. Na verdade, o sujeito, no papel de orador, toma decisões deliberadas que contribuem para a formação da sua imagem. Isso, portanto, possibilita a realização de uma análise em circunstâncias diferentes como um meio efetivo de entender as estratégias discursivas colocadas em funcionamento para a construção do *ethos* no e pelo discurso.

O presente trabalho, no que concerne à fundamentação teórica, buscou respaldo nos estudos de Eggs, Galinari, Charaudeau, Magalhães e Dittrich, levando em conta a contribuição desses teóricos para um entendimento mais aprofundado da noção de *ethos*. Além disso, buscou fundamentação no trabalho proposto por Hoffnagel, com vistas ao entendimento da entrevista enquanto gênero do discurso. A análise dos

¹ Exibida no dia 05/10/2021.

² Exibida no dia 05/05/2020.

³ DITTRICH. Por uma retórica do discurso: argumentação técnica, emotiva e representacional.

dados foi realizada em duas etapas. Na primeira, buscou-se examinar as estratégias relacionadas à construção do *ethos* de Luiz Felipe Pondé em cada um dos programas de TV (The Noite e Provoca). Em seguida, foi feita uma análise comparativa do *ethos*, levando em conta as circunstâncias que caracterizam cada programa.

Fundamentação teórica

No trabalho intitulado “*Ethos* aristotélico, convicção e pragmática moderna”, de Eckhard Eggs, foram encontrados recursos importantes para o esclarecimento das virtudes demonstradas pelo enunciador na busca pela formação de um *ethos* positivo. Assim, para a análise das imagens de si no discurso, vale considerar que “o lugar que engendra o *ethos* é, portanto, o discurso, o *logos* do orador, e esse lugar se mostra apenas mediante as escolhas feitas por ele”⁴. Com isso, pode-se perceber como a construção da imagem de si no discurso se dá a partir das dinâmicas interacionais da entrevista, e como o filósofo irá manejar suas estratégias discursivas com base nas imagens de si que vão sendo construídas ao longo do processo interacional. Vale frisar, contudo, que pode haver tentativas de reconstrução das imagens nesse processo, caso o *ethos* desfrutado seja indesejado, ou até de sua assimilação, legitimando uma expectativa criada no público. Ademais, as outras provas retóricas do discurso (*logos* e *pathos*) também se manifestaram por meio deste, já que:

[...] toda pessoa, o homem, é para Aristóteles um animal (>*pathos*) político (>*ethos*) que tem a capacidade de pensar e de falar (>*logos*), para lembrar a definição dada em Política. Sua *héxis*, sua maneira de experimentar e de manifestar essas três dimensões de seu ser, constitui, portanto, seu *ETHOS*. Poderíamos assim dizer que todo *ethos* constitui uma condensação específica dessas três dimensões⁵.

Na seara teórica, o trabalho de Galinari sobre as emoções no discurso também serviu como base para a análise realizada, visto que o *pathos* é, assim como o *ethos*, circunstancial, se modificando na situação de entrevista⁶. Apesar do enfoque ser diferente entre as provas retóricas (*ethos* e *pathos*), considera-se que o ato de projeção de emoções e

⁴ EGGS. *Ethos* aristotélico, convicção e pragmática moderna, p. 31.

⁵ EGGS. *Ethos* aristotélico, convicção e pragmática moderna, p. 42.

⁶ GALINARI. As emoções no processo argumentativo.

sentimentos é o que atribui ao discurso um toque de pessoalidade relativa ao orador, fazendo com que o auditório possa se identificar e, assim, simpatizar com ele. Fato que pode ser ilustrado no seguinte trecho:

[...] se o "orador inflamado" contamina/contagia o seu auditório (ou é propenso a tal), fazendo-o compartilhar as sensações veiculadas, esse caráter emocionado poderia muito bem ser encarado como um recurso do *pathos*, mas sem deixar de ser *ethos*⁷.

Essa relação entre *ethos* e *pathos* pode ser ainda mais complexa, especialmente quando se considera o contexto de uma entrevista. Como será elaborado adiante, além de se preocupar em "atrair" o público que assiste a uma entrevista, o sujeito entrevistado também deve mostrar destreza perante a figura do entrevistador, pois é a este último, de forma direta, que o entrevistado irá dirigir a palavra no fluxo da interação.

Há ainda as considerações de Charaudeau, presentes na obra intitulada *As emoções no discurso – Vol. II*, no que tange ao processo de "patemização na televisão como estratégia de autenticidade". As considerações do teórico francês mostram-se relevantes para este estudo, uma vez que apontam estratégias emocionais acionadas pelo orador para projetar diferentes imagens de si no discurso. Nesse sentido, destaca que "o privado na televisão tem uma função de humanização e personalização"⁸, o que contribui para a formação de um *ethos* mais amável. Isso acontece, pois a distância entre o orador e sua audiência torna difícil para que esta possa se identificar com os argumentos por ele oferecidos, impossibilitando a emoção-adesão. Enquanto, que ao demonstrar compartilhar dos mesmos problemas e ter vivências semelhantes, parece mais fácil para o público acreditar que sua perspectiva seja relevante.

A obra de Hoffnagel, denominada "Entrevista: uma conversa controlada", de 2007, também serviu como ponto de partida para uma compreensão mais aprofundada a respeito do gênero entrevista. Os conceitos abordados pela autora contribuem para um maior entendimento técnico daquilo que compõe uma entrevista e os mecanismos de sua engrenagem. Levando em conta as formas como uma pergunta pode ser

⁷ GALINARI. As emoções no processo argumentativo, p. 235.

⁸ CHARAUDEAU. A patemização na televisão como estratégia de autenticidade, p. 47.

feita, “a pergunta aberta deixa o entrevistador discursar sobre um tópico livremente, enquanto a pergunta fechada limita a uma ou a outra escolha do tipo sim ou não”⁹, é possível medir o nível de liberdade de que o entrevistado desfruta para elaborar um tópico no discurso. Isso definirá o cuidado para construir sua resposta de modo a não se comprometer com uma opinião mal elaborada sobre um tema colocado em cena no processo interacional que caracteriza as entrevistas.

Além disso, Magalhães apresenta uma visão panorâmica sobre o conceito de *ethos*, colocando em cena a perspectiva de diferentes teóricos sobre o assunto. A autora apresenta considerações importantes e úteis no que diz respeito aos diversos fatores que afetam a constituição da imagem do orador, incluindo o *ethos* prévio. No trabalho de Magalhães, o *ethos* é pensado a partir das abordagens de Amossy, Maingueneau e Meyer. Para Magalhães, algumas das considerações expostas por esses pensadores encontram certa equivalência nos conceitos de imagem prévia, em que o *ethos* se define pelo “[...] que o auditório imagina a respeito dos indivíduos ou instituições antes de suas manifestações discursivas”¹⁰, e a imagem discursiva, gerada durante e após o discurso. Essa abertura do conceito de *ethos* permite um entendimento mais amplo do conceito, levando a uma compreensão das diversas funções que ele cumpre discursivamente, de modo a contribuir para o convencimento do público por meio das imagens positivas projetadas pelo orador. Uma dessas funcionalidades que devem ser cumpridas pelo orador é explorada neste trecho:

Cabe ao orador, mais do que modificar seu discurso e adequá-lo ao que o auditório espera, responder todas as questões suscitadas, ou seja, o *ethos*, segundo o autor, é a capacidade do orador colocar fim a uma interrogação de desdobramentos potencialmente infinitos. Para isso, ele precisa conhecer as respostas às questões do discurso, não das que o auditório venha efetivamente a fazer, mas daquelas que o orador supõe que possam ser levantadas ou que possam ser pensadas¹¹.

Nesse sentido, o *ethos* é tido como uma capacidade de corresponder às expectativas de um auditório ao saciar os questionamentos que

⁹ HOFFNAGEL. Entrevista: uma conversa controlada, p. 191.

¹⁰ MAGALHÃES. Artimanhas do *ethos*, p. 35.

¹¹ MAGALHÃES. Artimanhas do *ethos*, p. 41-42.

podem ser feitos sobre determinado tema suscitado no discurso. Logo, podemos presumir que, nessa lógica, em uma entrevista, somente responder à uma pergunta de maneira direta e sucinta pode não contribuir para a construção de uma imagem positiva perante o auditório. O que se busca, muitas vezes, é algo mais profundo por parte do sujeito entrevistado, isto é, um ponto de vista que lhe seja único, uma demonstração da sua personalidade ou um conhecimento que se mostrará como diferencial na abordagem de um tópico. Assim, no fluxo interacional, ao cumprir com tais demandas, a curiosidade do público poderá ser saciada.

Por fim, Dittrich pontua que as escolhas temáticas e discursivas, tanto por parte do entrevistador, quanto por parte do entrevistado, são variáveis de primeira importância no processo interacional de construção do *ethos*. Em outros termos, para que o entrevistado projete uma imagem de confiabilidade para o público, é imprescindível que ele tenha domínio do assunto tratado, sobretudo quando se trata de um orador que, no contexto social e acadêmico, é visto como um especialista em uma área de conhecimento.

Segundo pondera Dittrich, a maior ou menor confiabilidade que o orador consegue angariar no auditório pode ser estabelecida a partir do próprio discurso – *ethos* discursivo, ou seja, na habilidade do orador em escolher eficazmente a maneira de se apresentar como alguém que domina o saber envolvido na discussão da opinião em causa¹².

Logo, fica evidenciada a importância dos conhecimentos do orador para que ele obtenha êxito nos temas colocados em pauta na interação por meio da entrevista, bem como a capacidade de discorrer sobre temas que se distanciam da sua área de atuação, com os quais poderia, em algum momento, se sentir menos confiante. Transparecer insegurança, ou ignorância, pode ser visto pelo público de forma negativa, o que poderia comprometer o *ethos* do orador diante de sua audiência.

¹² DITTRICH. Por uma retórica do discurso: argumentação técnica, emotiva e representacional, p. 33.

Aspectos metodológicos

No trabalho realizado, fez-se uma comparação entre as participações do filósofo Luiz Felipe Pondé nos programas de entrevista *The Noite*¹³ e *Provoca*¹⁴. Dessas entrevistas, foram selecionados alguns trechos que ilustram uma diferença discursiva em contextos diferentes e, portanto, uma diferença na construção e na gestão do *ethos*. Nesses excertos, buscou-se explorar as estratégias colocadas em cena por Pondé, bem como os meios por ele utilizados para, no papel de entrevistado, evitar possíveis embaraços que pudessem comprometer a sua imagem.

Essas estratégias foram analisadas a partir de uma perspectiva aristotélica, conforme proposta apresentada por Eggs. Logo, consideramos a existência de três razões que permitem ao enunciador transmitir confiabilidade, a saber: “os oradores inspiram confiança, (i) se seus argumentos e conselhos são sábios e razoáveis, (ii) se argumentam de maneira honesta e sinceramente, (iii) se são solidários e amáveis com seus ouvintes”¹⁵. Tais razões equivalem, respectivamente, aos conceitos de *phrónesis*, *areté* e *eunóia*. Assim, foram analisadas como essas estratégias apareceram, em menor ou maior grau, em cada uma das entrevistas, além de investigarmos o teor discursivo que caracteriza a fala de Pondé, buscando compreender a importância do *logos* na construção do *ethos*.

As perguntas elaboradas pelos entrevistadores Danilo Gentili e Marcelo Tas, em cada uma das entrevistas, também se mostraram importantes no processo de construção do *ethos* e, por isso, também foram consideradas. As perguntas, vale ressaltar, dão início ao discurso do entrevistado, delineando seu direcionamento argumentativo. Feitas essas considerações, vale enfatizar o caráter comparativo das entrevistas em cada programa, o que viabilizou uma maior compreensão das temáticas abordadas, da forma como são expostos os questionamentos feitos por cada entrevistador, e da maneira como esses questionamentos são respondidos (ou não) pelo entrevistado. No processo de análise, após serem feitas as devidas considerações relativas ao gênero entrevista e, também, considerações relacionadas ao entrevistado Luiz Felipe Pondé,

¹³ Exibida no dia 05/10/2021.

¹⁴ Exibida no dia 05/05/2020.

¹⁵ EGGS. *Ethos* aristotélico, convicção e pragmática moderna, p. 32.

foram realizadas as análises das duas entrevistas, individualmente. Na sequência, foi feita uma análise comparativa, buscando verificar semelhanças e diferenças.

Análise e discussão dos dados

A análise dos dados teve início com o apontamento de observações que caracterizam cada um dos programas de entrevista (The Noite e Provoca), seguida de informações que evidenciam o *ethos* prévio de Luiz Felipe Pondé. Após isso, apresentamos a análise de trechos ilustrativos de cada uma das entrevistas, seguida de uma comparação entre eles, com o intuito de verificar a construção discursiva do *ethos* do sujeito entrevistado perante diferentes entrevistadores e audiências.

Diferentes ambientes de desenvolvimento do discurso

A entrevista, como gênero discursivo, mostra-se como um ambiente propício e relevante para a construção do *ethos* do sujeito entrevistado. Sua estrutura e especificidades de funcionamento representam as circunstâncias, talvez até mesmo obstáculos, a depender da receptividade da audiência e intenções do entrevistador, aos quais o orador deve se adaptar na construção das imagens de si. Nesse sentido, as formas como o gênero pode moldar o tom do discurso ficam bem exemplificadas nas palavras de Hoffnagel, conforme atesta a citação a seguir:

Uma característica específica da entrevista da mídia, oral e escrita, é que, além do entrevistador e do entrevistado como participantes principais, há também a audiência (ouvintes, espectadores e leitores), que, embora participante passiva, no sentido de que não participa diretamente, está sempre presente para os entrevistadores e entrevistados. Nesse sentido, tanto as perguntas como as respostas são formuladas com uma audiência específica em mente¹⁶.

Em outros termos, trata-se de uma forma de interação aparentemente bidirecional, mas que carrega em sua constituição as marcas do público a que se destina. Vale ressaltar que a figura do “terceiro” deve ser entendida pelo entrevistador como um parâmetro que define a direção do seu discurso e dos seus argumentos. Assim sendo, numa entrevista há

¹⁶ HOFFNAGEL. Entrevista: uma conversa controlada, p. 183.

caminhos discursivos que precisam ser seguidos pelo entrevistado com vistas à eficácia do seu empreendimento retórico.

Segundo Aristóteles, “[...] o orador que mostra em seu discurso caráter honesto parecerá mais digno de crédito aos olhos do auditório”¹⁷. Entretanto, em circunstâncias diferentes, pode ser mais ou menos difícil mostrar essa honestidade, visto que um posicionamento amplo e aberto quanto a uma opinião negativa sobre X pode causar a antipatia de um auditório que aprova X para com o entrevistado. É nesse momento que precisa entrar em cena a estratégia de moderação (ou de abstenção), evitando, desse modo, que o entrevistado expresse a totalidade de sentimentos negativos ou positivos sobre determinado assunto.

A forma de agir do entrevistado, nesses casos, precisa levar em conta a reputação dos envolvidos e o tipo de programa televisivo. O programa *The Noite*, por exemplo, tem como apresentador o humorista Danilo Gentili, o qual construiu sua fama a partir do programa *CQC* (Custe o Que Custar), veiculado pela *Rede Bandeirantes* de televisão, no período de março de 2008 a dezembro de 2015. O *CQC* abordava assuntos políticos, artísticos e esportivos a partir de uma abordagem humorística, com tom sarcástico e satírico.

O programa *The Noite*, veiculado pelo *SBT* (Sistema Brasileiro de Televisão), é um programa de entretenimento, caracterizado também pelo humor apimentado do entrevistador Danilo Gentili, o qual usa o espaço da TV para se posicionar politicamente sobre diferentes temáticas do universo social, político e artístico. Gentili é conhecido por ser “politicamente incorreto”, tendo se posicionado favoravelmente ao candidato Jair Bolsonaro nas eleições de 2018 e, posteriormente, tornando-se um crítico do presidente. No caso do entrevistado, Luiz Felipe Pondé parece se alinhar com os valores da direita política de maneira mais reservada, colocando em cena posicionamentos mais moderados, mas, analogamente à postura do comediante, é crítico aberto à noção de politicamente correto. O filósofo se associa a rótulos como “liberal clássico”, o que, em alguma medida, já possibilita uma ideia do seu *ethos* prévio.

¹⁷ EGGs. *Ethos aristotélico, convicção e pragmática moderna*, p. 29.

O programa *Provoca*, por sua vez, é exibido pela *TV Cultura* e, inicialmente, era apresentado por Antônio Abujamra, ator e diretor de teatro e televisão no Brasil. Esse programa de entrevistas, inicialmente, era denominado *Provocações*, sendo, desde seu surgimento, caracterizado por um viés de carga intelectual de maior peso, com mais espaço para reflexões e questionamentos sobre temas de caráter humanístico, social e artístico. Com a morte de Abujamra, em 2015, o programa passou a ser apresentado por Marcelo Tas, roteirista, apresentador, ator e diretor brasileiro. Vale salientar que Marcelo Tas também atuou como apresentador do programa *CQC*, na *Rede Bandeirantes*, trabalhando com Danilo Gentili. No entanto, à frente do programa *Provoca*, da *TV Cultura*, Tas procura manter a tradição, primando por um estilo intelectual nas interações com seus convidados. Nas eleições de 2018, ele se posicionou contra a candidatura de Jair Bolsonaro, defendendo a ideia de que os humoristas brasileiros, em geral, não deveriam se ausentar de posicionamentos políticos.

No que diz respeito à diferença entre *ethos* discursivo (aquele que é construído no momento mesmo da enunciação) e *ethos* prévio (referente às imagens que o público, em geral, possui a respeito do entrevistado), Magalhães assim argumenta: “[...] o *ethos* prévio está relacionado à imagem, mas não ao ato retórico e tem a ver, dessa forma, com estereótipos, com as representações sociais e com imaginários sociodiscursivos”¹⁸.

Com base nisso, pode-se concluir que há duas formas diferentes de ver Pondé nas entrevistas, conforme cada uma das circunstâncias acima citadas. (i) Pondé enquanto filósofo, cuja imagem geral que circula no consciente do público é a de uma pessoa culta, ponderada, reflexiva e séria, admirada pelo público que o conhece e que o prestigia, sobretudo fora dos ambientes midiáticos; (ii) Pondé, que tem sua imagem (seu *ethos*) construída durante a entrevista, com o auxílio do entrevistador. Essa imagem construída não é pelo discurso, em alguma medida, procura legitimar e sustentar sua imagem prévia, com vistas a projetar de si diferentes *ethé* capazes de sustentar sua posição de filósofo frente aos diversos temas que caracterizam a vida em sociedade.

¹⁸ MAGALHÃES. Artimanhas do *ethos*, p. 43.

Em virtude disso, mostrar-se como uma pessoa contraditória, que muda seus posicionamentos conforme lhe é conveniente, que se altera frente a problemas e conflitos não é viável, tendo em vista o objetivo de manter seu público (e seus seguidores em redes sociais), como também de ampliar sua rede e seu alcance enquanto formador de opinião. Nessa mesma direção, não pode ser alguém intransigente, indisposto a mudar o tom do seu discurso para melhor se adaptar a contextos diferentes. Isso se justifica uma vez que há, dentro do plano argumentativo, elementos mais voláteis e outros menos, pois

[...] o logos convence em si e por si mesmo, independentemente da situação de comunicação concreta, enquanto o ethos e o pathos estão sempre ligados a problemática específica de uma situação e, sobretudo, aos indivíduos concretos nela implicados¹⁹.

São estes últimos elementos que apresentarão uma tendência maior a se apresentarem de modo variável no contexto das entrevistas.

Expectativas do público

Tendo em vista que “[...] os temas e o estilo escolhidos devem ser apropriados (*oikeia*) ao *ethos* do orador, a saber, à sua *héxis*, ao seu *Habitus*”²⁰, é fácil concluir que, quase por definição, um programa de entrevista humorístico teria um potencial mais alto de tirar um filósofo de sua zona de conforto, ao passo que outro programa de entrevista, marcado por maior seriedade, poderia favorecer esse sujeito na empreitada de legitimar seu *ethos* prévio.

Em outras palavras, o tipo de valor de entretenimento que o público-alvo dos programas *The Noite* e *Provocações* busca nessas atrações televisivas é qualitativamente diferente. No que diz respeito a essa avaliação da audiência, pode-se dizer que:

[...] os saberes dóxicos permitem ao auditório avaliar os objetos discursivos a ele apresentados, em função do seu horizonte próprio de expectativas, desejos e anseios psicossociais, e é em decorrência dessa mesma avaliação moral que as paixões podem ser experimentadas²¹.

¹⁹ EGGS. *Ethos* aristotélico, convicção e pragmática moderna, p. 41.

²⁰ EGGS. *Ethos* aristotélico, convicção e pragmática moderna, p. 30.

²¹ GALLINARI. As emoções no processo argumentativo, p. 230.

Isso acaba por impactar a dinâmica entrevistador-entrevistado, visto que um (Gentili) tem como objetivo fazer render à sua audiência o enquadramento dos temas pela perspectiva do humor, fazendo com que o entrevistado (Luiz Felipe Pondé) seja obrigado a agir de acordo com esse enquadramento ou, então, intimando-o a uma dinâmica de “confronto” de comportamento. Uma possível confrontação de ideias, no entanto, não deve ser entendida como uma postura agressiva por parte do entrevistador do programa (Gentili), mas sim como uma tentativa de subverter o tom de seriedade do entrevistado (Luiz Felipe Pondé). Inversamente, se um comediante participasse de um programa como o *Provoca*, da *TV Cultura*, seria o entrevistado que se encontraria obrigado a traçar uma ruptura com o tom intelectual do programa, caso não se sentisse confortável com esse enquadramento.

Análise do discurso de Luiz Felipe Pondé no programa *The Noite*

O programa em questão foi gravado em 05/10/21, quando o livro *Política no cotidiano*, de Luiz Felipe Pondé, havia acabado de ser lançado e ainda não eram permitidos auditórios ao vivo devido a restrições de isolamento em razão da pandemia da Covid-19. Ainda assim, em certa medida, continua havendo um certo público, se considerarmos os integrantes do programa, responsáveis por esporádicas intervenções, e que, de modo geral, estão sempre reagindo aos acontecimentos da entrevista. A primeira parte da entrevista é quase inteiramente pautada pelo livro do filósofo, com temática de teor político.

Danilo Gentili inicia a entrevista indagando o filósofo sobre sua produção literária durante a pandemia, o que faz com que ele (entrevistado), enquanto discorre, forneça a informação de que terminou de escrever a obra *Política no Cotidiano* durante sua infecção pela Covid-19. O apresentador encoraja Pondé a elaborar melhor essa informação, gerando a seguinte troca entre eles:

Gentili: É meio desesperador você querer comer e não sentir gosto, né?

Pondé: Eu sentia gosto de areia.

Gentili: Gosto de areia!

Pondé: Só não em sorvete e fruta gelada.

Gentili: Agora, se você comer farofa, vai ser comer areia, de fato.

Pondé: Coca-cola tinha gosto de areia.
Gentili: Coca-cola com gosto de areia...
Pondé: Café...
Gentili: Você já comeu areia antes?
Pondé: Não, mas a gente imagina como deve ser²²

Esse adentrar no universo privado do entrevistado, segundo Charaudeau, é um dos percursos discursivos que, na televisão, ajuda a gerar patemização. Para o público que, naquele momento, vinha lidando com a mesma realidade da pandemia, sendo também afetado na vida profissional e pessoal pela Covid-19, considerar a figura do entrevistado como a de alguém que enfrenta problemas semelhantes a ele (público) é uma estratégia que contribui para torná-lo mais tangível, próximo a si, do ponto de vista do telespectador. Esse tipo de acontecimento é de grande valor para gerar uma certa benevolência dirigida à imagem do entrevistado, haja vista que

Por meio desse jogo da intrusão do espaço privado no espaço público é instaurada mais das condições para que haja efeito de patemização: o contato (ou sua ilusão) que o telespectador pode ter com a intimidade do outro (que ela seja dolorosa ou feliz), de modo que essa possa fazer eco com a sua, ou até mesmo entrar em sintonia com a sua e encontrar ali 'a verdade do vivenciado' (ou pelo menos sua representação)²³.

Além disso, nota-se que Pondé é encorajado por Gentili a seguir descrevendo em que aspectos a falta de paladar foi afetando sua alimentação. Isso se dá pela simples ausência de novas perguntas. O apresentador simplesmente reafirma aquilo que é dito pelo filósofo, ao repetir o que ele havia acabado de dizer, fazendo com que ele continue sua fala, evitando um possível silenciamento (postura indesejada numa entrevista). Esse fenômeno decorre de mecanismos do gênero tidos como preceitos básicos por aqueles de que dele participam. Conforme pontua Hoffnagel,

[...] podemos dizer que o modelo canônico da entrevista é composto por dois indivíduos, cada um com um papel específico: o entrevistador, que é responsável pelas perguntas e o entrevistado, que é responsável pelas respostas²⁴.

²² PONDÉ. *Entrevista com filósofo e escritor Luiz Felipe Pondé*, 1:32-1:53.

²³ CHARAUDEAU. A patemização na televisão como estratégia de autenticidade, p. 47.

²⁴ HOFFNAGEL. *Entrevista: uma conversa controlada*, p. 181.

Ao cumprir seu papel de entrevistado, elaborando a resposta, Pondé discorre sobre sua experiência com a Covid-19 sem maiores preocupações em relação à forma como descreve seus efeitos colaterais, até porque o entrevistador estava demonstrando interesse e concordância com aquilo que ele (Pondé) vinha falando. Todavia, depois de permitir que o entrevistado descrevesse determinados itens como tendo “gosto de areia”, Danilo Gentili resolve colocar em xeque a escolha de palavras de Pondé, o que é feito por meio de um questionamento infantil, mas que possui fundamento lógico e até filosófico, “Você já comeu areia antes?”. Para o filósofo que, até então, falava com confiança, esse questionamento contribui para gerar uma quebra de expectativa na interação e, com isso, provocar o riso.

Tomando como base o empirismo, o conhecimento humano é adquirido por meio da experiência. O simples apontamento de uma possível falha no raciocínio do filósofo conseguiu causar uma quebra na postura do entrevistado, que respondeu com “Não, mas a gente imagina como deve ser”. A perda da postura de seriedade representa uma vitória da intervenção de Danilo Gentili como uma ruptura no *habitus* de Pondé, em sua presumida postura de pensamento racional ponderado, no sentido de que pode ser considerado como natural para um filósofo ter em mente tais questões. Assim, nessa troca comunicativa, ele é aproximado, involuntariamente, do tipo de erro cometido pelo “homem comum”, usando um termo que aparecerá de maneira pontual na entrevista.

É importante evidenciar que esse ocorrido, pela forma simpática como foi respondida pelo filósofo, admitindo pela risada que foi “pego” na brincadeira de Danilo Gentili, não deve representar uma mudança negativa, de fato, em seu *ethos*. A questão é a forma como Pondé recebe a quebra lógica em seu discurso, feita de maneira natural, alterando sua própria percepção da imagem que ele projetava para com o entrevistador, que no fundo já estava preparando sua resposta para a quebra de expectativa.

Adiante, na entrevista, o tema dominante segue sendo a política. Para abordar o assunto, o apresentador acaba por se denominar como um “homem comum”, fazendo com isso uma aproximação entre a sua figura e a do telespectador, enquanto Pondé é visto como um especialista ao qual ele dirige suas dúvidas. No decorrer da entrevista, o filósofo demonstra

areté muito claramente em suas opiniões mais críticas dirigidas ao presidente do Brasil, provavelmente sabendo que Gentili também era crítico de Bolsonaro. Falando sobre a situação política do país, com foco na disputa eleitoral de 2018, Danilo Gentili enfatiza a dicotomia entre os candidatos, defendendo a ideia de que, sempre, o eleitor é obrigado a escolher um governante tido como “menos ruim” em vez de “o melhor candidato”. Ressalta ainda a questão da escolha binária entre dois extremos (direita x esquerda), o que contribui, segundo Gentili, para um retrocesso no país. Sobre esse assunto, a entrevista decorre da seguinte forma:

Gentili: Você vê hoje os dois lados, um lado fala assim: “se não for eu, o outro vai estragar – eu sou o cara que vai salvar o Brasil do comunismo”, ou o outro vai salvar do fascismo. É sempre, são sempre cenários apocalípticos, e é sempre o político de cada extremo que vai salvar o apocalipse, né?

Pondé: É, achar que o Brasil está sobre ameaça comunista é um pouco ridículo, né? Assim, de que, quando os bolsonaristas chamam comunista qualquer um que critica o Bolsonaro

Gentili: Isso é verdade.

Pondé: Né? E assim, agora, é...

Gentili: Assim como todo mundo que critica o PT é fascista.

Pondé: Como a muito tempo o PT já fazia isso!

Gentili: Aliás, o pessoal fala de fanatismo, aprenderam bem com... com os, o outro lado... (ri)²⁵

O que dá início a essa interação, na verdade, caracteriza-se mais como uma afirmação do que como uma pergunta. Isso acaba dificultando uma elaboração de resposta mais livre por parte de Pondé, que fica preso ao apontamento de Danilo Gentili. A interrogação é, nesse caso, um mero pedido de confirmação de uma opinião transmitida pelo entrevistador como correta, ou seja, para que ocorra uma resposta contrária, é necessária uma refutação da colocação exposta. Por ser uma opinião forte, mesmo concordando parcialmente com ela, Pondé demonstra maior cuidado em sua resposta, deixando de sinalizar um comprometimento categórico frente a isso e, dessa forma, evitando possíveis contradições futuras no fluxo da interação.

Em sua resposta, Pondé assinala um ponto que não havia sido colocado por Gentili de forma enfática e afirma, portanto, que seria ridículo

²⁵ PONDÉ. *Entrevista com filósofo e escritor Luiz Felipe Pondé*, 7:27-8:11.

acreditar que o Brasil sofre ameaça comunista. A partir disso, Pondé começa a tecer uma crítica aos apoiadores do presidente, transmitindo incerteza em relação ao rumo de sua fala, conforme mostra os seguintes fragmentos (“Né? E assim, agora, é...”). No entanto, um comentário de Gentili salva Pondé de um possível embaraço ao redirecionar a atenção negativa trazida pela crítica de Pondé ao governo de Bolsonaro, direcionando-a ao PT (Partido dos Trabalhadores), postura com a qual o filósofo concorda.

Dessa situação, é possível observar que, apesar de ser abertamente contra o governo Bolsonaro, Pondé, por comungar de alguns valores da direita política, evita tecer críticas de maneira direta ao governo, uma vez que tal atitude poderia colocar a sua reputação e o seu *ethos* em situação problemática. Assim, o fato de Pondé, com o auxílio de Gentili, redirecionar a direção da conversa em pauta para o PT é uma estratégia que, no fluxo da conversação, reforça sua *phrónesis*, no sentido de fazer crer que o público de direita possa ser visto como alguém capacitado de exercer o bom julgamento pela razão. Também demonstra a *epieikeia*, no sentido de que há certa justeza em passar um julgamento, mesmo que negativo, igualmente entre os responsáveis por determinado comportamento ou ação que se pretende criticar.

Tratando-se desse aspecto do discurso, nota-se um apelo maior ao público conforme

[...] a *phrónesis* que não tem a priori uma dimensão ética, denota a verdade e qualidade do discurso ‘em conhecimento de causa’; a *epieikeia*, disposição ética por excelência, garante que os conselhos sejam justos, equânimes e apropriados a cada situação²⁶.

Ao considerar uma maneira mais moderada de abordar o tópico, se tornando subitamente mais reservado na hora de demonstrar concordância, o entrevistado conseguiu sustentar seu *ethos* de ponderação na entrevista. Desse modo, o ponto desenvolvido na entrevista, naquele momento, deixou de apontar somente as falhas da direita política, sendo também utilizado como discurso para sinalizar problemas do PT, tornando, dessa forma, a tese mais acessível para ambos os lados da argumentação.

²⁶ EGGS. *Ethos* aristotélico, convicção e pragmática moderna, p. 37.

O próximo trecho a ser analisado advém da última “grande” pergunta, pensando em termos de abertura para o desenrolar de um assunto que levaria maior tempo para ser abordado. Muitos dos elementos incluídos por Danilo Gentili em sua indagação constituem retomadas anafóricas daquilo que já havia sido previamente falado sobre o programa, sendo até mesmo catártico no sentido de oferecer um possível escape para questões do *ethos* que, até então, estavam pendentes. Por essas razões, ambas as partes (entrevistador e entrevistados) se estendem mais em suas falas. Tais questões poderão ser observadas no seguinte trecho:

Gentili: Oh Pondé, como você acha aí... que é... o grande desafio pro homem comum? Não tô perguntando, para Brasil, para política, para homem comum. O grande desafio pro homem comum nesse ano que vai. A gente tá saindo de uma pandemia, certo? Um monte de gente ansiosa, frustrada porque tá sem emprego, negócio quebrou, tá vendo as coisas lá na frente, tá sem esperança. Puta, é um ou outro, sei lá o que vai ser do país, vai ter outra eleição com gente que ninguém quer mais, um... Qual é, como que o homem comum mantém a cabeça no lugar e não desamina pra continuar lutando lá pra...
Pondé: Olha, me vem duas coisas na cabeça, a primeira é a seguinte: mantenha as expectativas mais próximas daquilo que tá ao alcance da sua mão, então... Procure decisões que você tem um pouco mais de campo de decisão naquilo, e não alocar em quem vai ser eleito. Use uma coisa que a ciência política chama “teoria da ignorância racional”, que significa o seguinte... Invista sua razão naquilo que você tem mais decisão no resultado. Essa teoria significa, tenta explicar por que as pessoas não se interessam por política, quando vota. Por que elas entendem que o investimento, ela investe numa preocupação e o voto dela é um só²⁷.

O cerne da indagação levantada é o conselho que deve estar presente na resposta do entrevistado, haja vista que o único pressuposto compartilhado diz respeito ao fato de a situação atual do país ser ruim, em razão, sobretudo, da pandemia da Covid-19. Diante disso, caberia a Pondé auxiliar o telespectador a lidar com as dificuldades da vida, colocando em cena seus conhecimentos enquanto filósofo. Logo, trata-se de uma pergunta aberta, sobre a qual o entrevistado poderia escolher diversos percursos discursivos para respondê-la. É retomado o uso do

²⁷ PONDÉ. *Entrevista com filósofo e escritor Luiz Felipe Pondé*, 32:02-33:30.

termo “homem comum”, com o qual Danilo Gentili havia previamente se aliado, em contraposição ao filósofo, que é o especialista ao qual ele recorre como alguém que tem algo a mais que poderia ajudar o público, e, conseqüentemente, o próprio entrevistador. Também é feita referência à própria temática que dominou boa parte da entrevista: a política.

Ao falar sobre “o grande desafio”, o apresentador faz questão de ressaltar que o representante desse desafio não é o país ou a política, mas o “homem comum”. Seguindo com suas considerações, um tanto inflamado, Gentili vai definindo quais seriam os problemas do cidadão médio no ano de 2021, refinando a pergunta em um pedido de conselho em relação a como lidar com a situação que descreve. Pondé, por seu turno, usa como ponto de partida para sua colocação o problema político, só que voltado para a vida do brasileiro, mencionado pelo humorista, o que ajuda reduzir o âmbito do obstáculo que ele deve ser responsável por tentar ajudar a resolver. Com isso, podemos observar que “é importante dizer que o entrevistado não está completamente à mercê do poder do entrevistador. Aquele tem estratégias para evitar responder diretamente às perguntas deste”²⁸.

Portanto, ao delimitar a esfera de seu aconselhamento, o filósofo consegue facilitar a sua tarefa, contribuindo para fortalecer a *phrónesis* em seu discurso. Considerando, acima de tudo, aquilo que é possível, mostra-se como alguém capaz de ver a realidade em seu âmbito prático, se afastando de abstrações relacionadas ao papel do cidadão na democracia. Seu conselho se concentra na forma como é possível para alguém se preparar para infortúnios causados pelas questões de Estado no Brasil, sem ter influência política, o que se enquadra no perfil da vasta maioria da população.

Além disso, o filósofo também consegue fazer uso de seu conhecimento na área da Sociologia, dando fundamentação consistente a seus argumentos e demonstrando dispor do arcabouço necessário para tratar do assunto. Muitas das qualidades que inspiram confiança podem ser vistas na resposta de Pondé, e isso se evidencia considerando-se que:

²⁸ HOFFNAGEL. Entrevista: uma conversa controlada, p. 192.

[...] o orador mostra *phrónesis* se consegue encontrar argumentos e conselhos razoáveis, isto é, apropriados a uma problemática concreta e, por princípio, única. Ele persuadirá mais à medida que o ouvinte tiver a convicção de que ele parece expor esses argumentos com "virtude", isto é, honesta e sinceramente²⁹.

O aspecto da *areté*, da sinceridade, pode ser averiguado justamente no direcionamento escolhido por Pondé para tecer a sua argumentação. Note-se que o entrevistado não pretende dar falsas esperanças, que soariam improváveis de se realizar, ou soluções miraculosas. Seu aconselhamento se assenta precisamente no campo do que pode ser feito, cabendo ao telespectador definir o melhor para si. Nesse caso, a razoabilidade demonstrada pela *phrónesis* se alia à honestidade esperada na *areté*, podendo também considerar a ideia de que a amabilidade vem implícita na tentativa genuína de ajudar o outro pelo discurso, com didatismo, o que constituiria a *eunóia*. Por essas razões, essa pergunta pode ser considerada como a chave de ouro para o encerramento do programa, possibilitando ao entrevistado demonstrar virtude e amabilidade para com o público, construindo, no discurso, um *ethos* de altruísmo, de aconselhamento e de prudência.

Análise do discurso de Luiz Felipe Pondé no programa Provoca

Durante a entrevista de Luiz Felipe Pondé, foi possível observar, em diferentes momentos, que o filósofo é uma pessoa crítica sobre o comportamento social alheio, se expressando sem eufemismos em relação à forma como pensa. Com relação a sua imagem na mídia, podemos considerar que a repetição de comportamentos semelhantes gera uma expectativa em relação a ele, o que caracteriza o seu *ethos* prévio. Esse *ethos* prévio tem ligeira relação com os estereótipos que circulam socialmente, haja vista que,

[...] a estereotipagem consiste em representações culturais cristalizadas que afetam a doxa: personalidades conhecidas normalmente são percebidas por meio de sua imagem pública divulgada nas mídias. Nesse sentido, a imprensa auxilia na construção de tais *ethé*³⁰.

²⁹ EGGS. *Ethos* aristotélico, convicção e pragmática moderna, p. 34.

³⁰ MAGALHÃES. Artimanhas do *ethos*, p. 40.

Assim, na maneira como o programa *Provoca* é apresentado por Marcelo Tas, podemos inferir, de forma prévia, uma possível imagem que será assumida pelo filósofo no decorrer da entrevista:

Marcelo Tas: *Provoca* em casa, um programa em quarentena. E, para me ajudar nesses pensamentos pandêmicos, hoje eu convidei um filósofo, familiar a você, aqui da *TV Cultura*, mas fique esperto. O cara não é daquele que dá *like* fácil não, mesmo entre amigos. Bem-vindo, Luiz Felipe Pondé³¹.

Primeiro, vemos a figura do filósofo associada ao conhecimento especializado, que pode contribuir para elucidação de questões interessantes e disruptivas para o público, seja oferecendo uma oportunidade de reflexão diferenciada, mostrando possíveis explicações ou ajudando a solucionar problemas. Depois disso, temos a aproximação do entrevistador com a figura de Pondé feita de maneira amistosa, um conhecido, para depois haver uma quebra com essa expectativa de casualidade despojada. Assim, pode-se dizer que é nesse sentido que a estereotipagem é reforçada no programa *Provoca*, confirmando, já de início, o *ethos* de homem crítico, um tanto pessimista, e propenso ao sarcasmo, usando de um tom de humor mais ácido. No restante do programa, isso se manifesta nas respostas e observações feitas pelo sujeito entrevistado, assim como no próprio direcionamento das perguntas feitas pelo entrevistador.

O entendimento de que tal expectativa foi posta sobre ele também contribui com uma certa liberdade para se expressar, isso se deve pois “[...] quanto maior for o conhecimento do orador acerca do auditório, compreendendo as características e inclinações afetivas deste, maiores serão suas chances de produzir emoção-adesão”³². E, nesse caso, o próprio apresentador contribui para um entendimento mútuo na relação entrevistado e audiência sobre quem ele é, moldando, assim, as expectativas tidas com relação a ele. A primeira pergunta de Marcelo Tas já abre as portas para a confirmação da imagem acima descrita sobre Pondé. O questionamento feito implica em si uma natureza de confronto

³¹ PONDÉ. *Luiz Felipe Pondé* | #Provoca, 0:35-0:57.

³² GALINARI. *As emoções no processo argumentativo*, p. 226.

ideológico relacionado ao discurso de um determinado grupo de pessoas, conforme podemos ver:

Tas: O pessoal lá da internet, os ativistas, diz que nós vamos sair melhores dessa, é, dessa pandemia. Mais solidários, mais iluminados. Você acredita nisso?

Pondé: Não. Assim, vamo colocar um não gradual. Ahm, eu acredito que algumas pessoas, principalmente se elas têm condições materiais de vida, poderão ter certas epifanias diante do que tá acontecendo. Tipo, “ai, não gosto do meu trabalho, não gosto do meu casamento, a minha vida não tá boa”, mas isso se ela tiver uma graninha, for bonitinha, por que a maior parte dos brasileiros não tem esse estilo use a broccoli, conversar com planta, e fazer live com o cachorro, né? Agora, se a gente olhar pra história, Tas, a humanidade já passou por muitas epidemias, e não é nenhum indício de que ela tenha mudado. Então, é, essas pessoas que falam que a humanidade vai ficar mais solidária, mais linda, acho que tá fazendo marketing pessoal mesmo³³.

A perspectiva mais otimista que algumas pessoas apresentam em redes sociais, que o apresentador traz para a entrevista, é aberta para as considerações do filósofo, as quais Tas já parecia saber que seriam negativas. Como “O pessoal lá da internet” é um termo vago para se referir ao grupo, a partir do pensamento que estão expondo, Pondé começa a delinear um perfil mais específico de quem deseja colocar como alvo de suas críticas. Para isso, o entrevistado é bem descritivo, fazendo também uso do humor. No começo da resposta, Pondé é rápido em mostrar que discorda da colocação de que o mundo melhoraria no pós-pandemia, no entanto, atribui camadas a essa negação como meio de elaborar sua resposta. Segundo ele, não haveria uma mudança real de caráter das pessoas, mas, para as classes mais abastadas, poderiam surgir epifanias, entoadas pelo filósofo como futilidades.

Assim, Pondé caminha para a sua conclusão, comprovando seu ponto de vista de que a humanidade continuará a mesma, colocando em cena exemplos históricos de pandemias que aconteceram no passado e, por fim, subvertendo a *eunóia* da tese que ele busca refutar ao atribuir esse otimismo com relação ao futuro à “marketing pessoal”. Ao mesmo tempo que seu *ethos* de pessoa crítica o leva a um pessimismo relativo,

³³ PONDÉ. *Luiz Felipe Pondé* | #Provoca, 1:24-2:30.

há também um nivelamento feito pelo filósofo trazendo os assuntos tratados para a sua perspectiva, fazendo com que, como resultado, suas considerações possam se aproximar mais de uma postura realista.

Isso acontece porque deixa de existir a realidade otimista com que poderia ser comparativamente afirmado que o entrevistado é o pessimista da relação. Como essa, as outras perguntas também são centradas na *areté*, por isso, percebe-se a importância para Pondé de transparecer ser aquele que fala o que pensa, mesmo que isso signifique uma postura crítica a grupos sociais que pode levar a perda de seguidores, fato que pode ser visto como uma virtude (despreocupação com dinheiro em prol do intelecto). Por causa desse posicionamento do filósofo em relação a pessoas que tentam se aproveitar da situação delicada enfrentada no país, Tas brinca:

Tas: Oh, Pondé, você é um provocador, né? Se tá me dizendo...

Pondé: Não, você é o provocador aqui!

Tas: Você tá me dizendo que tem gente se divertindo com tudo isso, é?

Pondé: Eu não tenho nenhuma dúvida. Gente que sempre teve mais dificuldade com a vida cotidiana, gente que nunca teve muito trabalho realizado. Agora, acho que também tem gente, Tas, só por que tá investindo em aumentar seus seguidores, tem um certo mercado do pânico que dá dinheiro, então...

Tas: Mercado do pânico!³⁴

É emulada pelo apresentador uma reação de choque diante da fala de Pondé, descrevendo-o como “provocador”, incrédulo com a ideia de que alguém seja cínico o bastante para ver segundas intenções de autopromoção nas atitudes, aparentemente, altruístas e esperançosas que certas pessoas estariam demonstrando. A reação do filósofo é, em tom de humor, reverter a caracterização para o entrevistador, que é, de fato, o responsável por trazer a polêmica para discussão. Em sua posição de entrevistado, poderia ter feito uma tentativa de suavização de seu ponto de vista, mas, de toda forma, o que ele fez foi apenas responder plenamente ao tema proposto, sendo que a polêmica é algo desejável para Tas.

Além de tratar de temas mais delicados, sérios, outra característica do programa, herdada de seu criador, Antônio Abujamra, são as citações.

³⁴ PONDÉ. *Luiz Felipe Pondé* | #Provoca, 3:47-4:20.

Anteriormente, quando ainda era denominado de Provocações, o antigo apresentador costumava até mesmo fazer leitura de poemas. Na reatuação do programa, o Provoca tenta manter essa tradição por meio de citações breves de autores renomados. A participação do universo intelectual tem sua presença sublinhada no programa, nomes importantes são destacados e aparecem na tela ao serem mencionados. Há uma função de disseminação de cultura como parte de seu âmbito. Tais traços podem ser evidenciados nessa troca:

Tas: Deve-se pedir em oração que a mente seja sã num corpo sã, escreveu o poeta romano Juvenal, no século II d.C. A frase em latim é: "*mens sana in corpore sano*". Todo mundo isolado pra salvar o corpo, mas o que eu quero sabe do meu filósofo agora é como manter a mente sã, meu caro psicanalista Pondé.

Pondé: Olha, Tas, você no outro bloco fez praticamente uma citação do filósofo Descartes do século XVII. Numa famosa meditação metafísica, em que ele se pergunta se não existiria um gênio maligno muito próximo do capeta, na nossa linguagem popular, que poderia ficar nos enganando o tempo inteiro, e, portanto, fazer com que a gente delirasse com coisas que não existem. É bem o que você falava no final do bloco com relação a instalação de um aplicativo do tinoso na nossa mente, né? Que nos deixaria confuso nesse momento em que a cabeça fica vazia e se transforma na oficina do diabo³⁵.

A citação feita por Tas é usada como gancho para a pergunta, que é mais um pedido de conselho. Ainda que teoricamente seguros em um sentido físico de saúde em casa ao fazerem quarentena, os efeitos tidos na saúde mental foram consideráveis para muitos brasileiros durante a quarentena. Assim, o título de filósofo acaba por ser sobreposto pelo de psicanalista, devido a sua tarefa de aconselhar sobre os problemas da mente. A *phrónesis* por conhecimento de causa é como que negada pela contradição proposital de Tas, que aponta uma inadequação profissional para resolução da problemática.

Desse modo, Pondé acaba por evitar uma resposta direta à pergunta, voltando-se para a sua área de conhecimento, a filosofia. Através da abordagem de um conceito de cunho intelectual, Pondé coloca em cena a figura de René Descartes. Isso não evidencia, necessariamente,

³⁵ PONDÉ. *Luiz Felipe Pondé* | #Provoca, 15:43-16:53.

uma fuga total da proposta do programa. A resposta do filósofo consegue, por meio de um conceito de seu campo, situá-lo dentro da temática tida pelo entrevistador como inapropriada para ele, e fica subentendido que o grande problema da quarentena é o estado de ociosidade em que muitas pessoas foram colocadas, “[...] a cabeça fica vazia e se transforma na oficina do diabo”.

No entanto, é de se notar que a questão tenha ficado sem uma conclusão clara. Pode-se concluir que uma maneira de manejar a saúde mental seja se ocupando de tarefas ou hobbies considerados pelos indivíduos como interessantes, importantes, mas isso é uma abstração, apesar de não ser muito distante do que parecia ser a intenção do entrevistado. Mais tarde na entrevista, podemos ver que era isso que Pondé provavelmente tinha em mente:

Pondé: Se você se sente entediado durante o dia, tente sair de casa. Experimente dar bom dia, sorrir pra pessoa. Não olhe pro outro, como muita gente tá fazendo hoje, só como um corpo científico transmissor de vírus, né? Isso é uma desgraça! Né? E isso é um dos riscos das pessoas que acham que o confinamento pode ser *forever and ever, and ever*.

Tas: Eu tô adorando essa conversa que o Pondé tá ensinando as pessoas a serem boazinhas aqui neste programa. Logo ele!

Pondé: Só o coronavírus consegue isso, Tas!

Tas: Só o coronavírus pra te deixar assim, Pondé!³⁶

Novamente, a temática relaciona-se a aconselhamentos voltados para questões sobre a quarentena. A construção do argumento do filósofo relacionado ao aspecto social da vida do telespectador constrói-se de maneira interessante, na medida em que Pondé sustenta sua tese do que deve ser feito para superar o tédio com base em um exemplo do que não se deve fazer, exposto de maneira que pode ser vista como rude, ou seja, uma situação de aprender com o erro dos outros.

Se o comportamento de um telespectador se encaixa no criticado, espera-se que ele possa levar a consideração feita com bom humor, que a entenda como algo que não foi feito para atingi-lo como ser humano. Em reação ao conselho de Pondé, o apresentador demonstra sua surpresa em ver justamente ele (Pondé) agindo de tal maneira. Aqui, observa-se

³⁶ PONDÉ. Luiz Felipe Pondé | #Provoca, 21:18-21:56.

como o *ethos* do entrevistado é construído ao longo da interação, com a ajuda do entrevistador. Assim, é composta uma relação discursiva curiosa com relação à *eunóia*, que, como foi dito antes, pressupõe uma boa intenção para com o ouvinte, no entanto, se expressa de modo ríspido na organização argumentativa construída pelo filósofo. A justificativa para a aparente incoerência seria a expectativa do público, que vê valor humorístico e a virtude da honestidade (*areté*) nos posicionamentos diretos de Pondé. Tal fato pode possivelmente ser explicado por um sentimento de catarse de ver alguém se expressando com franqueza sobre assuntos tidos como delicados. Ter alguém exprimindo publicamente aquilo que não pode ser dito no privado, mas que o homem médio gostaria de expressar, gera satisfação.

Conclusão

Com as análises, foi possível observar que a *oikeia*, ou seja, os assuntos tratados, afeta o discurso das entrevistas na medida em que as temáticas abordadas pelos entrevistadores pareciam distanciar-se da área de atuação de um filósofo. Nesse sentido, notamos que o programa *The Noite*, comandado por Danilo Gentili, ofereceu maior turbulência para o entrevistado (Luiz Felipe Pondé), uma vez que o direcionamento das perguntas caminhava para o campo do humor, podendo colocar o entrevistado em situação desconfortante. Isso, obviamente, pode ser indesejável para alguém cuja imagem está associada a um *ethos* prévio de reflexão e de seriedade. Já no programa *Provoca*, comandado por Marcelo Tas, notou-se uma escolha de temáticas que, em maior grau, favoreceram a legitimação do *ethos* prévio de Pondé, haja vista que as perguntas procuravam revelar um conteúdo mais reflexivo e crítico por parte do entrevistado.

É importante registrar que, em ambos os programas, em momentos específicos, as perguntas feitas pelos entrevistadores (Gentili e Tas) ofereceram oportunidade para que os conhecimentos de Pondé sobre Filosofia e Sociologia, por exemplo, pudessem ser explorados na elaboração de suas respostas. Contudo, no programa *Provoca*, a abordagem desses assuntos nas respostas do sujeito entrevistado foi feita de maneira mais explicativa e expositiva, enquanto no programa *The*

Noite tais perguntas funcionaram apenas como informações acessórias para a elaboração das respostas. Assim, podemos perceber uma diferença marcante na elaboração do *logos* nos dois programas.

Por fim, vale considerar que, em um programa como o The Noite, o literal e o metafórico, o denotativo e o conotativo, tornam-se mais difíceis de se distinguir, fazendo com que o entrevistado, que deseja ser visto como alguém coerente e bem fundamentado em suas opiniões, fizesse um esforço maior para que seus posicionamentos fossem entendidos com clareza por parte da audiência. Caso contrário, Pondé correria o risco de que confusões, por parte do público, fossem feitas com relação ao seu *ethos* de seriedade e de erudição. De modo geral, Pondé tentou manter consistência clara na elaboração de suas respostas nos dois programas, ora sustentando um *ethos* de sabedoria e de criticidade, ora buscando legitimar, perante seu auditório, imagens de altruísmo, de aconselhamento e de intelectualidade.

Referências

ARISTÓTELES. *Retórica*. Tradução de Manuel Alexandre Junior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 2005.

CHARAUDEAU, Patrick. A patemização na televisão como estratégia de autenticidade. In: MENDES, Emilia; MACHADO, Ida Lucia (Org.). *As emoções no discurso* – Vol. II. Campinas: Mercado de Letras, 2010.

DITTRICH, Ivan. Por uma retórica do discurso: argumentação técnica, emotiva e representacional. ALFA: *Revista de Linguística*, São Paulo, v. 52, n. 1, 2009.

EGGS, Ekkehard. Ethos aristotélico, convicção e pragmática moderna. In: AMOSSY, Ruth (Org.). *Análise de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 29-56.

MAGALHÃES, Ana Lúcia. Artimanhas do Ethos. In: FERREIRA, Luiz Antonio. *Inteligência retórica: Ethos*. São Paulo: Blucher, 2019.

GALINARI, Melliandro Mendes. As emoções no processo argumentativo. In: MACHADO, Ida Lúcia; MENEZES, William; MENDES, Emilia (Org.). *As emoções no discurso*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p. 221-239.

HOFFNAGEL, Judith Chambliss. Entrevista: uma conversa controlada. In: DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. *Gêneros Textuais e Ensino*. 5. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p. 180-193.

PONDÉ, Luiz Felipe. *Entrevista com filósofo e escritor Luiz Felipe Pondé*. Entrevista concedida a Danilo Gentili. Youtube, 5 out. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=h3XpL9y2OVY>. Acesso em: 15 nov. 2025.

PONDÉ, Luiz Felipe. *Luiz Felipe Pondé | #Provoca*. Entrevista concedida a Marcelo Tas. Youtube, 5 maio 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zTdz2a0D1A>. Acesso em: 15 nov. 2025.

Trabalho final elaborado para a disciplina "Introdução à Pesquisa Científica", ministrada pelo professor Jairo Carvalhais na Fale/UFMG (2022/1).

O uso do recurso de polidez/impolidez como estratégia de argumentação no podcast Mano a Mano

Fernanda Marçolla Jacques Rocha

Introdução: apresentação do podcast Mano a Mano e dos atores da conversa, Mano Brown e Sueli Carneiro

O podcast Mano a Mano é um programa de áudio produzido e transmitido pelo aplicativo de *streaming* musical Spotify, que conta com a apresentação e condução do rapper Mano Brown. Vocalista e compositor do grupo de rap Racionais MC's, fundado em 1988, Brown cresceu na periferia de São Paulo e se destacou com a sua música, que dá voz às questões próprias aos jovens marginalizados como ele. Hoje, aos cinquenta e dois anos, Mano Brown é um artista reconhecido internacionalmente, além de ser importante liderança nas causas sociais que buscam combater as chagas da sociedade brasileira, notadamente o racismo. À frente do podcast que leva o seu nome, Brown tem feito um trabalho valioso na divulgação e popularização de questões políticas e sociais, e pelo seu estúdio já passaram a ex-presidenta Dilma Rousseff, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, o médico Dráuzio Varella, além de artistas declaradamente progressistas como Lázaro Ramos, Taís Araújo, Wagner Moura e o rapper Djonga. O sucesso do programa é acachapante: Mano a Mano foi o segundo podcast mais ouvido no Spotify no Brasil em 2021¹.

Uma das convidadas da temporada de 2022 do Mano a Mano foi a filósofa e ativista antirracista Sueli Carneiro. Carneiro é doutora em filosofia pela USP e doutora *honoris causa* pela Universidade de Brasília.

¹ IBARRA. Podcast de Mano Brown conquista público com informação e questionamentos.

Em 1988, fundou o Geledés – Instituto da Mulher Negra, organização política de feminismo negro cuja atuação é fundamental, operando através de projetos e ações afirmativas que visam a combater o racismo e o machismo na sociedade brasileira. Pela relevância de seu trabalho, Sueli Carneiro recebeu inúmeros prêmios ao longo da vida, tanto no Brasil quanto em outros países. Aos setenta e dois anos, Carneiro continua sendo uma das maiores referências brasileiras na luta antirracista e no feminismo negro.

No episódio do dia 26 de maio de 2022, Brown recebeu Sueli Carneiro em seu estúdio. Nesse programa, de duração de duas horas e dezenove minutos, Carneiro discorreu sobre a história do racismo no Brasil e sobre o atual estado da luta antirracista em um momento de recrudescimento da supremacia branca no país. Apesar de ser um portento, a filósofa faz questão de usar, durante toda a entrevista, uma linguagem não só clara e objetiva, como bastante coloquial, lançando mão de gírias, expressões idiomáticas, figuras de linguagem, entre outros recursos de ordem languageira. O seu tom é notadamente combativo, já que o momento político vivenciado pelo Brasil em 2022 é de preocupação política e eleitoral. Sobre isso, a filósofa explicita suas intenções no próprio podcast, quando diz:

Eu sou uma ativista mesmo, esse é o lugar que eu acredito, eu acho que tem que buscar organizar a nossa gente, tem que conscientizar a nossa gente, tem que convencer a nossa gente que nós precisamos lutar coletivamente, que nós precisamos ter estratégia de luta coletiva, que a ideologia neoliberal individualista não nos emancipa de jeito nenhum, pelo contrário. Eu me disponho a fazer esse tipo de serviço pelo resto da minha vida².

Ao escutar o discurso de Carneiro, tanto em seu conteúdo quanto em sua forma, o ouvinte é remetido a algo muito familiar e acessível, o que provoca uma grande sensação de pertencimento. Sabendo que o programa tem um público majoritariamente jovem, Carneiro lança mão de uma estratégia argumentativa absolutamente eficaz no que concerne à transmissão de suas ideias: ela fala a língua das ruas, das quebradas, e

² Sueli Carneiro e Mano Brown no episódio do dia 26 de maio de 2022 do programa Mano a Mano, disponível no streaming Spotify, min. 65:56-66:36.

não só se coloca de igual para igual diante de Mano Brown, como o convida à ação através de recursos de polidez e impolidez. Carneiro, com um tom questionador, provocativo, encurrala várias vezes o apresentador, se servindo de perguntas retóricas, interrompendo o rapper, cortando sua fala quando a considera perigosamente impertinente. O seu interlocutor, ela sabe, não é exatamente Mano Brown, mas todos os jovens que escutam o seu programa justamente por se identificarem com ele. É ao jovem negro periférico que Carneiro endereça seu discurso. É ele que ela quer trazer para o debate. Para tal fim, a filósofa rompe completamente com todo e qualquer traço de formalidade fazendo, desta forma, com que o ouvinte se sintam tão parte dessa luta quanto ela, tão protagonista quanto Brown, tão fundamental quanto qualquer cidadão brasileiro.

Desta maneira, pretende-se, neste artigo, analisar trechos da entrevista nos quais polidez e impolidez aparecem em seu paroxismo no discurso da filósofa Sueli Carneiro e mostrar de que forma o emprego desses recursos, especialmente a impolidez, além de aproximar os ouvintes, visa convocá-los para o seu lado na luta que ela trava há anos no Brasil.

Brasil, 2022: um país devastado pelos quatro anos de presidência de Jair Bolsonaro

A eleição de Jair Bolsonaro para a presidência do Brasil em 2018 escancarou as entranhas de um país cuja fundação se sustentou sobre a prática torpe e vil da escravidão, que se prolongou por mais de três séculos. Tendo no cargo de liderança mais importante da nação um homem que acumula declarações racistas, o racismo foi descortinado no Brasil. Os véus caíram e os racistas não só perderam o pudor de se manifestar, como se orgulharam de seu preconceito racial. Crimes de ordem discriminatória e injúrias raciais proliferaram pelos quatro cantos do país em pleno século XXI. O mito da democracia racial, assim como a falácia do brasileiro cordial parecem ter caído definitivamente por terra desde que um fascista assumiu a presidência do Brasil.

Diante desse contexto, conquistas históricas e importantes avanços na luta pela igualdade racial e social estão claramente ameaçados. É o caso da Lei de Cotas, sancionada em 2012, que reserva 50% das vagas de graduação no ensino público a estudantes da rede pública, estudantes

cuja renda familiar é inferior a 1,5 salário mínimo e ainda pessoas pretas, pardas, indígenas e com deficiência. Essa lei deve ser submetida a revisão a cada dez anos, ou seja, neste mesmo ano de 2022, no mês de agosto³. Tendo em vista a profusão de retrocessos acumulados desde a eleição de Bolsonaro, a continuidade da Lei de Cotas está em risco. Sueli Carneiro, consciente da importância da política de cotas para a inclusão de pessoas historicamente marginalizadas em espaços que até então eram ocupados exclusivamente por uma elite, se manifesta claramente sobre o tema no trecho que se segue:

Mano Brown: É uma batalha feroz. A gente venceu?

Sueli: Uai. As cotas foram instituídas.

Mano Brown: Sim. Mas tem gente tentando cortar. Corremos risco?

Sueli Carneiro: Claro que corremos risco. Como que a gente pode deixar à mercê dos adversários?

Mano Brown: Não é uma lei blindada? Constitucional?

Sueli Carneiro: Não, nós temos que continuar lutando. Vamos pra cima. Estamos lutando. E você faça a sua parte também, fala aí para todo mundo no seu programa: "Nem pensa em derrubar a política de cota!". Você tem que falar, você não é o cara que chama, que tem quinhentos mil manos?⁴

Nesse trecho extraído do podcast *Mano a Mano*, Sueli Carneiro evidencia a importância da mobilização social em torno de questões fundamentais, como a política de cotas. Além disso, é possível perceber o objetivo da filósofa ao aceitar o convite para a gravação do programa: fazer um apelo social, conclamar os grupos chamados minoritários e a população em geral para a luta contra os desmontes impostos pelo governo de Jair Bolsonaro.

Durante todo o podcast, Carneiro enfatiza que é fundamental que as forças progressistas se organizem para barrar os avanços da supremacia branca, que se sente chancelada e incentivada pelo discurso fascista de alguns políticos eleitos. A filósofa aponta a urgência em conscientizar a população brasileira de sua própria história e da segregação racial que nasce junto com o país, a partir dessa grande chaga que foi a escravidão. Segundo Carneiro, é preciso, mais do que nunca, mobilizar o

³ O presente artigo foi redigido no mês de julho de 2022.

⁴ MANO A MANO. *Sueli Carneiro*, min. 37:30-38:02.

povo brasileiro, brancos e negros, contra essa onda radicalmente racista disparada pela ascensão de um membro da extrema-direita à presidência da república e lutar para a construção da igualdade racial.

A transmissão desses ideais antirracistas é, dessa forma, parte fundamental dessa transformação. Na famigerada disputa de narrativas, tema muito caro à contemporaneidade, cabe às lideranças progressistas contar ao povo brasileiro a verdadeira história de seu país, muito distante do que pregou por tanto tempo o mito da democracia racial. Para desfazer tais fantasias, é preciso alcançar os ouvidos da população com um discurso claro e familiar, que fale a todas as pessoas, inclusive e sobretudo ao cidadão comum. É o que faz Sueli Carneiro no podcast *Mano a Mano*, quando lança mão de uma linguagem coloquial, simples e acessível, sem que para isso renuncie à densidade do conteúdo que divulga. Em outras palavras, Carneiro passeia com destreza por um português que oscila do culto ao popular, na melhor acepção do termo, dando uma verdadeira aula sobre a história racial do Brasil. Buscaremos, então, no presente artigo, compreender as estratégias argumentativas usadas por uma das maiores lideranças progressistas do Brasil, especialmente no que concerne ao uso do recurso de polidez e impolidez em seu discurso.

O podcast como instrumento de difusão e transmissão de ideias

Herança da eclosão tecnológica que adveio com a internet, o podcast é um serviço de streaming sonoro disponibilizado em um site ou aplicativo para acesso online dos usuários. A escuta sob demanda, ou seja, o acesso ao conteúdo a qualquer momento e em qualquer lugar, é certamente uma das razões que fizeram com que o podcast se tornasse o grande fenômeno que ele representa atualmente.

A potência comunicativa de programas de áudio, explorada primeiramente pelo rádio desde a sua criação no final do século XIX, não passou despercebido para pensadores como Bertolt Brecht, dramaturgo e encenador alemão de inspiração marxista, que via nesse instrumento um poderoso meio de mobilização:

A radiodifusão tem que tornar possível o intercâmbio. Só ela pode organizar sistematicamente discussões entre os ramos do comércio e os consumidores sobre as normas dos artigos de consumo, os debates sobre altas do preço do pão, as disputas entre comunidades. [...] Qualquer campanha com um programa claro, portanto, qualquer campanha engajada realmente na realidade, que tenha por meta modificar a realidade, ainda quando seja em assuntos da mais modesta importância, como por exemplo, a localização de obras públicas, asseguraria à radiodifusão uma eficiência muito diferente, incomparavelmente mais profunda e lhe conferiria uma importância social muito distinta da de sua postura atual puramente decorativa⁵.

Ao contrário do rádio, que demanda concessão do Estado e grandes empresas de produção e distribuição, o podcast surgiu como uma ferramenta alternativa, independente e horizontal, já que permitia a qualquer pessoa produzir seu próprio conteúdo e disponibilizá-lo na internet. Pensava-se, naquele momento, mais precisamente a partir de 2004, que o podcast faria frente à hegemonia das mídias tradicionais, cooptadas pelos mesmos grupos cujos interesses raramente coincidem com os interesses do povo. Efetivamente, o que se viu no início do podcast foi uma multiplicidade de produções independentes, quicá caseiras, que abordavam os mais variados temas. Assim, essa nova mídia proporcionava aos ouvintes uma programação muito mais diversa, plural e irreverente do que o rádio, submetido às regras e restrições próprias das mídias pertencentes às grandes empresas.

Entretanto, como é próprio ao sistema capitalista, as grandes corporações logo se deram conta do enorme potencial de engajamento e lucro associado à nova mídia dos podcasts e hoje, os proprietários de grandes grupos jornalísticos como *Folha de São Paulo* e *Grupo Globo* já produzem uma parte de seu conteúdo nesse formato. Com a popularização dos serviços de streaming, como é o caso do aplicativo Spotify, produtor e distribuidor do *Mano a Mano*, o acesso a programas desse tipo explodiu no Brasil. Hoje, o país é o terceiro maior consumidor de podcasts do mundo, com trinta milhões de ouvintes, ficando apenas abaixo da Suécia e da Irlanda, que ocupam respectivamente primeiro e segundo lugar⁶.

⁵ BRECHT. A teoria do rádio.

⁶ ROVAROTO. Brasil é o 3º país que mais consome podcast no mundo.

Sendo então uma mídia em plena ascensão, atraindo para si todos os olhares do mercado, o podcast acabou se desviando de sua origem independente. Ainda que o caráter democrático do meio permaneça, já que ele não exige muito investimento e que, desta forma, qualquer pessoa pode produzir seu conteúdo e disponibilizá-lo na internet, o podcast independente é solapado pela divulgação massiva de programas produzidos pelas grandes corporações. Segundo Bonini:

O podcasting entrou numa nova temporada comercial. Assim como ocorreu quando o rádio se estandardizou, produtores amadores de rádio e de podcasts continuarão a existir, mas o podcasting definitivamente se torna um outro mercado comercial, em que deve se vender (através de financiamento coletivo) ou vender suas audiências (através da publicidade incorporada ou do "podcasting pago"). Os temores de Sterne et al. (2008) finalmente se tornaram realidade. Podcasting é radiodifusão, mas não no sentido mais amplo e democrático que Sterne et al. previram. Pelo contrário, podcasting está se tornando, cada vez mais, uma forma de radiodifusão comercial⁷.

A apropriação de novas tecnologias pelos grupos hegemônicos de sempre era absolutamente previsível, assim como a absorção de pautas sociais fundamentais por parte dos grandes conglomerados, representantes fiéis do sistema capitalista. Sabemos que o capitalismo transforma tudo em produto e o acesso dos chamados grupos minoritários a esses canais de grande porte não deve ser compreendido como uma concessão benevolente, mas apenas como a expansão do mercado consumidor. Ainda assim, não se pode negligenciar o alcance de um programa que é conduzido por um homem negro, periférico, estrela do rap nacional, cujos versos dizem:

Desde o início, por ouro e prata
Olha quem morre, então
Veja você quem mata
Recebe o mérito a farda que pratica o mal
Me ver pobre, preso ou morto já é cultural⁸

⁷ BONINI. A "segunda era" do podcasting: reenquadrando o podcasting como um novo meio digital massivo. Grifos do autor.

⁸ BROWN; ROCK. Negro drama.

Além disso, é importante ressaltar o caráter ativo da relação do público com o podcast que, ao contrário do ouvinte do rádio que recebe passivamente a programação que lhe é proposta, vai selecionar o conteúdo que lhe interessa. Essa diferença é fulcral para entendermos o alcance de programas como *Mano a Mano*. Tendo à frente do podcast um ícone da periferia paulistana, um homem negro e que, ainda que tenha chegado ao auge da carreira, se mantém fiel à sua origem, é de se esperar que o seu público seja formado majoritariamente por pessoas que se sentem contempladas pelo seu posicionamento político, como acontece com as suas músicas. Desta forma, se a sua audiência se compõe de uma parte de um público progressista que se interessa pelos convidados do programa, uma outra parte considerável da audiência é constituída de jovens fãs do cantor. Consciente dessa parcela de ouvintes fiéis que o acompanham, Mano Brown deixa clara a intenção didática que subjaz o seu programa, quando diz, em entrevista ao *Correio Braziliense* que “comunicar é respeitar. Falar sem se importar com o que os outros vão entender é desrespeito. [...] O legado é falar para os mais jovens sempre. Se eles não entenderem, faça-se ser entendido”⁹.

Todos os fatores elencados acima devem ser levados em conta para que se compreenda a participação de Sueli Carneiro no podcast *Mano a Mano*. A escolha do meio não é anódina nem fortuita; Carneiro conhece bem o público dos Racionais MC’s e sabe que eles estarão à escuta. O seu discurso, então, parece ter sido estruturado de forma a chegar sem obstáculos a esses ouvidos que lhe interessa tocar.

O uso do recurso linguístico de polidez e impolidez como estratégia de argumentação

Brown e Levinson, em sua teoria da polidez, definiram conceitos importantes que serviram de esteio para a pesquisa desse campo de estudos. Desenvolvendo ideias como a do trabalho de face, seu objetivo era analisar o que estaria por trás dos enunciados das trocas verbais, ou seja, “o que os falantes ‘querem dizer’ (*mean*) e não exatamente o que eles

⁹ IBARRA. Podcast de Mano Brown conquista público com informação e questionamentos.

dizem (*say*)”¹⁰. Esses teóricos defendiam que uma interação verbal almejava sempre a preservação das faces, baseando-se, para isso, na definição do sociólogo Goffman, para quem a face seria “o valor social positivo que uma pessoa efetivamente reivindica para si mesma pela linha que os outros pressupõem que ela seguiu durante um contato particular” e ainda “a imagem do eu delineada em termos de atributos sociais aprovados”¹¹. O trabalho de face, ou *facework*, seria, então,

ações tomadas por uma pessoa para tornar o que quer que esteja fazendo consistente com a face. O trabalho de face [face-work] serve para neutralizar “incidentes” – isto é, eventos cujas implicações simbólicas efetivas ameaçam a face¹².

Ainda de acordo com Brown e Levinson, todo ato de fala seria ameaçador para ao menos uma das instâncias em jogo em uma interação: a face positiva ou negativa do falante e a face positiva ou negativa do ouvinte. Como acreditam que todo comportamento linguístico é necessariamente colaborativo e que todo agente da interação deve evitar os atos ameaçadores de fala (*face threatening acts* – FTA) ou, ao menos, amainá-los, esses autores exploram as estratégias de mitigação dessa ameaça interacional.

As novas abordagens da polidez linguística buscam complementar esse campo de estudos desenvolvido, em parte, por Brown e Levinson. A pesquisa contemporânea tenta sanar algumas lacunas de seus antecessores, sobretudo no que concerne à inclusão da impolidez como estratégia linguística, discordando, desta forma, da ideia de que toda interação verbal busca a harmonização dos conflitos. Assim, pesquisadores contemporâneos partem de uma concepção interacional do fenômeno da im/polidez, levando em conta o contexto e as intenções em jogo no ato comunicativo. É nessa perspectiva que autores como Culpeper, Locher e Watts extrapolam conceitos como o de trabalho de

¹⁰ CUNHA; OLIVEIRA. Teorias de im/polidez linguística: revisitando o estado da arte para uma contribuição teórica sobre o tema.

¹¹ GOFFMAN, p. 5 *apud* CUNHA; OLIVEIRA. Teorias da im/polidez linguística: revisitando o estado da arte para uma contribuição teórica sobre o tema.

¹² GOFFMAN, p. 12 *apud* CUNHA; OLIVEIRA. Teorias da im/polidez linguística: revisitando o estado da arte para uma contribuição teórica sobre o tema.

face para se debruçarem mais sobre a ideia de *relational work*¹³, ou trabalho relacional, tentando compreender, através desse novo aporte, as diferentes estratégias de impolidez e suas funções comunicativas em contextos precisos:

[o] trabalho relacional compreende todo o *continuum* de comportamento verbal de interação direta, impolida, rude ou agressiva até a interação polida, abrangendo tanto formas apropriadas quanto inapropriadas de comportamento social¹⁴.

O que se leva em conta nesses novos estudos é sobretudo a questão da intencionalidade do uso da im/polidez como estratégia discursiva. É nessa via que se insere o trabalho de Culpeper, que acredita que “os falantes podem planejar suas ações linguísticas de modo a almejem ser reconhecidos como falantes polidos ou impolidos, a depender da situação comunicativa em foco”. Este autor dedica especial atenção justamente ao uso de determinadas estratégias que potencializariam os atos ameaçadores de fala com propósitos bastante específicos. Assim, Culpeper define a impolidez como um ataque de face intencional¹⁵.

A noção de poder se torna fundamental nessa abordagem, já que a avaliação da impolidez de um certo interactante depende da posição social que ele ocupa e, conseqüentemente, do comportamento que se espera dele. Segundo Culpeper, “comportamentos situados são vistos negativamente – considerados ‘impolidos’ – quando entram em conflito com o modo como alguém espera que eles sejam, quer que eles sejam e/ou pensa que eles devem ser”¹⁶.

Desta forma, poder e impolidez se imbricam na medida em que um interactante que ocupa um lugar social privilegiado em relação ao seu interlocutor pode lançar mão da impolidez como um recurso linguístico que visa a confrontação:

¹³ “O trabalho relacional refere-se ao ‘trabalho’ que os indivíduos investem em negociações de relacionamentos com os outros”. LOCHER; WATTS. *Politeness Theory and Relational Work*. Tradução própria.

¹⁴ LOCHER; WATTS. *Politeness theory and relational work*, p. 51. Tradução própria.

¹⁵ CULPEPER. *Reflections on impoliteness, relational work and power*.

¹⁶ CULPEPER, p. 37 *apud* CUNHA; OLIVEIRA. *Teorias de im/polidez linguística: revisitando o estado da arte para uma contribuição teórica sobre o tema tema*.

Cometer *FTAs* sérios é, portanto, uma estratégia linguística poderosa para exercer poder com a finalidade de engajar um oponente em interação.

[...]

Poder e desacordo estão conectados através de conflitos e confrontos de interesse. A discordância restringe o ambiente de ação de um interactante na medida em que o destinatário do desacordo sentirá que algum tipo de resposta ou réplica é esperado, ou necessário, a fim de evitar a perda de face. No caso de um desafio claro, isso é ainda mais pronunciado¹⁷.

Ainda que não seja uma regra categórica, Culpeper afirma que em interações entre pessoas de posições sociais assimétricas, a tendência é a de que os interactantes dotados de poder sejam mais impolidos em relação aos de menos poder, sobretudo em espaços nos quais a impolidez é legitimada, como em tribunais ou no exército. Contudo, o discurso impolido pode ser usado como recurso para valorizar a face do interactante, elevando sua imagem, quando ele aparece justamente em contextos nos quais o interactante impolido é o menos poderoso:

os participantes poderosos não só fazem impolidez, mas são apoiados pela estrutura social ao fazê-lo (por exemplo, o direito de falar concedido a um juiz); ao contrário, os participantes menos poderosos são impedidos pela estrutura social de responder à impolidez com impolidez – eles são mais propensos a sofrer perda de face sem poder combatê-la. Claro que isso não significa que a impolidez nunca será feita pelos participantes menos poderosos em direção aos mais poderosos. Com efeito, uma possível motivação para fazê-lo pode ser ganhar status dentro de um grupo menos poderoso por vigorosamente desafiar alguém com nitidamente mais poder social institucional usando técnicas como a impolidez¹⁸.

Seguindo nessa mesma direção teórica, Richard Watts e Miriam Locher partem das noções de *frame*, definida por Tannen como “estruturas de expectativas baseadas em experiências passadas”¹⁹, e de *habitus*, de Pierre Bourdieu, “o conjunto de predisposições para agir de determinadas maneiras, o que gera práticas cognitivas e corporais no indivíduo” para desenvolver o conceito de *relational work*, ou trabalho

¹⁷ LOCHER, p. 201 e 323 *apud* CULPEPER. *Reflections on Impoliteness, relational work and power*, p. 24. Tradução própria.

¹⁸ CULPEPER. *Reflections on Impoliteness, Relational Work and Power*. Tradução própria.

¹⁹ TANNEN, p. 53 *apud* LOCHER; WATTS. *Politeness Theory and Relational Work*. Tradução própria.

relacional²⁰. Assim, o trabalho relacional se refere ao comportamento linguístico dos participantes de uma determinada interação social, que buscam se adequar ao que se espera deles, baseando-se nas normas sociais de seu *habitus*:

[o] trabalho relacional [...] consistirá em formas de comportamento verbal produzidas pelos participantes de acordo com o que eles sentem – individualmente – como apropriados à interação social em que estão envolvidos. Na maior parte do tempo - mas nem sempre - eles não terão consciência de uma orientação para quadros sociais, normas sociais, expectativas sociais etc. Eles estarão reproduzindo formas de comportamento na prática social de acordo com as predisposições de seu *habitus* (Bourdieu 1990) e, portanto, estarão usando o que Bourdieu chama de “sentir o jogo”. Chamamos esse comportamento não marcado e socialmente apropriado de ‘comportamento político’, que pode ou não ser estratégico²¹.

Ainda segundo esses autores, nenhuma expressão linguística é inerentemente polida ou impolida, e eles acreditam que “existe uma diferença entre, por um lado, comportamento impolido, mas apropriado/político, e, por outro, comportamento apropriado/político e polido”²². Como se vê, para Locher e Watts a questão do contexto da interação também é fundamental para que se analise o uso da im/polidez no discurso.

Assim, a partir dessas teorias e suas articulações, pudemos compreender que muitas vezes a impolidez é usada como estratégia discursiva de argumentação, ora para gerar deliberadamente um conflito, buscando constranger o outro a uma reação, ora para valorizar a sua própria face em uma situação em que o interactante impolido é o menos poderoso e visa a desafiar a hierarquia da situação interacional. Vimos também que a impolidez pode eventualmente ser interpretada como um comportamento apropriado/político em função do contexto da interação. Fundamentados nessas teorias, passaremos à análise do uso do recurso linguístico da impolidez como estratégia de argumentação no discurso de Sueli Carneiro, no podcast *Mano a Mano*.

²⁰ WATTS, p. 149 *apud* LOCHER; WATTS. Politeness theory and relational work. Tradução própria.

²¹ LOCHER; WATTS. Politeness theory and relational work. Tradução própria.

²² LOCHER; WATTS. Politeness theory and relational work. Tradução própria.

O uso da impolidez como estratégia de argumentação no discurso de Sueli Carneiro

Como já expusemos na primeira seção desse artigo, Sueli Carneiro é uma personagem central na luta antirracista e no feminismo negro no Brasil. Apesar de reivindicar sua formação pela via do ativismo²³, inspirada por Abdias do Nascimento e Lélia Gonzalez²⁴, com quem conviveu, o êxito de seu percurso acadêmico é notório: além de ter inúmeros artigos e livros publicados, ela ainda recebeu o título de doutora *honoris causa*, concedido pela Universidade de Brasília. Desta forma, é evidente que Carneiro domina as normas gramaticais da língua portuguesa, além de ter plena consciência de seu capital cultural incorporado e toda a expectativa que ele gera. Apesar disso, no podcast Mano a Mano do qual participou, a filósofa lança mão deliberadamente de uma linguagem simples, direta e acessível, se servindo frequentemente da impolidez como uma estratégia de argumentação.

Várias vezes, durante o programa, Sueli Carneiro evoca a escravidão como “quebra da espinha” da pessoa negra, ou “uma ferida narcísica” que dominou, subjugou e ainda coloniza a subjetividade das pessoas negras. Segundo ela,

Nós somos uma população que foi escravizada, nós fomos escutachados, nós fomos domesticados, nós estamos domesticados. Então reagir à domesticação é um processo extremamente difícil, nós somos uma população dominada, especialmente os homens negros. Entraram numa guerra que perderam. Perderam. Foram escravizados, não puderam nem defender suas mulheres nem famílias. Essa é a origem. E isso tem sequelas profundas em nós²⁵.

É a partir desta ferida que Sueli vai se posicionar na interação com Mano Brown. O seu tom, durante todo o podcast, é combativo; sem rodeios, ela vai direto ao ponto. O rapper, em determinado momento, chega a afirmar “Sueli, você é uma metralhadora da segunda guerra

²³ “Eu fui formada como ativista e como intelectual, ao contrário do que diz a lenda, não foi a universidade que me formou. Como a pensadora que eu sou. Ou como a intelectual orgânica que eu sou. Eu não sou produto da universidade. Eu sou produto do movimento social, eu sou uma intelectual orgânica do movimento negro e do movimento de mulheres negras”. MANO A MANO. *Sueli Carneiro*.

²⁴ Abdias do Nascimento (14/03/1914 – 23/05/2011) foi artista, professor universitário, político e ativista dos direitos civis e humanos das populações negras brasileiras. Lélia Gonzalez (01/02/1935 – 10/07/1994) foi uma intelectual, autora, política, professora, filósofa e antropóloga brasileira.

²⁵ MANO A MANO. *Sueli Carneiro*, min. 95:50 a 96:32.

mundial”, ao que ela responde “Não, eu sou indignada”²⁶. Essa indignação atravessará todo o programa e se manifestará como impolidez em diversas ocorrências.

Brown, por sua vez, como o apresentador do programa, se mostra com um discurso menos firme, mais hesitante e dubitativo, já que se coloca claramente como um aprendiz, ou discípulo de Carneiro, o que de fato ele foi, aos dezoito anos, quando começou a frequentar o Geledés. Além disso, Brown sabe que está diante de uma das maiores intelectuais do país, o que a torna uma ativista profundamente habilitada para analisar a conjuntura sócio-racial do Brasil. Desta forma, partindo dos *habitus* em jogo, Brown lança mão de estratégias de polidez para reafirmar a sua posição em relação à sua interlocutora – ou seja, a de quem está ali para aprender²⁷. Assim, a relação de poder aqui também está clara: Sueli ocupa o lugar da instrutora, ou seja, de quem tem um conteúdo a transmitir ao outro, de forma a instruí-lo. Parecendo estar ciente desta dinâmica de formação que estará em jogo durante a sua interação, sabendo da importância que o podcast *Mano a Mano* alcançou e que milhares de ouvintes estarão à sua escuta, Carneiro assume claramente o papel de líder ativista e usa a impolidez para tratar com veemência algumas considerações que considera fundamentais.

Analiseemos um primeiro trecho:

Mano Brown: [...] O homem negro, o cidadão negro, que é o pai de família, não é o número; o homem, a pessoa, o indivíduo, ah, o cara gosta de perfume da Hugo Boss, tênis de dois mil reais, ele é um homem negro incluído, inserido na sociedade. Ele não é um marginal, ele é inserido, tá? Vamos sair do padrão do que se fala. É um cara inserido. Ele também – eu quero filosofar – se ele não conseguir quebrar essa corrente, ele também vai ser levado para um funil, onde ele vai ser levado pra ratoeira, inclusive a morte financeira dele, é o que acontece primeiro, o que antecede a morte física. Filosofei demais?

Sueli Carneiro: Lógico que não. Você evita uma palavra que é essencial na nossa conversa, e pra explicar a nossa existência: racismo. Ponto. Não adianta, não tem pra onde correr, Brown, não tem como aliviar. O que organiza essa porra é o racismo. Racismo é uma

²⁶ MANO A MANO. *Sueli Carneiro*, min. 98:47-98:50.

²⁷ “Sueli, com alguns amigos eu fumo, com outros eu bebo, com outros eu vou pro estádio, com outros eu pego aula. Hoje eu peguei aula”. MANO A MANO. *Sueli Carneiro*, min. 132:50-132:56.

ideologia para produzir privilégios para um grupo em detrimento de outro. Privilégio para um grupo que é instituído como superior em detrimento de outro grupo considerado inferior. É isso que organiza a nossa existência nesse país desde sempre. Nós saímos no dia 14 de maio, eles assinaram uma abolição que significava “você estão livres para morrerem nas sarjetas desse país”²⁸.

No diálogo acima, Carneiro faz uso de impolidez quando aponta um comportamento errático no discurso de Brown, que parece querer evitar a palavra “racismo” em sua interação. Destaquemos a sequência:

Você evita uma palavra que é essencial na nossa conversa, e pra explicar a nossa existência: racismo. Ponto. Não adianta, não tem pra onde correr, Brown, não tem como aliviar. O que organiza essa porra é o racismo²⁹.

Podemos interpretá-la como um ato ameaçador de face, já que sugere que o interlocutor está se esquivando do que deve ser dito, quando evita nomear o racismo. Com essa frase impolida, Carneiro marca com firmeza a sua posição – uma posição sobretudo política – ao mesmo tempo em que convoca o seu interactante a reagir para evitar perda de face. Aqui, a disposição dos papéis que cada um vai exercer durante essa interação também é crucial: Brown, na figura de discípulo, por vezes, traz ao debate ideias do senso comum, muitas delas originadas do mito da democracia racial e que servem à perpetuação do racismo no Brasil. Carneiro, por sua vez, se apropria do lugar de poder que ela sabe que ocupa na interação para lançar mão da impolidez também como estratégia de enfrentamento ao outro – neste caso, o senso comum, representado por Brown.

Além dessas estratégias de argumentação, a saber, a de ameaça da face do outro (o outro, aqui, como o senso comum) e o seu enfrentamento, temos ainda uma outra estratégia linguística de argumentação que se dá com o uso da impolidez no discurso de Sueli. Ao usar expressões idiomáticas, figuras de linguagem, gírias e até uma palavra vulgar (“não tem pra onde correr”, “não dá pra aliviar”, “essa porra”) Carneiro, além de exprimir a sua indignação, marca também um pertencimento, se

²⁸ MANO A MANO. *Sueli Carneiro*, min. 30:51-31:04.

²⁹ MANO A MANO. *Sueli Carneiro*, min. 30:11-30:26.

colocando ao lado do popular, já que esse registro de linguagem é considerado bastante coloquial, quicá grosseiro. Assim, a filósofa reafirma o lugar de onde veio, provocando, desta forma, um grande efeito de identificação no público ouvinte do podcast *Mano a Mano*.

Vejamos agora esse outro trecho extraído do programa:

Mano Brown: Isso em favela pega mal, o racismo. Seja preto com branco ou branco com preto. Na favela pega mal. Se você é negro e você trata o cara mal porque ele é branco na favela, você vai ser punido pela favela.

Sueli Carneiro: Só que o polícia arrepia ele, e não arrepia o menino branco. Calma aí!³⁰

Mais uma vez, percebemos que Brown joga o jogo do senso comum, trazendo à tona percepções generalizadas e falsos estereótipos arraigados na sociedade brasileira, como o racismo reverso. Sueli Carneiro imediatamente interfere com uma fala curta e de conteúdo impolido, fazendo uso de uma gíria comum entre os jovens periféricos de São Paulo (o verbo “arrepia”, no sentido de abordar violentamente) e em seguida a expressão “calma aí!”, que visa a cortar o interlocutor em sua linha de raciocínio, que ela considera perigosa e impertinente. A impolidez serve, então, para confrontar o interlocutor, descredenciando o que ele acabou de dizer, empregando, para isso, gírias próprias da comunidade à qual ela se endereça. O efeito de identificação, então, se confirma também nesse trecho.

Em seguida, temos o seguinte diálogo:

Sueli Carneiro: Eu gosto muito de futebol, Brown. E eu assisto hoje *première* ligue porque é onde eu vejo africano jogando. Por que que ninguém encontra mais jogador preto aqui?

Mano Brown: Tem duas teorias. Uma é essa que eu tô te falando, que talvez já não seja mais sonho de consumo da molecada negra, o futebol.

Sueli Carneiro: Como foi que os nossos meninos foram sendo expulsos inclusive?

Mano Brown: Do futebol?

Sueli Carneiro: Do futebol.

Mano Brown: Poder financeiro, primeiramente.

Sueli Carneiro: Como foi que os nossos meninos foram sendo substituídos por meninos de classe média brancos? Não é possível,

³⁰ MANO A MANO. *Sueli Carneiro*, min. 39:43-39:58.

você tem que fazer essa pergunta. Não, eles não deixaram de desejar futebol. Eles não deixaram de querer futebol. Eles têm sido gradativamente excluídos.

Mano Brown: Sim.

Sueli Carneiro: Você pega o campeonato francês, é uma profusão de gente preta como você não vê mais aqui no Brasil, que é o tal do futebol pentacampeão e que foi o tal do futebol pentacampeão graças aos jogadores negros. A eles nós devemos isso. Agora, como que eles desapareceram?

Mano Brown: Não tá migrando pra outros...?

Sueli Carneiro: Tá coisa nenhuma! Eles estão sendo excluídos! Como é que a França tem uma seleção que é 80% de meninos pretos? E foi campeão! O negócio é tão exacerbado aqui, o processo de exclusão, que eles tão preferindo não mais conquistar os títulos que nós éramos capazes de conquistar para eles, do que nos incluir. É isso que eu acho. E não me venha com teoria de conspiração porra nenhuma, isso é conversa de branco em cima da gente. Pega os índices de mortalidade da gente em qualquer nível, é teoria da conspiração? Negro ter morrido de Covid 70% mais do que brancos é teoria de conspiração? Ou a gente é louco e não sabe interpretar? Por que que a gente morre de mortes preveníveis e evitáveis o tempo todo? Por que a gente é mantido na indignação humana?

Entrevistadora: Só pra contribuir com esse funil que o Brown começou falando e isso que a Sueli tá trazendo agora, tem a ver com a evasão escolar também, a senhora é doutora em educação, e a evasão escolar é majoritariamente de meninos negros e meninas negras.

Sueli Carneiro: Como é que expulsam os nossos meninos negros da escola? Como se empurra os nossos meninos pro tráfico? Não faz esse tipo de concessão pro racismo não, não dá esse mole não! Nunca mais eu quero ouvir você falar em teoria da conspiração!³¹

Neste trecho, Mano Brown apresenta novamente uma ideia do senso comum segundo a qual as crianças negras não se interessariam mais por futebol, o que será veementemente combatido pela teoria de Carneiro, que defende, por sua vez, que a ausência de negros no futebol é mais um braço da exclusão racial. Aqui, a própria forma do diálogo já se estrutura com impolidez: Sueli faz perguntas (para ela, retóricas) a Brown de forma a conduzi-lo a pensar de outra maneira e tirar então suas próprias conclusões, contradizendo, assim, o que ele afirmou anteriormente. Isso se verifica claramente quando ela diz "Como foi que os nossos meninos foram sendo substituídos por meninos de classe média

³¹ MANO A MANO. *Sueli Carneiro*, min. 52:30-54:35.

brancos? Não é possível, você tem que fazer essa pergunta”. Em seguida, podemos destacar a impolidez presente na sequência “E não me venha com teoria de conspiração porra nenhuma, isso é conversa de branco em cima da gente. Pega os índices de mortalidade da gente em qualquer nível, é teoria da conspiração? Negro ter morrido de Covid 70% mais do que brancos é teoria de conspiração?”, quando a filósofa confronta a falácia da teoria da conspiração racial com números reais acerca da mortalidade do povo negro, além de reforçar a desonestidade da ideia com o uso de um palavrão. Por fim, ela encerra esta réplica com a seguinte fala: “Não faz esse tipo de concessão pro racismo não, não dá esse mole não! Nunca mais eu quero ouvir você falar em teoria da conspiração!”. Parece-nos claro que a impolidez aqui se apresenta como estratégia de argumentação, tanto com o uso da gíria “não dá esse mole não”, quanto com o tom impositivo da exigência de que ele não fale mais em teoria da conspiração, já que essa ideia estaria totalmente a serviço do racismo.

Neste outro momento, podemos observar com bastante nitidez o uso da impolidez como estratégia argumentativa:

Mano Brown: O movimento tem usado essa frase, tanto o rap como o funk, e até outros movimentos acabaram pegando essa coisa da frase “a favela venceu”. Então, você vê assim, um artista que é emergente, egresso da favela, ele faz sucesso, posta uma foto com carrão, e a frase lá embaixo. É neoliberalismo isso?

Sueli Carneiro: É, e eu acho que é do mais babaca possível. [ela ri] Só isso.

Mano Brown: Eu não quis te induzir, só te expliquei o porquê que eu perguntei dessa frase.

Sueli Carneiro: É, eu acho que é e é babaca. É uma coisa babaca, porque se é a mobilidade individual que é o projeto, eu acho que nós estamos condenando o resto ao abandono ou às condições... eu acho que a coisa mais nociva, quem pode se dar ao luxo de ser neoliberal é branco que tá com a vida ganha.

Mano Brown: Eu tô te perguntando por quê? Porque eu faço parte desse movimento que tem mudado o perfil e a forma de protestar, certo? Então é muito normal hoje, eu mesmo faço isso, já faço há muito tempo...

Sueli Carneiro: [interrompendo] Qual é a meta?

Mano Brown: [continua falando junto dela] ...você encostar um carro na porta...

Sueli Carneiro: [mais alto] Qual é a meta?

Mano Brown: Então. Qual que é a meta?

Sueli Carneiro: Qual é o objetivo???

Mano Brown: Tem um objetivo, por exemplo...

Sueli Carneiro: [interrompendo] É ter um carro?

Mano Brown: Não. Para o jovem negro...

Sueli Carneiro: Tem alguma coisa mais idiota que isso???

³²

Sueli Carneiro, desta vez, vai combater o famigerado ideal neoliberal que tem se alastrado cada vez mais na sociedade contemporânea, disseminando falsas crenças como a meritocracia e o individualismo. Como já mostramos, seu propósito como ativista é claramente a mobilização do povo, em especial o povo negro, de forma que o discurso neoliberal se apresenta como um dos maiores obstáculos para essa articulação popular. Assim, ouvindo o exemplo da legenda “a favela venceu” que acompanharia a foto de um artista de sucesso egresso da favela, mais um senso comum trazido por Mano Brown, a filósofa lança mão do recurso da impolidez para desclassificar a postura de quem acredita nessa falácia, que ela nomeia como “babaca”. Ao longo desse trecho, Carneiro ainda interrompe várias vezes seu interlocutor, fazendo-lhe uma pergunta que o desvia de sua linha de pensamento, ignorando as suas respostas e insistindo em sua própria argumentação, o que denota o uso de sua posição hierárquica para conduzir a interação. Por fim, ela termina com a pergunta retórica “Tem alguma coisa mais idiota que isso?”, que visa a, mais uma vez, desacreditar o pensamento neoliberal, fazendo uso da impolidez através de um adjetivo pejorativo.

Por fim, analisaremos um último trecho extraído do podcast *Mano a Mano* com Sueli Carneiro:

Sueli Carneiro: Como que a periferia se constrói? É expulsão. A periferia é um processo de expulsão da gente de várias áreas. Valorizou? Negrada, cai fora. Qualquer um sabe que se você passar depois das cinco horas da tarde na região ali dos Jardins, em sendo preto, você vai ser abordado e vai ser perguntado pra você o que você tá fazendo ali, porque depois de cinco horas, as mulheres já saíram do serviço, as domésticas já foram embora, o que é que esse negrinho tá fazendo aqui?

³³

³² MANO A MANO. *Sueli Carneiro*, min. 130:11-131:35.

³³ MANO A MANO. *Sueli Carneiro*, min. 144:17-144:52.

Aqui, a estratégia de argumentação faz uso da impolidez a partir do ponto de enunciação dos oponentes, ou seja, Sueli Carneiro assume, em duas passagens, o ponto de vista racista para se referir ao povo negro: em “Negrada, cai fora”, e depois em “[...] o que é que esse negriño tá fazendo aqui?” A impolidez aqui visa a chocar pelo tom pejorativo empregado nas frases, que, no entanto, apenas mimetizam o racismo ao qual as pessoas negras são confrontadas cotidianamente. Busca-se, desta forma, provocar indignação no ouvinte, sobretudo naqueles que se reconhecem na situação descrita, e com a consequente perda de face, levá-los a reagir.

Apesar de todas essas ocorrências descritas acima, contudo, é importante ressaltar que em momento algum Mano Brown responde à impolidez de Sueli Carneiro com impolidez. Ao contrário, estando o *habitus* bem claro e as posições de cada um deles bem definidas, Brown se manteve na postura de discípulo, sustentando o tempo todo a sua interação pelos princípios da polidez, tratando sua convidada com reverência, exaltando-a sempre que possível, escutando-a com atenção e se colocando frequentemente de acordo com ela. Parece-lhe evidente que a impolidez de Carneiro não é endereçada a ele pessoalmente, mas a um sistema mortífero que ela quer dismantelar. Assim, pode-se considerar que a sua impolidez foi lida como apropriada/política, tendo em vista a natureza do tema abordado e as suas intenções com a interação.

Conclusão

O presente artigo buscou analisar, pelo viés das teorias contemporâneas sobre a im/polidez, o uso desse recurso linguístico como estratégia de argumentação no discurso de Sueli Carneiro, em ocasião de sua participação no podcast Mano a Mano, apresentado por Mano Brown.

Servindo-nos de conceitos fundamentais desse campo de estudos como atos ameaçadores de face, *habitus*, trabalho relacional, entre outros, e apoiados sobretudo por Culpeper, Watts e Locher, buscamos mostrar como um interactante pode ser intencionalmente impolido, seja com o objetivo de impor uma posição de poder em uma hierarquia ou justamente desafiá-la, seja com o objetivo de atacar a face do outro interactante, convocando-o a uma reação.

Assim, através da análise do discurso de Sueli Carneiro, pudemos perceber que a filósofa se serve da impolidez como estratégia argumentativa, agindo por três vias: primeiramente, se servindo da posição hierárquica que a sua estatura intelectual lhe concede para transmitir os seus ideais antirracistas, combatendo com interrupções, cortes, gírias e palavrões algumas ideias estereotipadas que fazem parte do senso comum da sociedade brasileira e estão a serviço do racismo; em seguida, usando de impolidez para sensibilizar o ouvinte acerca da atrocidade que configura o racismo e levando-o a reagir contra essa prática torpe que assola o país desde sua fundação; por fim, Carneiro também lança mão do recurso linguístico da impolidez como um vetor de pertencimento, colocando-se, com uma linguagem bastante coloquial e popular, ao lado daqueles e daquelas que ela quer mobilizar para a luta.

Referências

- BARROS, Gílian; MENTA, Eziquiel. Podcast: produções de áudio para educação de forma crítica, criativa e cidadã. *Revista Eletrônica Internacional de Economia Política da Informação, da Comunicação e da Cultura*, v. 9, n. 1, 2007.
- BENJAMIN, Walter. *Écrits Radiophoniques*. Tradução de Philippe Ivernel. Paris: Allia, 2014.
- BRECHT, Bertolt. A teoria do rádio. *O Estado de São Paulo*, 1997. Tradução de Leão Serva.
- BONINI, Tiziano. A “segunda era” do podcasting: reenquadrando o podcasting como um novo meio digital massivo. *Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora*, Mariana, Minas Gerais, v. 11, n. 1, p. 13-32, jan./abr. 2020.
- BORTOLATTO, Arthur Aver. *Podcast: a mídia híbrida e o seu potencial publicitário*. 2020. 118 f. Monografia (Bacharelado em Comunicação Social – habilitação em Publicidade e Propaganda) – Universidade de Caxias do Sul, 2020.
- BROWN, Mano; ROCK, Edi. Negro drama. In: *Nada como um dia após o outro dia*. São Paulo: Cosa Nostra, 2002. 1 CD, faixa 5. Intérprete: Mano Brown.
- BRUCK, Mozahir Salomão; COSTA, Clara Isabel Andrade. Podcast Serial: notas sobre acontecimento e processos de mediação. *Culturas Midiáticas*, v. 9, p. 282-297, 2016.
- CABRAL, Ana Lúcia Tinoco. Violência verbal e argumentação nas redes sociais: comentários no Facebook. *Calidoscópio*, v. 17, n. 3, p. 416-432, 2019.
- CULPEPER, Jonathan. (Im)politeness: Three issues. *Journal of Pragmatics*, v. 9, n. 44, p. 1128-1133, 2012.
- CULPEPER, Jonathan. Impoliteness strategies. *Interdisciplinary studies in pragmatics, culture and society*, p. 421-445, 2016.
- CULPEPER, Jonathan. Reflections on impoliteness, relational work and power. *Language power and social process*, v. 21, p. 17, 2008.

- CULPEPER, Jonathan; HARDAKER, Claire. Impoliteness. In: *The Palgrave handbook of linguistic (im) politeness*. Londres: Palgrave Macmillan, 2017. p. 199-225.
- CUNHA, Gustavo Ximenes; OLIVEIRA, Ana Larissa Adorno Marciotto. Teorias de im/polidez linguística: revisitando o estado da arte para uma contribuição teórica sobre o tema. *Estudos da Língua(gem)*, v. 18, n. 2, p. 135-162, 2020.
- CUNHA, Gustavo Ximenes; TOMAZI, Micheline Mattedi. O uso agressivo da linguagem em uma audiência: uma abordagem discursiva e interacionista para o estudo da im/polidez. *Calidoscópico*, v. 17, n. 2, p. 297-319, 2019.
- CARDOSO, Marcelo; VILLAÇA, Lenise. Podcast no Brasil: disruptão de modelos de comunicação ou submissão à lógica de grupos hegemônicos de poder? *Revista Alterjor*, v. 25, n. 1, p. 111-126, 2022. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-1507.v25i1p111-126>.
- FREIRE, Eugênio Paccelli Aguiar. Conceito educativo de podcast: um olhar para além do foco técnico. *Educação, Formação & Tecnologias*, v. 6, n. 1, p. 35-51, 2013. ISSN: 1646-933X.
- FREIRE, Eugênio Paccelli Aguiar. Podcast: breve história de uma nova tecnologia educacional. *Educação em Revista*, v. 18, n. 2, p. 55-71, 2017.
- FREITAS, Thenner; BITTENCOURT, Sonia. Estratégias de im-polidez em situações de conflito. *Discurso & Sociedade*, v. 5, n. 4, p. 677-700, 2011.
- HERSCHMANN, Micael; KISCHINHEVSKY, Marcelo. A "geração podcasting" e os novos usos do rádio na sociedade do espetáculo e do entretenimento. *Revista Famecos*, n. 37, p. 101-106, dez. 2008.
- IBARRA, Pedro. Podcast de Mano Brown conquista público com informação e questionamentos. *Correio Braziliense*, Brasília, 24 mar. 2022. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/diversao-e-arte/2022/03/4995329-podcast-de-mano-brown-conquista-publico-com-informacao-e-questionamentos.html#:~:text=O%20Mano%20a%20mano%20%C3%A9,Luiz%20In%C3%A1cio%20Lula%20da%20Silva>. Acesso em: 1 out. 2025.
- LENHARO, Rayane Isadora; CRISTOVÃO, Vera Lúcia Lopes. Podcast, participação social e desenvolvimento. *Educação em Revista*, v. 32, p. 307-335, 2016.
- LOCHER, Miriam; WATTS, Richard. Politeness theory and relational work. *Journal of Politeness Research*, n. 1, p. 9-33, 2005.
- LUIZ, Lucio; ASSIS, Pablo de. O Podcast no Brasil e no Mundo: um caminho para a distribuição de mídias digitais. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 33, 2010, Rio Grande do Sul. Rio Grande do Sul: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2010. p. 1-15.
- LUIZ, Lucio *et al.* O podcast no Brasil e no mundo: democracia, comunicação e tecnologia. In: SIMPÓSIO NACIONAL ABCIBER, 4, 2010, Rio de Janeiro. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.
- MANO a mano. *Sueli Carneiro*. Locução de: Mano Brown; Semayat Oliveira. Entrevistados: Sueli Carneiro. São Paulo: 26 maio 2022. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/2eTloWb3Nrmog0RkUnCPr>. Acesso em: 10 nov. 2025.
- MOURA, Adelina; CARVALHO, Ana Amélia Amorim. Podcast: potencialidades na educação. *Prisma.com*, n. 3, p. 88-110, 2006.
- MURTA, Cíntia Maria Gomes. Podcast: conversa em rede. In: ANAIS DO XXXIX CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2016, São Paulo. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2016.

OLIVEIRA, Ana Larissa Adorno Marciotto; CABRAL, Ana Lúcia Tinoco. Batalhas de MC: um estudo sobre (im)polidez e categorização axiológica à luz da pragmática. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 28, n. 4, p. 1983-2004, 2020.

ROVAROTO, Isabela. Brasil é o 3º país que mais consome podcast no mundo. *Revista Exame*. São Paulo, 21 mar. 2022. Disponível em: <https://exame.com/pop/brasil-e-o-3o-pais-que-mais-consome-podcast-no-mundo/>.

VICENTE, Eduardo. Do rádio ao podcast: as novas práticas de produção e consumo de áudio. In: SOARES, Rosana de Lima; SILVA, Gislene. *Emergências periféricas em práticas midiáticas*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Escola de Comunicações e Artes, 2018.

Trabalho final elaborado para a disciplina "Introdução à Pesquisa Científica", ministrada pelo professor Jairo Carvalhais na Fale/UFMG (2022/1).

Argumentar narrando: análise de ocorrência de discurso narrativizado na argumentação redacional

Matheus José dos Santos

Introdução

As abordagens dialógicas acerca da linguagem compreendem o texto, oral ou escrito, como lugar de interação em que a língua e o discurso acontecem. Considera-se que tanto as sinalizações textuais quanto as situações sócio-históricas não podem ser ignoradas na atividade verbal. Segundo Marcuschi, "o texto é visto como um sistema de conexões entre vários elementos, tais como: sons, palavras, enunciados, significações, participantes, contextos, ações etc."¹ O texto, falado ou escrito, é concebido como evento no qual convergem ações sociais, linguísticas e cognitivas. Assim, é reforçada a noção de interação verbal, pois a linguagem caracteriza-se pela alteridade, sendo que há, de alguma maneira, na atividade verbal, evocações referentes ao discurso do outro.

Levando-se em consideração tais apontamentos, cabe enfatizar que, a partir da perspectiva dialógica e interacional da linguagem, ampliam-se outras noções, como os conceitos de heterogeneidade enunciativa, de interdiscursividade e de discurso relatado. De forma mais específica, como pontua Charaudeau, o discurso relatado pode ocorrer nos textos por meio do discurso citado, do discurso integrado, do discurso evocado ou do discurso narrativizado². No presente artigo, o discurso narrativizado é o escopo da proposta de pesquisa que pretende observar

¹ MARCUSCHI. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*, p. 80.

² CHARAUDEAU. *Linguagem e discurso: modos de organização*.

o modo de organização desse discurso alheio, encenado, narrado e utilizado como argumento na escrita de redação do Enem 2021.

De acordo com Charaudeau, no discurso narrativizado “o discurso de origem é relatado de tal maneira que se integra totalmente, ou, mesmo desaparece, no dizer daquele que relata”³. Ainda no âmbito das teorizações do linguista francês, contar não é apenas “fazer a descrição de uma sequência de ações”, e acentua que esse “contar” não é necessariamente uma narrativa, pois, para que haja a narrativa, são necessários, por exemplo, a mobilização, lógica e encenada do modo de organização narrativo e, também, que o narrador, na instância de enunciador produtor/redator esteja investido “de uma intencionalidade, isto é, de querer transmitir alguma coisa a alguém, e isso de uma certa maneira, reunindo tudo aquilo que dará um sentido particular a sua narrativa”⁴.

Assim, tendo em vista a análise do discurso narrativizado na argumentação de uma prova de redação do Enem 2021, foram utilizadas, como categorias analíticas, componentes e procedimentos de interação provenientes do modo de organização narrativo proposto por Patrick Charaudeau. Em outros termos, procurou-se investigar de que forma o discurso narrativizado atua como estratégia argumentativa na construção de um texto que teve como tema: “Invisibilidade e registro civil: garantia de acesso à cidadania no Brasil”, como consta na prova do Enem 2021.

No que diz respeito à organização composicional, este artigo está organizado da seguinte forma: além desta introdução, apresentamos, na seção de revisão da literatura, estudos no âmbito da dialogia e da interação verbal, com foco nos trabalhos de Bakhtin, Marcuschi, Fiorin, Koch. Na sequência, discorreremos sobre a narratividade, com base nos postulados de Charaudeau e de Cunha e sobre aspectos basilares da argumentação, com destaque para os trabalhos de Amossy e Emediato. Na seção seguinte, apresentamos a análise realizada, tendo como fundamentação os componentes e procedimentos do modo de organização narrativo proposto por Charaudeau. Por fim, após as análises, é tecida a conclusão.

³ CHARAUDEAU. *Linguagem e discurso*: modos de organização, p. 105.

⁴ CHARAUDEAU. *Linguagem e discurso*: modos de organização, p. 153.

Fundamentação teórica

Nesta seção, tratamos de noções basilares acerca da dialogia e da interação verbal, tendo em vista que o discurso narrativizado e a situação textual/redacional do Exame Nacional de Ensino Médio evocam princípios que envolvem a convocação de vozes alheias para construção discursiva e argumentativa de um determinado texto.

A interação verbal

Admitindo que nossas atividades cotidianas e sociais são atravessadas e constituídas por textos, sejam estes orais, escritos ou multimodais, produzidos ou recepcionados, vale trazer à tona a ideia de que esse fenômeno (enquanto enunciado concreto) é o lugar mesmo da interação verbal⁵, sendo conceituado como um “sistema de conexões entre vários elementos, tais como: sons, palavras, enunciados, significações, participantes, contextos, ações etc.”⁶

Acentua-se essa evidência nas práticas textuais que caracterizam o Exame Nacional do Ensino Médio, que é, atualmente, o principal meio de acesso às instituições de ensino superior do Brasil, cuja prova exige, dentre outros conhecimentos, a elaboração de um texto dissertativo-argumentativo como maneira de avaliar as habilidades e competências dos candidatos(as) inscritos(as). Uma vez dado o tema na prova de redação, o(a) candidato(a) deve manejar estratégias argumentativas consistentes e convincentes ao leitor-avaliador do exame, mobilizando competências específicas não só voltadas para a construção de um texto expositivo, mas, sobretudo, para a defesa de pontos de vista sobre uma questão de ordem social, política, cultural ou artística.

O texto, falado ou escrito, é concebido como evento no qual convergem ações sociais, linguísticas e cognitivas, sendo atravessado, em maior ou menor grau, por outras vozes e outros discursos⁷. Nesse sentido, entende-se que a escrita no Enem, materializada em textos concretos, configura-se como um enunciado concreto caracterizado por uma visada marcadamente opinativa e persuasiva. Além disso, trata-se

⁵ BAKHTIN; VOLOCHINOV. *Marxismo e filosofia da linguagem*.

⁶ MARCUSCHI. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*, p. 80.

⁷ MARCUSCHI. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*.

de uma escrita marcada pelo caráter dialógico da linguagem, em que candidatos(as), no papel de sujeitos enunciadore(s), precisam mobilizar recursos linguísticos diversos para realizar seu construto argumentativo e, assim, persuadir/convencer o avaliador do exame. Dentre esses recursos, ganham importância os modos e as maneiras de convocação de outras vozes e discursos para a tessitura do texto.

Bakhtin afirma que há, de alguma maneira, a presença do discurso alheio no discurso do locutor. No caso da redação do Enem, noções, pontos de vista ou juízos de valor expressos por um determinado locutor/enunciador incorpora, de um modo ou de outro, os discursos alheios.

[...] tudo que é dito, tudo que é expresso por um falante, por um enunciador, não pertence só a ele. Em todo discurso são percebidas vozes, às vezes infinitamente distantes, anônimas, quase impessoais, quase imperceptíveis, assim como as vozes próximas que ecoam simultaneamente no momento da fala⁸.

Reconhecendo o dialogismo constitutivo como sendo inerente à linguagem, atribuindo um caráter privilegiado à presença de discursos “outros”, a outras fontes enunciativas, a redação também é atravessada pelo princípio da heterogeneidade na medida em que o discurso se constrói a partir de outros saberes sobre o mesmo tema, sendo, assim, constituído por diversas vozes, explícitas ou não na materialidade das redações.

Entretanto, cabe salientar que evocar/gerenciar vozes alheias, embora trate, também, de anexar em seu enunciado, por exemplo, citações de autoridade ornamentadas de erudição, não se pode deixar de levar em consideração que a redação, conforme exigência da banca avaliadora do Enem, deve ser elaborada como um todo de sentido, marcada por unidade semântica e formal, com introdução, desenvolvimento e conclusão.

Neste mesmo fluxo dialógico e interacionista do texto, vale, também, ressaltar os recursos que a linguagem oferece para elaboração da redação no Enem, e que convergem com a convocação do discurso do outro, do “já dito”, que são o intertexto e o interdiscurso.

O processo interdiscursivo aborda que o discurso não surge, como em geral ele o pretende, de um retorno às coisas mesmas, mas de um

⁸ BRAITH. As vozes bakhtinianas e o diálogo inconcluso.

trabalho sobre outros discursos, ou seja, o seu posicionamento textual não é um discurso na sua totalidade, singular, mas uma continuação⁹. O interdiscurso refere-se à relação constitutiva que os discursos possuem entre si e que permite que ele construa a sua própria formação discursiva. Esta relação é crucial para a originalidade do discurso.

Já a intertextualidade diz respeito à relação que se estabelece entre os textos. Segundo Koch, a intertextualidade “ocorre quando, em um texto, está inserido outro texto anteriormente produzido, que faz parte da memória social de uma coletividade ou da memória discursiva [...] dos interlocutores”¹⁰. Já Bazerman conceitua intertextualidade como “as relações explícitas e implícitas que um texto ou um enunciado estabelecem com os textos que lhe são antecedentes, contemporâneos”¹¹. No entanto, vale destacar que a intertextualidade não é apenas um recurso que se limita à questão de que outros textos o produtor utiliza/evoca, mas de como são compreendidos e de como são aplicados coerentemente na construção de um texto. Sobre essa habilidade no gerenciamento e na apropriação de outras vozes, merecem destaque o ato de narrar e a forma narrativizada de fazê-lo.

O ato de narrar e o discurso narrativizado

Nesta subseção, apresentamos questões acerca da narratividade e do ato mesmo de contar/narrar, com vistas a uma melhor compreensão acerca do discurso narrativizado.

Abordagens narrativas

Abordagens referentes à narratividade podem ser encontradas em diversos estudos orientados através da narratologia, ou mesmo no âmbito da tipologia e da genericidade textual, envolvendo a linguística do discurso e do texto, e, também, outras áreas do conhecimento que focalizam nas práticas languageiras o ato de narrar e de contar um fato ou uma história.

Cunha, em sua tese de doutorado, apresenta alguns questionamentos relevantes quanto à percepção da narrativa enquanto tipologia

⁹ FIORIN. *Dialogismo, polifonia, intertextualidade*: em torno de Bakhtin.

¹⁰ KOCH; BENTES; CAVALCANTE. *Intertextualidade*: diálogos possíveis, p. 17.

¹¹ BAZERMAN. *Gênero, agência e escrita*, p. 92.

estranque, enfatizando que há a possibilidade de ocorrer um modo característico de narrar em determinado gênero que se diferencie de um modo característico de narrar em outros gêneros, questionando, assim, uma hipótese de universalidade e imobilidade tipológica¹². O pesquisador sustenta, ainda, que as noções de gênero e de tipo são entrelaçadas, de modo que cada gênero pode se caracterizar por modos diferentes de narrar, dependendo da situação comunicacional.

Ainda na sua tese, Cunha cita, à luz da linguística textual de Jean-Michel Adam, a sequência narrativa prototípica, apresentando seis critérios que auxiliam na determinação de produções narrativas. Dentre esses critérios, pontua que "a narrativa deve sempre ser motivada pelo objetivo do narrador de produzir um determinado efeito sobre o narratário"¹³.

Já Patrick Charaudeau, ao propor os modos de organização do discurso (enunciativo, descritivo, narrativo e argumentativo), vistos como procedimentos que consistem em utilizar determinadas categorias da língua para ordená-las em função das finalidades discursivas do ato de comunicação, salienta que o modo de organização narrativo é delicado de tratar, haja vista a quantidade considerável de estudos, no âmbito da linguagem, que se debruçou sobre este tema. Considera, porém, a possibilidade de tratar da narratividade, entendendo-a como um fenômeno que pode ser estudado a partir de um modo de organização discursiva. Assim, o modo de organização narrativo proposto pelo pesquisador francês possui uma função base que corresponde à finalidade discursiva do que é contar/narrar e, também, apresenta princípios organizadores, caracterizados por uma lógica narrativa e por uma encenação narrativa¹⁴.

Seguindo no fluxo de Charaudeau, contar não é apenas "fazer a descrição de uma sequência de ações" e ainda acentua que esse "contar" não é necessariamente uma narrativa, pois, para que haja a narrativa é necessário, por exemplo, que o narrador, no papel de produtor/redator esteja investido "de uma intencionalidade, isto é, de querer transmitir alguma coisa a alguém, e isso de uma certa maneira"¹⁵. E já que a nar-

¹² CUNHA. *A construção da narrativa em reportagens*, p. 30.

¹³ CUNHA. *A construção da narrativa em reportagens*, p. 148.

¹⁴ CHARAUDEAU. *Linguagem e discurso: modos de organização*.

¹⁵ CHARAUDEAU. *Linguagem e discurso: modos de organização*, p. 153.

rativa exige um enunciador investido de intencionalidade, para narrar/ contar, este sujeito enunciador desempenha, essencialmente, o papel de uma testemunha que está em contato direto com aquilo que foi recepcionado (lido, escutado ou presenciado).

Detalhe importante abordado por Charaudeau é que, na ordem do narrativo, “a narrativa é uma totalidade”, que para realizar o ato de contar/narrar utiliza os modos de organização do discurso narrativo referidos, ou seja, mobiliza componentes e procedimentos de organização da lógica narrativa e da organização da encenação narrativa¹⁶. Assim sendo, alguns desses componentes e procedimentos mostraram-se como mecanismos de primeira importância no processo de análise da redação selecionada para este trabalho. Diante das definições do linguista, objetiva-se compreender como o discurso narrativizado pode estar a serviço da argumentação no texto redacional do Enem.

Charaudeau, ao tratar a narrativa como totalidade, que corresponde à definição do que é narrar e/ou contar, releva, sobretudo, o ato de contar/narrar como uma atividade linguageira cujo desenvolvimento implica uma série de tensões e até mesmo contradições. Essas tensões e contradições podem ser observadas, por exemplo, quando a narrativa envolve procedimentos de outros modos de organização, como o descritivo, e outras modalidades textuais, como o resumo e a resenha. Sendo assim, é fundamental o agenciamento dos componentes e dos procedimentos de um modo de organização na proposta narrativa do enunciador, sem deixar de atentar-se para o fato de que não existe um modo estanque para narrar.

A narrativa, para efetuar sua intenção de transmitir alguma coisa, e de uma certa maneira, mobiliza o modo de organização narrativo, que, em síntese, consiste em utilizar determinadas categorias de língua para ordená-las em função das finalidades discursivas do ato de comunicação. No caso do presente trabalho, tal ato ganha materialidade a partir de um texto, produzido como resposta à proposta de redação do Exame Nacional do Ensino Médio.

¹⁶ CHARAUDEAU. *Linguagem e discurso: modos de organização*, p. 156.

O modo narrativo possui uma função que nos leva a descobrir um mundo que é construído no desenrolar de uma sucessão de ações que se influenciam umas às outras e se transformam num encadeamento progressivo, funcionando de maneira sucessiva e contínua numa lógica cuja coerência é assinalada no seu próprio desfecho (princípio/fim).

O modo de organização narrativo apresentado por Charaudeau caracteriza-se, como já dito, por uma dupla articulação: a organização da lógica narrativa, que consiste na construção de uma sucessão de ações segundo uma lógica que irá construir a trama da história, e a organização da encenação narrativa, sendo que esta consiste na realização de uma representação narrativa, sob a responsabilidade de um sujeito narrante.

Concebido como uma mecânica, o modo de organização narrativo sugere a combinação entre componentes e procedimentos, e, até mesmo, entre os procedimentos dos outros modos do discurso, como o descritivo e o argumentativo, de forma que o discurso narrativizado pode acontecer de diversas maneiras, dependendo sempre do contexto e da situação da comunicação¹⁷.

Cabe enfatizar que, no âmbito interacionista do discurso relatado, narrar a história do outro não se trata apenas de um recurso que incrementa o enunciado com uma citação/referência de autoridade alheia, mas trata do gerenciamento e do agenciamento, coerente e coeso, da mecânica narrativa. Assim, dos tipos apresentados por Charaudeau, os quais compõem a lógica narrativa, foram utilizados na pesquisa realizada: (i) os actantes, que desempenham papéis relacionados à ação da qual dependem e (ii) as sequências, que integram os actantes numa finalidade narrativa segundo certos princípios de organização.

Os actantes são agentes de uma ação e cumprem papéis narrativos. Os actantes narrativos hierarquizam-se sob os pontos de vista de sua natureza e sob o ponto de vista de sua importância na trama narrativa, sendo actantes principais, secundários e satélites. No que tange às sequências, destaca Charaudeau que a lógica narrativa é concebida por uma sucessão de acontecimentos ligados que se organizam num princípio de coerência. Salienta que esses acontecimentos se definem segundo um

¹⁷ CHARAUDEAU. *Linguagem e discurso: modos de organização*, p. 159.

princípio de intencionalidade e, por fim, sinaliza que eles se ordenam num princípio de encadeamento em que a sucessão, coerente e motivada, ocorre segundo um princípio de localização.

Sucintamente, o que Charaudeau aborda e elenca no quesito dos procedimentos de configuração da lógica narrativa, cronologia, ritmo e localização, é que o encadeamento das sequências é apresentado de maneira contínua, acontecendo de modo progressivo em que a sucessão pode ser interrompida por uma descrição ou desenvolvimento de outra série de sequências (cronologia). No que tange o procedimento de condensação (ritmo), a sucessão dos acontecimentos é breve, é enxuta, frequente em narrativas que recapitulam ou resumem uma série de ações. E os procedimentos ligados à localização espaço-temporal concernem à situação no tempo. Sinteticamente, trata-se das ações situadas no passado ou no presente, das ocorrências realizadas em espaços fechados ou abertos; da distinção entre movimentos acionais que envolvem deslocamento e aquelas que expressam permanência em um mesmo lugar, produzindo efeito de atmosfera.

Entretanto, vale ressaltar que os componentes e procedimentos da lógica narrativa interagem entre si, e, também, entre os componentes e os procedimentos da encenação narrativa, que serão destacados a seguir. Dessa forma, torna-se evidente que narrar refere-se à uma mobilização e não diz respeito a um modo estanque de enunciar, reiterando que o discurso narrativizado não se trata apenas de contar e/ou narrar ações e acontecimentos.

Na encenação narrativa, Charaudeau elenca seus componentes: o dispositivo narrativo que articula narrador e leitor em dois espaços de significação, espaço externo ao texto e um espaço interno ao texto. Em síntese, trata de quem narra (candidato) e de quem lê (avaliador). Acerca dos parceiros e protagonistas da encenação narrativa constatamos, mediante o objeto de estudo, o que Charaudeau indica como narrador-historiador¹⁸. O enunciador candidato, ao fazer uso da narrativização do discurso, desempenha esse papel de narrador-historiador que organiza a representação da história contada da maneira mais objetiva possível.

¹⁸ CHARAUDEAU. *Linguagem e discurso: modos de organização*, p. 187.

Acerca dos procedimentos de configuração da encenação narrativa, o linguista francês refere a manifestação dos componentes que integram o dispositivo da encenação daquele sujeito enunciador que narra. Esses procedimentos dizem respeito a intervenções e identidades do narrador, ao estatuto do narrador, o narrador que conta a história de um outro, e por fim, o ponto de vista, este, trataremos numa outra oportunidade de pesquisa.

Em síntese, no que tange à identidade, Charaudeau apresenta a presença e intervenção do narrador-historiador, haja vista que este se aproxima mais do objeto de estudo selecionado. Na subseção “O estatuto do narrador”, o pesquisador precisa a relação entre o sujeito que narra e a história que é narrada, ou seja, o narrador, pelo princípio de delocutividade, narra uma história em terceira pessoa¹⁹. Esse recurso apresenta, para o presente estudo, que o enunciador da narração, na situação da prova discursiva do Enem, se estabelece diante da história contada a partir de um efeito gradativo, que opera encurtando as distâncias para com a história contada, até culminar numa aproximação do fato contado, e conseqüentemente, atualizando-o, mesmo contando uma história em que ele não é personagem.

Trata-se, portanto, de um narrador que pretende utilizar essa história contada como motivo para a sua atuação no decorrer da redação, em que a narração do fato se atrela à sua argumentação. Assim sendo, no processo de escrita do texto, acontece uma movimentação entre finalizar a narrativa e, em seguida, prosseguir a dissertação argumentativa.

Argumentar narrando

O Exame Nacional do Ensino Médio é, atualmente, o principal processo de ingresso nas instituições de ensino superior do país, cuja prova consiste, dentre outras exigências, na elaboração de um texto dissertativo-argumentativo como umas das maneiras de avaliar as habilidades e competências dos(as) candidatos(as) inscritos(as). Dado o comando, o tema, o(a) candidato(a) deve elaborar estratégias argumentativas consistentes e convincentes ao leitor-avaliador do exame, mobilizando

¹⁹ CHARAUDEAU. *Linguagem e discurso: modos de organização*, p. 194.

competências específicas bem como defender pontos de vista por meio da argumentação.

Em estudo intitulado “A narrativa como componente fundador de instituições discursivas”, Emediato destaca que a ação retórica de “contar” é um elemento essencial da narrativa, ou, como aduz o pesquisador brasileiro, é uma forma de *récit*. De acordo com Emediato, narrar, construir narrativas, representa a própria essência retórica da linguagem, pois, através das analogias e dos exemplos que a narrativa se presta a construir, o indivíduo pode desenvolver sua crítica²⁰.

Na literatura sobre a retórica e a argumentação, o *récit* (ou modo narrativo) não aparece sempre, de forma explícita, como um recurso eficaz ou importante do mecanismo de persuadir. Emediato trata de detectá-las através do efeito projetivo identificacional das narrativas jurídicas, jornalística-testemunhal, política, místico-religiosa e antropológica, sugerindo como proposta de pesquisa a possibilidade de argumentar narrando. O analista do discurso, também, faz referência direta à atividade narrativa como um tipo de argumento ou procedimento argumentativo, citando Charaudeau, ao considerar a “descrição narrativa” entre os procedimentos discursivos do modo de organização argumentativo.

Entende-se o ato de argumentar como estratégia na busca por produzir um impacto sobre o outro por meio da atividade verbal, cujo objetivo, também, é de estimular através da sua enunciação alguma aderência, de modo que opere com a intenção de persuadir, modificar ou orientar modos de ver e sentir²¹. Segundo Fiorin, todo discurso tem uma proporção argumentativa²². Já Ingedore Koch aponta que o ato de argumentar, de orientar o discurso no sentido de determinadas conclusões, constitui o ato linguístico fundamental²³. Ambas as posições salientam que a interação social por intermédio da língua caracteriza-se pela argumentatividade. Ações verbais são dotadas de intencionalidades que tentam influir sobre o comportamento do outro, como também, transmitir uma informação, fazer com que a compartilhe e/ou aceite

²⁰ EMEDIATO. A narrativa como componente fundador de instituições discursivas, p. 379-397.

²¹ AMOSSY. *A argumentação no discurso*.

²² FIORIN. *Dialogismo, polifonia, intertextualidade*: em torno de Bakhtin.

²³ KOCH. *Argumentação e linguagem*.

determinadas opiniões. Ademais, “toda ação comunicativa é finalizada, ou seja, dirigida a um fim”²⁴.

Reflexões surgem renovando as percepções referentes à argumentatividade, abordando-a como atividade realizada no plano da língua, do texto e do discurso, em síntese, seja como ato de convencer ou ato de persuadir, a retórica e a argumentação são técnicas discursivas que permitem provocar ou aumentar a adesão do interlocutor às convicções que são enunciadas²⁵.

Perelman envolve a questão argumentativa a um conjunto que compreende a tentativa de mobilizar os recursos da linguagem para suscitar a adesão. Para Breton “a argumentação pertence à família das ações humanas que têm como objetivo convencer”. E de acordo com Amossy, depreende-se a estratégia argumentativa como a tentativa de modificar, de reorientar, ou mais simplesmente, de reforçar, pelos recursos da linguagem, a visão das coisas da parte do alocutário²⁶.

Objeto de estudo e análise

Dos 22 espelhos das redações que alcançaram nota mil no exame de 2021, uma, especificamente, ofereceu subsídios de estabilidade e interação para interpretar como o discurso narrativizado se constitui e opera enquanto estratégia narrativa e argumentativa nas redações, mobiliza, portanto, componentes e procedimentos apresentados por Charaudeau²⁷.

A seguir, apresentamos um recorte discursivo de uma redação que obteve nota máxima no Enem 2021. Nesse parágrafo de introdução do texto, o enunciador EUE 1, utilizou o recurso do discurso narrativizado, evocando um texto ficcional literário (*Vidas secas*). Além disso, vale destacar, sobretudo, que o discurso narrativizado efetuado pelo EUE 1 se atrela à sua estratégia argumentativa, com vistas ao tema proposto na situação redacional do Enem. Dessa forma, observa-se que o discurso narrativizado não se trata de uma estrutura fixa, sendo dependente do contexto em que se insere e da proposta discursiva do enunciador.

²⁴ EMEDIATO. A narrativa como componente fundador de instituições discursivas, p. 157.

²⁵ PERELMAN; TYTECA *apud* AMOSSY. *A argumentação no discurso*, p. 21.

²⁶ AMOSSY. *A argumentação no discurso*.

²⁷ CHARAUDEAU. *Linguagem e discurso: modos de organização*.

Unidade Informacional Eue 1

[Em “Vidas secas”, obra literária do modernista Graciliano Ramos, Fabiano e sua família vivem uma situação degradante marcada pela miséria. Na trama, os filhos do protagonista não recebem nomes, sendo chamados apenas como o “mais velho” e o “mais novo”, recurso usado pelo autor para evidenciar a desumanização do indivíduo. Ao sair da ficção, sem desconsiderar o contexto histórico da obra, nota-se que a problemática apresentada ainda percorre a atualidade: a não garantia de cidadania pela invisibilidade da falta de registro civil. A partir desse contexto, não se pode hesitar – é imprescindível compreender os impactos gerados pela falta de identificação oficial da população.]

Na estrutura do discurso narrativizado apresentado acima pelo Eue 1, destaca-se, inicialmente, a seguinte disposição actancial.

Disposição actancial

UI Eue 1	Agente actancial	Papel narrativo
(a) [Em “Vidas secas”, obra literária do modernista Graciliano Ramos	o autor modernista Graciliano Ramos.	Localização. A primeira fonte que contou a história (<i>Vidas secas</i>).
(b) [Fabiano e sua família vivem uma situação degradante marcada pela miséria.]	Fabiano e sua família.	Pai da família que encontra-se em situação de miséria.
(c) [Na trama, os filhos do protagonista não recebem nomes, sendo chamados apenas como o “mais velho” e o “mais novo”, recurso usado pelo autor para evidenciar a desumanização do indivíduo]	Os filhos do actante (b).	Actantes principais. Submetidos à ação do actante Fabiano por não receberem nomes. Atrêlam-se ao tema da redação: “Invisibilidade e registro civil: garantia de acesso à cidadania no Brasil”.

Fonte: elaboração própria.

Como mostra o quadro, a estrutura de organização do discurso narrativizado da redação do EUE 1 ilustra a abordagem proposta por Charaudeau acerca da lógica narrativa, no que tange às figuras actanciais mobilizando uma ação e cumprindo papéis narrativos de categoria discursiva²⁸.

Tratando-se de um discurso narrativizado em que o EUE 1, no seu objetivo de narrar para oferecer subsídios para sua argumentação, diante das situações do exame avaliativo e do tema proposto, é relevante observar os agentes e os seus papéis, pois ressaltam o encadeamento lógico e narrativo da trama e, também, indicam a progressão que procura, sucessivamente, aproximar o sujeito que narra, EUE 1, com o que é narrado através dos papéis e das ações dos seus actantes.

Observou-se, a partir da exposição actancial, a progressão gradativa que segue: a obra *Vidas secas* do modernista Graciliano Ramos, o personagem Fabiano, a situação de miséria, até culminar nos actantes “o mais velho” e o “mais novo”, funcionando estes últimos como actantes principais, pois seus papéis narrativos são os que sustentam o posicionamento do EUE 1 e se atrelam à argumentação da redação que tem como temática: “Invisibilidade e registro civil: garantia de acesso à cidadania no Brasil”.

Ademais, os componentes actanciais da unidade informacional apresentada ressaltam, também, que o recurso narrativo mobilizado pela EUE 1 deixa claro seu potencial de interpretação/leitura da obra literária, pois os actantes “mais velho” e o “mais novo”, na ficção *Vidas secas*, são apenas uma dentre as diversas questões apresentadas na obra original, bem como, também, salienta a habilidade da EUE 1 de acionar como estratégia a encenação narrativa diante das delimitações da situação comunicacional da redação do Enem, marcada por seu contrato e circunstâncias²⁹.

Outro componente do modo de organização narrativo utilizado para observar que o discurso narrativizado elaborado pelo EUE 1 envolve um movimento interacional, que trata de contar um encadeamento de fatos e de acontecimentos com algum objetivo persuasivo, são as sequências tratadas por Charaudeau, as quais constituem, ainda, a

²⁸ CHARAUDEAU. *Linguagem e discurso: modos de organização*.

²⁹ Cf. OLIVEIRA; FRANCO. A construção da encenação argumentativa em redações com nota máxima no ENEM: uma abordagem semiolinguística.

organização da lógica narrativa como os actantes e os papéis. Convém, então, destacar que o narrativo produz sentido na medida em que as sucessões de acontecimentos ligados se organizam segundo um princípio de coerência, de intencionalidade, encadeamento e de localização, de acordo com Charaudeau³⁰.

O quadro “Lógica narrativa”, a seguir, mostra a organização lógica do modo narrativo com o intuito de auxiliar na observação dos componentes e procedimentos do discurso narrativizado do EUE 1.

<p>Organização Lógica Narrativa</p> <p>Componentes</p> <p>.actantes</p> <p>.sequências</p> <p>(coerência-intencionalidade, encadeamento - localização.)</p> <p>Procedimentos</p> <p>.motivação intencional</p> <p>.cronologia</p> <p>.ritmo</p> <p>.localização espaço-temporal</p>
--

Fonte: elaboração própria.

Como mostra o quadro, após identificarmos os actantes e seus papéis, constatamos alguns outros componentes da sequência da lógica narrativa, a saber:

- [Em *Vidas secas*] – Princípio de coerência (função abertura).
- [Obra literária do modernista Graciliano Ramos] - Princípio de localização (situação).
- [Fabiano e sua família vivem uma situação degradante marcada pela miséria.] – Princípio de encadeamento (sucessão).
- [Na trama, os filhos do protagonista não recebem nomes, sendo chamados apenas como o “mais velho” e o “mais novo”,] – Princípio de intencionalidade (função de motivação).

³⁰ CHARAUDEAU. *Linguagem e discurso: modos de organização*.

Diante disso, é possível perceber que o aparelho organizacional narrativo opera na interação entre componentes e procedimentos, e que também podem ser observados diante de outros métodos e operações na esfera da interpretação, da descrição, da qualificação, do resumo, da resenha, da sinopse, da anaforização, percebendo que o narrativo “leva-nos a descobrir um mundo que é construído no desenrolar de uma sucessão de ações que se influenciam umas às outras e se transformam num encadeamento progressivo”³¹.

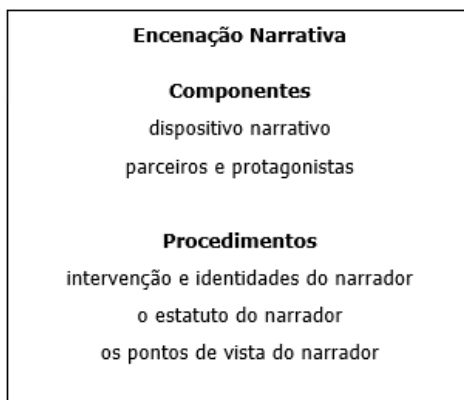
Os recortes: [Em *Vidas secas*], [obra literária], [do modernista Graciliano Ramos], [Fabiano e sua família], [os filhos não recebem nomes], evidenciam a gradação e a progressão feitas por EUE 1, de modo que entre o ser que narra e a história narrada (estatuto do narrador), percebe-se o narrador enunciador aproximando-se da história narrada. Agindo dessa forma, coloca em cena a sua estratégia argumentativa, a qual será definitivamente efetivada quando são sinalizados os filhos do protagonista que, na história original, são apenas chamados de “mais velho” e “mais novo”, dando condições ao EUE 1 de sustentar seus argumentos.

Já acerca dos procedimentos de configuração da lógica narrativa apresentada por Charaudeau, foi possível constatar indícios de procedimentos ligados à cronologia em progressão, mediante a apresentação contínua do ponto de vista que o EUE 1 assume, narrando e orientando sua estratégia argumentativa a partir do tema do exame. No que tange aos procedimentos ligados ao ritmo, foi possível constatar a variação de condensação que se produz quando uma sucessão de acontecimentos é breve, relatada de forma condensada. No que se refere ao procedimento ligado à localização espaço-temporal, foi evidente notar a situação no tempo e a localização no espaço a partir da referência à obra, ao seu autor e aos personagens.

Ambos os componentes e procedimentos elencados abrangem a organização lógica narrativa e indicam a mecanização organizacional das estruturas narrativas. Entretanto, vale salientar que os modos de narrar não são estanques, pois se organizam de acordo com os objetivos do sujeito que narra, e, também, estão de acordo com o contexto ao qual

³¹ CHARAUDEAU. *Linguagem e discurso: modos de organização*, p. 157.

se inserem, motivando o ato de narrar (no caso, a narração a serviço da argumentação na escrita redacional do Enem). No que tange à encenação narrativa da unidade informacional selecionada, foi possível constatar alguns de seus componentes e procedimentos.



Fonte: elaboração própria.

Sobre os componentes da encenação narrativa proposta por Charaudeau, a saber: o dispositivo narrativo, os parceiros e os protagonistas da encenação, forma identificados, em suma, um candidato/enunciador/narrador e um leitor/avaliador do exame. Assim, o sujeito EUE 1 que conta a história equivale ao candidato/enunciador/narrador e que constitui uma mesma instância do dizer.

Atuando como protagonista da encenação narrativa, o EUE 1 assume o papel de narrador-historiador que organiza a representação da história contada de maneira mais objetiva e mais próxima da fonte original³². Ambos os componentes elencados no quadro “Encenação narrativa” representam as instâncias parceiros/protagonista/narrador, constatados na unidade informacional selecionada (parágrafo de introdução de uma redação com nota máxima no Enem 2021).

No que tange aos procedimentos de configuração da encenação narrativa, referentes à manifestação dos componentes da encenação, constatamos o que diz respeito à identidade/intervenção do narrador-historiador que, em síntese, diz respeito às marcas discursivas em que o

³² CHARAUDEAU. *Linguagem e discurso: modos de organização*, p. 187.

narrador é o historiador que conta os acontecimentos que se produziram³³. Esse procedimento, segundo Charaudeau, “é destinado a dar cobertura ao narrador, a protegê-lo de qualquer subjetivismo a fazer crer que ele se apaga por detrás dos fatos que se impõem por sua credibilidade histórica”³⁴.

Ainda na esfera dos procedimentos de configuração da encenação narrativa, constatamos no estatuto do narrador, o EUE 1 enquanto narrador que conta a história de um outro, portanto, trata-se da relação instaurada entre narrador e a história narrada que, pelo princípio de delocutividade, relata uma história outra, conta em terceira pessoa, é um narrador totalmente exterior (extradiegético) e narra uma história da qual totalmente é ausente enquanto personagem³⁵. Entretanto, pode ser observada a aproximação gradativa do narrar para com essa história contada; [*Vidas secas*] até o [mais velho] e o [mais novo], intervindo como é possível verificar através do atrelamento à visada argumentativa.

No âmbito da argumentatividade materializada na unidade informacional selecionada, foi possível constatar um recorte relevante que indica uma intenção persuasiva do ato de narrar do EUE 1 e, conseqüentemente, o atrelamento entre a narração da história e a efetivação da estratégia argumentativa do candidato diante do tema proposto pelo exame. Assim sendo, a narração viabilizou à instância que narra a possibilidade de argumentar, de maneira a entrar na encenação, estando esse recurso a serviço da progressão textual e da finalidade persuasiva da redação.

Conclusão

O recorte discursivo extraído de EUE 1, exposto no início da análise, aponta o que Cunha questiona quanto à percepção acerca da narrativa enquanto recurso/tipo/moço estanque, enfatizando que há a possibilidade de ocorrer um modo característico de narrar em determinado gênero que se diferencia de um modo característico de narrar em outros gêneros, questionando assim uma hipótese de universalidade e imobilidade

³³ CHARAUDEAU. *Linguagem e discurso: modos de organização*, p. 188.

³⁴ CHARAUDEAU. *Linguagem e discurso: modos de organização*, p. 192.

³⁵ CHARAUDEAU. *Linguagem e discurso: modos de organização*, p. 194.

tipológica³⁶. Tal questionamento serve também à presente pesquisa, haja vista que “a narrativa deve sempre ser motivada pelo objetivo do narrador de produzir um determinado efeito sobre o narratário”³⁷.

Em suma, conclui-se que narrar não é apenas “fazer a descrição de uma sequência de ações”, e que o narrador, no papel de enunciador/ produtor/redator é investido “de uma intencionalidade, isto é, de querer transmitir alguma coisa a alguém, e isso de uma certa maneira”, mobilizando recursos integrados com o propósito de argumentar³⁸.

Desse modo, o discurso narrativizado não trata apenas de narrar ou relatar um fato ou acontecimento, mas também refere à mobilização, não estanque, do ato de narrar. Além disso, diante de uma comunicação encenada situada, como a redação do Enem, pode, também, atrelar-se à proposta/estratégia argumentativa do candidato. Com a pesquisa, foi possível observar que o discurso narrativizado possui proporção argumentativa e é dotado de intencionalidades, com vistas à persuasão do interlocutor. No fim das contas, narrar é ação verbal, comunicativa e dialógica, que evoca o discurso alheio para cumprir um determinado fim e, para tanto, o faz de maneira integrada e dinâmica, adequando-se às diversas situações de interação pela linguagem.

Referências

AMOSSY, Ruth. *A argumentação no discurso*. São Paulo: Editora Contexto, 2018.

AMOSSY, Ruth. Argumentação e análise do discurso: perspectivas teóricas e recortes disciplinares. *Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação*, Ilhéus, n. 1, p. 129-144, nov. 2011.

BAKHTIN, Mikhail; VOLOCHINOV, Valentin Nikolaiévitch. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1995.

BRAITH, Beth. As vozes bakhtinianas e o diálogo inconcluso. In: BARROS, Diana Luz Pessoa de; FIORIN, José Luiz (Org.). *Dialogismo, polifonia, intertextualidade: em torno de Bakhtin*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

CHARAUDEAU, Patrick. *Linguagem e discurso: modos de organização*. São Paulo, Contexto, 2016.

CUNHA, Gustavo Ximenes. *A construção da narrativa em reportagens*. 2013. 601 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, 2013.

³⁶ CUNHA. *A construção da narrativa em reportagens*, p. 30.

³⁷ CUNHA. *A construção da narrativa em reportagens*, p. 148.

³⁸ CHARAUDEAU. *Linguagem e discurso: modos de organização*, p. 153.

EMEDIATO, Wander. A narrativa como componente fundador de instituições discursivas. In: MACHADO, Ida Lúcia; MELO, Mônica Santos de Souza. *Estudos sobre narrativas em diferentes materialidades discursivas na visão da Análise do Discurso*. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso, Fale/UFMG, 2016.

EMEDIATO, Wander. Retórica, argumentação e discurso. In: MARI, Hugo; MACHADO, Ida Lúcia; MELLO, Renato de. *Análise do discurso: fundamentos e práticas*. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso, Fale/UFMG, 2001.

FIORIN, José Luiz. *Argumentação*. São Paulo: Contexto, 2018.

FIORIN, José Luiz. *Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade: em torno de Bakhtin*. São Paulo: Edusp, 2003.

HOFFNAGEL, Judith Chambliss; DIONÍSIO, Ângela Paiva (Org.). *Gênero, agência e escrita*. São Paulo: Cortez, 2006.

KOCH, Ingedore Grünfeld Villaça. *Argumentação e Linguagem*. São Paulo: Cortez, 2011.

KOCH, Ingedore Grünfeld Villaça; BENTES, Anna Christina; CAVALCANTE, Mônica Magalhães. *Intertextualidade: diálogos possíveis*. São Paulo: Cortez, 2008.

KOCH, Ingedore Grünfeld Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2006.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

OLIVEIRA, Jairo Venício Carvalhais; FRANCO, Ana Paula Cordeiro Lacerda. A construção da encenação argumentativa em redações com nota máxima no ENEM: uma abordagem semiolinguística. *Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação*, v. 22, n. 3, p. 207-230. DOI: <https://doi.org/10.47369/eidea-22-3-3567>.

Trabalho final elaborado para a disciplina "Introdução à Pesquisa Científica", ministrada pelo professor Jairo Carvalhais na Fale/UFMG (2022/1).

Um estudo do *pathos* na obra *Memórias do subsolo*, de Fiódor Dostoiévski

Natanael Filipe Nonato Reis

Introdução

Fiódor Mikhailovitch Dostoiévski marcou a literatura mundial. O escritor russo, nascido no século XIX, já no seu primeiro romance recebeu uma grande atenção da crítica literária russa e pôde usufruir de uma consideração atípica para estreantes no mundo literário. Esse sucesso inicial proporcionou ao escritor contato constante com intelectuais de várias vertentes da época, incluindo grupos radicais com ideais e atividades revolucionárias. Por sua relação com um desses grupos radicais, Dostoiévski foi detido, processado e condenado à pena de morte por fuzilamento, devido à uma acusação de conspiração contra o czar Nicolau I da Rússia. A condenação foi revertida em anos de prisão com trabalhos forçados na Sibéria e esse episódio marcante e dramático foi o fator determinante para a sua formação pessoal, filosófica e literária¹.

Os personagens dos romances de Dostoiévski são dotados de extrema complexidade e profundidade, com tramas gravitando em torno de sentimentos como angústia, humilhação e orgulho. O escritor é reconhecido pela habilidade de manifestar a mente atribulada de seus personagens perante situações extremas que, na maioria das vezes, transcendem o entendimento do homem racional. Por meio de sua inteligência criativa, Dostoiévski também incorpora nas suas obras aspectos filosóficos da vida humana e expõe como os estados de sofrimento,

¹ FRANK. *Dostoiévski: um escritor em seu tempo*, p. 267.

fraqueza psicológica e descrença inevitavelmente se conectam com a questão moral, seja pela corrupção ou completo desvio das possibilidades do homem, seja pela redenção e libertação do indivíduo. Esses aspectos podem ser identificados, de forma bastante expressiva, na obra intitulada *Memórias do subsolo*, lançado originalmente em 1864.

Memórias do subsolo teve um papel relevante para os intelectuais da época em que foi escrito e para as gerações posteriores a ele. Os temas abordados pelo romance são essencialmente de origem psicológica e filosófica. Por essa razão, muitos filósofos, psicólogos e escritores consideram este livro notável para o aprofundamento do estudo das motivações e do pensamento humano. André Gide, famoso escritor francês, considerou *Memórias do subsolo* como o ponto culminante de toda a carreira de Dostoiévski. O filósofo alemão Walter Kaufmann descreve o livro como o principal precursor do existencialismo, corrente filosófica que explora os problemas da existência humana². No campo literário, o personagem principal do livro, o homem do subsolo, foi uma inspiração para uma série de personagens de outros romances clássicos conhecidos, como em *Anna Kariênina*, de Tolstói, *O estrangeiro*, de Camus, *A metamorfose*, de Kafka, e *Herzog*, de Saul Bellow. Este livro também recebeu grande admiração por parte de Nietzsche, um filósofo contemporâneo, e de Freud, o pai da psicanálise.

Em *Memórias do subsolo*, o protagonista, que é um personagem anti-herói, carregado de traços negativos e contradições, contrasta a argumentação ideológica de jovens revolucionários russos da época, baseada na racionalidade e na revolução do homem. Um dos maiores arquitetos intelectuais desta nova geração de revolucionários foi o escritor Tchernichévski, alvo da pesquisa de Sabino, que contribuiu para o presente artigo³. Na novela *O que fazer?*, Tchernichévski logra captar e, de certa forma, unificar grande parte das linhas de pensamento socialistas que já estavam desempenhando papéis atuantes na vida intelectual do Império Russo. No entanto, através de *Memórias do subsolo*, caracterizado por possuir ideias às vezes irracionais e argumentação que recorre

² KAUFMANN. *Existencialismo, de Dostoiévski a Sartre*.

³ SABINO. *Tchernichévski: entre o determinismo e a revolução*.

essencialmente às emoções do leitor, Dostoiévski consegue convencer e estabelecer um novo debate ideológico.

Por causa do imenso impacto de *Memórias do subsolo* na crítica literária e na inspiração de outros autores nos mais variados campos intelectuais, se encontram muitas referências relacionadas ao símbolo que o livro representa para determinados grupos sociais, seu paralelismo com outros trabalhos literários posteriores e sobre a questão religiosa e moral que é defendida e evidenciada pela obra.

No entanto, não é uma tarefa fácil encontrar material bibliográfico que se destine a analisar especificamente o plano argumentativo da obra, sendo que o enfoque acadêmico na patemização deste romance é quase inexistente enquanto objeto de conhecimento para falantes de português. Devido à carência de pesquisas relacionadas ao tema, este trabalho apresenta um estudo da projeção de emoções (*pathos*) na obra mencionada, buscando apreender diferentes efeitos argumentativos presentes em fragmentos de um livro que marcou (e ainda marca) tantas pessoas de diversas posições, formações ou credos. Além disso, entre os objetivos específicos do trabalho, procurou-se explorar o contexto intelectual da época e verificar os recursos discursivos por meio dos quais a argumentação patêmica opera na obra.

A estrutura composicional deste artigo encontra-se organizada em seções. Além da introdução, que caracteriza a primeira seção, na segunda se encontra a fundamentação teórica deste artigo, que está apoiada nos estudos de Aristóteles e Charaudeau sobre a patemização no plano argumentativo⁴. A terceira seção apresenta os métodos empregados para a seleção da obra e para a construção do percurso de análise do estudo proposto. Já na quarta seção do artigo, se encontra a análise propriamente dita e a discussão dos recortes discursivos selecionados em relação ao contexto, modo de enunciação e efeitos patêmicos. Por último, na conclusão, é feita uma breve explanação dos pontos relevantes alcançados com a pesquisa realizada.

⁴ ARISTÓTELES. *Retórica*; CHARAUDEAU. *Linguagem e discurso: modos de organização*; A patemização na televisão como estratégia de autenticidade.

Fundamentação teórica

Esta seção tem a finalidade de apresentar os fundamentos teóricos que deram sustentação à pesquisa proposta. Para um aprofundamento da obra *Memórias do subsolo*, de Dostoiévski (edição brasileira de 2009), buscamos respaldo em estudos biográficos e trabalhos de crítica literária mundialmente reconhecidos: a biografia de Dostoiévski, escrita por Frank, e uma coletânea de textos elaborada por Girard, nomeada *A crítica no subsolo*. Na sequência, buscamos compreender o ambiente intelectual do Império Russo e as vertentes ideológicas populares da época. Para essa tarefa, foram analisados os artigos de Fernandes e Villaça⁵ e, com base no artigo de Sabino, exploramos especificamente o escritor Tchernichévski e sua produção em *O que fazer?*, símbolo importante para a jovem intelectualidade contemporânea de Dostoiévski e a quem ele destina *Memórias do subsolo* como uma crítica. Por fim, para a descrição dos fundamentos básicos da argumentação e a correlação com a obra em questão, utilizamos as teorias de Aristóteles e de Charaudeau, com enfoque na patemização no plano argumentativo.

Argumentação e *pathos*

Aristóteles formulou os fundamentos da argumentação em sua retórica. Segundo ele, há três modos de persuasão: o *ethos*, o *pathos* e o *logos*. O *ethos* está relacionado à persuasão através da credibilidade do orador, pelo seu caráter e pela sua imagem, o *pathos* se refere às emoções causadas ao ouvinte para que ele seja persuadido e o *logos* é a utilização da lógica para se alcançar o mesmo objetivo de persuasão. Estas três habilidades são os pilares básicos, segundo Aristóteles, para que um discurso seja proferido de modo eficiente em diversas finalidades e campos da argumentação. Apesar dos três modos serem pilares da argumentação, em alguns casos, dependendo da esfera de atuação e do perfil do ouvinte a que se destina o discurso, se torna necessária a potencialização de uma dessas habilidades para a efetivação do convencimento.

⁵ FERNANDES. Racionalismo e romantismo em “Memórias do subsolo”, de Dostoiévski; VILLAÇA. Memórias do subsolo: problemas interpretativos.

Esta pesquisa tem como foco a questão do *pathos* no discurso. Para nos aprofundarmos na questão da emoção provocada por um determinado discurso, será analisada a teoria de Patrick Charaudeau, que acredita que a análise do discurso não pode ser o estudo do que um indivíduo sente, mas sim o estudo da linguagem numa relação de troca: do orador ao ouvinte. As emoções, no entanto, são objetos de estudo complexos, que demandam uma interdisciplinaridade entre outros campos de estudos humanos e sociais, como psicologia, sociologia, filosofia etc. Além disso, na visão do teórico, o *pathos* tem uma “base cognitiva” e não é utilizado de modo inconsciente, apesar de ter um caráter subjetivo, que varia de pessoa para pessoa, devido às experiências, valores e crenças⁶. A partir dessa linha de pensamento apresentada e a assimilação da teoria do discurso na obra *Memórias do subsolo*, de Dostoiévski, a presente pesquisa foi desenvolvida.

Modo de organização enunciativo

Um dos objetivos específicos deste trabalho é a análise de trechos da obra *Memórias do subsolo*, de Fiódor Dostoiévski, pelo modo de organização enunciativo. Charaudeau, em seu livro *Linguagem e discurso: modos de organização*, estabelece as categorias de discurso utilizadas pelo sujeito falante no ato da comunicação no modo enunciativo. Para ele, há três funções distintas no modo enunciativo: a alocutiva, a elocutiva e a delocutiva. Nas categorias do discurso descritas, o foco da análise é a posição do sujeito falante em relação ao interlocutor do discurso. Por se tratar, neste caso, do estudo de um livro, a análise foi feita a partir do sujeito enunciador (EUE), o narrador, em relação ao sujeito destinatário (TUI), o leitor da obra literária.

No que concerne aos comportamentos enunciativos, o comportamento alocutivo se manifesta quando o sujeito falante (enunciador) impõe ao interlocutor sua própria posição no discurso. Nesse comportamento, a relação entre os dois participantes da comunicação é bem clara e direta, podendo apresentar uma relação de influência por parte

⁶ CHARAUDEAU. *Linguagem e discurso: modos de organização*, p. 1-2.

do orador e, portanto, uma posição de superioridade ou inferioridade de acordo com as possíveis modalidades deste comportamento⁷.

No comportamento elocutivo, o sujeito falante torna evidente o seu ponto de vista sobre o mundo e afasta o interlocutor do discurso, fazendo com que sua enunciação seja particular e subjetiva. O enunciador é o ponto central do discurso e toda a sua base argumentativa é baseada na sua própria perspectiva e visão de determinada realidade. No entanto, como atesta Charaudeau, muito além da realidade, este comportamento permite que o enunciador do discurso percorra por caminhos fantasiosos para expressar aquilo que é do seu interesse.

Por último, no comportamento delocutivo, tanto o sujeito falante quanto o interlocutor estão afastados do ponto central do discurso. Há, neste comportamento, uma descrição de acontecimentos ou fatos terceiros que não dependem nem do sujeito falante, nem do interlocutor. Assim, enquanto o comportamento elocutivo é essencialmente particular e subjetivo, o comportamento delocutivo é geral e objetivo.

Contexto intelectual

Durante a segunda metade do século XIX, o czar Alexandre II da Rússia implementava reformas favoráveis ao desenvolvimento capitalista do império. Apesar dessas medidas, a abertura política não acompanhou o progresso econômico e provocou perturbação entre os intelectuais progressistas da época. A partir daí, segundo Fernandes, o pensamento radical na Rússia se inicia como uma força cada vez mais presente na sociedade⁸. Entre 1862 e 1863, Tchernichévski, um dos principais influenciadores do movimento revolucionário, escreve o romance *O que fazer?* Neste livro, o autor incorpora todas as suas convicções em personagens que remetem ao materialismo filosófico, ao socialismo utópico e ao utilitarismo. Além destas ideias, há também o enfoque no egoísmo racional: teoria que acredita que a busca pelo próprio interesse é sempre racional e que pelo esclarecimento e egoísmo os desejos e prazeres confluíram aos interesses coletivos⁹. A popularidade e aceitação destas filosofias em O

⁷ CHARAUDEAU. *Linguagem e discurso: modos de organização*.

⁸ FERNANDES. Racionalismo e romantismo em "Memórias do subsolo", de Dostoiévski.

⁹ SABINO. *Tchernichévski: entre o determinismo e a revolução*, p. 10-11.

que fazer? foi tão poderosa na juventude russa, que Dostoiévski se dispôs a criar *Memórias do subsolo* como refutação¹⁰.

Obra

A obra *Memórias do subsolo* é dividida em duas partes. A primeira parte, chamada de "O subterrâneo", objeto principal deste artigo, é um monólogo extremamente existencialista que tem o propósito de apresentar ao leitor pontos de vista do personagem principal. Por não ter sido nomeado, a crítica literária definiu esse personagem como "o homem do subsolo". A primeira parte também é coberta de críticas e questionamentos destinados por Dostoiévski aos intelectuais revolucionários de sua época.

A obra de Frank fornece informações preciosas sobre o processo de criação da obra e de como este monólogo da primeira parte representa uma argumentação que às vezes é clara e direta e, em outras, confusa e problemática¹¹. Já a segunda parte, denominada "A propósito da neve molhada", o narrador relembra memórias que podem ser classificadas como constrangedoras para si e para os outros personagens envolvidos nos acontecimentos descritos. Além de Frank, outro autor que é uma fonte notável em crítica literária sobre o livro *Memórias do subsolo* é René Girard. Girard assimila as emoções causadas pelo texto com a crítica filosófica e moral que Dostoiévski tem por objetivo defender, pois uma não poderia se dissociar da outra – para ele não haveria o mesmo efeito se fossem analisadas separadamente¹².

Metodologia

A pesquisa apresentada é de natureza documental, de caráter qualitativo e cunho interpretativista, uma vez que se propôs a estudar a projeção argumentativa de emoções na obra *Memórias do subsolo*, de Dostoiévski.

Escolha da obra

A obra *Memórias do subsolo*, de Dostoiévski, foi selecionada para ser o ponto principal desta pesquisa por possuir uma narrativa argumentativa

¹⁰ VILLAÇA. *Memórias do subsolo: problemas interpretativos*, p. 7.

¹¹ FRANK. *Dostoiévski: um escritor em seu tempo*.

¹² GIRARD. *A crítica no subsolo*.

ancorada no *pathos*, além de ser um marco da literatura russa e um dos mais emblemáticos exemplos de romance psicológico do mundo. Por se tratar de uma narrativa altamente subjetiva, o autor se utiliza de artifícios que exercitam a sensibilidade do leitor e que até colocam em xeque convicções baseadas em argumentos racionais. Apresentados estes pontos, serão selecionados trechos descritos pelo personagem principal do livro que buscam alcançar o objetivo do autor, que é a tentativa de convencimento do leitor por meio da projeção de emoções.

Seleção do corpus

Após a leitura da obra, foram selecionados quatro recortes discursivos da primeira parte do livro *Memórias do subsolo*, de Dostoiévski. A fim de tornar breve e direta a análise proposta para este artigo, foram escolhidos trechos que resumem a primeira parte da obra e que carregam potencial de efeito patêmico nos leitores. É importante ressaltar que o leitor modelo desta obra de Dostoiévski é aquele leitor racional, interessado em áreas teóricas, como a política e a filosofia. Além disso, os recortes selecionados evidenciam modalidades distintas do modo enunciativo e carregam a essência da argumentação proposta pelo autor do livro.

Percurso de análise

Para alcançar o objetivo geral e os objetivos específicos, o percurso de análise desenvolvido para a pesquisa seguiu os princípios teóricos propostos por Charaudeau¹³. A partir do modo enunciativo, de suas modalidades e categorias, os trechos selecionados do livro *Memórias do subsolo* foram examinados, tendo em vista a projeção de efeitos patêmicos na argumentação. Pelos comportamentos alocutivo, elocutivo e delocutivo, foi examinado o discurso do sujeito enunciador com o objetivo de identificarmos os aspectos que remetem ao *pathos* e que causam assimilação e sensação de pertencimento entre o personagem e o leitor, claramente expostos na primeira parte do livro, quando o homem do subsolo apresenta de modo bastante peculiar e subjetivo suas opiniões e pontos de vista.

¹³ CHARAUDEAU. *Linguagem e discurso: modos de organização*.

Análise dos dados e discussão

Nesta seção, as unidades informacionais selecionadas foram analisadas de acordo com os métodos estabelecidos. Cada recorte foi dividido em trechos menores que possuíssem um mesmo modo de organização discursivo e, a partir destes fragmentos, a análise da enunciação e o estudo do *pathos* foram desenvolvidos, de forma paralela. Além disso, os recortes foram brevemente esclarecidos para uma compreensão mais clara acerca do contexto histórico e filosófico da obra.

Estudo do *pathos* no primeiro recorte discursivo

[a] Permitti-me fantasiar um pouco.

[b] Pensai no seguinte:

[c] a razão, meus senhores, é coisa boa, não há dúvida, mas razão é só razão e satisfaz apenas a capacidade racional do homem, enquanto o ato de querer constitui a manifestação de toda a vida, isto é, de toda a vida humana, com a razão e com todo o coçar-se [...].

[d] Eu, por exemplo, quero viver muito naturalmente, para satisfazer toda a minha capacidade vital, e não apenas a minha capacidade racional, isto é, algo como a vigésima parte da minha capacidade de viver¹⁴.

Analisando as unidades informacionais de acordo com o modo de organização enunciativo, levantado na fundamentação teórica, pode-se caracterizar o trecho acima nas três modalidades propostas por Charaudeau: alocutiva, elocutiva e delocutiva. Não é comum que romances, principalmente os clássicos, se dirijam ao leitor por uma forma direta, evidenciando o uso da primeira e da segunda pessoa, como em “Permitti-me” e “Pensai”, respectivamente. No trecho [a], o narrador tece uma relação consigo mesmo, um discurso em primeira pessoa. Ela é classificada em comportamento elocutivo, caracterizado por uma modalidade de constatação. No excerto [b], há uma relação do locutor para com o interlocutor, recomendando ao leitor uma ação específica, uma forma alocutiva, com modalidade de conselho. O recorte [c] inicia-se em forma de alocação marcada textualmente pelo uso do vocativo “meus senhores”. No entanto, o restante do trecho é essencialmente delocutivo, em modalidade de asserção, pois existe uma afirmação distante do narrador

¹⁴ DOSTOIEVSKI. *Memórias do subsolo*, p. 41.

e do leitor, que segundo o próprio orador “não há dúvida” da veracidade, também caracterizando uma evidência. E por último, no fragmento [d], há uma enunciação elocutiva, que é qualificada pelo querer do orador.

Quanto aos efeitos patêmicos projetados no leitor, foi necessário analisar separadamente cada parte integrante da unidade de informação transcrita acima. Inicialmente, quando o narrador se permite “fantasiar”, uma situação cômica ocorre, transmitindo ao leitor uma sensação de bom humor. Logo na sequência, a frase “Pensai no seguinte” provoca um sentimento de atenção em quem está lendo. Esse recurso direto possibilita que o leitor se esforce o máximo possível para absorver melhor o que o narrador propõe. A utilização de advérbios como “só” e “apenas” nas frases seguintes carregam uma sensação de insignificância, insuficiência e até mesmo de inferioridade, expressando justamente o que o autor quer mostrar: que a razão não pode dar conta de tudo e que há algo superior a ela.

O “coçar-se” utilizado no fim desta mesma frase possibilita uma sensação de incômodo, que alude justamente a todas as outras evidências humanas que não podem ser racionalizadas. No trecho [d], a palavra “satisfazer”, que pertence ao mundo emotivo, tem o seu valor semântico preservado, gerando no leitor possíveis sentimentos agradáveis, como a própria satisfação, bom humor e prazer. “Viver muito naturalmente” é o objetivo da grande maioria das pessoas e, em um mundo tão frenético, acreditar que a razão é apenas uma pequena parte da nossa existência traz certo conforto.

Estudo do *pathos* no segundo recorte discursivo

- [a] Suspeito, senhores, que me olhais com certa compaixão [...].
- [b] repetis que é impossível a um homem culto e desenvolvido, numa palavra, a um homem que será o do futuro, querer conscientemente algo desvantajoso para si [...].
- [c] Estou plenamente de acordo [...].
- [d] Mas – pela centésima vez vos repito isso – existe um único caso, sim, apenas um, em que o homem pode intencional e conscientemente desejar para si mesmo algo nocivo e estúpido, extremamente estúpido, até: ter o direito de desejar para si mesmo algo muito estúpido, sem estar comprometido com a obrigação de desejar apenas o que é inteligente [...]¹⁵.

¹⁵ DOSTOIÉVSKI. *Memórias do subsolo*, p. 41-42.

Já no século XIX, existia o argumento de que a ciência e o desenvolvimento intelectual, através da revolução do homem e da sociedade, formariam uma nova natureza humana e acabariam com todo tipo de sofrimento ou adversidades. Apesar disso, o EUE defende que o homem, mesmo apesar de suas conquistas, não será todo subjugado pelos domínios da razão e que pode inclusive desejar o que for prejudicial só para fazer valer a sua vontade.

Na segunda unidade informacional, o narrador inicia o parágrafo em primeira pessoa, prevalecendo no trecho [a] um fenômeno elocutivo caracterizado por uma modalidade de possibilidade, claramente expressa pelo uso da palavra “suspeito”. Há novamente no meio da frase o vocativo “senhores”, que é claramente uma evidência de alocação. Então o EUE se dirige ao leitor, incluindo-o no discurso, formando uma enunciação alocutiva que se assemelha à categoria de julgamento, assumindo o que o leitor provavelmente pensa. O “homem do subsolo” retorna à primeira pessoa apenas para concordar com a suposição criada por ele mesmo: uma modalidade elocutiva na categoria de concordância. E para concluir a análise do texto selecionado, há uma enunciação delocutiva no excerto [d], de modo assertivo. É importante ressaltar, porém, que entre os travessões, há demarcação da modalidade elocutiva, numa categoria em que o EUE se coloca no discurso para constatar algo ao leitor.

Na implicação do EUE, na primeira frase do recorte discursivo analisado, há o uso da palavra “compaixão”, que já carrega em si um efeito patêmico próprio. O trecho [b] procura forçar no leitor um sentimento de conformidade, pois como poderia um homem dotado de razão escolher algo que o prejudicasse? No fragmento [c], há ainda uma extensão deste efeito anterior com a afirmação do sujeito enunciador. Já na última unidade, [d], entre os travessões nota-se uma expressão bem comum que provoca um sentimento de exaustão: “pela centésima vez vos repito isso”. Quando o EUE continua dizendo que existe “um único caso” em que o homem pode desejar pra si algo nocivo e estúpido, observa-se uma projeção patêmica de curiosidade, pois finalmente a pergunta levantada pela incredulidade do homem prejudicar a si próprio está prestes a ser respondida. Finalmente, ao ler a justificativa do narrador, pode-se encontrar um sentimento de complexidade e estranheza, mas logo após uma

maior familiaridade com a resposta, o leitor encontra novamente o sentimento de conformidade e até mesmo de bom humor.

Estudo do *pathos* no terceiro recorte discursivo

[a] o homem é [...] monstruosamente ingrato [...],
[b] podeis cobri-lo de todos os bens terrestres, [...] dar-lhe tal fartura, do ponto de vista econômico, que ele não tenha mais nada para fazer a não ser dormir, comer pão de ló, e cuidar da continuação da história universal –
[c] pois mesmo neste caso o homem, unicamente por ingratidão, [...] vai arriscar até o pão de ló e desejar, intencionalmente, o absurdo mais destrutivo, o mais antieconômico, [...] só para confirmar a si mesmo (como se isso fosse absolutamente indispensável) que os homens são sempre homens e não teclas de piano¹⁶.

Para o sujeito narrador do livro, é impossível que o homem alcance um estado de completo bem-estar social e aceite uma posição passiva perante a existência. Ele acredita que todo ser humano tem o anseio natural pelo livre-arbítrio e mesmo em condições totalmente favoráveis a si próprio e à sociedade, ele se revoltaria e escolheria fazer o mal apenas para mostrar que sua vontade deve prevalecer sobre uma lei natural definida.

O recorte inicial da terceira unidade informacional afasta-se do orador e do ouvinte, descrevendo uma visão de mundo, já que o orador acredita que esta afirmativa seja uma verdade. Essa afirmação pode ser considerada como pertencente ao modo delocutivo, caracterizando-se como uma modalidade assertiva de constatação. Já no fragmento [b], o EUE se dirige diretamente ao leitor, incluindo o ouvinte como parte do processo criacional para justificar sua afirmação inicial. Assim, por meio dessas características, o trecho se enquadra no comportamento alocutivo, sinalizando um caráter sugestivo. Por último, no recorte [c], novamente o comportamento delocutivo é o modo de enunciação empregado, já que o sujeito comunicante afasta o leitor do discurso e continua uma afirmação que se assimila ao início, uma constatação.

Em [a], encontram-se palavras que remetem ao mundo emocional e, em consequência disso, o efeito patêmico é evidente: o advérbio de modo “monstruosamente” faz com que o leitor tenha um sentimento

¹⁶ DOSTOIÉVSKI. *Memórias do subsolo*, p. 42-44.

de medo, além de certa preocupação com as próximas declarações do narrador. Logo após, o trecho [b] carrega uma sequência de possibilidades agradáveis e do interesse do homem comum, despertando no leitor possíveis sentimentos bons como a satisfação e tranquilidade. Além disso, o contraste do primeiro fragmento negativo com este trecho marcadamente positivo cria também um sentimento de curiosidade, afinal de contas, se um homem recebesse o que há de melhor no mundo, por que ele ainda assim seria monstruosamente ingrato? Essa pergunta levantada é prontamente respondida na unidade [c], em que o EUE emite inicialmente um sentimento de tristeza quando o leitor aceita e constata que realmente o homem abrirá mão daqueles bens por pura vontade própria. Apesar da tristeza, quando o narrador finaliza o seu argumento, dizendo que o homem não é “tecla de piano”, através do uso da metáfora o sujeito destinatário (leitor idealizado) poderá entender o propósito do autor e, com isso, ser persuadido pela convicção expressa nas palavras do narrador da obra literária.

Estudo do *pathos* no quarto recorte discursivo

[a] Pensai no seguinte:

[b] se, em lugar do palácio, existir um galinheiro, e se começar a chover, talvez eu trepe no galinheiro, a fim de não me molhar [...].

[c] mas, assim mesmo, não tomarei o galinheiro por um palácio, por gratidão, pelo fato de me ter protegido da chuva.

[d] Estais rindo, dizeis até que, neste caso, galinheiro e palácio são a mesma coisa.

[e] Sim, respondo, se fosse preciso viver unicamente para não me molhar¹⁷.

Nesse recorte discursivo, o EUE destina sua crítica ao utilitarismo e ao materialismo. Em *O que fazer?*, Tchernichévski estabelece o palácio de cristal como um símbolo da futura sociedade transformada pela racionalidade. Para contrapor esse ideal utópico, Dostoiévski cria uma comparação entre o palácio e um galinheiro através da utilidade na eventualidade de uma chuva. A correlação entre os dois edifícios aqui é puramente material, e ao se obter um mesmo resultado prático, que é a proteção da

¹⁷ DOSTOIÉVSKI. *Memórias do subsolo*, p. 49.

chuva, poderia se elevar o galinheiro ao mesmo patamar de um palácio. Este absurdo provocado apenas pela análise útil dos dois objetos coloca uma dúvida sobre a filosofia de Tchernichévski, pois pode-se concluir que algo material e útil não é suficiente para ser um ideal em última instância.

Analisando através do modo enunciativo, o trecho [a] apresenta um comportamento alocutivo, caracterizado por uma modalidade de conselho. As sequências [b] e [c] são proposições que o sujeito enunciador faz em primeira pessoa, apresentando uma determinada situação ao leitor, definidas por comportamento elocutivo, sendo que o trecho [b] determinado por modalidade de possibilidade (se utilizando inclusive da palavra “talvez”) e [c] modalidade de constatação. No excerto [d], o narrador se dirige novamente ao leitor, retomando o comportamento alocutivo, na modalidade de julgamento, já que o narrador assume a ação do leitor. Por fim, o trecho [e] conclui a opinião do próprio EUE para a suposição que ele mesmo faz anteriormente sobre o leitor, sendo comportamento elocutivo e modalidade de concordância.

O parágrafo se inicia com a frase “Pensai no seguinte”, já analisada em um recorte discursivo anterior. Logo em seguida é apresentada uma situação hipotética em que as palavras “galinheiro” e “palácio” são centrais para o sentido. Ambas as palavras são substantivos concretos que separadamente se apresentam isentas e indiferentes ao universo emocional. No entanto, essas palavras inseridas de modo correlacionado em um determinado contexto literário desencadeiam um efeito patêmico nos leitores. Nesse trecho da obra, as duas palavras carregam sentimentos de inferioridade (do galinheiro em relação ao palácio) e superioridade (do palácio em relação ao galinheiro).

Quando o narrador esclarece que, apesar de os dois edifícios possuírem o mesmo efeito: a proteção contra a chuva, nem mesmo por gratidão ele consideraria os dois edifícios a mesma coisa, a frase desperta no leitor um sentimento de bom humor pelo emprego da ironia. Os signos de cada palavra são tão opostos e distintos que igualar um palácio com um galinheiro apenas por possuírem um telhado para se proteger da chuva é bastante cômico. O próprio narrador também espera essa mesma reação do leitor ao dizer “Estais rindo...”. É importante ressaltar que apesar da utilização de uma palavra pertencente ao mundo emotivo, como a palavra

“gratidão”, devido ao uso da ironia e a evidência do sentimento de bom humor no contexto geral, a palavra em si aparentemente não carregou um efeito patêmico de seu significado. O que se deduz é que em frases com signos não prototípicos que pertencem ao mundo emotivo, sempre haverá predominância de um deles sobre os outros na recepção do leitor. No último trecho também há ainda resquícios desse sentimento de bom humor, já que o autor permite a possibilidade de os dois edifícios serem a mesma coisa se o objetivo da vida for apenas se proteger da chuva, novamente empregando ironia.

Conclusão

Este artigo apresentou um estudo sobre o efeito patêmico presente em alguns recortes discursivos da primeira parte da obra *Memórias do subsolo*, de Dostoiévski. Para isso, se tomou como essenciais as proposições teóricas de Aristóteles e de Charaudeau para nortear os trabalhos de análise do modo enunciativo de organização do discurso.

Em primeiro lugar, foi possível compreender os objetivos do autor da obra através de sua criatividade literária ao empregar um narrador que se dirige diretamente ao leitor. Devido à complexidade intelectual dos temas abordados, um discurso que possua uma argumentação em que o sujeito enunciador converse com o interlocutor e esclareça as premissas de um raciocínio definitivamente pode aumentar a adesão do público alvo a uma determinada ideia.

Em segundo lugar, em função do emprego variado de comportamentos e modalidades enunciativas, conseguiu-se analisar os comportamentos alocutivo, elocutivo e delocutivo de acordo com a concepção teórica de Charaudeau e o uso prático dessa teoria em trechos selecionados da obra. Devido à essa variedade de comportamentos utilizados pelo autor, não houve predomínio de alguma modalidade discursiva em específico.

Por fim, o estudo dos efeitos patêmicos, apesar de não ter se tornado um assunto muito discutido neste trabalho, atingiu o seu propósito inicial ao identificar que tanto palavras do mundo emotivo quanto palavras ou expressões fora deste mesmo mundo são capazes de carregar informações que desencadeiam no leitor sentimentos que

umentam sua experiência com a leitura. E em consequência direta deste fato, o interlocutor pode ser atraído ao ponto de ser convencido pelo sujeito enunciador.

Conclui-se também que, embora resultados positivos tenham sido alcançados pelo presente artigo, muito se pode acrescentar ao estudo, pois os recortes discursivos selecionados foram apenas uma pequena parte do potencial argumentativo e patêmico da obra literária analisada.

Referências

- ARISTÓTELES. *Retórica*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2005.
- CHARAUDEAU, Patrick. *Linguagem e discurso: modos de organização*. São Paulo: Contexto, 2008. 256 p.
- CHARAUDEAU, Patrick. A patemização na televisão como estratégia de autenticidade. In: MENDES, Emilia; MACHADO, Ida Lucia (Org.). *As emoções no discurso* – volume II. Campinas: Mercado de Letras, 2010. p. 23-56.
- DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Memórias do subsolo*. São Paulo: Editora 34, 2009.
- FERNANDES, Arlene. Racionalismo e romantismo em “Memórias do subsolo”, de Dostoiévski. *Revista de Literatura e Cultura Russa*, São Paulo, v. 12, n. 18, 2021.
- FRANK, Joseph. *Dostoiévski: um escritor em seu tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- GIRARD, René. *A crítica no subsolo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.
- KAUFMANN, Walter Arnold. *Existencialismo, de Dostoiévski a Sartre*. São Paulo: Meridian Book, 1962.
- SABINO, Paulo Cesar Jakimiu. Tchernichévski: entre o determinismo e a revolução. *Revista de Literatura e Cultura Russa*, São Paulo, v. 11, n. 16, 2020.
- TCHERNICHÉVSKI, Nikolai. *O que fazer?* Curitiba: Prismas, 2015.
- VILLAÇA, Davi Lopes. Memórias do subsolo: problemas interpretativos. *Revista de Literatura e Cultura Russa*, São Paulo, v. 12, n. 20, 2021.

Trabalho final elaborado para a disciplina “Introdução à Pesquisa Científica”, ministrada pelo professor Jairo Carvalhais na Fale/UFMG (2022/1).

Análise da projeção patêmica em manchetes jornalísticas sobre Luiz Inácio Lula da Silva

Paula Reis Cardoso

Introdução

O presente trabalho tem como objetivo central apresentar um estudo dos índices de patemização no discurso de manchetes jornalísticas relacionadas ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva. A projeção de emoções nas manchetes pode ser vista como recurso argumentativo no discurso da informação jornalística, o que contribui para desmitificar a ideia, comumente aceita, de que os relatos veiculados pela mídia de referência são imparciais e sem comprometimento com qualquer ideologia.

Já na antiguidade clássica, Aristóteles atrelava a retórica à persuasão em suas propostas, e distinguia as três dimensões existentes na argumentação: *logos*, *ethos* e *pathos* – esta última representando a instância do discurso apta a provocar as emoções do auditório¹. Uma vez definida a dimensão argumentativa a ser investigada, o trabalho se direcionou ao discurso de informação presente em veículos representativos da mídia de referência no Brasil, dado que, com a aproximação do período de eleições, a quantidade de notícias a respeito dos principais candidatos tende a aumentar. Dessa forma, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, atual pré-candidato à presidência do Brasil, é grande objeto de interesse dos maiores meios de comunicação do país. Dentre eles, as revistas *Veja* e *Carta Capital* – publicações semanais, de caráter informativo –, os jornais *Estado de Minas*, *O Estado de São Paulo* e *O Tempo*, e o canal

¹ ARISTÓTELES. *Retórica*.

de notícias *CNN Brasil* – publicações diárias e de caráter jornalístico –, constituintes da imprensa de referência e direcionados ao público geral.

Os veículos de mídia estão constantemente presentes no cotidiano da população, e se utilizam da linguagem como uma prática que possibilita a identificação por parte do leitor. As informações produzidas pelos canais midiáticos partem de um ponto de vista, o que indica a existência de certa ideologia e de um posicionamento axiológico na maneira como esses dados serão abordados. Patrick Charaudeau, em sua obra *Discurso das mídias*, afirma que “a informação é essencialmente uma questão de linguagem, e a linguagem não é transparente ao mundo, ela apresenta sua própria opacidade através da qual se constrói uma visão, um sentido particular do mundo”². Assim, a importância do presente trabalho se dá por buscar entender como tais valores surgem no discurso midiático e de que forma os meios de comunicação procuram influenciar seu leitorado.

A esfera jornalística perpassa diretamente pelas temáticas que estão em voga na atualidade e, diferentemente do que se tenta propagar, ela não é imparcial, mas um campo constituído por diversos princípios e convicções. Portanto, o discurso jornalístico é carregado de preceitos que integram as notícias fabricadas. Como bem aponta Charaudeau, “a patemização do discurso resulta de um jogo entre restrições e liberdades enunciativas”³. Dessa forma, é importante compreender a elaboração das manchetes de jornais, já que possuem a habilidade de persuadir o interlocutor. Portanto, esta pesquisa torna-se socialmente relevante ao empenhar-se em assimilar de que maneira as emoções podem se apresentar nos discursos jornalísticos e quais emoções eles pretendem causar nos milhares de leitores que compõem o auditório dos veículos de referência.

O principal objetivo deste trabalho foi compreender como se dá a projeção de efeitos patêmicos em manchetes jornalísticas relacionadas ao presidente Lula. Através da investigação dos recursos discursivos utilizados na construção dos objetos selecionados e da identificação dos possíveis sentimentos suscitados no público, a pesquisa empenhou-se

² CHARAUDEAU. *Discurso das mídias*, p. 19.

³ CHARAUDEAU. *Discurso das mídias*, p. 40.

em averiguar a existência de uma intenção de direcionar o ponto de vista do interlocutor acerca do assunto publicado.

Tratando-se da estrutura composicional do presente artigo, este encontra-se disposto em seções. Além da introdução, o trabalho, produto dos estudos realizados, mostra, na segunda seção, os preceitos teóricos utilizados como base, a partir de estudos de Aristóteles, Charaudeau, Emediato e Amossy acerca da argumentação e do *pathos*, e de Marcuschi e Costa sobre a manchete e os gêneros textuais. Depois, na terceira seção, é esclarecida a metodologia empregada, apontando brevemente a constituição do *corpus* e o percurso de análise dos dados. A quarta seção destina-se à análise e discussão dos dados no que se refere à projeção de emoções nos recortes discursivos constituintes do *corpus* analisado. Finalmente, apresenta-se a conclusão, com a retomada dos principais aspectos deste trabalho a serem ressaltados.

Fundamentação teórica

O propósito desta seção é apresentar as bases teóricas que fundamentaram a pesquisa realizada. Inicialmente, serão destacadas ideias acerca da dimensão patêmica da argumentação, baseando-se em propostas de Aristóteles, Patrick Charaudeau e Ruth Amossy⁴. Depois, valendo-se dos estudos de Luiz Antônio Marcuschi, Wander Emediato e Sérgio Roberto Costa, serão discutidas as concepções a respeito da manchete jornalística e da imprensa de referência⁵. Por fim, ainda com base nas visões de Charaudeau e Emediato, será apresentada uma proposta de análise do discurso da informação jornalística⁶.

O *pathos* na argumentação

Aristóteles define a retórica como a arte da persuasão e a relaciona à sustentação de uma tese. O filósofo caracteriza três vias pelas quais é possível persuadir por meio da palavra: *ethos*, *logos* e *pathos*. A primeira se relaciona

⁴ ARISTÓTELES. *Retórica*; CHARAUDEAU. A patemização na televisão como estratégia de autenticidade; AMOSSY. *A argumentação no discurso*.

⁵ MARCUSCHI. Gêneros textuais: definição e funcionalidade; EMEDIATO. A construção da opinião na mídia: argumentação e dimensão argumentativa; COSTA. *Dicionário de gêneros textuais*.

⁶ CHARAUDEAU. *Linguagem e discurso*: modos de organização; EMEDIATO. A construção da opinião na mídia: argumentação e dimensão argumentativa.

ao caráter do orador. Através de seu discurso, ele é capaz de transmitir confiança ao público, apresentando-se como merecedor de credibilidade e respeito. A segunda remete-se à razão e à lógica, quando a argumentação é evidenciada pelo próprio discurso. Já a última representa a dimensão capaz de despertar emoções no interlocutor. De acordo com o autor, “a persuasão pode ser obtida através dos ouvintes quando o discurso afeta suas emoções; com efeito, os julgamentos que emitimos variam segundo experimentamos sentimentos de angústia ou júbilo, amizade ou hostilidade”⁷.

Nessa mesma direção, Patrick Charaudeau descreve uma “retórica dos efeitos”, ao propor o termo *patemização* como uma categoria de efeito. O autor pontua que não há como garantir que a emoção foi sentida, mas pode-se analisar um discurso que visa à projeção de um sentimento. Charaudeau afirma que, nesse processo de investigação, “a emoção é considerada fora do vivenciado, e apenas como um possível surgimento de seu ‘sentido’ em um sujeito específico, em situação particular”⁸.

Com relação aos gêneros jornalísticos utilizados como fonte para esta pesquisa, a notícia e a reportagem, ambos corresponderiam ao que o linguista define como visada de informação (fazer-saber), pois o enunciador encontra-se em uma autêntica posição de saber diante do interlocutor⁹. Porém, com o apagamento enunciativo, tipicamente encontrado em tais textos, eles podem assumir uma dimensão argumentativa¹⁰. A respeito dessa capacidade de um discurso direcionar o ponto de vista de seu receptor, Ruth Amossy diferencia a visada argumentativa, que corresponde ao interesse de imbuir determinada crença no ouvinte, da dimensão argumentativa, equivalente a uma tentativa de mudar certos posicionamentos do interlocutor¹¹.

A manchete jornalística e a imprensa de referência

A manchete, ou título principal, é comumente identificada como um elemento presente nos gêneros textuais jornalísticos, juntamente com o

⁷ ARISTÓTELES. *Retórica*, 1356a10–1356a15.

⁸ CHARAUDEAU. A *patemização* na televisão como estratégia de autenticidade, p. 34.

⁹ CHARAUDEAU. Visadas discursivas, gêneros situacionais e construção textual.

¹⁰ EMEDIATO. A construção da opinião na mídia: argumentação e dimensão argumentativa.

¹¹ AMOSSY. *A argumentação no discurso*.

título auxiliar – ou linha fina –, o lide e o corpo do texto. Para Luiz Antônio Marcuschi, os gêneros textuais “caracterizam-se muito mais por suas funções comunicativas, cognitivas e institucionais do que por suas peculiaridades linguísticas e estruturais”¹². Contudo, devido à complexidade associada à definição específica de cada gênero, para fins de análise, a presente pesquisa assumiu como partes de um mesmo recorte discursivo as associações dos títulos e subtítulos das matérias coletadas.

Logo, a partir das definições propostas por Sérgio Roberto Costa em seu *Dicionário de gêneros textuais*, o título equivale ao enunciado posicionado no início da publicação jornalística e sua função é condensar precisamente as ideias apresentadas. Assim, busca-se estampar o fator mais específico da temática retratada, ao invés de veicular uma generalização. Já o subtítulo acompanha o principal e tem como finalidade ampliá-lo, atuando de modo complementar.

No que concerne à esfera jornalística, esta geralmente é associada à ideia de imparcialidade e neutralidade. Porém, a informação jornalística parte de algum ponto de vista, ainda que se tente camuflá-lo para que um aspecto de objetividade prevaleça no texto. Wander Emediato discute essa noção acerca do que é denominado imprensa de referência. Esse conceito se refere a um método de ocultação enunciativa em que, a fim de conquistar um número maior de leitores, o jornal suprime sua própria identidade. O autor esclarece que “o que caracteriza a imprensa de referência atual não é, de fato, a ausência ou a presença de opinião, mas a forma como é realizada a gestão de vozes e dos pontos de vista na perspectivização dos fatos”¹³. Assim, é incoerente julgar as notícias veiculadas pelo meio jornalístico como isentas de opinião.

A análise do discurso na informação jornalística

A partir da diferenciação entre visada argumentativa e dimensão argumentativa do discurso, Wander Emediato propõe uma análise da argumentação no discurso midiático considerando as estratégias empregadas, de forma implícita, que buscam direcionar a opinião

¹² MARCUSCHI. Gêneros textuais: definição e funcionalidade, p. 19.

¹³ EMEDIATO. A construção da opinião na mídia: argumentação e dimensão argumentativa, p. 70.

do leitor. O autor divide essas estratégias em três tipos: estratégias de enquadramento (*cadrage*), estratégias enunciativas e orientação argumentativa indutora de raciocínios.

As estratégias de enquadramento são aquelas que conduzem o olhar do interlocutor. Sua finalidade é interferir na concepção do receptor a respeito de um objeto ou de determinada circunstância. Elas são classificadas pelo modo como decorre o enquadramento: tematização, designação, utilização de verbos de atitude ou de questionamento.

As estratégias enunciativas referem-se às asserções presentes nos discursos relatados. Por meio do processo de modalização, muitas vezes, opiniões, comentários ou hipóteses são apresentados – através do discurso integrado ou narrativizado da mídia – como sendo evidências ou provas de um certo ponto de vista. Finalmente, a estratégia de orientação argumentativa se relaciona com a capacidade de guiar o raciocínio dos leitores. Seu uso é observado, inclusive, em textos que não possuem abertamente uma visada argumentativa, mas estão aptos a modificarem o posicionamento do leitor, através de um argumento de explicação causal, por exemplo.

O discurso jornalístico também pode ser examinado segundo os componentes da construção enunciativa, traçados por Patrick Charaudeau. Ele define três comportamentos discursivos que organizam o modo enunciativo: alocutivo, elocutivo e delocutivo¹⁴.

O primeiro institui uma relação de influência do locutor ao interlocutor, que pode ser de força – presente nas modalidades de interpelação, injunção, autorização, aviso, julgamento, sugestão e proposta – ou de pedido – existente nas modalidades de interrogação e de petição. O segundo se associa ao próprio locutor, quando ele expõe seu ponto de vista sobre o mundo. Este se divide como modo de saber – modalidades de constatação e saber/ignorância –, avaliação – modalidades de opinião e de apreciação –, motivação – modalidades de obrigação, possibilidade e querer –, engajamento – modalidades de promessa, aceitação/recusa, acordo/desacordo e declaração – e, por fim, decisão, que corresponde à categoria modal de proclamação. Já o último reflete um apagamento do ponto de

¹⁴ CHARAUDEAU. *Linguagem e discurso: modos de organização*.

vista na relação entre o locutor e um terceiro. É classificado como uma espécie modal de asserção – decomposta nas modalidades equivalentes do comportamento elocutivo –, quando o locutor enuncia como o mundo se impõe, ou como discurso relatado – desmembrado em citado, integrado, narrativizado e evocado –, quando manifesta como outro fala.

Além disso, através dos elementos que integram a construção do modo descritivo, apurados por Charaudeau, é possível detalhar ainda mais os aspectos argumentativos do discurso exposto pelos gêneros jornalísticos. O autor caracteriza três componentes: nomear, localizar-situar e qualificar¹⁵.

A nomeação confere existência a um ser, por meio de percepções de diferenças e uma consequente classificação, reconhecendo seus atributos constitutivos. A localização-situação aponta o arranjo espaço-temporal ocupado por um ser e, mesmo que sugira uma visão neutra do mundo, esta é sempre apontada por determinada classe. Por fim, a qualificação descreve e particulariza o ser, alocando-o em dado subgrupo. Feitos esses apontamentos de cunho teórico, apresentamos, na seção a seguir, os procedimentos metodológicos que guiaram a pesquisa realizada.

Metodologia

A pesquisa realizada caracteriza-se como um estudo documental, de caráter qualitativo e de natureza interpretativista, pois busca analisar a produção de efeitos patêmicos em recortes discursivos compostos pela junção dos títulos e subtítulos de matérias jornalísticas veiculadas na mídia brasileira de referência.

Inicialmente, apresentamos os procedimentos realizados para a coleta de dados e para a seleção do que integra o *corpus*. Segundo Antonio Carlos Gil, a pesquisa documental utiliza-se de dados que ainda não foram examinados analiticamente¹⁶. Desse modo, por fim, o percurso de análise dos dados coletados será detalhado, indicando-se a trajetória da investigação.

¹⁵ CHARAUDEAU. *Linguagem e discurso: modos de organização*.

¹⁶ GIL. *Como elaborar projetos de pesquisa*.

Processos de coleta de dados e de seleção do *corpus*

Os recortes utilizados como objetos de pesquisa foram coletados das versões online dos jornais *Estado de Minas*, *O Tempo* e *O Estado de São Paulo*, das revistas *Veja* e *Carta Capital* e do canal de notícias *CNN Brasil*. A escolha desses canais de comunicação considerou os seguintes critérios: são veículos representativos da mídia de referência brasileira, divulgados nacionalmente e os meios de informação mais acessados pela população.

Em razão dessas observações, optou-se por selecionar as manchetes – vinculadas aos títulos auxiliares – de matérias publicadas durante o mês de maio de 2022 que citassem diretamente o nome do presidente Luiz Inácio Lula da Silva e que, a uma primeira leitura, remetessem ao uso de recursos patêmicos. Além disso, por uma questão de equidade, e a fim de possibilitar uma análise mais aprofundada do material, o *corpus* foi restrito a seis matérias – sendo uma matéria retirada de cada veículo. Além disso, foram selecionadas três publicações que suscitassem efeitos positivos no público leitor e três que projetassem efeitos negativos.

Percurso de análise dos dados

Com a finalidade de observar as estratégias linguístico-discursivas que evidenciam um potencial emocional existente nos recortes e examinar a existência de determinados preceitos em um discurso que alega ser neutro, a análise do *corpus* foi dividida em duas partes. Na primeira etapa, foram traçadas e analisadas as estruturas das manchetes, considerando seu contexto de produção e a exploração de sua dimensão retórica.

Na segunda etapa, foram identificadas e examinadas as estratégias discursivas presentes nos objetos coletados. À luz dos trabalhos de Patrick Charaudeau e de Wander Emediato, a projeção de efeitos patêmicos e a presença de indicadores de subjetividades e valores no texto jornalístico foram investigadas¹⁷.

¹⁷ CHARAUDEAU. *Linguagem e discurso: modos de organização*; EMEDIATO. *A construção da opinião na mídia: argumentação e dimensão argumentativa*.

Análise e discussão dos dados

Esta seção apresenta a análise dos dados e a discussão a partir dos procedimentos indicados anteriormente. A disposição das amostras segue a ordem de publicação das matérias. Os apontamentos registrados buscaram descrever o contexto de produção das matérias jornalísticas que originaram os recortes discursivos selecionados. Além disso, o exame de cada um deles considerou a presença de elementos que pretendessem ocasionar emoções a partir de artifícios relacionados ao *pathos*.

Análise dos recursos patêmicos

Recorte discursivo (1)

Lula é capa da revista Time: “O presidente mais popular do Brasil”:
Publicação destaca Lula como presidente mais popular do país, ressaltando a disputa eleitoral do ex-presidente para voltar ao poder¹⁸

O excerto apresentado é parte de uma notícia publicada por Sílvia Pires e Vinícius Prates no dia 4 de maio, no jornal *Estado de Minas*, que aborda o fato de Luiz Inácio Lula da Silva estampar a capa da revista norte-americana *Time*, a qual reforça sua popularidade como presidente do Brasil. A matéria destaca o prestígio e a influência da publicação e reproduz trechos da entrevista concedida por Lula, em que ele manifesta sua vontade de retornar para a vida política, salientando as boas memórias que o povo possui em relação aos seus mandatos, principalmente ligadas às medidas de inclusão social implementadas.

O comportamento enunciativo observado pode ser definido como delocutivo, já que o propósito não é vinculado ao locutor ou ao interlocutor. O recorte ainda dispõe da modalidade linguística do discurso relatado. Este é classificado como uma citação no título principal – assegurado por meio da inserção da frase “O presidente mais popular do Brasil”, utilizada na capa da publicação norte-americana – e como discurso relatado integrado no título auxiliar, o qual apresenta as informações divulgadas na entrevista, indicado pela expressão “Publicação destaca [...]”. Há também

¹⁸ PIRES; PRATES. Lula é capa da revista Time.

um componente de qualificação que constrói uma visão positiva de Lula, promovendo uma imagem de admiração.

Quanto às estratégias argumentativas verificadas na passagem, em concordância com os trabalhos de Emediato, nota-se um caso de asserção no discurso relatado, pois o conteúdo que aparece após o verbo “destaca” é mostrado como claro e evidente, visto que não há nenhum elemento que transmita a ideia de possibilidade ou hipótese¹⁹.

Através desses apontamentos, percebe-se que o enunciado atribui o ato da argumentação ao outro, representado pela revista *Time*. Isso é corroborado pela ordem em que o termo “Publicação” é disposto na linha fina. Observa-se o intuito de gerar efeitos de confiança e credibilidade relacionados à figura do presidente, em razão de a instância de produção mencioná-lo como o “mais popular do país”, criando a reputação de alguém estimado pela população.

Recorte discursivo (2)

Lula lelé: Ex-presidente deixou-se embriagar pela certeza da vitória²⁰

A amostra destacada é originária de uma notícia do dia 5 de maio escrita por Dora Kramer, publicada na versão online da revista *Veja* e aborda o comportamento do presidente Luiz Inácio Lula da Silva durante o período antecedente ao lançamento de sua pré-candidatura à presidência do Brasil. Apresentando respostas – na forma de discurso indireto – de Lula a determinadas perguntas e relacionando-as ao que considera importante para o eleitorado, a matéria desaprova sua conduta, afirmando que o candidato está seguro de sua vitória e precisa corrigir sua postura.

O procedimento enunciativo da instância de produção pode ser caracterizado como delocutivo, porque ocorre um apagamento do ponto de vista. Ainda segundo a teoria semiolinguística de Charaudeau, a modalidade linguística a qual o excerto pode ser categorizado é o da asserção, pois o enunciado apresenta como o mundo se impõe, independentemente do locutor ou do interlocutor²¹. Além disso, essa asserção configura-se

¹⁹ EMEDIATO. A construção da opinião na mídia: argumentação e dimensão argumentativa.

²⁰ KRAMER. Lula lelé..

²¹ CHARAUDEAU. *Linguagem e discurso*: modos de organização.

como uma constatação, validada pelo emprego da expressão “ex-presidente deixou-se embriagar”.

A estratégia de argumentação, consoante às proposições de Emediato, é identificada como um enquadramento por designação, atestado pela utilização da palavra “lelé” para caracterizar o presidente²². Ela confere uma apreciação desfavorável ao candidato, difundindo, de maneira subjetiva, um dado ponto de vista. Este componente da construção descritiva qualificaria Lula como uma pessoa desajustada, equivocada e que não está em concordância com a realidade, fazendo ainda uma referência ao desenho animado homônimo da década de 1960.

Fundamentando-se em tais observações, é perceptível que o exemplo analisado exprime o empenho da instância de produção em projetar sentimentos de antipatia, descrença e desgosto no público leitor da revista, perante a personalidade do pré-candidato. Ademais, a expressão “embriagar pela certeza da vitória” ocasiona, inclusive, efeitos de repulsão, ojeriza e desafeição, resgatando uma memória discursiva que associa fortemente o presidente com o consumo de bebidas alcoólicas.

Recorte discursivo (3)

Interesse de Lula em regular mídia levanta temor de controle e censura, segundo especialistas: Para especialistas ouvidos pela CNN, propostas que abrem brecha para interferir em conteúdo têm caráter inconstitucional²³

O exemplo apresentado provém de uma reportagem de Katia Brembatti, Douglas Porto e Mathias Brotero, publicada no dia 9 de maio no site do canal *CNN Brasil* e trata da vontade do presidente Luiz Inácio Lula da Silva de discutir acerca de uma atualização da lei de regulação dos meios de comunicação. A partir da opinião de pré-candidatos à presidência – adversários de Lula –, outros políticos e alguns especialistas na área da comunicação, a matéria sinaliza uma oposição à proposta, descrevendo tentativas prévias de regulamentação e qualificando a ideia como censura e autoritária.

²² EMEDIATO. A construção da opinião na mídia: argumentação e dimensão argumentativa.

²³ BREMBATTI; BROTERO; PORTO. Interesse de Lula em regular mídia levanta temor de controle e censura, segundo especialistas..

Considerando o emprego de expressões como “segundo especialistas” e “Para especialistas ouvidos pela CNN”, o comportamento enunciativo – de acordo com a teoria de Patrick Charaudeau – classifica-se como delocutivo, pois há uma desassociação do locutor e do interlocutor, com o propósito de realçar a objetividade²⁴. O trecho é categorizado na modalidade de discurso relatado integrado, já que o enunciado original é transformado ao se incorporar ao discurso relatado.

Conforme a tese de Wander Emediato, o excerto ainda representaria uma estratégia enunciativa de asserção no discurso relatado, porque não há uma relativização decorrente de um modo de possibilidade ou hipótese, mas declarações admitidas como verdadeiras, e não apenas opiniões²⁵.

Com base nessas informações, nota-se que o recorte é composto de meios que imputam a argumentação ao outro – comprovados pela disposição dos elementos no título principal –, atribuindo uma classificação desfavorável à figura do presidente Lula. Apoiando-se no uso das expressões “temor de controle e censura” e “caráter inconstitucional”, depreende-se um esforço da instância de produção em gerar efeitos de indignação, revolta e aversão no leitor modelo do veículo, recorrendo-se à ética cidadã e à preocupação com a política e o país.

Recorte discursivo (4)

Lula diz que é preciso colocar o pobre no orçamento e o rico no imposto de renda: Em Contagem, cidade industrial, petista também mostrou preocupação com o declínio da indústria brasileira nas últimas décadas²⁶

O segmento mostrado é oriundo de uma matéria de 10 de maio, criada por Pedro Augusto Figueiredo para o jornal *O Tempo*, e detalha partes de um discurso feito pelo pré-candidato à presidência em um encontro realizado em Contagem, Minas Gerais, no qual enfatiza a importância de governar o país incluindo os menos favorecidos economicamente no orçamento, a partir da contribuição da classe mais rica da sociedade. A

²⁴ CHARAUDEAU. *Linguagem e discurso: modos de organização*.

²⁵ EMEDIATO. A construção da opinião na mídia: argumentação e dimensão argumentativa.

²⁶ FIGUEIREDO. Lula diz que é preciso colocar o pobre no orçamento e o rico no imposto de renda.

notícia ainda conta que Lula se incomoda com o decaimento da indústria nacional, almejando que esta consiga se restabelecer no mercado.

Por intermédio dos conceitos estabelecidos por Charaudeau, comprova-se a existência de um procedimento linguístico delocutivo, marcado pela supressão do ponto de vista do locutor²⁷. O emprego dos termos “Lula diz que” atesta o uso da modalidade de discurso relatado integrado na manchete. Entretanto, a maneira de relatar aproveitada na linha fina pode ser reconhecida como narrativizada, pois há uma integração total do discurso original ao relato. O constituinte descritivo de localização-situação também é notado, em virtude da indicação e descrição do local onde aconteceu a reunião.

A argumentação midiática vale-se de uma estratégia de asserção no discurso relatado, dado que desvios e narrativizações são detectados no trecho, fazendo com que o enunciado primário seja transformado. Essa alteração viabiliza que o ato de argumentar seja realizado através da fala do outro.

Assim, por meio dessa análise, entende-se que o fragmento dispõe de mecanismos que transferem a função da argumentação para o presidente Lula, noticiando suas opiniões como evidências. Para mais, é constatada a idealização de impressões que concedem ao pré-candidato a imagem de um cidadão justo, que se aflige com os problemas do país e busca resolvê-los, o que desperta especialmente o interesse daqueles que são mais atingidos por essas dificuldades.

Recorte discursivo (5)

Lula: ‘Vamos fazer em 4 anos o que só pensavam ser possível fazer em 20’: Em discurso com forte teor econômico, o petista destacou em MG a necessidade de recuperar direitos trabalhistas e retomar a valorização do salário mínimo²⁸

A passagem acima origina-se de uma reportagem publicada no dia 11 de maio pela revista *Carta Capital*, que narra um pronunciamento do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, proferido em Juiz de Fora, Minas Gerais.

²⁷ CHARAUDEAU. *Linguagem e discurso*: modos de organização.

²⁸ CARTA CAPITAL. Lula: ‘Vamos fazer em 4 anos o que só pensavam ser possível fazer em 20’.

Ele discorre sobre a instável situação dos trabalhadores brasileiros, acentuando as complicações econômicas que atrapalham o desenvolvimento do país. A matéria também exhibe dados que certificam o aumento da inflação e resultados de pesquisas que indicam a vantagem de Lula em relação aos demais candidatos à presidência.

No que diz respeito à teoria semiolinguística, é assinalado um procedimento delocutivo, porque o propósito é composto por um locutor externo. Denota-se uma espécie modal de discurso relatado. Este é dividido em citação – como encontra-se no título principal, com a fala de Lula reproduzida inteiramente – e discurso integrado – o que oferece certa liberdade ao relato. Ainda é verificado um integrante descritivo responsável por localizar/situar, levando-se em conta a especificação do lugar selecionado para o encontro.

Tratando-se das estratégias enunciativas inseridas no extrato da matéria, distingue-se um enquadramento por tematização na manchete, com a atuação de um fundo representativo que rememora o plano de metas do presidente do Brasil, Juscelino Kubitschek, cujo lema era “50 anos em 5”. Além disso, ocorre um caso de asserção no discurso relatado na linha fina, uma vez que os posicionamentos do pré-candidato são estruturados como afirmações, o que não favorece o surgimento de dúvidas.

Portanto, diante das avaliações expostas, é possível inferir que a instância de produção recorre aos arquivos de memória do leitor modelo, na tentativa de provocar sentimentos que definem o presidente Lula como um líder, empenhado em fazer com que o país avance e prospere. São projetados efeitos de crença, confiabilidade e esperança no público, a partir da suposição de que ele se atenta às adversidades que assolam o país, como o desemprego, e espera uma melhora em tais aspectos.

Recorte discursivo (6)

Lula diz que vai conversar com mercado na ‘hora que tiver interesse’: Ex-presidente, que tem se esquivado de sabatinas com empresários, afirma que não indicará economista para falar em seu nome sobre plano de governo²⁹

²⁹ NEVES; SOUZA. Lula diz que vai conversar com mercado na ‘hora que tiver interesse’.

O trecho acima é proveniente de uma matéria do dia 31 de maio, elaborada por Matheus de Souza e Giordanna Neves para o jornal *O Estado de São Paulo*, que retrata a atitude do pré-candidato à presidência perante questionamentos acerca de propostas de seu plano de governo para o setor econômico do país. Recorrendo a respostas dadas em entrevistas e citando eventos com investidores aos quais o presidente não compareceu, a notícia critica esse modo de atuação, declarando sua decorrência devido ao projeto administrativo ainda não finalizado para a campanha de Luiz Inácio Lula da Silva.

Com relação à estratégia enunciativa identificada no recorte discursivo, é possível defini-la como delocutiva, pois o locutor se apaga do ato enunciativo e o interlocutor não é implicado. Do ponto de vista da semiolinguística, o fragmento apresenta uma categoria modal de discurso relatado, pois o sujeito falante exerce o papel de relator. A manchete se inicia com um discurso integrado e conclui com uma citação, já a linha fina é inteiramente constituída por um discurso integrado ao enunciado.

A respeito da questão da argumentação no discurso da informação midiática, o método aplicado é a asserção no discurso relatado. Enunciadas como evidências, as alegações veiculadas na notícia não são relativizadas, dessa forma, o discurso é deslocado de seu contexto de origem e modificado.

Essa análise demonstra que a passagem observada imprime uma avaliação negativa ao presidente Lula, sendo responsável por fabricar uma tensão dentro das circunstâncias da situação analisada. Constata-se que a instância de produção tem em vista o acarretamento de efeitos patêmicos de desaprovação, repreensão e execração nos leitores do jornal. Além disso, a frase “na hora que tiver interesse” proporciona um *ethos* de austeridade e inflexibilidade ao pré-candidato, cuja imagem também é desgastada pela expressão “tem se esquivado”, a qual lhe confere o caráter de ardiloso e sorrateiro.

Conclusão

Diante da proximidade do período de eleições, esta pesquisa procurou analisar a dimensão patêmica presente no discurso jornalístico de veículos da mídia de referência, por meio de manchetes que mencionassem o

presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Conforme apresentado previamente, o objetivo foi investigar o possível acarretamento de emoções pelos recortes discursivos selecionados. Em razão da complexidade ligada à identificação de gêneros textuais, as ideias de Marcuschi e Costa auxiliaram no seguimento do trabalho, assim como as de Amossy, a respeito da argumentação no discurso¹. Já os estudos de Charaudeau e Emediato revelaram-se essenciais para as análises empreendidas, principalmente no que tange os comportamentos enunciativos e a relação do discurso jornalístico com a dimensão patêmica².

Através das apurações realizadas, comprovou-se que, mesmo aqueles discursos que se esforçam em parecer objetivos carregam traços de subjetividade. A contribuição mais significativa alcançada pelos exames concretizados foi a identificação dos efeitos patêmicos projetados pelo conjunto dos títulos e subtítulos das matérias selecionadas, constatando-se a incitação de emoções tanto negativas quanto positivas a respeito da imagem do presidente Lula. Isso prova que o uso das mesmas estratégias e modalidades é capaz de suscitar sentimentos diametralmente opostos. Desse modo, atesta-se que a parcialidade do locutor está presente no discurso enunciado, ainda que meios de apagamento de seu ponto de vista sejam empregados, o que pode direcionar o olhar do interlocutor.

Trabalhos futuros que tenham como finalidade comparar os efeitos pretendidos pelos mesmos veículos de referência para diferentes candidatos políticos, ou então analisar as matérias publicadas fora do período eleitoral, seriam de grande impacto para os estudos ligados à argumentação patêmica. Eles poderiam proporcionar uma perspectiva ainda mais aprofundada acerca das emoções no discurso jornalístico, preenchendo possíveis lacunas sobre aspectos específicos que esta pesquisa não foi capaz de abranger.

¹ MARCUSCHI. Gêneros textuais: definição e funcionalidade; COSTA. *Dicionário de gêneros textuais*; AMOSSY. *A argumentação no discurso*.

² CHARAUDEAU. Visadas discursivas, gêneros situacionais e construção textual; A patemização na televisão como estratégia de autenticidade; *Pathos* e discurso político; *Linguagem e discurso*: modos de organização; EMEIATO. A construção da opinião na mídia: argumentação e dimensão argumentativa.

Referências

- ARISTÓTELES. *Retórica*. Tradução de Edson Bini. 1. ed. São Paulo: Edipro, 2019.
- AMOSSY, Ruth. Prefácio. In: AMOSSY, Ruth. *A argumentação no discurso*. São Paulo: Contexto, 2018.
- BREMBATTI, Katia; BROTERO, Mathias; PORTO, Douglas. Interesse de Lula em regular mídia levanta temor de controle e censura, segundo especialistas. *CNN Brasil*, São Paulo, 9 maio 2022. Política. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/interesse-de-lula-em-regular-midia-levanta-temor-de-controle-e-censura-segundo-especialistas/>. Acesso em: 13 jul. 2022.
- CARTA CAPITAL. Lula: 'Vamos fazer em 4 anos o que só pensavam ser possível fazer em 20'. *Carta Capital*, São Paulo, 11 maio 2022. Economia. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/lula-vamos-fazer-em-4-anos-o-que-so-pensavam-ser-possivel-fazer-em-20/>. Acesso em: 13 jul. 2022.
- CHARAUDEAU, Patrick. A patemização na televisão como estratégia de autenticidade. In: MENDES, Emilia; MACHADO, Ida Lucia (Org.). *As emoções no discurso* – volume II. Campinas: Mercado das Letras, 2007. p. 23-56.
- CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. Tradução de Angela Maria da Silva Corrêa. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.
- CHARAUDEAU, Patrick. Pathos e discurso político. In: MENDES, Emilia; MACHADO, Ida Lucia (Org.). *As emoções no discurso* – volume I. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p. 240-251.
- CHARAUDEAU, Patrick. *Linguagem e discurso: modos de organização*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- CHARAUDEAU, Patrick. Visadas discursivas, gêneros situacionais e construção textual. In: MACHADO, Ida Lucia; MELLO, Renato de (Org.). *Gêneros: reflexões em análise do discurso*. Belo Horizonte: NAD, 2004.
- COSTA, Sérgio Roberto. *Dicionário de gêneros textuais*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- EMEDIATO, Wander. A construção da opinião na mídia: argumentação e dimensão argumentativa. In: EMEDIATO, Wander (Org.). *A construção da opinião na mídia*. Belo Horizonte: NAD, 2013. p. 69-101.
- FIGUEIREDO, Pedro Augusto. Lula diz que é preciso colocar o pobre no orçamento e o rico no imposto de renda. *O Tempo*, Belo Horizonte, 10 maio 2022. Política. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/politica/lula-diz-que-e-preciso-colocar-o-pobre-no-orcamento-e-o-rico-no-imposto-de-renda-1.2666106>. Acesso em: 13 jul. 2022.
- GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- KRAMER, Dora. Lula lelé. *Veja*, São Paulo, 5 maio 2022. Política. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/dora-kramer/lula-lele/>. Acesso em: 13 jul. 2022.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: BEZERRA, Maria Auxiliadora; DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel (Org.). *Gêneros textuais e ensino*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003. p. 19-36.
- NEVES, Giordanna; SOUZA, Matheus de. Lula diz que vai conversar com mercado na 'hora que tiver interesse'. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 31 maio 2022. Política. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/politica/lula-diz-que-vai-conversar-com-mercado-na-hora-que-tiver-interesse/>. Acesso em: 13 jul. 2022.

PIRES, Sílvia; PRATES, Vinícius. Lula é capa da revista Time. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 4 maio 2022. Política. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2022/05/04/interna_politica,1364108/lula-e-capa-da-revista-time-o-presidente-mais-popular-do-brasil.shtml. Acesso em: 13 jul. 2022.

Trabalho final elaborado para a disciplina “Introdução à Pesquisa Científica”, ministrada pelo professor Jairo Carvalhais na Fale/UFMG (2022/1).

Sobre os organizadores

Jairo Carvalhais é doutor e mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais. É professor adjunto da Fale/UFMG, atuando na graduação (área de linguística do texto e do discurso), na especialização em Língua Portuguesa (área de leitura e produção textual), no Programa de Mestrado Profissional em Letras (área de linguagens e letramentos) e no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (área de discurso e argumentação).

Jeander Cristian da Silva é doutor (2021-2025) e mestre (2019-2021) em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais (PosLin/UFMG). Graduado em Letras com licenciatura em Língua Portuguesa (2013-2018). Desenvolve pesquisas na área de lexicologia; com foco, sobretudo, na onomástica e nos neologismos.

Silvane Aparecida Gomes é pós-doutoranda e doutora em Estudos Linguísticos, (PosLin/UFMG), onde recebeu o título de melhor tese do programa; é mestre em Estudos de Linguagens (PosLing/CEFET-MG), especialista em Linguagem e Tecnologia (LingTec/CEFET-MG). Graduada em Letras com habilitação em Língua Portuguesa, Língua Espanhola e suas literaturas (UNI-BH). É professora de linguagens da SEE-MG. Desenvolve pesquisas na área de ensino, metodologias ativas, semiótica discursiva e inteligência artificial generativa.



Publicações Viva Voz

Ciclo de palestras: diálogos entre o Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos e o Apoio Pedagógico

Heloísa Maria Moraes Moreira Penna (org.)

Jeander Cristian da Silva (org.)

Silvane Aparecida Gomes (org.)

Linguagem e significação durante e pós-pandemia: estudos lexicais na graduação da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais

Jeander Cristian da Silva (org.)

Geraldo José Rodrigues Liska (org.)

Silvane Aparecida Gomes (org.)

Gramatização e mudança linguística

Sueli Maria Coelho (org.)

Os livros e cadernos Viva Voz estão disponíveis em versão eletrônica no *site*: www.labeled-letras-ufmg.com.br

S618

Sintaxe, texto e argumentação : com a palavra, alunos e alunas da graduação / Organização: Jairo Venício Carvalhais Oliveira, Jeander Cristian da Silva, Silvane Aparecida Gomes. – Belo Horizonte : FALE/UFMG, 2026.

276 p. : il., grafs., tabs., p&b. (Viva voz).

ISBN: 978-85-7758-393-5 (digital)

978-85-7758-392-8 (impresso)

Inclui bibliografias.

Inclui anexos.

1. Língua portuguesa – Gramática – Estudo e ensino. 2. Língua portuguesa – Análise do discurso. 3. Intertextualidade. I. Oliveira, Jairo Venício Carvalhais. II. Silva, Jeander Cristian da. III. Gomes, Silvane Aparecida. IV. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. V. Série.

CDD : 469.07

As publicações Viva Voz acolhem textos de alunos e professores da Faculdade de Letras, especialmente aqueles produzidos no âmbito das atividades acadêmicas (disciplinas, estudos e monitorias). As edições são elaboradas pelo Laboratório de Edição da Fale/UFMG, constituído por estudantes de Letras - bolsistas e voluntários - supervisionados por docentes da área de Edição.

A presente edição foi impressa pela Imprensa Universitária UFMG em sistema digital, papel marfim 90 g/m² (miolo). Composta em caracteres Verdana, acabamento em kraft 420 g/m² (capa) e costura artesanal com cordão encerado.

V
V V
V V
Viva VOZ